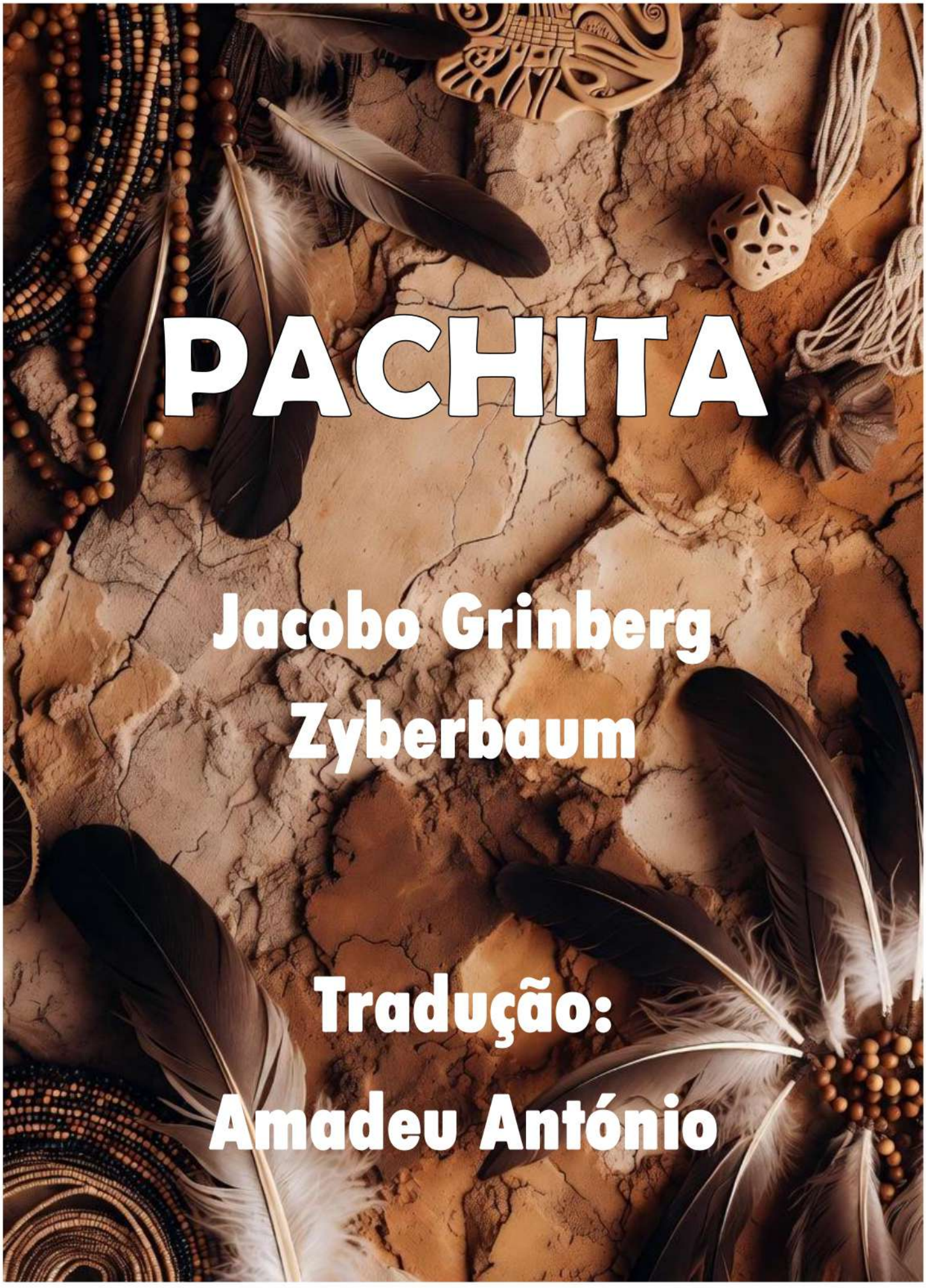

PACHITA

Jacobo Grinberg Zyberbaum

Tradução: Amadeu António

PACHITA

Jacobo Grinberg

INTRODUÇÃO A ESTA EDIÇÃO

O livro que apresento a seguir é a versão completa e original da descrição que resultou do meu trabalho ao lado de Bárbara Guerrero, "Pachita".

Uma versão prévia foi publicada em dois volumes (Pachita e Cuauhtemoctzin) pela editora Edamex.

Considerei necessário reunir esses dois volumes num só e acrescentar-lhe uma introdução e uma secção de apresentação.

A razão para incluir estas duas novas secções deve-se às perguntas que surgiram nos leitores acerca de uma possível explicação científica do trabalho que Pachita realizava.

É minha intenção oferecer essa explicação, embora deva advertir, antes de mais, que se trata unicamente de uma hipótese de trabalho muito modesta e limitada.

A *LATTICE* (REDE) DO ESPAÇO-TEMPO

A mecânica quântica atual desenvolveu uma conceção acerca da estrutura do espaço que nos servirá de ponto de partida para tentar explicar o trabalho de Pachita.

O conceito de *lattice* considera que a estrutura fundamental do espaço é uma rede ou matriz energética hipercomplexa de absoluta coerência e total simetria. A essa rede chama-se *lattice* e considera-se que, no seu estado fundamental, constitui o próprio espaço, omniabrangente e penetrando todo o conhecido.

A *lattice* permanece totalmente invisível até que alguma das suas porções (por qualquer causa) altere o seu estado de coerência. Uma partícula elementar é precisamente uma desorganização elementar da *lattice* em qualquer das suas localizações. Qualquer átomo ou composto químico é uma conformação estrutural particular da *lattice* relativamente ao seu estado fundamental de máxima coerência.

A conceção de *lattice* surgiu dos estudos de cristalografia, porque a estrutura de qualquer cristal é uma *lattice* de alta coerência que se assemelha à *lattice* do espaço.

A partir de Einstein, o conceito de espaço tem sido inseparável do tempo, pelo que a consideração da *lattice* do espaço-tempo se refere a ambos, unificando-os. Se a *lattice* desaparecesse, o espaço e o tempo fariam o mesmo.

Qualquer objeto "material" é, na realidade, uma organização irrepetível da estrutura da *lattice*. No seu estado fundamental de total coerência, fora da própria *lattice* não existem nem objetos nem alterações temporais. É unicamente quando a *lattice* muda a sua estrutura fundamental que o tempo transcorre e os objetos aparecem.

O CAMPO NEURONAL

O cérebro humano é a conformação mais complexa conhecida da estrutura da *lattice* (excetuando a estrutura fundamental da própria *lattice*). Cada um dos doze mil milhões de neurónios do cérebro humano, juntamente com todas as suas ligações anatómicas, são outras tantas alterações da estrutura fundamental da *lattice*. Cada vez que um neurónio se ativa e a sua membrana celular muda o potencial de repouso, produzindo alterações elétricas de superfície, a *lattice* muda a sua conformação. O conjunto das modificações da estrutura da *lattice* que resultam de toda a atividade do cérebro cria uma alteração colossalmente complexa da *lattice*.

Essa alteração ocorre em todas as dimensões do espaço e denomina-se campo neuronal. O campo neuronal de um cérebro vivo intercala continuamente com a *lattice*, produzindo nela conformações energéticas a que chamamos imagens visuais.

Na realidade, o campo neuronal e a *lattice* formam uma unidade, sendo a própria *lattice* que serve de fundamento ao campo neuronal. Contudo, por razões didáticas, falarei de interação entre o campo neuronal e a *lattice* quando fizer referência ao efeito que o cérebro tem sobre a estrutura da *lattice*.

O mundo que conhecemos resulta da interação entre o campo neuronal e a *lattice*. Todos vemos um mundo semelhante porque a estrutura dos nossos cérebros é muito parecida e, portanto, os campos neuronais que produzimos são semelhantes, embora irrepetíveis e únicos a cada momento.

Existem, no entanto, diferentes níveis de interação e praticamente um número infinito de conformações que o campo neuronal pode adotar.

As estruturas cerebrais que mais foram utilizadas durante a evolução são as mais fixas do ponto de vista estrutural e energético. Isto explica a relativa fixidez da nossa perceção visual. Ao mesmo tempo, as estruturas cerebrais mais novas, do ponto de vista evolutivo, não têm tal fixidez nem produzem campos neuronais tão parecidos. Por isso, as criações intelectuais e o pensamento são tão variáveis e com tanta capacidade de originalidade, embora ambos — o mundo visual e o mundo do pensamento — tenham a mesma origem na interação do campo neuronal com a *lattice*.

De acordo com estudos da consciência que indicam que esta possui valores discretos, dando lugar a níveis qualitativamente

diferenciados da experiência, é possível supor que a interação entre o campo neuronal e a *lattice* possui congruência apenas com certas bandas ou níveis, enquanto com outras não. Por isso, existem mundos auditivos diferenciados dos visuais ou olfativos e níveis particulares que a consciência mística oriental conhece tão bem.

Alguns níveis de interação só são acessíveis após um treino rigoroso, enquanto outros são mais quotidianos e comuns. Em todos os níveis, porém, o cérebro afeta a estrutura da *lattice*.

Bárbara Guerrero (Pachita)

O TRABALHO DE PACHITA

Tal como o leitor poderá constatar através da leitura deste livro, o nível de consciência de Pachita era extraordinariamente diferenciado. Durante as operações que realizava, ela era capaz de materializar e desmaterializar objetos, órgãos e tecidos. O manejo das estruturas orgânicas permitia-lhe realizar transplantes de órgãos a seu bel-prazer, curas de todo o tipo e diagnósticos à distância com um poder e uma exatidão colossais.

Estar junto de Pachita era uma experiência única, na qual se percebia o poder da sua mente, capaz de conhecer os conteúdos do pensamento, as intenções e as experiências mais íntimas dos seus colaboradores e pacientes como se fossem um livro aberto. Além disso, Pachita conseguia penetrar no tempo, predizendo eventos futuros como se o

seu campo neuronal, em interação com a *lattice* do espaço-tempo, descodificasse e modificasse a estrutura temporal da realidade.

Todos estes prodígios podem ser explicados se aceitarmos a possibilidade de que as modificações da *lattice* produzidas pelo campo neuronal de Pachita eram capazes de a modificar substancialmente, produzindo conformações semelhantes às dos objetos (no caso das materializações) ou retornos à estrutura da *lattice* dos objetos (no caso das desmaterializações).

Pachita possuía um controlo único sobre o seu campo neuronal, transformando-o e modificando, com ele, a estrutura da *lattice*. Embora os seus efeitos parecessem milagrosos, baseavam-se, de acordo com esta hipótese, no mesmo mecanismo que todos utilizamos para criar as nossas imagens ou os nossos pensamentos.

OS ORBITAIS DA CONSCIÊNCIA

A existência, atrás mencionada, de níveis discretos congruentes na interação do campo neuronal com a *lattice* explica o "Irmão Cuauhtémoc". Pachita dizia que o espírito do último imperador asteca trabalhava através do seu corpo, realizando o seu labor. Ela entrava em transe, transformando a sua personalidade e efetuando as operações a que fiz menção e que se descrevem com pormenor neste livro.

De acordo com a hipótese que apresentei, o campo neuronal de Pachita era capaz de interagir de forma congruente com uma banda da *lattice* a que ela chamava Cuauhtémoc. A estas bandas, a Teoria Sintergética* chama os orbitais da consciência.

- A Teoria Sintergética sustenta que a experiência é a interação do campo neuronal com a *lattice*.

A CONSCIÊNCIA DE UNIDADE

O campo neuronal é capaz de mimetizar a estrutura fundamental da *lattice*. Isto consegue-se mediante o incremento da coerência inter- e trans-hemisférica. Quando a coerência cerebral é assim incrementada, o campo neuronal deixa de modificar a estrutura fundamental da *lattice* e a consciência torna-se de Unidade. Neste estado de Unidade total, desaparece o ego e o sujeito da experiência torna-se uma espécie de "rei da criação", capaz de modificar a realidade desde as suas origens. Não me é possível explicar a existência de Pachita e os seus efeitos a menos que aceite que ela tinha logrado alcançar a consciência de Unidade. Isto explicaria a sua capacidade de reconhecer qualquer uma das mentes que se lhe aproximavam e a sua habilidade de fazer aparecer a sua consciência em diferentes localizações do Universo. Pachita dizia que era capaz de sair do seu corpo e fazer aparecer a sua experiência em localizações extracorpóreas. Essa capacidade implicava, entre outras, a de poder focalizar a sua atenção total em diferentes porções da *lattice*.

O FATOR DE DIRECIONALIDADE E O PROCESSADOR CENTRAL

Normalmente fazemos algo semelhante com a nossa atenção: vamo-la focalizando em diferentes regiões da interação entre o campo neuronal e a *lattice*. A capacidade atencional de Pachita era, no entanto, extraordinariamente acrescida. Em ambos os casos — o da atenção "normal" e o da atenção aumentada —, exige-se um fator explicativo para além da interação entre campo neuronal e *lattice*. A esse fator, a teoria sintérgica denomina fator de direcionalidade.

O fator de direcionalidade faz aparecer a experiência consciente em diferentes regiões da *lattice* e requer a existência de um controlador do mesmo, a que a teoria sintérgica chama processador central. Sobre este último pouco se sabe, podendo apenas conjeturar-se que pertence ao Observador, independente da *lattice* e do campo neuronal. Esse Observador, em diferentes tradições, tem sido denominado Ser, *Purusha* ou *Atman*. A existência do Observador encontra-se na fronteira do conhecimento científico precisamente pela necessidade de o considerar independente da *lattice*. A aceitação do Observador como independente do

mundo físico não tem sido acolhida pela ciência, embora para Pachita a sua realidade fosse inquestionável.

O HIPERCAMPO

Uma consequência lógica de tudo o que precede é a ideia de que, somada à organização própria da *lattice* e à sua interação com o campo neuronal, seja necessário considerar as interações entre todos os campos neuronais existentes no seio da *lattice*. A esta *lattice* que incorpora todos os campos neuronais denomina-se hipercampo.

Pachita parecia possuir a capacidade de descodificar o hipercampo, conhecendo, dessa forma, o estado da consciência planetária. Essa capacidade de descodificação não era passiva, pois ela afirmava que, através do Irmão Cuauhtémoc, se realizavam missões planetárias de direcionalidade e modificação do hipercampo.

Qualquer alteração do hipercampo afeta todos os campos neuronais e, portanto, determina mudanças na consciência individual e coletiva.

Uma das facetas mais extraordinárias de Pachita era precisamente o seu trabalho no hipercampo e o seu ideal de transformação para o bem da humanidade.

JACOBO GRINBERG-ZYLBERBAUM
Cidade Universitária, 19 de maio de 1987

APRESENTAÇÃO

Conheci a Pachita quando a devia conhecer. Perguntava-me então até onde devia ser impulsionada a individualidade. Mais ainda, interrogava-me acerca do sentido real da individualidade e tudo o que encontrava como resposta não me satisfazia. Ao mesmo tempo, algo dentro de mim não estava completo. Com Pachita aprendi que a individualidade se conserva mesmo depois da morte corporal, que a sensação de ser um eu próprio, independente e completo, é saudável e deve expandir-se até aceder ao Todo; que a Unidade não se alcança destruindo o eu, mas transformando-o depois de o aceitar. Tudo me recordava John Cooke, que dizia que o ego deve ser amado, conhecido e depois esquecido. O seu presente mais valioso foi compreender que se é sempre e que, por conseguinte, é necessário respeitar a vivência da existência e não a invalidar.

O que via em casa de Pachita desafiava de modo tão fundamental as minhas conceções acerca do corpo e da sua importância que, depois da primeira sessão de operações, saí à rua sentindo-me um espírito e vivendo o meu corpo como uma espécie de veículo. As notas dessa sessão refletiam esse estado de ânimo: "...o meu corpo, o meu corpo é apenas um instrumento, disse a mim mesmo ao sair de casa da Pachita."

O mercado, com as flores, brilhava nessa madrugada e eu sentia-me unido a tudo. As flores são maninhas, a terra é maninha, os vermes são maninhos, os pássaros, as víboras, os olhos. O meu corpo não me pertence, o meu corpo é um instrumento, o espírito move-se. As minhas mãos estavam vermelhas do sangue vertido com o facão de mato...

Nessa primeira sessão de operações vi como uma mulher se aproximou de "Pachita" para se deitar numa cama improvisada, feita de tábuas semi-rotas, e ali, no meio de todos, um facão de mato foi introduzido no seu ventre para retirar um tumor e transplantar algum órgão interno. Essa mulher, a primeira pessoa que vi ser operada, deixou-me uma marca indelével. Lembro-me de que, a ponto de desmaiar depois de ver a operação, algo em mim decidiu prosseguir e tomar tudo com naturalidade e firmeza. O que foi e como consegui não gritar de horror ou sair dali a correr? Não sei! O certo é que, a partir de determinado instante, me senti como em minha casa e o que mais desejava era ajudar e aprender.

Lembro-me de que, depois dessa sessão, estava com tanta fome que decidi ir cear a um restaurante. Sentei-me e reparei que todos ficavam a olhar para mim. Virei-me para as minhas mãos e apercebi-me de que estavam vermelhas de sangue.

O caso mais extraordinário — e aquele que me ensinou que realmente não existem limites — foi o de uma menina que, numa operação convencional, tinha sido sobreanestesiada, ficando com o cérebro morto por falta de oxigénio. Os pais, desesperados depois de consultarem uma dúzia de neurologistas, deram com Pachita e pediram-lhe ajuda. Pachita aceitou e a segunda operação que vi nessa primeira noite foi um transplante de córtex cerebral na menina sobreanestesiada. Aquilo foi demasiado difícil para mim. Há mais de dez anos que me dedico a investigar alguns aspetos da fisiologia cerebral e, embora me considere bastante revolucionário entre os meus colegas, jamais imaginei — nem poderia ter aceitado — que uma parte do cérebro pudesse ser transplantada de um ser humano para outro. Nunca o teria aceite se não o tivesse visto; mas o caso é que vi, e isso transtornou-me tão profundamente que, a partir desse momento, todas as minhas conceções psicofisiológicas mudaram.

A menina era um "vegetal" que não se mexia, não falava nem controlava os esfíncteres. Nessa operação, e noutras quatro subsequentes, "Pachita" cortou o couro cabeludo com o facão de mato e depois abriu o osso do crânio usando um pedaço de serra de canalizador. Eu via isso e uma parte de mim pensava que não era verdade e outra achava-o maravilhosamente real. Depois, "Pachita" fez aparecer uma secção de córtex humano, pegou num pedaço com as mãos, lançou-lhe o seu alento e ordenou-lhe que vivesse: "Vive! Vive!", gritava-lhe. Em seguida, com a ajuda do facão, introduziu o pedaço de córtex no crânio da menina e, com uma série de movimentos estranhos, deixou-o ali depositado. Por fim, a ferida fechou-se depois de eu ter sido convidado a colocar as mãos por cima da mesma. A isso chamava-se "saturar". A menina foi ligada e devolvida aos pais.

A operação realizou-se sem anestesia, sem assepsia e, considerando a sua magnitude e seriedade, o mínimo que se poderia esperar como reação seria uma meningite fulminante. Em vez disso, a menina apresentou-se quinze dias depois para uma nova operação, sem infeções, sem ter morrido de choque pós-operatório e com alguns sinais de melhoria. De facto, depois de quatro operações semelhantes à descrita, vi essa menina

começar a ter movimentos voluntários, balbuciar vocábulos, queixar-se de dor e incómodos e sorrir — sim, sorrir! Quando a vi sorrir e consegui compreender os motivos da sua alegria, entendi que o mais fundamental é o de maior alcance espiritual, o que qualquer um compreende, o que está presente em todos os níveis, o clássico, o que se sente como certeza e mesmidade.

Era o aniversário de Cuauhtémoc e a sala das operações foi vestida de flores e saturada de incenso. Pachita sentou-se no centro do quarto, respirou profundamente e, uns minutos mais tarde, a saudação de Cuauhtémoc introduziu-nos num mundo mágico. Numa mensagem magnífica, o Irmão transmitiu-nos os seus desejos e o seu amor. A certo ponto, começou a falar de Deus e dos seus desígnios. A menina, na sua cadeira de rodas, estava na sala acompanhada dos pais e, no instante em que o Irmão atingia a máxima profundidade espiritual, a menina sorria. Cada vez que Cuauhtémoc alcançava um nível que eu só poderia catalogar como de total transcendência, a menina voltava a sorrir. Fora desses níveis, não notava qualquer reação nela. Aquilo ensinou-me o que já mencionei e encheu-me de fé.

Uma das facetas mais misteriosas da obra era o que acontecia com a consciência de Pachita durante as operações. Lembro-me de que, quando lhe li o livro, a mais surpreendida era ela, como se não recordasse o que acontecia nas operações ou como se não tivesse estado nelas. Isto último parecia o mais provável: Pachita — a consciência de Pachita — estava ausente durante as operações. Como explicar isto? Na verdade, não sei. Armando e a própria Pachita diziam que o espírito de Pachita saía do corpo e que o espírito do Irmão o ocupava entretanto. Creio que esta última era uma explicação demasiado simples para o que realmente acontecia. Talvez Pachita funcionasse num nível em que a sua consciência se conectava com a estrutura mais fundamental do que a física chama *lattice* e, daí, extraísse todo o seu poder. Uma amostra desse poder tive-a em Parral.

Quando chegámos a esta cidade, a seca, de meses, deixara-a sedenta. Os campos estavam secos e as pessoas queixavam-se do calor e da falta de água. A Pachita fez o mesmo. Usando o pior calão, amaldiçoou a seca e pediu chuva. Meia hora depois começou a cair um chuvisco ligeiro e, à noite, iniciou-se uma tempestade cujo volume de precipitação não diminuiria durante vários dias. Os rios de Parral começaram a transbordar

e, nas ruas, as pessoas olhavam para o céu e, com gestos de surpresa e agrado, agradeciam a chuva. No estado de Morelos eu tinha visto o Don Lucio controlar uma tempestade e tinha-me maravilhado com o seu poder. O que fazia a Pachita maravilhava-me ainda mais. De onde vinha a sua força?

DONA PACHITA
DA CIDADE DO MÉXICO E DE PARRAL

Em pequena, a Pachita fora abandonada pelos pais e adotada por um negro africano chamado Charles. Durante catorze anos, o Charles cuidou da Pachita e ensinou-a a ver as estrelas e a curar. Depois, a Bárbara Guerrero (Pachita) lutou ao lado de Villa, foi cabareteira, vendedora de cautelas da lotaria, cantava em autocarros de carreira... Creio que ter vivido tantas experiências a ligou ao que, em todas elas, transcendia. De algum modo, a Pachita conseguira deixar para trás muitas ilusões e isso colocava-a num ponto de contacto íntimo com a verdadeira Realidade. A verdadeira Realidade era o que ela fazia. Parece-me que o que disse não chega para explicar porque é que a Pachita não estava consciente durante as operações, a menos que se aceite que o que nós conhecíamos da Pachita — a personalidade que nos mostrava no dia a dia — era uma espécie de matriz de relações aparentes que desaparecia quando a verdadeira Pachita surgia.

Creio que o Armando não estaria de acordo com o anterior. Ele era o ajudante mais veterano da Pachita e ele próprio também se dedicava a curar. Contudo, ele preservava a sua consciência habitual. Uma vez disse-me que tinha feito um pacto com o Irmão e que esse pacto consistia em que, em troca de manter a sua consciência, não receberia tanta proteção como a Pachita. “Por isso”, confessou-me, “tive tantos feitiços e a Pachita teve de me operar tantas vezes.” Claro que os feitiços e o seu significado merecem alguma tentativa de explicação. A Pachita — e todo o xamanismo mexicano — distinguem entre doença boa e doença má. A doença boa é considerada natural e curável com medicamentos convencionais. A doença má, pelo contrário, são os feitiços. “Alguém tem uma inveja”, explicava-me certa vez o Don Lucio, “e a pessoa invejada recebe uma carga energética que a adoece.” Os feitiços são as introjeções dos maus pensamentos dos outros, são as más intenções detetadas a níveis corporais.

Parece-me que toda a conceção dos feitiços merece um estudo profundo, sobretudo para entender como é que uma alteração nas características do campo neuronal pode materializar-se num corpo.

Às materializações a partir da aparente "nada", a Pachita chamava "Aportes". De repente, a Pachita fazia uma série de movimentos estranhos com as mãos e, sem que previamente houvesse um objeto, algo aparecia na palma da sua mão. Essas materializações eram quotidianas e parte normal das sessões. A física atual também observou algo semelhante no surgimento súbito de partículas elementares a partir da *lattice*. Creio que o cérebro da Pachita era capaz de alterar a morfologia do espaço e isso manifestava-se como a súbita materialização de um objeto. Ela deu-me um Aporte que descrevo num dos capítulos deste livro.

É evidente que a explicação que ofereci nada diz acerca da especificidade dos Aportes. Eu recebi um pequeno óleo pintado por um artista chinês chamado Flo; o Memo, um filho da Pachita, uma medalha de ouro com os símbolos das doze tribos de Israel; o Armando, algo diferente. De onde provinham essas formas materializadas e como surgiam tão perfeitas e impecáveis? Não sei!

A Pachita considerava-se membro da tribo perdida de Israel. Na realidade, historicamente, as doze tribos de Israel dividiram-se há milhares de anos. Dez tribos abandonaram o território de Israel. Deste modo, pode falar-se da existência de dez tribos perdidas de Israel. A Pachita assegurava pertencer a uma delas. Não posso acrescentar mais nada porque nunca falei com a Pachita acerca disso.

Os pacientes que iam ser operados submetiam-se à ingestão pré-operatória de uma série de remédios provenientes de outras tantas ervas naturais. O Memo ajudava na confeção dos mesmos e explicou-me, uma vez, como os preparavam. Nas consultas, essas ervas eram receitadas. A variedade era extraordinária, bem como as formas de preparação. Lembro-me de que, aos pacientes diabéticos, a Pachita recomendava tomar um copo de água com pregos enferrujados (apenas a água, claro). Alguns desses remédios descrevo-os no livro, pelo que remeto para aí o leitor interessado.

Nas primeiras sessões, eu não distinguia — ou, melhor, não aceitava — que era o Irmão quem operava e não a Pachita. É certo que o corpo da Pachita não desaparecia durante as operações; o que se transformava era a sua personalidade. Eu estava habituado a meditar e sabia que uma etapa da meditação se caracteriza por um estado de abertura

a conteúdos inconscientes. Quando aí se chega, recebem-se mensagens e vislumbra-se a existência de um estado de conhecimento puro e afastado dos convencionalismos. Tudo isso se experimenta e se vive como algo maravilhoso, mas sente-se que pertence ao "um mesmo", que o eu não desaparece e outra entidade ocupa o corpo. Não, isso não se experimenta! Antes, a sensação é a de estar em contacto com outro nível de si mesmo.

Para a Pachita e para o Armando, uma transformação semelhante indicava a entrada de outra entidade, o abandono do corpo pelo "um mesmo" e a ocupação do mesmo corpo por outro ser. Eu não podia acreditar nisso e resisti a aceitar a transformação que via na personalidade da Pachita como sinal do desaparecimento da Pachita e da aparição do Irmão Cuauhtémoc. Antes supunha que a Pachita entrava num nível de si própria extraordinariamente poderoso e diferente do seu eu normal; mas era ela mesma, transformada, e não outro ser a ocupar o seu corpo.

Ao terminar a primeira sessão de operações, acompanhei uma das ajudantes da Pachita a casa. Conversámos durante o trajeto: "A minha filha não conseguia respirar, cuspia sangue e não havia nada a fazer. Levei-a ao Irmão: ele tirou-lhe os pulmões, materializou uns pulmões novos e enxertou-lhos." Só me ocorreu perguntar se ela tinha conseguido respirar entre a extração e o enxerto. — "Conseguiu respirar?" A mulher riu-se e disse-me que tinham sido apenas uns segundos de intervalo entre uma e outra manobra...

Lembro-me de que estive a ponto de lhe dizer que não fora o Irmão quem fizera aquilo, mas a própria Pachita, noutro nível de consciência — porém contive-me. Quem era eu, afinal, para afirmar tal coisa? Jamais, em nenhuma meditação, eu tinha chegado a um nível em que pudesse transplantar uns pulmões. Como poderia eu saber se, de facto, o Cuauhtémoc existia e era realmente capaz de ocupar o corpo da Pachita? A partir desse momento decidi não julgar e simplesmente aceitar o que via e ouvia.

Mas não era fácil. Eu pensava que a Unidade existia e que a individualidade devia desaparecer para alcançar a Unidade e eis que, se o Cuauhtémoc era uma entidade individualizada, então a individualidade não desaparecia. A tentativa de equilibrar o meu conceito de Unidade com o de individualidade levou-me a uma fase de confusão da qual saí quando, meses depois da morte da Pachita, conheci os Sufis. "Um mestre Sufi falava com Deus: 'Deus', dizia-lhe, 'mostra-me a tua presença sem o véu

dos teus atributos.' Deus respondia com uma negativa: 'Não.' O Sufi rogava-Lhe: 'Suplico-Te!' Deus dizia: 'Não, porque não poderás suportar a solidão da minha divina unidade.' O Sufi, emocionado, replicava: 'Mas é precisamente isso que desejo, chegar à Unidade!' Pois bem, Deus anuiu: 'Sabe então que tu és Aquilo...'" Tu és Aquilo! Essa resposta convenceu-me da ausência de uma dicotomia real. Na Unidade, a experiência de existência persiste. Na Unidade chega-se ao "um mesmo" que é idêntico para todos.

Não pretendo invalidar a existência do Irmão. Limito-me a descrever o que vi, sem negar experiências e sem submeter as vivências a juízos críticos reducionistas. Por isso, falo de Cuauhtémoc e da Pachita e do Armando e de mim mesmo como seres diferentes uns dos outros, quando na realidade todos somos um mesmo e único Ser.

Durante toda a minha experiência ao lado da Pachita, cognições interessantes apareceram na minha mente. Compilei-as e algumas reproduzo no final deste livro. Intitulei-as **Murmúrios do silêncio**: surgiram em momentos de silêncio conceptual e de grande paz. Embora não relatem incidentes e aparentemente não estejam relacionadas com o resto da obra, creio que a sua inclusão se justifica por terem emergido durante a minha colaboração com a Pachita e porque enriquecem o texto. Embora, por vezes, a tentação quase traísse a minha prudência, não quis retocar os capítulos que já estavam escritos nem acrescentar novas descrições. Creio que fazê-lo atentaria contra a frescura do texto.

Uma possível desvantagem, contudo, é que algumas frases poderiam ter melhorado com uma correção ou uma descrição clarificadora usando o mesmo procedimento. Espero que o leitor desculpe tais faltas e aprecie a frescura original. Esta última (quando existe) resulta de eu ter escrito as minhas experiências no próprio dia ou no dia seguinte às sessões. Algo em mim se comprometeu a escrever com a maior quantidade de pormenores e isso só era possível com um intervalo mínimo entre a experiência e a descrição da mesma. Porém, confesso que as minhas próprias carências são um limite intransponível e que jamais pude descrever tudo o que desejava. Espero que o descrito seja suficiente para que o leitor sinta o carácter e a atmosfera da obra da Pachita e do Irmão.

Os meus antecedentes como psicofisiólogo estão incluídos em alguns capítulos e secções. Com o anterior quero dizer que, em certas partes, entro em tecnicismos e explicações fisiológicas que talvez só sejam

compreensíveis para o especialista. Creio que tenho algum direito de incluir a minha própria visão desta obra e, por isso, atrevi-me a não suprimir as partes do livro com sabor fisiológico.

Passaram-se anos desde que vivi as experiências com a Pachita e sinto que já não sou o mesmo que era antes de conhecer essa mulher maravilhosa. O seu amor por todos os seus pacientes era exemplar; a sua entrega total à obra de os curar e o seu bom humor e frescura tornavam especialmente deliciosas as ocasiões em que tive oportunidade de a acompanhar. Na verdade, sinto a sua falta e recordo-a muito. Considero que este livro é uma continuação da obra iniciada pela Pachita e sua herança. Oxalá quem o leia impulsione o seu amor ao próximo, a si mesmo e a Deus.

A ENTRADA

Encontrei a casa em frente a um mercado cheio de flores. Notava-se um burburinho diante da porta: algumas cadeiras de rodas, crianças a gritar e um ou outro ser estranho, maltratado por feridas ou "feitiços". Como sempre, a chegada esteve repleta de provas. Sempre que algo se inicia, sucede que alguém põe o aspirante à prova. Tudo é tão frágil! A consciência, o corpo… podem adoecer com tanta facilidade… Todos os dias vejo uma fotografia da Terra tirada do espaço. Uma esfera cheia de tons de azul e rosa, rodeada de negro. Entrevejo figuras formadas pelas nuvens: seres sorridentes ou zangados, a colaborar entre si ou a brigar.

Imagino que cada forma representa a conclusão global de milhões de consciências individuais e que cada guerra, disputa política ou movimento religioso se materializa nessas entidades formadas por reflexos de água, nuvens e contornos de continentes. Por vezes, o reflexo do reverbero pinta uma águia branca de asas estendidas a flutuar sobre a colossal esfera. Ela guarda-a e é, ao mesmo tempo, a resultante total. Uma dor de cabeça sua representaria uma guerra entre dois países; uma dor de estômago, os estertores de um movimento de libertação fracassado; e uma paz interna, o dia de Natal. Nem tudo tem de ser consciente para essa águia; apenas emocionalmente, apenas sintérgica e gestalticamente; apenas um sentimento, resumo de todos os sentimentos, ou uma dor, pináculo de

todas as dores em cada uma das suas células. Mas, para além de resultantes sintérgicas e processos gestálticos, para além dos sentimentos globais, mais além… o que decide…

Toquei à grade e pediram-me que esperasse. — Ontem — disse-lhes em rogo —, a Pachita convidou-me a ajudar o Irmão. — Digam-lhe que o Jacobo chegou… Introduzem-me numa garagem cheia de floreiras suspensas do teto. Sinto que penetro por filas de doentes esperançosos; sinto que não estou preparado, zanguei-me com um taxista que me cortou a passagem; fiquei mal-humorado por me ter perdido em ruas desconhecidas. Ainda vivo no fio da navalha e, às vezes, atrai-me a morte e não consigo elaborar as minhas mortes… Espero e vejo rostos. Uma menina de olhos brilhantes, incapaz de falar, caminhar ou pensar, sorri milagrosamente. Amo-a e pergunto aos pais pelo seu mal. — Há um ano — diz-me uma mãe cuidadosa —, há um ano operaram-na às amígdalas e passaram-se na anestesia. Converteu-se num vegetal e agora, pelo menos, sorri. A Pachita já a operou várias vezes e melhorou muito… Peço a Deus e viro-me e continuo a sentir-me não preparado. Não me abrem e sei a razão. Apesar de tudo, insisto de novo.

Decido sentar-me no chão para meditar. Como sempre, começo a luta; a única possibilidade é aceitar tudo. Decidir que algo está mal e que algo está bem é antepor alguma estrutura à sabedoria interna. Deixo-me livre e uma negrura invade-me. Pouco a pouco começam os pensamentos e, num descuido, o meu tonal toma um ligeiro tom azulado e penetro nele. Surge a primeira imagem, todo um processamento colossal transformado e decantado e purificado e manifestado e corrigido, e dou graças pela maravilha. Invade-me uma sensação de paz, toco os tentáculos do meu ser e, noutro descuido, deslizo por um deles em direção ao meu centro. Agora não é apenas paz, é certeza. Estou comigo e com Ele e com tudo e sei que sei. Abro os olhos, aproximo-me da porta e, nesse instante, sincronicamente anunciam-me: — O Irmão quer que entres!

O ESPÍRITO SOBRE A MATÉRIA

Uma vez conheci um amigo que vivia no presente não por decisão nem por mandato. Tampouco por questões ideológicas ou por sustentar certo ensinamento. Simplesmente aconteciam-lhe demasiadas coisas e não tinha tempo para pensar no passado. As suas feições estavam em constante movimento; gestos de assombro atravessavam-no a cada instante e parecia atender mil coisas ao mesmo tempo, como chamadas de seres que sempre o surpreendiam. Antes de iniciar este capítulo, tive de pedir permissão e, tal como o meu amigo, comecei a ser invadido por cognições. A maioria não as recordo; sei apenas que existe um momento em que se atravessa um umbral e o que antes era "escuridão" se ilumina com a "luz". Mas a "luz" também é capaz de enganar.

Tive, agora lembro, milhares de "Luzes", e cada uma delas me foi abandonando e serviu de catapulta para a seguinte, até que apareceu a verdadeira. Mas eis uma armadilha mortal: não posso dizer "verdadeira", quando tudo é real. Creio que o único que poderia afirmar é que cada qual tem a oportunidade de se conectar com algo que está mais de acordo com a sua natureza e que cumpre os requisitos e as alternativas da etapa que se vive, e a sensação que se estimula é a de plenitude. Porém, visto que se avança sempre (exceto se existe um apego redundante), o seguinte é sempre inimaginável. Assim, pelo menos, me tem sucedido inúmeras vezes. Creio que já lá cheguei e tenho sempre a ventura de me encontrar com algo que me ultrapassa. No entanto, existe uma plataforma que se conserva e que matiza.

Há anos comecei a ter imagens. Sempre novas, sempre originais e desconhecidas. Julguei que era isso e vangloriei-me de ter alcançado a verdadeira plenitude. Depois percebi que pensava e que existia uma pergunta à qual devia responder. Fui matizado por ela durante anos e nunca imaginei que pudesse existir algo mais impossível de responder e algo que incluísse mais. Questionei-me acerca da origem da experiência e, visto que tudo é experiência, questionei-me, supunha eu, acerca da origem do Todo. Alguma vez entrevi que podia existir algo para além da experiência; mas confesso que me assustei. O que sim me aconteceu foi que terminei por desconfiar de qualquer resposta. Cheguei assim à conclusão do Ser como magnificente concentrador de toda a sabedoria e entidade transcendente por cima e para além de qualquer consideração humanoide. Contudo, da

primeira vez que perdi a minha forma humana, julguei ficar até sem o Ser — ou melhor, sem o Ser que eu havia sentido como tal. A verdade é que me conectei com o que, externamente, poderia ter sido julgado como cinismo, mas tive a sorte de me reconhecer como ilimitado. Agora sei que isso foi o antecedente do que me viria a suceder depois de operar com a Pachita. Corpos, rins, medulas, dedos, cerebelos, edifícios, carros, plantas, converteram-se em tentáculos de Deus, coisas sem importância comparadas com a magnificência do espírito. Trocei do meu próprio corpo como trocei de todo o convencionalismo e estrutura. Fechar os olhos e estar ali, destacado do meu corpo, a vê-lo, a arranjar os assuntos que mais me competem como ser. Vejo que tudo se dirige para essa condição de magnificência ilimitada e vejo que tudo me preparou para a revelação.

Há anos introduzi-me no cérebro, crendo encontrar nele as respostas. Na infância, vivi os motores elétricos, os campos magnéticos e os rádios como a essência. Depois, a física e o meu interesse pelo cérebro (impulsionado por um cancro sofrido por minha mãe) não foram muito diferentes do meu assombro perante o movimento de uma bobina. Agora, prestes a penetrar numa divisão iluminada por uma vela e pejada de cheiros de estômagos decompostos e entranhas podres, algo em mim decidiu que nada seria como dantes. Devo dizer outra coisa, antes de relatar o que vivi: existe uma luta colossal entre a "luz" e a "escuridão". Chamo-lhes assim por não ter outros termos. Cada acidente é uma prova, cada queda um sinal que uma inteligência incomensurável envia a cada uma das suas partes. Pena que existam queixas, catarses e saídas superficiais. Não permitem ver e, antes, conectam-se num circuito de retroalimentação do qual não há escape enquanto continue a ser alimentado.

Uma pequena antesala, resguardada do quarto de trabalho do Irmão por uma cortina, deu-me as boas-vindas. Tudo parecia muito natural, exceto a guarda da entrada. Um rapaz preocupado impedia ou facilitava a entrada, dependendo das instruções do Irmão Cuauhtémoc. Afastei a cortina e uns corpos envoltos em lençóis e deitados no chão saudaram-me como presença do espetáculo familiar e simultaneamente aterrador. Depois, entendi que os operados recebiam nesse quarto a energia suficiente para cicatrizar as feridas e acomodar e equilibrar os seus campos energéticos.

— Meu menino, aproxima-te, chegaste no tempo preciso. A voz do Irmão recebeu-me fazendo-me sentir em família, cuidado e abençoado. A Pachita encontrava-se sentada numa cadeira junto de uma cama de

tábuas, coberta por um colchão de espuma com plástico por cima. Os seus olhos fechados olhavam para o Leo, seu ajudante durante seis anos, sempre presente dois dias por semana. O Leo saudou-me e colocou-me à sua esquerda. Arregacei a camisa e preparei-me para receber instruções. Ao meu lado, um parapsicólogo argentino tirava fotografias. Surgiu a imagem da minha primeira entrevista com o Don Lucio. Em Nepopualco, a mesa de operações era um altar e os instrumentos eram ovos, palma e água purificada. Aqui, os mesmos manejos faziam-se com um facão de mato.

Apareceu uma senhora doente do estômago. — Irmanzinha linda, que se passa contigo? — Tenho dores, Irmão, não consigo viver com elas. Ajude-me em nome do Pai. — Assim seja, minha filhinha, deite-se, minha preciosa. Trouxeram-nos um lençol. Cada doente trazia um, juntamente com uma ligadura e uns alfinetes. Desabotoámos-lhe a saia e o Leo pediu uns algodões secos. Coloquei-os à volta do estômago e, antes de poder pronunciar palavra, o facão de mato, nas mãos do Irmão, penetrou a carne. Roguei a Deus para não desmaiar e soube que devia dar forças à irmanzinha. Perguntei-lhe o nome, peguei-lhe na mão e consolei-a e acariciei-a enquanto via sair o sangue de uma ferida de quinze centímetros feita pelo facão. A mão da Pachita auscultou o interior do ventre, pediu uma tesoura e cortou algo que produziu um cheiro fétido. Em dois minutos tinha concluído a operação. O Leo indicou-me que pedisse um algodão embebido em álcool e ordenou-me que saturasse. — Saturar? —Rápido, satura a ferida...*(Ele não percebia que ela se referia a saturar de energia, e Pachita imapacientou-se e pegou nas mãos dele e colocou-as sobre a ferida.)* "Entendi" que devia colocar o algodão sobre a ferida e pôr as minhas mãos por cima dele. Fi-lo e a ferida fechou-se instantaneamente. Deram-me uma ligadura e cobri o ventre com ela.

A mulher ria e dava graças; ergui-a, sentindo-a sem peso; depois de a cobrir com o lençol, levaram-na a descansar. Colocaram-na no chão sem qualquer queixa. Virei-me para o Irmão e para o Leo e disse-lhes que estava com Deus. Senti que tinha fechado uma ferida, que o Irmão tinha manuseado a matéria como se fosse um brinquedo, que o Leo era um santo; disse para comigo que era isto, que não havia limite, que Deus existia, que éramos deuses, que éramos, éramos… Depois, uma força guiou-me em mais quinze operações; dei carinho, dei amor, inspirado por essas gentes, e curei. Quem éramos nós? O que é que nos atravessava? Quem era o Irmão, quem era a Pachita…? Tudo é possível!

A partir dessa primeira intervenção, tudo foi natural. Senti-me como em meu lar, o mesmo que visito nas minhas meditações. Pela primeira vez não houve qualquer diferença entre o meu pensamento e o mundo; pela primeira vez na vida, fiz realmente algo. Não há anestesia, não se 'suturam' as feridas; mal se sente dor, os operados riem enquanto as suas entranhas e o seu sangue nos banham…

Custou-me um ano chegar ao silêncio. Quando regressei de Tepoztlán, por pouco morri de angústia. Nesse povo mágico lia-se o pensamento e fazia-se chover e, numa ocasião, vi o Tepozteco, transbordante de energia, enviar trovões ao vale em resposta a uma oração. Em Tepoztlán houve maravilhas, mas não havia silêncio. Os habitantes gostavam de lançar foguetes nos momentos mais significativos do dia e as mulheres caçavam os homens como coelhos. A Rita tinha comprado uma gaiola em que encerrou dois pássaros. Batizou-os com o meu nome e o do O. e observava-os. Assim nos vigiava. A Sara lançava o oráculo e viajava por vidas passadas e o Paul via discos voadores. O Don Lucio comunicava-se com o espírito dos "feitiços" e com o senhor da "luz"; também aí não havia limites, mas não existia o silêncio.

Quando escrevia em Tepoztlán, fazia-o entre posturas de ioga, sentado num jardim, com um caderno ao lado. À noite dormia no alpendre da minha casa a ver as estrelas, mas não havia silêncio. Aqui, entre o estrondoso som do sangue e o sussurro da faca a penetrar os ossos, havia silêncio. O mesmo silêncio que eu tinha aprendido a viver na meditação, o mesmo que permitia voar para o infinito e trabalhar no lugar de que mais gostava; mas de que, em geral, apenas recordava a sensação agradável de lá ter estado. Só uma vez tinha conseguido seguir a minha consciência durante as suas viagens. Lembro-me de ter visto gente e de ter trabalhado com ela num qualquer projeto colossal. Aqui havia silêncio e era esse mesmo lugar; mas em consciência, em vigília, desperto, comigo, sem necessidade de recordar.

A segunda operação foi a da menina sobreanestesiada. Acariciei-lhe a cara, beijei-lhe os olhinhos doces e peguei-lhe na mão; dei-lhe tudo, enquanto o Irmão aplicava a faca na parte posterior da cabeça. Com um movimento intenso penetrou o couro cabeludo enquanto o Leo e eu dávamos "energia". Abriu o osso e, de repente, um tecido fresco materializou-se na mão esquerda do Irmão. Com a faca levantou a carne e introduziu esse tecido no crânio. Coloquei as minhas mãos sobre um

algodão molhado, apliquei-o e ordenei-me fechar a ferida. Como na primeira operação, a ferida fechou-se instantaneamente.

Nos meus dias de estudante e, depois, como psicofisiólogo, pude observar o choque medular. Basta cortar a medula espinal para deixar uma pessoa paralisada sem remédio e para toda a vida. Foi isso, pelo menos, o que aprendi nesses tempos. Trouxeram-nos um rapaz de trinta anos numa cadeira de rodas. Num acidente automóvel, a sua medula espinal recebeu um impacto atroz e a corrente nervosa proveniente das áreas motoras corticais deixou de ativar os músculos das pernas. Paralisia de parte do tronco e dos membros inferiores foi o resultado.

— Deita-te, meu menino precioso, meu amor, meu pobrezinho anjinho.

— Irmão, operaram-me e puseram-me duas barras de metal e não sinto as pernas nem as consigo mexer. Ajude-me!

— Assim seja, em nome do Pai.

A voz do Irmão era a de uma mãe e vi lágrimas nos olhos do rapaz. Deitou-se de barriga para baixo, entre o Leo e eu descobrimos-lhe as costas e rodeámo-las de algodões. A faca penetrou as vértebras e expôs a medula espinal. O Irmão uniu as extremidades despedaçadas e pediu um enxerto de osso. Um ajudante trouxe-lhe um frasco de vidro de onde tirou um osso e, com o cabo da faca, incrustou-o nas costas. O Leo, mais precavido do que eu, cobriu-se com as mãos. Eu fui salpicado e umas gotas vermelhas na minha orelha ficaram como testemunhas do prodígio. Apliquei as mãos e a ferida fechou-se e o rapaz começou a mexer uma perna. Ligeira mas segura, a ligação ficava restabelecida e era só uma questão de tempo. Acariciei a perna do operado e dei graças ao Céu.

Depois trouxeram um velhinho de oitenta e cinco anos. Operário de fábrica, não conseguia comer. O esófago fechara-se havia três meses e apenas se alimentava de líquidos. O Irmão fê-lo deitar-se e passou as mãos sobre o ventre do doente. Viu o que ele tinha dentro e soube o que fazer. Abriu desde a garganta até ao estômago e introduziu as mãos no conduto esofágico. Descolou-o e deixou-o livre. Depois pegou no pénis do doente e introduziu a faca pelo canal urinário. Virou-se para mim e, ainda de olhos fechados, gracejou: — Aqui fazemos de tudo! Fechei a ferida e o Irmão pediu um carcaço duro.

— Come-o, bom homem, anjinho de Deus, come-o.

O velhinho negou com a cabeça.

— Digo-te que o comas, não sejas teimoso.

Mordeu o carcaço, mastigou-o e depois engoliu-o.

— Já vês, irmãozinho, as obras do Pai não têm limite.

O velhinho ria e o Leo e eu abraçámo-nos.

Na minha vida anterior, muitas vezes me admirei de ganhar forças com o trabalho. Por vezes conseguia escrever durante horas e sentir-me cada vez mais fresco em vez de cansado. Mas o esforço muscular estava-me vedado. Quero dizer que não acontecia o mesmo que com o pensamento. Mesmo em jovem me sucedia o mesmo. Vivi num kibutz e, à noite, depois de colher pêssegos e arrumá-los em caixas, carregávamos camiões. Acabava sempre moído pelo esforço. Aqui, com o Irmão, depois de pegar nos doentes ao colo, enfaixá-los e dar-lhes forças, sentia-me cada vez mais energizado.

Mas o doentinho seguinte não requeria esforço muscular. Quando o vi, comecei a suar. Uma menininha com tranças enfeitadas com laçarotes, de olhinhos curiosos, foi trazida e colocada em cima de um lençol. Olhei para o Leo e depois para o Irmão, encarnado na Pachita. Os três começámos a acariciar o corpinho brando e doce da criatura e a falar-lhe com palavras amorosas. O Irmão perguntou acerca da doença e o pai da menina falou de uma paralisia e de uma rutura vertebral com secção medular. O Irmão pediu-nos que rezássemos. Depois, abriu as costas da criatura. Quando a tínhamos acabado de deitar na cama, chorara; mas agora acalmou-se. O Irmão enxertou um osso, fechámos a ferida e a doce pombinha começou a rir e a mexer os pezinhos. Beijámo-la, acariciámos-lhe as tranças e devolvemo-la ao pai. Todos ríamos e fazíamos brincadeiras e o nosso ser dava graças por tudo o visto e feito.

Alguém veio dizer ao Irmão que a mulher que precisava de um enxerto de bexiga tinha chegado. A Pachita levantou os braços e vi como algo se materializava entre os seus dedos.

— É uma bexiga — disse-me, sabendo da profundidade do meu assombro.

Entrou uma mulher jovem no quarto e deitou-se. O Irmão fez um corte extenso e introduziu uma mão no interior da ferida. Localizou algo e convidou-me a senti-lo. Na tarde desse dia eu tinha cortado um dedo e temi infetar a doente ou a mim próprio. Ia dizê-lo e, de repente, pareceu-me

ridículo; introduzi a mão e senti um conduto delgado.
— Toca bem, irmão Jacobo, e sentirás uma pedrinha no conduto renal.

Senti-a e, nesse momento, desapareceu.
— Esta menina está curada e não precisa de bexiga — disse o Irmão, com a sua voz cheia de certeza.

Virei-me para a mesinha junto ao corpo da Pachita e dei-me conta de que a bexiga tinha desaparecido.
— Irmão — perguntei —, onde está a bexiga?
— Ai, doce menino — respondeu-me —, se não é precisa, não é precisa, e vai-se ela sozinha.

Fechei a ferida e esperei pelo próximo doente. Uma mulher de certa idade ocupou a cama.
— Como estás, meu amor? — perguntou-lhe o Irmão.
A mulher não respondeu. Vinha acompanhada do filho e ele disse que a mãe tinha cancro.
— Pois bem, minha menina, tiremo-lo com a ajuda do Senhor.

O cancro estava localizado nas fossas nasais. O Irmão introduziu a faca numa delas e começou a raspar. Demorou vários minutos enquanto reconhecia o interior das cavernas e, depois, com um sorriso, disse: — Feito está em nome de meu Pai.

Terminámos à meia-noite. Todos rodeámos o Irmão e pedimos a sua bênção. Soube que, depois de cada jornada, o Irmão atendia os seus ajudantes, dava-lhes conselho e esclarecia as suas dúvidas.

Ao terminar, e num movimento marcial, o Irmão levantou o braço direito e disse:
— Despeço-me de vocês, vão com Deus!

Houve um momento de tensão; entre a saída do Irmão e a recuperação da Pachita passaram-se uns segundos. O corpo da Pachita desmaiou nesse lapso e depois recuperou-se. Olhou para mim, surpreendida, e perguntou de onde é que eu tinha aparecido. A sua consciência era tão distinta que não se lembrava de me ter visto durante as operações.
— Dá-me muito gosto ver-te, irmão Jacobo.

Quando a Pachita foi pela primeira vez à casa onde eu a conheci, sucederam-lhe muitos percalços. Entre eles, a perda de uma das casas onde operava. A dona tinha-a posto na rua no mesmo dia em que visitou a mansão onde me foi apresentada. Tinha solicitado um novo lugar e, como

nos tínhamos conhecido naquela importante residência, achava que eu podia interceder para o conseguir. Nessa noite, momentos depois de se despedir, o Irmão tinha-me perguntado se eu pensava ajudar. Disse-lhe que ajudaria no que pudesse, mas não pareceu satisfeito. Agora, já sendo a Pachita, confessou-me que não entendia as pessoas que viviam nessa grande casa, rodeada de vigilância policial precisamente pela importância dos seus habitantes.

— São muito diferentes, Jacobo, assusta-me tantos guarda-costas.

Eu sabia que era uma prova para a Pachita. Não devia pedir nada material, ainda que não fosse para seu benefício, mas para o de outros.

— Cuida-te, Pachita — disse-lhe com ênfase —. É uma prova e não te deves deixar.

Abracei-a e tomei a sua cabeça encanecida nos meus braços.

— Cuida-te, irmãzinha linda, e obrigado por me deixares ajudar-te.

OS "FEITIÇOS"

Tinha-os ouvido da boca do Don Lucio. As pessoas são invejosas e fazem "trabalhos". Os ciúmes emaranham o espírito; a inveja provoca "feitiços". Depois é necessário encontrá-los e expulsá-los.

— Como? — perguntei ao Don Lucio.

— Quando o espírito está emaranhado é preciso desenredá-lo. Eu uso a palma e, às vezes, algum seguro.

— Seguro?

— Os galos vermelhos engolem os feitiços; faz-se um buraco em frente da casa e, depois de trabalhar com o animal, encerra-se ali. Os "feitiços" adormecem a consciência e quem não estiver precavido morre.

O Don Lucio parecia ver o emaranhado dos espíritos. Colocava o doente à sua frente e começava a açoitar o ar à volta do corpo "danificado". Uma vez perguntei-lhe se os via. Observou-me com olhos de incredulidade:

— Pois claro, Jacobo! Se não… como diabo…?

No altar de sua casa, o Don Lucio guarda o coração da sua mesa. Depois de praticar muitos meses a "psicometria psíquica", pedi-lho para o ver. Lembro-me de que hesitou um instante e, depois, aproximou-se de um pequeno recipiente colocado entre as suas velas, retratos de santos e flores, e deu-me uma moeda.

— A ver o que vê, Jacobo?

Tomei-a entre as mãos, fiz silêncio e deixei fluir as imagens. Senti um calor que me subiu por todo o braço e, pouco depois, apareceu um palácio majestoso a flutuar entre as nuvens. Disse-lho e pareceu-lhe familiar. Perguntou-me de que cor eram as colunas e impeliu-me a penetrar no seu interior. Ali vi um homem barbudo coberto com uma túnica. Também lho disse e ele nada me respondeu. Passado pouco, disseram-me que devolvesse aquele coração de mesa e assim fiz. O Don Lucio olhava-me atentamente. As rugas em forma de riscas, à volta dos seus olhos, pareciam brilhar…

Cedi a vez à O. e, depois, penetrei na antesala. Atravessámos a cortina e observei que o Irmão rodeava uma mulher sentada numa cadeira a meio do quarto. Havia tensão e silêncio. Estava a operar uns olhos e o Irmão, juntamente com o Leo, parecia profundamente atento. Pediram-nos para fazer uma cadeia, dando as mãos, e, de repente, alguém viu a O. e disse que não era lugar apropriado para meninas.

— É perigoso — continuou —, tem de sair!

Ia protestar quando o Irmão respondeu que não era menina; era minha mulher e era bem-vinda.

Acabámos e, ao soltar as mãos dos demais, cruzei-as em atitude de repouso.

— Não cruzes as mãos — disse-me o Leo, alarmado —. É perigoso. E, além disso, não te distraías com nada. Aqui há um "baixo astral" e, se te distrais, ele penetra-te.

Colocámo-nos em volta da cama, eu com o Leo à minha direita e o Irmão à nossa frente, sentado na sua cadeira.

— Menininha linda, aproxima-te do teu companheiro — disse o Irmão, em voz grave, à O.

A O. colocou-se à minha esquerda, mas por pouco tempo. O parapsicólogo argentino pediu licença para se aproximar e tirar fotografias com flash.

— As do outro dia não saíram e quero tentar a minha sorte de novo.

Chamava-se Francisco e era enviado de um arcebispo argentino, o mesmo que preparava a sua viagem para ser curado pelo Irmão num futuro próximo. A O. pegou nos algodões e, pouco depois, desapareceu. Preferira ajudar com consolo os irmãos, antes e depois das operações.

Eu sentia-me fraco. Olhei para o Leo e disse-lho. O Irmão repreendeu-me, dizendo que eu tinha baixado a energia do lugar.

— Eu sinto que há baixa energia. — Sinto-o, disse eu ao Leo num sussurro. O Leo perguntou-me como é que eu sabia.
— Sinto-o no meu corpo.

O Irmão aproximou-se de mim e, em voz baixa, disse que havia um "dano" a flutuar. Parecia falar com muita precaução e cuidado. Depois friccionou as palmas das mãos no plástico da cama. Tudo à volta dos seus dedos iluminou-se de um violeta elétrico. Passava-as muito lentamente, deixando-as deslizar pelo plástico.

— Isso não tem nada de estranho — pensei para comigo —. Está a criar uma força eletrostática por fricção. Soltam-se eletrões e fotões e vemo-los.

O Leo fez o mesmo, com resultado semelhante. Incitaram-me a experimentar e, por mais que esfregasse, não apareceu nada.
— Na verdade, sim, é estranho. Além disso, não tenho energias — voltei a pensar. — Devo dizer-lhes que hoje não consigo trabalhar.

Mas, antes de poder abrir a boca, tinham trazido a primeira doente. Falava com uma voz doce e melodiosa. Parecia uma menina e contou a sua história.
— Foi um acidente — disse, num tom suave —. Cortou-se-me a medula e depois operaram-me. Não posso andar, nem controlar os esfíncteres e a coluna dobra-se-me. Por isso uso este espartilho tão rígido.

Tanto o Irmão como o Leo e eu consolámo-la. Tirámos-lhe o espartilho e o Irmão começou a palpá-la.
— Têm-lhe posto as pomadas, filhinho? — perguntou ao acompanhante da rapariga.
— Sim, Irmão — respondeu um jovem com voz segura —. Eu ia a conduzir quando chocámos e é a mim que cabe cuidar dela. Tenho-lhe posto tudo o que nos disse.

— Bem, meu amor, vejo que ainda está fraca. Vamos esperar um pouco e, entretanto, continua a cuidar desta menininha preciosa.

Enquanto a envolvíamos no lençol, eu continuava a sentir que algo não estava bem. Os ajudantes da Pachita notavam-se nervosos e, de vez em quando, vinham pedir-lhe conselho. O Irmão olhou-nos e disse:
— Não tivemos ovos suficientes!

Por alguma razão, nesse instante, senti que a energia regressava. Experimentei friccionar as palmas das mãos contra o plástico e a luminosidade fosforescente apareceu sem esforço. Nesse momento entrou

uma senhora que falava com acento estrangeiro.
— Irmão — disse-lhe —, aqui estão os senhores franceses. Vêm de Marselha. Ele tem um problema de rim.
— Claro, irmanzinha linda, lembro-me! Trouxe o seu transplante?
— Sim, Irmão, trouxe.

Entrou um senhor de aspeto e constituição atlética, alto, de ombros largos, que falava um inglês com acento francês.
— Deita-te, menininho lindo, deita-te, nada te acontecerá.

Tomei-lhe a mão e o Leo tranquilizou-o. Assinalou o lugar doente e, depois de o palpar, o Irmão disse-nos que ia ser muito forte. Pedi algodões, fiz um campo operatório e senti a faca a penetrar. Uns ossos estalaram e a maior abertura que eu tinha visto foi aberta no costado daquele homem. De vez em quando, ele soltava exclamações de dor. O Irmão introduziu o rim que o homem trazia num saco. Depois abriu perto da medula e também curou. Eu fechei a ferida e o homem, agradecido, lançava-nos olhares e tentava tocar-nos com as mãos.

A sua companheira, a Margaret, já não queria viver. Dores intensas, tonturas, náuseas acompanhavam-na dia e noite. Aproximou-se da cama e deitou-se de costas. Parecia prestes a chorar. O Irmão falou-lhe com palavras doces. Eu peguei-lhe na mão e, enquanto a faca penetrava no ventre, o Leo acariciava-a e consolava-a.
— Pai querido! — exclamou o Irmão, num sussurro. — Isto é cancro!

Houve um corte de tecido interno e o Irmão tomou-me pela mão e fez-me segurar um pedaço de intestino.
— Que não te escorregue, irmão Jacobo. Agora, introduz o teu dedo por ele.

Peguei naquele tecido em forma de tubo e, enquanto o segurava, o Irmão tirava algo de aspeto macabro e cheiro fétido.
— Quero água quente e bálsamo — ordenou o Irmão aos seus ajudantes.

O bálsamo foi vertido na cavidade aberta e, por fim, o intestino que eu segurava foi colocado no lugar.
— Satura, irmão Jacobo, rápido, satura.

Coloquei as mãos sobre a ferida e esta fechou-se imediatamente. A Margaret parecia revivida.
— I love you all — dizia em inglês —. Amo-vos. Deus vos abençoe! O amor é tudo. Amo-vos, amo-vos. Deus vos abençoe…!

A “Pachita” não entendia nada e, de repente, começou a falar em náuatle. O seu discurso foi melodioso e cheio de entoações doces.

— Se ela fala em algo que não se percebe, eu também o posso fazer! Não?

Ríamos todos e beijávamos as mãos da Margaret e despedíamo-nos enquanto ela continuava a falar de amor, de Deus e de bênçãos. A O. contou-me que, à saída, os olhos da Margaret tinham mudado. Abençoava todos e, enfim, depois de muitos anos, tinha vida e desejo de a viver.

Num ambiente de festa, trouxeram uma mulher de meia-idade.

— Irmão — disse, com voz suplicante —, a minha cabeça dói-me dia e noite há dois anos. Cura-me, Irmão, e que Deus te abençoe.

— As tuas próprias palavras são para ti — respondeu o Irmão —. Deita-te, minha menina preciosa, e já verás que todos os teus males desaparecerão.

Deitámo-la de barriga para baixo e, depois de palpar a cabeça, o Irmão diagnosticou um tumor no cerebelo.

— Preciso da serra.

A mulher guinchava e contorcia-se enquanto a mão da Pachita lhe cortava o couro cabeludo e o osso. Pedia para morrer, a pobre, enquanto se ouvia o som da serra a abrir-lhe o crânio. Por fim, o tumor foi extraído e, com ele, cessaram os gritos. Eu senti que a sua dor estava, em parte, não totalmente aliviada por nossa culpa. Enquanto a operávamos, parte do nosso ser continuava com a Margaret. Nada disse e saturei. Tudo tinha corrido bem e a mulher não podia acreditar na ausência de dor.

De repente, o Leo advertiu-me em tom preocupado:

— Os próximos são “feitiços materializados”. Não te distraías nem por um segundo. Não cruces os braços, não olhes para outro lado.

O Francisco tinha permanecido junto a mim, tirando fotos com o flash e cegando-nos. Pedimos-lhe que não o fizesse, para contrariar o que viesse a seguir.

Uma mulher, de cerca de quarenta e cinco anos, baixa de estatura e rosto doce, embora sulcado por rugas de tensão, aproximou-se do Irmão.

— Que se passa contigo, minha pombinha linda?

— Ai, Irmão, sinto algo na nuca que me dói. Sinto que se move e não consigo deitar-me de costas. Fui ver médicos e mandaram-me para psiquiatras, porque dizem que são nervos. Deram-me medicamentos e curas e não encontram nada.

— Como é que vão encontrar alguma coisa? — disse subitamente o Leo.

— Teve é sorte de não a terem enviado para um manicómio.

— Há quanto tempo sentes isso, minha menina?
— Há doze anos!
— Santo Deus! — exclamei involuntariamente —. Doze anos!
— Tens alguma inimizade? — perguntei eu.
— Pois, quando nos casámos, havia gente com inveja. Mas depois, nada.
— Bem, vamos ver — disse o Irmão —, deite-se, minha formosa.
— Mas não posso, dói-me muito.
— Deite-se, minha menina. Eu sei que dói, mas vieram desde El Paso e não foi para nada. Vá lá, deite-se, meu amor.

Voltei-me para pedir um algodão e o Leo bateu-me com o cotovelo.
— Que não te distraias, caramba, isto é muito perigoso! Tu vais ajudar a tirar o "dano".
— E como se faz isso?
— Tu repara e não percas detalhe do que acontecer.

Com um movimento rápido, o Irmão cortou a pele e, com a tesoura, seccionou todo o pedaço. Com a faca levantou o couro cabeludo e começou a raspar o crânio.
— Tem de sair com tudo e raízes, e está muito duro — disse o Irmão.

Depois de um esforço tremendo, algo saiu por baixo da pele: uma massa escura, com saliências compridas. Eu estava muito zangado e comecei a lançar maldições àquela "entidade" que, durante doze anos, tinha martirizado um ser humano. Um ajudante aproximou-se com um papel preto e o Irmão meteu aquilo ali e foi retirado depois de ficar encerrado.
— Já saiu, irmanzinha. Acabaram-se os teus males — disse o Irmão à senhora.

Pachita a operar

Comecei a falar e, de novo, o Leo repreendeu-me:
— Não penses que o perigo acabou. Agora é que começa. O "dano" está ferido e vai penetrar em quem se distrair.

Creio que nunca prestei mais atenção a cada movimento, ruído, sussurro… Saturei. O Leo enfaixou a cabeça.
— O que era isso? — perguntei.
— Dentro de vinte e quatro horas adquirirá forma e saberemos — respondeu o Leo.

— É um animal?
— Sim, e começará a mexer-se dentro do papel preto.

Nesse momento lembrei-me de que, ao vê-lo recém-extraído, notei um palpitar ligeiro na massa escura, com "patas".

— É um "dano materializado" — disse o Irmão —, e oremos para que já não dê chatices. Todos rezámos e dei-me conta de que, à nossa volta, todos os ajudantes se tinham dado as mãos, fazendo uma cadeia de proteção.
— Que entre o irmãozinho seguinte...

Era o marido da mulher do "dano". Um homem rijo, vestido de *tejano*, com chapéu de vaqueiro e botas altas.
— Aqui estou, pois.
— E que se passa consigo, irmãozinho?
— Pois comigo nada. Nunca senti dores; mas, desde há doze anos, nada me corre bem.
— Deite-se, meu homem, que traz aí qualquer coisa no estômago.

O gigante de El Paso ocupava toda a cama. Abrimos-lhe a jaqueta e pedi algodões para delimitar um campo.
— Façam cadeia, meus pequenos, que este também traz "dano" — disse-nos com doçura o Irmão.

A gente que tinha visto operar queixava-se sempre no momento em que a faca atravessava o corpo. Este homem, porém, não se queixou um instante. O Irmão abriu vinte centímetros de ventre e começou a indagar no interior do mesmo. Virou-se para mim e disse que eu tiraria o "dano".
— Eu?
— Ora veja, irmão Jacobo, empreste-me a sua mão e meta-a aqui.

Obedeci e, de repente, senti o que parecia ser um cordel emaranhado. Apertei-o com força e ouvi o Irmão dizer para não o largar, que, se me escapava, ali terminava tudo. Agarrei-me àquela coisa e comecei a puxá-la enquanto o Irmão continuava a cortar com a faca. Por fim, algo parecido com uma corda enrolada à volta de uma massa compacta saiu do ventre. Coloquei-a noutro papel preto, lançando-lhe todas as maldições que pude, e levaram-na. Tinham feito uma cadeia à nossa volta. Saturei, enfaixei e levaram o gigante a repousar. Não soltara uma única queixa e, depois, quando a O. e eu levámos o casal ao hotel, também não o fez. A sua constituição tirara-lhe dores e agora protegia-o contra qualquer fraqueza.

O corpo da Pachita ergueu-se da cadeira e enfrentou um homem acabado de trazer. Pegou numa palma idêntica à do Don Lucio e limpou-o com ela. A sua força era inconcebível. Depois da calma, ergueu o homem ao alto e disse que já estava pronto. Sentou-se numa cadeira e disse-nos que estava pronta para responder a perguntas. Alguns perguntaram e outros calaram-se. Falou dos exorcismos que alguns sacerdotes faziam e do perigo de usar cruzes ou imagens que tinham estado em contacto com exorcizados.

O APORTE

O céu da Cidade do México tinha um tom violeta quando cheguei a casa da Pachita. Estranhou-me não ver doentes e a luz acesa no recinto das operações. Entrei ao mesmo tempo e encontrei a Pachita e o Armando. Cumprimentei-os enquanto ouvia a sua conversa. Tinham regressado há pouco da cerimónia de inauguração do jardim de infância que a Pachita doara para uso de crianças pobres. Sentei-me e escutei o que o Armando dizia:

— A mim encantam-me as mulheres — disse num tom intenso —, considero que são o mais belo da criação. No entanto, fizeram-me um dano terrível. Quando conheci a Pachita, desconfiava intensamente dela. Um dia deu-me a sua faca e disse: "Toma-a e corta o meu braço." Eu não quis fazê-lo, mas uma força impeliu-me e fiz-lhe um talho tremendo no antebraço. Morto de medo, preparei-me para a terrível hemorragia, mas não saiu uma gota de sangue.

— Olha — disse-me a Pachita —, parece um peito de frango. Agora repara.

Lembro-me de que, com a mão, fez um movimento de fricção e, nesse instante, a ferida fechou-se sem deixar rasto de ter existido. Chorei dias inteiros, abandonei a minha esposa aos trinta e um dias de casado e vim trabalhar com esta mulher, a quem amo mais do que a mim mesmo.

Os olhos do Armando encheram-se de lágrimas enquanto prosseguia o relato:

— Sofri provas terríveis; durante oito anos não pude tocar mulher alguma e o "dano" que o Irmão me tirou foi o maior que eu vi. Quatro pessoas seguraram-me no ar impedindo os meus forcejos enquanto ela mo extraía.

— Este desgraçado tinha umas "nádegas de velha" na barriga — disse a Pachita a sorrir —, foi algo tremendo.

— Um dia — continuou o Armando —, enquanto estava na minha casa de banho, ouvi que alguém me chamava. Eu sabia quem era, mas não me atrevi a virar-me. Por fim, sem me aguentar mais, olhei para o teto da casa de banho e vi uma luz intensíssima que me banhava. Soube que era Deus e tornei a ouvir o meu nome mais duas vezes. Saí disparado da casa de banho, deitei-me no catre e chorei durante horas.

— Aprendi que existem etapas de aprendizagem. Primeiro provam-te até ficares pelado de pensamentos e cheio de temor. Aprendes a andar como no fio de uma navalha, todos os minutos das vinte e quatro horas do dia. Tudo o que acreditavas vem abaixo e, juntamente com o temor, vem uma confusão dos diabos. É a etapa do Crisol. Depois começas a "ver".

O Irmão nunca rejeitou ninguém, nunca permitiu que quem vinha buscar saísse de mãos vazias. Eu via tudo isso e aprendia o que é a bondade. Mas ninguém o respeitava. As pessoas entravam no recinto de operações como quem entra num mercado. Baseavam-se nas aparências e não no espírito. Vi am sujidade e uma cama feita de tábuas e uma cadeira partida e um facão de mato e não se apercebiam do verdadeiro instrumental que ali existia. Eu partia-me de raiva, enquanto o Irmão nada dizia: sempre amável, sempre doce, sempre amoroso.

Depois vinha gente que roubava a faca e se sentava na cadeira do Irmão. Essa cadeira é o trono do último imperador asteca e essa faca é o seu reino, e ninguém a respeitava. Aprendi a "ver" por detrás do aparente, a respeitar qualquer movimento, a ser paciente e a amar. Via o cansaço da Pachita e queria protegê-la e cuidar dela.

Pachita escutava o seu discípulo e, de quando em quando, fazia um gesto como de querer acariciá-lo. Em vez disso, pegou no meu caderno

de notas e, na primeira folha, começou a escrever a sílaba FLO e uma série de caracteres em colunas verticais. De repente, deixou de escrever e estendeu-me a mão, abrindo a palma que permanecera cerrada uns segundos antes. Um objeto estranho apareceu nela. Olhei para ele sem saber que fazer até que o Armando me disse que era um "Aporte" e que a Pachita o materializara para mim.

Pareceu-me um objeto tão comum que duvidei da materialização. Peguei nele e observei-o. Era uma medalha em forma de óvalo, coberta por um cristal ligeiramente curvo e emoldurada por uma aresta fina de cor a suster o cristal. Em volta, cobre entrançado, de um tom mais dourado do que acobreado, dava-lhe um aspeto de coroação, resguardando o óvalo. A parte posterior tinha uma placa dourada e um alfinete para prender a medalha à roupa.

Resguardada pelo cristal, uma pintura miniatura representava uma árvore a sair inclinada de uma escarpa. O tronco parecia vencer a força da gravidade, pois, após um esforço supremo, elevava uns ramos gigantescos para o céu. Toda a folhagem era branca com salpicos rosados. Um ramo fora cortado exatamente no ponto em que o tronco abandonava a inclinação para sair triunfante para o céu, vertical e são. A vertente era verde-escura com salpicos de verde-claro. À esquerda, e vindo da parte inferior, um caminho de terra afastava-se até se perder no infinito e confundir-se com um céu de cor verde-terrosa. Sobre a folhagem, três pássaros voavam. A pintura estava assinada por **FLO** sublinhado, no canto inferior direito.

Eu tinha visto uma árvore assim no Tepozteco. Desafiava a gravidade e erguia-se majestosa, dirigindo a folhagem para o céu. Inclusive lhe dediquei um poema; escrevi-o depois de a ver e publiquei-o em *O despertar da consciência* como parte da biografia de Alejandro Cisto.

A UMA ÁRVORE

Como uma árvore que conheci.
Crescia na horizontal, surgindo de um corte de montanha.
Para ela, a terra era planeta e, não sabendo
(ou sabendo?) onde se encontrava,
tinha decidido desprender-se de uma das
leis eternas para os do seu reino… a gravidade.
Dirigia-se "vertical" e a sua referência era uma parede.
Destruíra a sua história e criara um mundo próprio.
Demonstrava, perante o planeta, a sua capacidade
para converter em ilusão o que todos
os demais chamavam essência.
Assim também será por tudo o que não foi…

Escrito três anos antes de receber este "aporte", e ambos (o poema e o "aporte") a falar do desejo de voar, de deixar para trás a ilusão. Volto a lê-lo e sei que Deus existe. No dia seguinte, durante a sessão matinal com o meu grupo de meditação, apareceu um pequeno cristal junto à raiz da árvore e cresceu e cresceu até se tornar num diamante puríssimo. Os meus olhos, esbugalhados perante o prodígio, e a minha alma, confortada, agradeceram a Deus pelo sinal.

— Este aporte — disse-me o Armando —, envia-to o Irmão. Conserva-o perto do teu corpo para que se encha de ti.

— Dantes havia mais tempo do que agora — prosseguiu o Armando —. Reuníamo-nos todas as tardes e visitavam-nos seres maravilhosos. A Goya pintava-nos cerâmica, artistas de outro tempo envolviam-nos nos seus poemas e todos agradecíamos a Deus pelas suas bênçãos. Agora só operamos e há tanta gente necessitada que não temos tempo para mais nada.

O Armando interrompeu um instante o relato e, concentrando-se em algo que deixara inconcluso, continuou:

— Depois da etapa do Crisol, começa o verdadeiro trabalho.

— É certo — interrompi —, eu senti tudo isso. O único que não consigo entender em mim é por que dantes era tão fácil e agora tenho de lutar como um desesperado. Dantes, estar com Deus era natural, vinham pensamentos, havia pureza. Agora aprendi que existe a maldade e devo

meditar para me inspirar.
— É que, dantes — respondeu-me o Armando —, tudo te era dado e agora és tu que o estás a fazer teu, agora és tu que o constróis.

Era verdade: dantes havia uma voz que me falava e agora tudo era a minha própria aprendizagem. Lembrei-me da biografia de Jesus Cristo descrita no *Livro de Urântia*. Falava-se ali de um ajustador de pensamentos que, pouco a pouco, se foi tornando mais claro para Jesus, até ele compreender a sua união com Deus. É a "luz" — pensei —, surge de repente a "luz" e algo que guia, e a clareza e a certeza e o contacto com o Ser.

Recordei todas as minhas teorias. Tinha analisado a estrutura do cérebro e a do espaço, tentando achar algo em comum em ambas. Sustinha-me o anseio de encontrar uma explicação psicofisiológica para a "luz". A expressão dar "luz", receber "luz", trabalhar a "luz", eu a ouvira ao Don Lucio. Depois, quando experimentei a "escuridão", soube o que é sentir e viver na "luz".

Por fim, descobri e postulei a Teoria Sintérgica da Consciência. Tanto o espaço como o cérebro (chegara eu à conclusão meses antes) estão organizados da mesma forma. Cada ponto contém o todo e concentra-o através de uma organização convergente. Num espaço de alta sintergia, a concentração de informação em cada ponto é mais poderosa do que num espaço de baixa sintergia. Num espaço de alta sintergia não existe gravidade nem tempo e a redundância informacional é máxima. Um espaço de baixa sintergia é a matéria. Um cérebro concentra informação por meio de um manejo convergente da mesma. Quanto maior for a concentração de informação num circuito cerebral de alta convergência polisensorial e quanto mais poderosos forem os neuroalgoritmos que, sob a forma de padrões neuronais, nele aparecem (no circuito de alta convergência), maior é a unificação e mais colossais são as abstrações resultantes. Um cérebro de alta neurosintergia é um cérebro mais cheio de "luz". As minhas ideias conduziram-me a uma conceção sintérgica da consciência. A consciência de Unidade é a de maior poder sintérgico.

Esta, identificada com o material, é, tal como a matéria, a consciência de menor sintergia. Quando via o Irmão operar, sempre me tentava o pensamento de estar perante a mais poderosa sintergia. Tinha pensado que o cérebro cria um campo energético — Campo Neuronal — e que a experiência é o resultado da interação desse campo com a estrutura

energética sintérgica do espaço. Sabia que não chegava a explicá-lo, mas às vezes pensava que a Pachita funcionava numa elevada neurosintergia e, por isso, o seu Campo tinha tal poder sobre a matéria. Por isso também está em contacto com organizações energéticas subtis a que chama o Irmão. Por isso tem certeza e está com Deus e pode saber o que está no pensamento e materializar e realizar tantos portentos.

As minhas ideias tinham-me conduzido ao encontro da Pachita, e o meu desejo de me afastar das leis da gravidade e desprender-me (tal como a árvore do Tepozteco e a do aporte) de toda a estrutura levou-me a ajudá-la a operar. Meu Deus! tão grandes e bondosos são os teus desígnios, tão belas as tuas provas e tão satisfatórias as tuas recompensas. Depois de pensar tudo isso, virei-me para o Armando.

— Como te sentes, Armando? — perguntei.

— Sinto-me inconformado e frustrado. Quero que quem entra no recinto saiba e respeite e aprenda. Queria poder transmitir o que aprendi e não encontro ouvidos nem sei como o fazer.

— Garanto-te — disse-lhe — que o estás a fazer.

O SÉTIMO DIA DO SÉTIMO MÊS

Passaram a primeira pessoa. Era uma senhora americana muito magra. Sofria de cancro abdominal. Aproximou-se da mesa rapidamente. Foi tal a frieza com que o fez e a segurança com que tirou as calças e se deitou na mesa, que todos ficámos admirados. Eu traduzia-lhe as observações do Irmão e fazia o mesmo com as dela.

— Ora veja, minha menina valorosa, vamos ver o que tem aqui.

O Irmão referia-se a um saco de plástico que, ligado aos órgãos internos, servia de recetáculo para a urina. Com um movimento rápido, a mão da Pachita introduziu o facão de mato e fez uma incisão de vinte centímetros no abdómen. Pedi um algodão embebido em álcool no qual o Irmão colocou dois pedaços de tecido. “Devem ser intestinos”, pensei comigo. Cortou algo e depois introduziu o primeiro pedaço. A doente queixava-se e apertava-me a mão com força. Depois de acomodar o primeiro, introduziu o segundo tecido.

— Satura, irmão Jacobo!

Pedi um algodão molhado, coloquei as mãos sobre ele e a ferida fechou-se imediatamente.

— Pronto — disse à operada, em inglês —. Acabou-se o cancro e os incómodos!

— Graças a Deus — respondeu-me, e pediu que tirássemos o saco de plástico. Traduzzi o pedido ao Irmão e ele recusou fazê-lo.

— Diz-lhe — disse-me — que vá ao lugar onde lho puseram e peça que lho tirem lá.

— Mas não vão querer — replicou a senhora —. Eu conheço-os e vão recusar.

— Quando virem que está curada, fá-lo-ão — disse-lhe eu.

Enfaixei-a, envolvi-a num lençol e o Armando, juntamente com outro ajudante do Irmão, levaram-na em braços.

— Descansa nas próximas setenta e duas horas e tem cuidado — ainda lhe disse enquanto se afastava.

A segunda operação era um caso de suprarrenais doentes. Uma mulher de meia-idade, voz aguda e acompanhada pelo marido, aproximou-se do Irmão.

— Irmãozinho — disse-lhe, com voz nervosa —, tenho muito medo e estou demasiado inquieta.

A Pachita reconheceu-a e disse-lhe que estava à beira de ter uma paragem cardíaca por causa dos nervos.

— Assim não te posso operar, minha menininha linda. E se acontece alguma coisa e nos levam a todos para a prisão e tu vais-te?

— Então não é seguro, pois não?

— Pois, se não te acalmas, pode acontecer algo grave, minha carinhosa menina.

Nesse instante, a voz do Irmão trespassou-me. Por alguma razão, sempre a sentira muito natural, mas nesse momento percebi-a como vinda de além-túmulo. Era grave e direta, penetrante e profunda.

— Bem — disse a mulher —, tentarei acalmar-me.

— Assim está bem, minha menina. Agora deita-te.

Quase a fazê-lo, a mulher levantou-se como impelida por uma mola.

— Vai doer, não vai? Não, mais vale ir-me embora.

Nesse momento, o marido pediu licença para intervir e deu-lhe um ralhete descomunal.

— Se não te acalmas — bradou, com voz tonitruante —, não te vais curar.

O Irmão abanou a cabeça de um lado para o outro e disse:
— … que casamento… com razão, com razão!…

A mim pareceu-me estranho o sucedido. Na primeira operação, um acompanhante da senhora americana pedira licença para tirar fotografias durante a operação. O Irmão dissera-lhe que a única que poderia autorizar era a doente. Esta consentiu, e o acompanhante (creio que era o marido) dispôs-se a tirar fotografias como se se tratasse de um circo. O Irmão aproximou-se de mim e, num sussurro, disse-me: "… ao fim e ao cabo, não saem!"

Agora, o marido desta mulher tratava-a como material de desperdício. "Assim tem sido este dia", pensei, "a todos nos têm tratado assim." Por fim, a mulher deitou-se e quase me fraturou os ossos da mão ao apertá-la. Enquanto a faca cortava a carne, continuava a perguntar se correria bem. O Armando pediu-lhe que rezasse, e ela começou a fazê-lo com tal intensidade que até o marido a felicitou. Eu acariciava-lhe a cabeça, tentando diminuir a dor. Por fim, o Irmão terminou. Tinha transformado algo no interior da mulher sem que isso alterasse minimamente o seu carácter. Depois de a enfaixar, não me queria largar a mão e pedia-me que não a deixasse sozinha.
— Tenho medo — dizia-me, entre soluços agradecidos —, por favor não me deixes.

Acabámos por a convencer de que estava tudo bem. Aproximei-me do Armando e, sem me conter, disse-lhe:
— Que mulherzinha tão mimada!
— Isso não são mimos — respondeu, muito sério —, isso é pecado!

Depois trouxeram um menino de uns oito anos. Chorava sem se conseguir conter. Queria dizer algo, mas era absolutamente ininteligível. Era uma operação ao cérebro. Eu segurava-lhe a cabeça enquanto o Armando e a Z. forcejavam, tentando manter o corpo quieto. O Irmão introduziu a faca e abriu o couro cabeludo. Depois perfurou o osso com a ponta e, com movimentos rítmicos, localizou a zona doente e perfurou-a. A mim era-me quase impossível manter a cabeça quieta. Por fim, tudo terminou, saturei e o Armando enfaixou.

Esgotado, sentei-me na beira da mesa e observei o corpo da Pachita. Não mostrava qualquer sinal de cansaço. O doente seguinte era um rapazinho, púbere, obeso e sumamente inquieto. Foi impossível convencê-lo a deitar-se. Após dez minutos de tentativas falhadas, rendemo-nos.

Passado um bocado entrou uma doente. Lembrei-me dela e da receita que lhe tinha sido dada. Nela, pedia-se que trouxesse um intestino fresco de cadáver humano, de trinta centímetros de comprimento. Deitou-se de costas e o Irmão abriu-lhe o abdómen e, depois de reconhecer o interior, pediu-me que lhe segurasse uma extremidade do intestino enquanto enxertava a outra, lenta mas confiadamente. Depois de o introduzir, acomodou-o e pediu-me que saturasse.

A operada vinha acompanhada do marido, que também pediu licença para tirar fotografias. O Irmão disse-lhe que a autorização devia ser dada pela pessoa operada.

— Esta gente — disse o Irmão — dá rédea solta à curiosidade antes que aos sentimentos.

Descansávamos depois desta operação quando alguém chamou a Z. Um momento depois, o Armando aproximou-se do Irmão e disse-lhe que o marido da americana não queria pagar o intestino, pois dizia que era falso, que não lho tinham enxertado à esposa. "Diz que, visto que não se utilizou, não tem por que o pagar."

— Deixa-o, irmão Armando — disse o Irmão —, são gente sem sentimentos, mas ele não tem culpa — acrescentou —, é a cultura dele.

Eu não podia crer.

— É uma barbaridade — disse em voz alta —, é incrível que tal frieza exista. Esse senhor age como se estivesse num supermercado, é incrível…

Todos voltámo-nos para ver uma presença colossal. Uma senhora gigantesca e muito gorda aproximou-se da mesa de operações. Também era americana e os seus rins tinham deixado de funcionar. Sem uma queixa, sem lançar exclamação alguma, deitou-se e não pestanejou quando a faca penetrou no seu lado.

— É muito valente — disse-lhe depois de a enfaixar.

Quatro pessoas pegaram nela e, cambaleando, levaram-na a repousar. Tínhamos terminado a sessão. Pedi álcool para limpar as mãos e a "Pachita" sentou-se junto ao altar do recinto.

— Muito bem, meus meninos, muito bem correu hoje.

O Enrique, filho da Pachita, e a filha desta aproximaram-se do Irmão.

— Estamos preocupados — disseram quase em uníssono —. Temos ouvido dizer que a tua "carne" morrerá em dezembro e queremos saber se isso é verdade.

— Não, meus meninos, não se preocupem. No peito da minha carne não há coração como o dos homens. A minha carne não é carne e as minhas veias também não. Ainda há muito por fazer e o Pai não a levará tão cedo. Por duas vezes já a quis levar, mas eu pedi que a deixasse por mais algum tempo e Ele anuiu.
— O único que não funciona na minha carne são os olhos. Dou-vos licença para a levarem a examinar, para a curarem de todo o mal, mas não encontrarão nenhum; contudo, assim acalmar-se-ão, meus meninos.
— Eu sei quem daqui morrerá e quando. Sei quantos dias tem todo aquele que me vem visitar.

— Conheço os desígnios do Magnífico e à minha carne não a levará tão cedo.
— Irmãos — disse, dirigindo-se a todos —, despeço-me de vocês. Quem quiser perguntar, que pergunte.

O corpo da Pachita levantou o braço direito e depois baixou-o. O Armando abriu as palmas e dirigiu-as para o corpo da "mulher", dando-lhe "proteção". O mesmo fizemos nós. Esperámos uns segundos e apercebemo-nos de que algo muito estranho ocorria. De repente, o corpo da santa pareceu reviver. Mas ainda não era a Pachita. O Irmão — ou alguém semelhante a ele — começou a falar pela boca da Pachita.

— A ti te digo — começou, dirigindo-se a mim.
— A mim?
— Sim, a ti te digo que vai bem, que a tua pena de ouro continue a escrever a verdade do que vires aqui. A ninguém peças opinião dos teus papiros e continua a obra que começaste. Eu te digo — continuava, cada vez mais emocionado — que tu foste apóstolo naqueles tempos e que é graça do Pai que os nossos caminhos se tenham cruzado.

Nesse momento, senti o mais extraordinário que experimentei em toda a minha vida. Um fluxo energético luminoso encheu-me e vi luz em redor do corpo da Pachita. Todo o meu ser se sentiu elevado a um plano de consciência iluminada e, num movimento impossível de conter, aproximei-me da santa e beijei-lhe a mão.

— Tu — continuou a dizer-me —, foste André, o meu primeiro apóstolo, o meu escrevente. Vai e diz a todo o mundo que a nova Era está para chegar; anuncia aos quatro ventos a vinda do Messias e sabe que és testemunha e viverás na Nova Jerusalém. Anuncia-o com a tua pena de ouro e não duvides mais.

"Meu Deus", pensei, "tive em Tepoztlán, um dia, uma imagem de mim mesmo no próprio Templo de Jerusalém, no ano 30. Soube que era eu quem vivia nessa época. Sentados no altar, uns anciãos conversavam entre si e falavam do mais alto e do mais profundo." Nessa época da minha vida em Tepoztlán, um grupo de gente e eu estudávamos a técnica que denominámos Análise Reencarnacional. Numa sessão experimental, eu tinha-me lançado em busca da minha própria identidade e tinha-me visto em Jerusalém, no ano 30. Noutra ocasião, e também em Tepoztlán, tivera a imagem de uma crucifixão. Agora, confirmava-se-me uma vida anterior.

— Também te digo — continuou a dizer-me aquele espírito — que em breve encontrarás o irmão que tanto tens procurado.

Meu Deus, também era verdade. Durante anos procurei alguém sem saber quem. Todos os meus trabalhos e os meus livros eram a transmissão de um ensinamento localizado no meu interior e ali plasmado por alguém que eu procurava reencontrar. O meu espírito sofrera golpes que o tinham afastado da fé. Lutando contra estruturas e desejando apenas estar com Deus, eu tinha-me defrontado com gente egoísta e tinha sentido a maldade e, pouco a pouco, tinha-me esquecido. Eu, que lutava contra tudo o que não fosse livre de espírito, também caíra e agora sentia que a minha força não era suficiente. Ia dizer ao espírito que eu não era ninguém, que já não tinha a mesma luz de antes, que não o merecia, quando o corpo da Pachita levantou o braço direito e, quase a despedir-se de novo, me fez a última pergunta:

— Que é o que desejas?

— Quero luz! — disse, trovejando as palavras… — Quero que haja LUZ!

— Assim seja!

Com o braço no alto, o espírito despediu-se de todos. O corpo da Pachita entrou em espasmo e tanto o Armando como eu protegemo-la com as nossas palmas. Por fim, a Pachita recuperou-se. Pediu líquido balsâmico e enxaguou a testa e o pescoço. Notei que as suas mãos não tinham vestígios de sangue, enquanto as minhas estavam completamente vermelhas, apesar de as ter enxaguado com álcool. Todos pedimos bálsamo e esfregámo-nos, com a O. O Don Lucio também utilizava um líquido parecido para as suas "limpezas". Ele pegava em dois ovos e, depois de os passar pelo corpo da pessoa que solicitava a "limpeza", vertia-os em sendos copos de água. Essa prática também era utilizada pela Pachita, tal como o

líquido balsâmico. “De facto”, pensei, “o xamanismo no México é toda uma instituição.”

Aproximei-me para abraçar a Pachita, que, ao ver-me, disse:
— Olá, Jacobo, que bom que estás aqui!

Eu não conseguia pronunciar palavra. Segurei-lhe a cabeça entre as mãos por um ou dois minutos. A Pachita parecia desfrutar do meu carinho, mas, subitamente, riu-se e brincou:
— Bom, então, que é que te passa, homem? Pareces de pau: não te mexes nem me deixas mexer.

Larguei-a e apercebi-me de que a minha emoção só era partilhada pelo Armando. A Z., o Memo e os outros ajudantes estavam sentados na cama de operações e brincavam entre si. Estive a ponto de lhes dizer que todos os seus atos — as ausências de fé, as presenças de fé — ficariam escritas para toda a eternidade, mas contive-me.
— Que me passa? — disse a mim mesmo. — Isso é demasiado melodramático.

Pouco depois despedi-me. A Pachita conversava com a filha e ambas sorriam-se.
— Hoje é o sétimo dia do sétimo mês — disse-lhes a todos… e fui-me.

A UNIDADE

Acordo de manhã e uma mosca faz um buraco no meu Campo Neuronal. Desorganizado, utilizo uma tática para preencher o vazio. Sofro uma ligeira tensão e o cão do vizinho ladra e queixa-se — e tudo porque uma mosca furou o meu Campo Neuronal. Na realidade, esse cão, a mosca e eu somos um — digo a mim mesmo, ao recuperar-me. O cão ladra quando fico nervoso; a minha mão move-se quando lhe mando uma ordem. A minha mão e o meu corpo formam uma unidade, assim como o cão e o buraco no meu Campo.

Quando a Pachita opera, ela, o Irmão e o doente formam uma unidade. Na realidade, a Pachita opera-se a si mesma quando enxerta um rim; atravessa-se a si mesma quando utiliza o seu facão de mato…

Em 12 de julho cheguei às 19h30. Ouvi que o paciente número trinta e três aguardava a sua vez. Sessenta pessoas estavam em lista para consulta e dezasseis para operar. Havia tanta gente dentro do recinto que

tive de esperar trinta minutos até poder entrar. Roguei para que o Dr. M. não estivesse e, nesse momento, vi-o sair para fumar um cigarro e atirá-lo ao chão molhado do pátio.

— Porque é que lhe tenho tanta aversão? — perguntei-me; seguramente é uma prova para medir a minha capacidade de amar.

A Z. apareceu à porta e convidou-me a entrar. O Irmão estava a conversar com alguém. Senti a energia do recinto e fiquei parado junto à cortina.

Se havia um caso de olhos, dava-se sempre prioridade — e nesse dia não foi exceção. Quatro doentes dos olhos iam ser tratados nessa ocasião. Colocaram uma cadeira branca junto da cama de operações e o Dr. M. colocou-se ao lado esquerdo do Irmão, enquanto o Dr. V. à direita. Este último era o encarregado da faca: limpava-a, segurava-a e oferecia-a ao Irmão sempre que ele a solicitava.

— Senta-te, meu lindo menino — deu as boas-vindas o Irmão a um homem de 35 anos completamente míope. — Que tem o meu rapazinho?

O homem não sabia da existência do Irmão.

— Pachita! — disse-lhe em tom de súplica —, quase não consigo ver; poderias ajudar-me?

O Irmão pegou na faca e colocou a ponta no olho esquerdo do homem. Enquanto raspava e penetrava no globo ocular, perguntava acerca da visão do doente.

— Vês melhor, meu carinhoso menino?

— Um bocadinho, um bocadinho, Pachita.

A faca penetrara nos olhos sem que o homem soltasse uma exclamação de dor. Era impressionante ver a delicadeza dos olhos e a penetração daquele facão de mato neles. “Na realidade, essa faca não é o que parece — pensei nesse momento —, inclusive nem sequer seria necessário utilizá-la.”

— Tome esses algodões — disse o Dr. M. ao homem, ao finalizar a operação —. Coloque-os por cima dos olhos e saia com a cabeça para trás.

— Entre, meu carinhoso irmão — disse o Irmão ao doente seguinte.

Outro homem, guiado por dois acompanhantes, foi conduzido ao lado do Irmão.

— Em nome de meu Pai, eu te saúdo.

— No mesmo nome eu te respondo — replicou o Irmão. — Que tens?

— Quase nada vejo, Irmão. O meu olho esquerdo já não existe e o direito está opaco, sem luz.

— Bem, senta-te, meu carinhoso, e vamos ver o que podemos fazer.

A mão do Irmão pediu a faca. Introduziu a ponta na órbita esquerda, perante os protestos do paciente.

— Mas aí não há olho, irmãozinho!

— Olha, meu menino, a ausência do olho faz com que o são não possa ver. Vamos primeiro fechar completamente o esquerdo e isso há de arranjar a pouca visão do direito.

O Irmão introduziu cinco centímetros de faca no olho esquerdo e, com movimentos laterais e firmes, cortou. Depois pediu uma lanterna de mão e aproximou-a do olho direito. Admirei-me de ver uma completa ausência de sangue após a terrível ferida provocada pela introdução da faca do lado esquerdo.

— Que vês, meu carinhoso?

— Vejo luz — respondeu o homem.

— Sim, bem, mas que vês mais?

— Vejo uma sombra, mas sem detalhe — voltou a responder o paciente.

— Vamos ver, meu carinhoso, vamos ver.

A mão do Irmão acometeu o olho direito. A ponta da faca foi introduzida e rodada várias vezes.

— E agora, que vês?

— Vejo melhor, Irmão, na verdade, consigo distinguir mais detalhes.

— Vá-se embora, meu bom homem, e cuide desse olho. Volte dentro de trinta dias para outra operação.

Como dantes, os olhos foram cobertos com algodões e o homem afastou-se guiado pelos acompanhantes.

O terceiro paciente foi um idoso de cabelo completamente branco.

— Sente-se, meu carinhoso menino — disse-lhe o Irmão, oferecendo-lhe a cadeira —. O que se passa com o meu rapazinho?

— Os meus olhos estão cheios de lágrimas e nunca vejo nada nítido.

— Isso vamos compor num instante, meu lindo menino; não se preocupe mais.

De novo, a faca foi introduzida, mas agora o movimento parecia raspar a superfície vítrea do tecido ocular externo. Uma lanterna de mão foi acesa e o homem sorriu amplamente.

— Agora vejo muito melhor — disse.

No recinto de operações nunca se acendia luz elétrica. Uma janela situada ao lado da cama de operações permanecia sempre coberta por um lençol listado, evitando que o pátio fosse visível de dentro e o recinto de fora. O lado esquerdo do recinto estava dedicado aos altares, flores, velas e veladoras, rodeados de figuras de Cuauhtémoc e dispostos em degraus. Cristo resguardava-se com uma cortina de panos que se fechava ao iniciar as operações e se abria durante as consultas. A única luz do recinto era uma veladora acesa nesse altar.

O último paciente de olhos, nessa noite, foi um senhor vestido de forma muito elegante.

— Irmão — disse, com voz clara —, tenho um tumor hipofisário que me comprime o nervo ótico. Cada dia perco mais a visão. Ultimamente, toda a parte direita está às escuras. O meu olho esquerdo vê bem, mas o direito tem uma sombra do lado direito. Os médicos dizem que, em breve, perderei completamente a vista.

— Vamos ver, meu rapazinho, vamos ver o que podemos fazer.

Uns algodões foram colocados sobre os olhos.

O olho direito ficou parcialmente descoberto no seu lado direito e foi aí que o Irmão operou. Era um caso de acromegalia e, naquele momento, pensei que o problema estava na hipófise e não no olho. Seguramente, ao introduzir a faca no olho, faria algo à hipófise; caso contrário, não haveria melhoria. Depois de manobrar a faca, voltou a acender-se a lanterna de mão e iluminou-se a ponta direita do olho direito. O homem não queria acreditar.

— Vejo, Irmão, a sombra desapareceu completamente.

Descansámos todos enquanto o paciente saía, e eu acomodei-me no meu lugar, em frente do Irmão, na cama de operações. Z. permaneceu ao meu lado e o Dr. M., junto do Irmão. Z. parecia triste. Perguntei-lhe e respondeu-me que tinham despedido os empregados da fábrica onde

trabalhava, e que sentia pena deles. O Irmão sentara-se na sua cadeira e conversava com Armando. Havia uma ligeira mudança no tom da sua voz. O Irmão parecia zangado ou aborrecido. Aproximei-me e, num sussurro, disse-me:

— Vejo que deixaste a tua investidura lá fora e que me entregaste o teu coração.

Fiquei atónito: era verdade que começara a amar Pachita e a respeitar o Irmão; sentia que me devolvera a fé, me aceitara e me mostrara o ilimitado sem me pedir que deixasse o corpo. Mas de que investidura falava? Ao entrar no recinto, eu sofria sempre uma mudança. Sentia-me relaxado e atento, experimentava um contacto com o divino e respeitava e amava o trabalho e a obra que ali se realizavam. O Irmão ligava-me ao familiar e ao humano e todos os meus conhecimentos e habilidades subordinavam-se à sua ajuda. Seria isso que queria dizer "deixar a investidura lá fora"?… Não o soube, nem imaginei, que nessa noite ia ver o inimaginável e, ao mesmo tempo, receber uma humilhação terrível. No dia seguinte a essa noite, viria a experimentar o verdadeiro temor a Javé, e o meu pensamento desapareceria, dando lugar a uma angústia e a um vazio totais. Tranquilizei Z. e tentei não dar atenção à tensão que o Dr. M. costumava criar, preparando-me para o primeiro paciente.

Entrou um jovem de fato e gravata, acompanhado da esposa. Perguntei-lhe o nome e pedi-lhe que me desse a mão e a apertasse se sentisse dor, quando, de repente, me dei conta de que era completamente surdo. A esposa falou por ele, confirmando a minha observação.

— O Fausto nasceu — disse, com voz nervosa — com surdez congénita num ouvido e, há um ano, perdeu o outro. Agora não ouve nada.

— Deite-se, meu carinhoso — indicou o Irmão, com as mãos. Segurei-lhe a cabeça enquanto o Irmão introduzia a faca no ouvido esquerdo. Parecia procurar algo, movendo e rodando a faca. Por fim, com um tom de triunfo, disse:

— Aqui está, encontrei o caracol.

Obviamente referia-se à cóclea no ouvido interno. Observei a penetração da faca, calculei a distância entre a cóclea e o ouvido externo e verifiquei que coincidiam. Não me perguntei se o tímpano tinha sido atravessado e a cadeia de ossículos do ouvido médio transposta. Confiei: o Irmão é capaz de chegar à cóclea diretamente e sem causar dano no caminho. A faca parecia manobrar dentro do caracol. O doente vibrava de dor e quase

superava o meu esforço para manter a cabeça imóvel. Por fim, a faca deixou de se mover e o Irmão aproximou a boca do ouvido e gritou:

— Fausto, ouves-me?… Fausto…

O operado não respondeu e ele tornou a perguntar:

— Fausto, ouves-me?

O Irmão virou-se para a esposa e pediu-lhe que falasse com o marido. Com a lanterna a iluminar-lhe a boca, fez com que o Fausto lesse os seus lábios:

— Se te dói, disse, se ouves alguma coisa, diz-nos…

O Irmão continuou a manobrar a faca e, pouco depois, disse que queria experimentar com o outro ouvido. Virei-lhe a cabeça e a manobra de introdução e busca da cóclea repetiu-se. O Fausto continuava sem ouvir, apesar de todos os esforços do Irmão.

— Vou enxertar um novo caracol — disse ele subitamente.

Sem saber de onde surgira, vi um pequeno osso na mão do Irmão. Introduziu-o no ouvido e, com a ponta da faca, empurrou-o para dentro. Aproximou a boca do ouvido e perguntou:

— Como te chamas?

— Fausto! — respondeu o homem.

Virámo-nos todos e sorrimos.

— Fala-lhe, irmão Jacobo.

Aproximei-me e perguntei-lhe se nos ouvia.

— Está nervoso — disse o Irmão —, mas já ouve.

Tapámos-lhe os ouvidos com algodão e despedimo-lo. A esposa agradeceu-nos e saiu do recinto. Depois trouxeram um menino que também tinha problemas de audição, mas não conseguimos mantê-lo quieto. O Irmão decidiu não o operar e pediu à mãe que continuasse a dar-lhe os remédios que lhe receitara e que o trouxesse noutra ocasião, depois de o acalmar.

A paciente seguinte era uma jovem amiga do Memo, um dos filhos de Pachita. Extremamente nervosa, agarrava-se à mão do Memo, suplicando-lhe que não se afastasse dela. A brincar, o Memo tentava acalmá-la até que o Irmão interveio com suavidade:

— Vamos, minha carinhosa menina, relaxa, que nada te vai acontecer.

Era um caso de apêndice que precisava de ser extraído. O Irmão introduziu a faca com firmeza e fez uma abertura de quinze centímetros no flanco da doente. Eu observava, fascinado, as suas manobras e tentava não me distrair com a negatividade do Dr. M. Por alguma razão, na presença dele,

tudo se transformava do mágico em mundano, do maravilhoso em rotineiro, do incrível em corriqueiro. Também, por uma razão estranha, durante a sua presença as feridas não eram saturadas de imediato e os doentes sangravam e queixavam-se mais. Z. resfolegava ao meu lado, seguramente com os mesmos pensamentos que eu tentava afastar.

— Olha, irmão Jacobo — chamou-me o Irmão, indicando um tecido alongado que acabara de extrair do flanco.

— É o apêndice? — perguntei.

— Sim, meu carinhoso menino, o mesmo.

Decidi saturar e pedi ao Dr. M. que afastasse as mãos, que naquele momento se preparavam para enfaixar o abdómen da doente. O meu pedido foi recusado e, num acesso de fúria, agarrei nas mãos do médico e afastei-as com um movimento rápido e intenso; saturei e depois enfaixei.

— Mas o quê!… — increpou-me o Dr. M., com cinismo —, o senhor também cura?…

— Devia era ter vergonha de manifestar uma dúvida neste recinto — disse-lhe.

O Dr. M. afastou-se da cama de operações e, num grito furibundo e extremamente emocional, vociferou:

— Nunca vi tal falta de respeito! Eu nunca duvidei do Irmão, mas de si, sim. Conheço-o e sei quem é, e o senhor não pode curar!…

Depois de dizer isto, abandonou o recinto e continuámos a ouvir os seus gritos no pátio.

— Perdoe-os — dizia o Irmão à recém-operada —, perdoe-os…

Z. olhou-me com ar de cumplicidade e notei um sorriso na cara de "Pachita".

— Entre, minha linda menina — disse o Irmão a uma senhora jovem, de movimentos extremamente lentos. — Vamos arranjar essa cabecinha carinhosa, minha doce rapariguinha. Deita-te, minha menininha.

Ia eu presenciar algo que ultrapassaria tudo o que tinha visto: algo incrível e maravilhoso. A mulher deitou-se e, sem mostrar sinal de dor, deixou que a faca de mato penetrasse na parte posterior da cabeça.

— Preciso da serra — disse o Irmão.

Com ela, a doente foi trepanada e, depois, a faca foi penetrando no cérebro. Com um movimento lateral e, a seguir, extrativo, toda uma zona de córtex foi retirada. Olhei, atónito, e dei-me conta das dimensões: aproximadamente sete centímetros de comprimento e três de espessura.

Aquela massa sanguinolenta, coberta de circunvoluções, foi depositada na mesa contígua ao corpo de Cuauhtémoc.

De um saco de plástico, a mão da Santa extraiu um tecido semelhante ao amputado. Fresco na aparência e rosado no tom, uma fatia de córtex ocupou as mãos do Irmão. Como se fosse um bebé recém-desmamado, o Irmão embalou o tecido e falou-lhe com palavras amorosas… vive, vive… vive… dizia-lhe e, de seguida, introduziu-o no vazio deixado pelo córtex em falta. Numa segunda manobra similar, outro pedaço de cérebro foi enxertado. Logo a seguir, a boca do Irmão aproximou-se da trepanação: falou-lhe, consolou-a e soprou-lhe o alento. Saturei e enfaixámos totalmente a cabeça. Observei a mulher e perguntei-lhe como se sentia.

— Estou bem, irmãozinho, muito bem.

Cobrimo-la com o lençol e levaram-na a descansar.

Meu Deus. Meu Deus. Meu Deus. Não conseguia parar de dizer "Meu Deus", enquanto uma nova paciente entrava no recinto.

Era uma senhora de idade e muito obesa, queixando-se de dores intensas nas costas. Eu já tinha visto várias operações à coluna, incluindo aquelas a que chamavam "líquidos". Nestas, o líquido cefalorraquidiano era injetado a partir da base da coluna. Nesta operação, o Irmão usou uma técnica que me trouxe à memória uma imagem da infância. Usando um copo de vidro saturado em álcool, o Irmão ateou-lhe fogo e colocou-o ipso facto na base da coluna. O vazio criado fez surgir uma excrescência de pele que, em forma de bolha, penetrou no copo. Com a faca, a mão de Cuauhtémoc abriu as costas alguns centímetros acima do copo, descobriu as vértebras e, antes de enxertar um osso nelas, pediu que as pernas da doente fossem colocadas ao mesmo nível de comprimento e no mesmo plano horizontal. Saturei a ferida e, depois de a doente ser levada, perguntei ao Irmão acerca do procedimento.

— É para evitar hemorragias — disse ele rapidamente.

Eu tinha visto uma manobra semelhante em casa do meu avô materno e a recordação de vários copos colocados nas costas, puxando a carne, ficara-me na mente como visão de algo muito estranho.

Em seguida trouxeram uma velhinha. O cabelo completamente branco e o corpo demasiado flácido ocuparam a cama, colocando-se de barriga para baixo. O Irmão recebeu-a com os carinhos habituais e, apesar de já os ter ouvido tantas vezes, senti uma grande ternura ao escutar como

chamava “menininha” àquela velhinha. Pareceu-me notar-lhe no rosto um retorno à infância e uma confiança total naquela mulher que, de repente, reavivava uma mãe morta.

— Dói-me muito a perna — disse a velhinha ao Irmão —. O meu fémur está muito mal.

— Não se preocupe, minha carinhosa, já vai ver como isso se compõe.

Depois destas palavras, a faca de mato penetrou na coxa e deixou a descoberto os ossos. Com uma serra, Cuauhtémoc começou a raspar o tecido ósseo. Soava como o roçar de uma lixa numa madeira áspera. Por fim, algo foi alinhado no interior da perna e a operação deu-se por terminada.

O paciente seguinte vinha da vila de Parral. Uma mulher roliça e robusta, acompanhada do marido, deitou-se de barriga para baixo na cama. Descobrimos-lhe as costas enquanto o marido explicava que, numa operação anterior, o Irmão lhe tinha extraído um cancro pulmonar, mas que a doente continuava a tossir e com graves incómodos respiratórios.

— Ora vejamos, minha carinhosa mulherzinha — disse-lhe o Irmão —: o seu cancro está curado e a senhora é que não o entendeu. Quando pensamos que estamos mal, o corpo adoece. A senhora já está bem. Os incómodos que sente vamos corrigi-los com outra operação, mas tem de colaborar. Não pense que está doente e deixará de ter incómodos.

— Sim, Irmão, prometo.

De seguida, foi feita uma grande incisão no flanco esquerdo e, depois, com a ajuda da faca, foi extraída uma grande massa orgânica escura.

— Vamos colocar um pulmão novo — disse o Irmão, pegando num tecido esbranquiçado que retirou de um saco de plástico.

Colocou o tecido na ponta da faca e introduziu-o na cavidade. Com um sussurro quase impercetível, o pulmão enxertado ocupou o lugar do extraído. Prestei muita atenção à respiração da doente e não notei qualquer alteração durante toda a manobra cirúrgica.

Saturei e apercebi-me de que não sabia quanto tempo deveria fazê-lo antes de retirar as mãos. Em todas as ocasiões em que saturara, uma voz interior tinha-me indicado o tempo, mas agora quis ver. Coloquei as mãos sobre a ferida e, no momento em que a voz mo indicou, afastei-as e ergui o algodão que colocava sempre sobre a pele. A tremenda incisão

estava completamente fechada e não havia vestígios de sangue nem cicatriz apreciável. Virei-me para a esquerda e vi entrar o Dr. M., trazendo pela mão uma doente.

Durante a operação ao cérebro, o tecido cortical que fora extraído e colocado na mesinha junto à cadeira do Irmão desaparecera. Um poder estranho desintegrara-o, sem deixar qualquer rasto da sua anterior presença. Exatamente o mesmo acontecera com o pulmão extraído. A mim, já não me surpreendiam essas desaparições e as complementares materializações que observara. Na verdade, nos meses anteriores ao meu encontro com Cuauhtémoc, tinha-me dedicado a afirmar a minha teoria sintérgica do contínuo espaço-matéria. Nessa teoria, considerava a matéria como o extremo de baixa sintergia do contínuo, definindo-o, fundamentalmente, como o conjunto de pontos contendo maior ou menor informação concentrada e com maior ou menor redundância. A matéria era a menos convergente e a de menor redundância, enquanto o espaço era capaz de conter, em cada um dos seus pontos, quantidades colossais de informação com elevada redundância.

O cérebro era um instrumento de interação com a estrutura sintérgica do espaço através da ativação e posterior expansão de campos energéticos. A interseção entre esses campos (neurais) e a organização do espaço, além de criar a experiência, afetava o espaço em qualquer sentido sintérgico (diminuindo ou aumentando a sintergia). Assim, uma morfologia do Campo Neuronal podia diminuir a sintergia do espaço e, desse modo, materializar um objeto, ou, ao contrário, aumentá-la, tendo como resultado a desmaterialização. Outras entidades podiam fazer o mesmo. Assim, era compreensível que aceitasse o que via e que, além disso, me organizasse, em vez de desorganizar os meus pensamentos. No entanto, ver a desaparição de um tecido cerebral ou a materialização de um rim, de uma bexiga ou de uma porção de córtex cerebral tinha o encanto e o mistério da complexidade e da especificidade.

Uma belíssima rapariga americana, paciente do Dr. M., muito alta, de porte lindíssimo e olhar carinhoso, ocupou o seu lugar na cama de operações. O contacto constante com os milagres realizados pelo Irmão fizera mudar o meu ponto de referência, e uma fé total em Deus, bem como uma penetração em diferentes escalas e níveis de consciência, estavam a tornar-se acompanhantes quotidianos dos meus pensamentos. Lembrei-me do Don Lucio e do seu discípulo preferido, Alejandro. O primeiro não

precisava de entrar em transe mediúnico para falar com espíritos e seres desencarnados. O Alejandro aprendia a técnica e, quando tínhamos oportunidade, comparávamos as nossas perceções vibracionais e admirávamo-nos com a concordância de sensações subtis que diferentes lugares nos provocavam a ambos.

— Irmão — disse o Dr. M. —, trata-se de um caso que te envia o Dr. V. Há tempo, esta rapariga magoou o tornozelo direito e foi operada de forma convencional. O resultado não foi muito positivo; é incapaz de realizar certos movimentos do pé sem sentir dores muito intensas.

O rosto do Irmão mudou por instantes e consegui entrever uma intenção subtil na sua testa.

— Mas eu não sei nada de tornozelos, músculos e tendões — disse ele de súbito ao Dr. M.

Este surpreendeu-se e, com um ligeiro encolher de ombros, esteve prestes a aceitar a confissão como válida. Seguramente houve uma terrível luta no interior daquele homem e, finalmente, o que havia presenciado sobrepôs-se ao seu estado de dúvida natural.

— Você sabe mais do que eu — continuou o Irmão, com uma clara intencionalidade trocista.

— Não, Irmão — respondeu o Dr. M. —, como é que não há de saber?

— Bem, vamos tentar.

Eu tinha tomado a mão da rapariga, enquanto a mão do Irmão percorria o seu tornozelo e detetava a lesão.

— O tendão está mal — disse de repente —, e a inserção muscular está demasiado rígida.

Com a faca, abriu o tornozelo e começou a manobrar a sua estrutura muscular e tendinosa. A rapariga respirava muito fundo, tentando acalmar a dor que sentia. Eu procurava acalmá-la, acariciando-lhe a testa e apertando-lhe a mão.

— Pergunta-lhe se consegue mexer o pé — indicou o Irmão. — Diz-lhe que flita a perna, que mexa os dedos, que rode o pé…

À medida que a intervenção prosseguia, os movimentos eram realizados cada vez com maior facilidade e sem dor. Por fim, o Dr. M. enfaixou, e a rapariga perguntou-me se tinham terminado e se, além de arranjarem o tendão, tinham libertado a rigidez muscular.

— Não te preocupes — respondi —, está tudo bem.

— És maravilhoso — disse ela, enquanto a envolvia com os lençóis.

De seguida, passou um menino de cerca de dez anos.

— Olá, meu carinhoso menininho, o que é que se passa contigo? — perguntou o Irmão.

— Dói-me aqui — disse o rapaz, tocando no estômago.

A mãe explicou que se tratava de uma hérnia que não conseguira curar. O menino deitou-se de barriga para cima e a mão do Irmão começou a auscultar-lhe o ventre. Tomou-me a mão e fez-me sentir uma excrescência rígida, localizada por cima do umbigo.

— Que hérnia, qual quê — sussurrou o Irmão.

Coloquei algodões para delimitar a zona e, de seguida, a faca abriu uma área de cerca de vinte e cinco centímetros no ventre. Prestei muita atenção ao corte e apercebi-me de que Cuauhtémoc, no corpo de Pachita, parecia não exercer pressão alguma nem fazer esforço considerável, bastando o contacto subtil do metal da lâmina sobre a pele para que esta se abrisse. Em menos de um minuto, um tumor do tamanho de uma bola de frontão, escuro e fétido, tinha sido extraído do corpo do menino. Apressando-me a saturar, voltei a notar a ausência de vestígios de sangue e a perfeita união da pele, sem deixar rasto de qualquer cicatriz.

— Como pôde viver tanto tempo com isso? Não entendo! — disse o Irmão, despedindo-se do doentinho.

Ao sair do recinto, notei uma mudança súbita no nível energético. Olhei e, nesse momento, o Irmão começou a falar:

— Agora sim, meus irmãos — disse, muito sério —, quero que saiam. O próximo caso é um "dano" e não quero comprometer-vos.

Um doente, deitado junto ao altar e recém-operado, levantou-se nesse instante e, levando às costas o seu lençol, fugiu do recinto. Todos sorrimos e trocámos olhares. Afastei-me da cama de operações em direção à saída e convidei o Dr. M. a fazer o mesmo. Este enfureceu-se de novo e, aos gritos, respondeu-me que a indicação do Irmão não se aplicava a ele, que sim, que ele ajudava nos "feitiços".

— Precisas da minha ajuda também? — perguntei ao Irmão.

Virou-se para mim e disse:

— Não, irmão, este "dano" derrubaria a tua mente.

Esperei no pátio, curioso por saber o resultado dessa última intervenção. Dez minutos depois, fui convidado a entrar no recinto. O

corpo de Pachita estava sentado junto ao altar e o Irmão dava as suas habituais indicações aos ajudantes.

— Irmãos — disse-nos —, devemos perdoar-nos e não causar alterações desagradáveis. O Memo aproximou-se e disse-lhe que ele deveria impor a ordem, pois a sua autoridade é que decidia.

— Eu? — respondeu o Irmão —, eu a penetrar em assuntos munfeitiços? Ou se está aqui ou se está lá; não existem pontos intermédios. A oração fora tão clara e forte que todos permanecemos em silêncio. Este foi interrompido pela despedida do Irmão. Erguendo o braço direito, disse-nos adeus. Cercámos "Pachita" e, com as palmas das mãos abertas e voltadas para ela, protegemo-la da possível intrusão de um "baixo astral". O instante da despedida do Irmão e da recuperação da consciência quotidiana de Pachita era de grande perigo e provocava sempre um estado de tensão e atenção sustentada. Em poucos segundos e depois de várias sacudidelas musculares, Pachita voltou a si. Como sempre, alisou o cabelo e esfregou os olhos. Pediu líquido balsâmico e com ele esfregou o rosto, as mãos, o cabelo e a nuca.

Saí da casa de Pachita com uma sensação muito desagradável. Era incrível como me deixava levar pela zanga e como cedia perante a presença do Dr. M. O Armando tinha-me dito, à saída do recinto, que me era proibido zangar-me — e eu repeti-o a mim mesmo até chegar a casa.

O Irmão tinha-se aborrecido com a falta de unidade. As pessoas que o ajudávamos não estávamos à altura das circunstâncias. Nos dias seguintes, meditei sobre a unidade. Era tão clara a existência de entidades que, como o Irmão, pareciam ter independência e vida própria, que isso me fazia duvidar. Por fim, voltei ao que considerava fundamento: somos um e o nosso corpo não tem limites.

Toda a manifestação é e provém do mesmo. Na física contemporânea, uma partícula aparentemente separada das outras é, na realidade, a intensificação de um intervalo de frequência do mesmo e único Campo Quântico. O mesmo acontece com a consciência. Cada consciência provém de uma consciência global e unificadora do todo. Cada ser está a caminho da unidade com o todo e atravessa diferentes experiências para lá chegar. O mesmo ocorre no cérebro. A frequência do Campo Neuronal aumenta com a evolução. A certa altura, o campo confunde-se e torna-se indistinguível da estrutura do espaço. Torna-se um com esta última e, assim, a consciência individual estabelece um contacto íntimo com o

absoluto e indiferenciado. Isso é Deus, a única divindade de que todos somos parte. As suas leis são as leis do universo e a sua estrutura é a sintergia comum a qualquer organização.

CUAUHTÉMOC

Catorze de julho, aniversário do nascimento terreno de Cuauhtémoc. Cheguei à casa de Pachita e, pela primeira vez, vi iluminado o recinto das operações. A cortina, corrida, e o altar à vista mostravam-se em toda a sua magnificência. Centenas de rosas perfumavam e coloriam os sete degraus do altar. Um quadro magnífico de Cuauhtémoc, à esquerda, resguardava um Cristo talhado.

Outro Cuauhtémoc, à direita, servia de moldura a um quadro de Cristo. O rei asteca via-se pleno de poder e o seu olhar, dirigido ao céu e protegido por uma águia gigantesca, atestava o seu misticismo e a sua fé. Papéis de cores vivas e uma vasilha repleta de pétalas aguardavam a aparição de Pachita. A menina primorosa, numa cadeira de rodas — aquela que sofrera uma sobredosagem de anestesia —, também esperava, fitando as flores e os pais. Dona Candelaria, a pessoa que mais sabia da obra de Pachita, entrava e saía apressada, arranjando flores e colocando um lençol branco por cima de três cadeiras à direita do altar.

Passados alguns minutos, chegou Pachita. Parecia alegre, mas ligeiramente cansada. Saudou cada um dos que esperávamos e sentou-se numa cadeira colocada em frente do altar. Chamou por três pessoas, que se sentaram nas cadeiras da direita. A senhora U. aproximou-se de mim e disse-me que a senhora sentada na cadeira do meio era muito estranha. A seus lados, sentaram-se também os antigos discípulos de Pachita e, de imediato, fecharam os olhos. “Vai acontecer aqui algo extraordinário”, disse para comigo, pensativo; seguramente, estas três pessoas interviriam em algum transe ou equilíbrio energético.

Pachita levantou-se da cadeira e aproximou-se do altar; pegou num tecido brilhante de cor violeta, repleto de sininhos e bordados do antigo México, e colocou-o sobre os ombros como túnica. Voltou a sentar-se e apagaram as luzes. “Certamente está à espera do Irmão”, pensei, “é o momento em que ele se apossa do seu corpo.” Em silêncio total, aguardámos alguns minutos e, de repente, a senhora sentada na cadeira do meio começou a gritar, depois de se contorcer violentamente. Dos seus

lábios saía um discurso proferido a tal velocidade e num idioma tão estranho que não entendi nada do que dizia. Certa vez ouvi a Petra falar "mexicano" e aquilo tinha certa semelhança de entoação. Segundos antes de Pachita também se contorcer, Dona Candelaria lançou-lhe pétalas de rosa. Todos a imitámos — Candelaria tinha distribuído as pétalas e dissera-me para as atirar no momento em que o Irmão aparecesse.

Enquanto Candelaria entoava umas "manhãzinhas", com o auxílio e a participação de todos, Pachita entrou em transe. Reproduzo aqui o canto inocente e belíssimo:

MAÑANITAS AO HERMANITO CUAUHTÉMOC

Estas são as manhãzinhas que vimos cantar
a um Espírito Divino que vem do além-mar.
A este ser Omnipotente que o Senhor nos enviou
para nos dar conselhos e tirar todo o mal.
Vem depressa, Menino Bendito, vem consolar,
vem dar-nos os teus conselhos e todo o mal tirar.
Não somos merecedores da tua divina bondade,
mas és Luz Eterna nesta vida terrenal.
Todos te queremos muito, com todo o coração;
não nos deixes, Hermanito, leva-nos com o Criador.
Foste Rei nesta terra, foste grande Majestade,
e agora és Luz Eterna no trono Celestial.
Vem depressa, Menino Bendito, vem consolar,
vem dar-nos os teus conselhos e todo o mal tirar.

Rodeado de pétalas, o corpo de Pachita contorceu-se um instante e, depois, já com a voz profunda e cheia de certeza do Irmão, saudou-nos. — Queridos irmãos — disse-nos primeiro —, estou muito contente pelo vosso amor. Apesar de meu pai me ter proibido de estar convosco, aqui me tendes, desejoso de não vos dececionar. Ultimamente, ocorreram demasiadas coisas que não são inteiramente satisfatórias. Avizinha-se uma grande e terrível catástrofe e, hoje mais do que nunca, deveis aprender a amar e a dar tudo o que for possível.

Junto de mim, na sua cadeira de rodas, a menina sobre-anestesiada que havíamos operado uns dias antes parecia escutar a voz da mensagem. Oscilava na cadeira: por momentos com as costas direitas, logo

a seguir dobrando-se completamente até tocar com a testa nos joelhos. Os seus olhinhos saltavam da vela acesa no altar para a cadeira ocupada pelo corpo de Cuauhtémoc. Mantinha-se em total silêncio, mas, de súbito, emocionada, lançou uma exclamação de júbilo.

O Irmão voltou-se para a ver e disse que já o estava a "entender". As exclamações da menina repetiram-se várias vezes, sempre quando o Irmão falava de amor e de devoção a Deus; em contrapartida, permanecia calada durante as descrições concretas ou os conselhos. "É incrível", disse para comigo; "a menina está a detetar as abstrações mais profundas e as indicações de maior fundamento e não reage a tudo o que pertence ao mundo terreno, às descrições concretas e ao mundano. Será que aquilo que possui maior poder de abstração é, ao mesmo tempo, o mais fundamental? Talvez o estado de clara decorticação dessa menina a tenha posto em contacto com Deus e só perante Ele reaja."

O Irmão continuava a falar sobre a necessidade de dar e de amar, quando foi interrompido pela médium sentada na cadeira do centro. Falava como uma criança índia, pouco conhecedora do castelhano, ou como um ser muito primitivo, incapaz de uma expressão verbal clara:

"... eu querer tu muito, eu ajudar tu a curar perna cabecinha, tu deixar-me eu fazer carinho, tu a mim deixar-me estar e ajudar tu..."

O Irmão voltou-se para a ver e saudou-a:

— Podes ficar, minha carinhosa menina; podes estar connosco, mas seguindo as leis do teu reino e em paz.

"... eu a tu querer muito, eu a tu graça dar-te..."

Dois dias depois, na meditação matinal com o meu grupo, eu tinha tentado aplicar o ensinamento do Irmão com uma entidade escura que habita a casa onde meditamos. Ao senti-la, convidei-a a permanecer e a receber "luz" da nossa parte. Para minha desilusão, não fui capaz de comunicar e faltaram-me forças para a ajudar e para me sobrepor ao vazio que me produziu.

O Irmão falou durante uns dez minutos, proferindo um discurso de tal beleza e profundidade que me sinto incapaz de o reproduzir aqui. Referiu que ele próprio não era um ser muito elevado, que aprendia continuamente e desejava ajudar os seus irmãos humanos com toda a sua capacidade e força, e com a ajuda do pai. Falou da sua carne, dizendo que era muito traquina e que ela (Pachita) não se cuidava como devia.

Abençoou-nos, pediu "luz" para todos nós e prometeu não abandonar o sofrimento da espécie e cooperar para trazer "luz" ao mundo.

Ao terminar, pediu que resolvêssemos as nossas paixões e não nos deixássemos levar por ódios, mal-entendidos ou zangas. Depois, dispôs-se a receber perguntas. A mãe da menina aproximou-se, beijou-lhe a mão e felicitou o Irmão pelo aniversário, agradecendo-lhe por ajudar a filha.

— Minha carinhosa menina — respondeu o Irmão —, a tua filha começará em breve a andar e, depois, a falar. Tudo isto é uma prova para ti e para o teu esposo. Ambos têm o coração puro e, quando conseguirem resolver o vosso problema, alcançarão o estado que vos permitirá aproximar-vos do divino.

— Mas porquê com ela? — protestou a mãe —, por que a fizeram sofrer a ela?

— É assim, minha linda rapariguinha; os caminhos do Senhor são os mais difíceis de trilhar. Mas tudo será felicidade e saúde dentro de pouco tempo: tende paciência e vereis.

Chorando, a mulher aproximou-se da filha e do marido. Uma a uma, as cerca de vinte pessoas que tínhamos acorrido à cerimónia aproximámo-nos para felicitar o Irmão. Uma senhora de meia-idade pediu-lhe que lhe contasse a sua vida quando fora rei asteca.

— Ai, minha menininha preciosa, essas lembranças são-me dolorosas, mas vou contar-te algumas coisas.

"... Vivíamos num paraíso. Os habitantes de Tenochtitlán viviam, como vós, sobre um solo rico. Debaixo da terra, ainda se conservam os diamantes, as esmeraldas e os rubis que, no meu tempo, abundavam nos terrenos e nos cultivos. Fui educado para reinar e, desde muito pequeno, meu pai ensinou-me, com a ajuda dos sacerdotes, a decifrar os códices e a administrar justiça. Quando tinha treze anos, ocupei o trono. Lembro-me de que me trouxeram um guerreiro que eu devia julgar. Jejuei durante três dias e depois estudei os códices.

À noite sonhava e, de madrugada, recordava os sonhos, procurando sinais para o veredito. Se sonhava que chovia, isso queria dizer que o homem devia ser encarcerado durante três dias e três noites. Se sonhava com o sol, o veredito e a sentença deviam ser diferentes. Eu não queria maltratá-lo nem feri-lo. Os historiadores cometeram muitos erros na minha biografia. Dizem coisas que não foram. Imagina-se? Eu, tão

pequenino, chegando ao recinto dos sacerdotes para dar sentença e explicar as razões que me tinham levado a ela. Mas tudo correu bem: aceitaram-me e, a partir desse momento, recebi muita ajuda. O meu tio Moctezuma aconselhava-me nas questões de governo.

"Um dia, o meu povo adoeceu. Já acontecera noutras ocasiões. A primeira, muitos centenas de anos antes — muito antes da chegada dos espanhóis —, tinham vindo uns frades que, sulcando o mar desde a Atlântida, atravessaram a nossa terra. Trouxeram-nos conhecimentos, mas também doenças.

Quando cumpri trinta e três anos, tive uma grande dificuldade, mas disso não vos vou falar. Nós conhecíamos muitos segredos da terra e do céu. Conhecíamos um líquido que, ao ser utilizado, podia destruir montanhas inteiras. Cuidado com o Pedregal de San Ángel! No seu subsolo, ainda se encontra esse líquido. Mas também disso não quero falar. Éramos bons, sabíamos ler as estrelas e comunicávamo-nos com Deus. Depois vieram os espanhóis e o meu povo sofreu muito. Nunca me casei nem tive filhos. Tinha uma noiva e o meu reinado terminou demasiado cedo..."

A descrição foi longa e cheia de imagens de uma época gloriosa e pura. Transparecia nela a saudade, simultaneamente com a pureza. A mulher agradeceu o relato e eu lembrei-me de um dos meus contos, no qual um ser extraterrestre descreve, diante de uma audiência extragalática, uma série de eventos — mas não os descreve verbalmente: fá-lo por transmissão direta de imagens. Também aqui, durante o relato de Cuauhtémoc, eu tinha visto, mais do que ouvido, as suas descrições.

Ao terminar, o Irmão preparou-se para novas perguntas. Aproximei-me e perguntei-lhe acerca da minha vida. Não desejo partilhar o que me disse, mas surpreendeu-me pela exatidão e certeza. Voltou a falar-me de San Andrés e agradeceu-me por o ter felicitado pelo aniversário. "Obrigado a ti", disse-lhe eu, "por me deixares ver o que vi e por me permitires escrevê-lo."

Depois de mim, um jovem que fora operado ao cérebro pelo Irmão aproximou-se para o felicitar. Via-se são e forte; os seus olhos brilhavam literalmente. Neste momento, enquanto escrevo, tenho diante de mim a lembrança do seu olhar. Na verdade, nunca tinha visto nada semelhante àqueles olhos absolutamente fosforescentes. O filho de Pachita aproximou-se a seguir:

— Irmão — disse-lhe —, quero pedir-lhe um grande favor. Quero pedir-te que leves o ser que tem tentado envenenar a minha mãe. Fez-se um silêncio expectante, quebrado por uma admoestação grave do Irmão:

— Isso nunca! O ser "escuro" vem para ser resgatado em "luz". O corpo de tua mãe resistirá a todos os embates, não te preocupes.

Depois vim a saber que alguém tinha colocado arsénico no sal da casa da Pachita. Na realidade, não tenho a certeza de que tenha sido assim, mas falou-se numa tentativa de envenenamento. Fiquei espantado e não quis perguntar mais nada. Por fim, o Irmão ergueu o braço direito e despediu-se. Julguei que a Pachita iria recobrar a consciência habitual, mas, em vez disso, e após um instante de tremor, outra entidade apoderou-se do corpo da santa. Lembrei-me de que, certa vez, se mencionara que a Pachita era um canal aberto e que aceitava qualquer entidade. A que tomou posse do seu corpo naquele momento foi uma cigana.

— Sou cigana — disse —, e posso ler as vossas mãos. Quem quer conhecer o seu destino?

Alguém adiantou a mão e a cigana começou a falar: "… o problema com a tua mulher resolver-se-á em breve. Receberás um encargo de viagem e isso ajudar-te-á nos teus negócios…". Logo a seguir, leu outra mão: "… a tua família dá-te alegria e, no entanto, tu estás triste. Deves aceitar a tua vida e regozijar-te com o que tens…". Eu não resisti à curiosidade e, colocando-me por detrás da "cigana", estendi o meu braço direito. A luz, exceto por uma lamparina de óleo colocada no altar, estava apagada. A cinquenta centímetros dos olhos, nenhum detalhe era percetível. Tomou a minha mão e disse de imediato:

... Israel, tem as marcas do apostolado. Foste André e o teu Mestre deixou uma pergunta por resolver. Tu regressaste para lhe dar a resposta. Dentro de pouco tempo receberás uma surpresa. Chegarás ao pináculo da fama. Encontraste-te e, daqui em diante, tudo será "luz" para ti…

— Santo Deus — exclamei, cheio de emoção. — A pergunta é a criação da experiência e os seus fundamentos; foi para isso que vim!… Uma rapariga alta, de olhos grandes e cabelo azeviche, estendeu a mão. "... foste egípcia e, a 13 de agosto, terás de vir falar comigo, não te esqueças…" Em 13 de agosto de 1521 concluiu-se a conquista de Tenochtitlán. "Memo!" — gritou a "cigana" —, "lembra a esta mulher o encontro comigo para 13 de agosto."

— Mas nós vamos para Parral — respondeu o Memo.
— Não importa, tenho de falar com ela a 13 de agosto.

Não me recordo de mais; houve tantas mãos e outras tantas histórias que a minha memória não é capaz de as evocar. Momentos antes de a cigana tomar posse do corpo da Pachita, a médium tinha começado, de novo, a falar: "... eu querer compor perna cabecinha, tu deixar-me, eu querer a tu..." Antes de a cigana partir, a médium estendeu-lhe a mão e a cigana disse-lhe que já estava convalescente e que não via sinais de doença.

— Despeço-me de vocês — disse depois a cigana.

O corpo da Pachita convulsionou-se e outra entidade penetrou-a: *… somos como flores que murcham quando não bebem água suficiente. No fim, encontramos Deus…* Depois do poema e num tom de voz intenso, esse ser identificou-se como Bocanegra. Novamente vieram as convulsões e uma voz triste e jovem surgiu na boca da Pachita: "... quero que a minha tia Cande venha…". Referia-se à Dona Candelaria e, nesse instante, adivinhei que era o filho morto da Pachita. Perdera-o nos distúrbios de 1968 e nunca o esquecera… A tristeza de Pachita fora tão grande que adoecera e perdera a visão. O filho morto continuava a falar: "… eu amo-vos e tenho saudades; cuidem da minha mãe e não a deixem sofrer…".

A cerimónia terminara e Pachita voltou à sua consciência. Pediu bálsamo e saudou-nos com a sua linguagem simples e do povo. Pedi à Dona Candelaria a letra das "manhãzinhas" e, depois de muito procurar, a Pachita indicou-nos o lugar onde se encontravam umas cópias. Enquanto alguém as procurava, o Armando trouxe-me a faca de mato e eu vi-a, pela primeira vez, com luz suficiente. O punho estava coberto e forrado com fita isoladora preta e a lâmina, sem fio e sem ponta, tinha gravado um índio com penacho.

"Parece o Cuauhtémoc", pensei, "mas sobretudo a estátua de prata do Patriarca" que o Armando trouxera para o altar. Devolvi a faca depois de a sentir e aproximei-me da Dona Candelaria. A mulher — de olhos castanhos, redondos e brilhantes, dentes salientes, estatura média e passo acelerado —, inteligente e certeira, convidou-me a atole e uns tamales que preparara por ocasião da cerimónia. Pedi-lhe que me cantasse de novo as manhãzinhas, e fê-lo com voz fresca. Todos admiravam a Candelaria e consideravam-na uma espécie de conhecedora absoluta dos mistérios do Irmão. Quase nunca falava e guardava para si os segredos.
— Também há uma canção de despedida — disse-me, ficando triste de

súbito. — Dá-me vontade de chorar quando me lembro, porque a cantámos quando a minha mãe estava a morrer.

Reproduzo aqui a letra:

PARA DESPEDIR O HERMANITO
Adeus, Cuauhtémoc formoso, Imperador do céu.
Tu trazes-nos o consolo e tiras-nos todo o mal.
Qual triste peregrino errante sigo eu.
Tu estendes-nos a mão para seguirmos o Senhor.
Cuauhtémoc foi o seu nome e a história o gravou
e, pelo seu grande esforço, a Glória conquistou.

OS SERES

Cheguei à casa da Pachita muito "saturado". Estacionei em frente ao mercado e meditei para elaborar tudo o que ficara por resolver. Usei todas as técnicas que conheço para chegar ao silêncio e ligar-me ao meu ser. Por fim, consegui, e assim penetrei no recinto das operações. Era quarta-feira e agradou-me não me cruzar com o Dr. M. Depois soube que, zangado, dissera que não voltaria a "ajudar" enquanto não se afastasse da Pachita a gente negativa (isto é, eu). O seu último chilique fora acusar os colaboradores íntimos da santa de serem uns ladrões.

Deitado de barriga para baixo, na cama de operações, estava um amigo do Z. Tinha a perna direita dois centímetros mais curta do que a esquerda. Pediram-me que puxasse o calcanhar direito enquanto o Irmão fazia uma incisão perto da coluna. Senti a perna a esticar-se e, ao ajudar a enfaixá-lo, apresentaram-me um novo colaborador do Irmão. Tinha uma força descomunal e, depois, quando lhe vi a cara, lembrou-me alguém que conheci há muito tempo. Parecia uma mistura de soldado romano e de… Pedro.

— Em nome de meu Pai, eu te saúdo — disse eu ao Irmão, ao terminar a operação.

— No mesmo nome eu te saúdo — respondeu-me com a doçura habitual.

— Como estão os teus amigos? — perguntou-me de seguida.

— Não os tenho visto — disse-lhe.

— Está bem, está bem, bendito seja Deus.

Uma senhora de meia-idade ocupou de seguida a mesa.

Coloquei-me à esquerda do novo ajudante e pedi-lhe que desse energia à paciente.

— O que tem a minha doce menina?

— Uma hérnia, Pachita, uma hérnia, mas não sei onde está.

— Onde é que te dói?

— Bem, aqui junto ao umbigo e também no flanco e aqui em cima…

— Mas, minha menina — disse o Irmão, a brincar —, não te vou operar de todos os sítios, pois não?

Depois de apalpar o ventre, a faca de mato penetrou o flanco da paciente. Após um breve esforço, algo foi cortado e um tecido escuro foi extraído da ferida.

— O que tinhas era um apêndice estragado — disse o Irmão à mulher. — Mas, olha, já to tirámos.

Tinha sido uma operação fácil e quase sem dor. Saturei a ferida; fechou imediatamente e, depois de enfaixar o abdómen, o novo ajudante pegou na doente como se não pesasse nada.

— Irmãos — começou a dizer o Irmão depois de levarem a mulher —, irmãos, quero fazer-vos um pedido. Vão trazer uma mulherzinha que tem muita fé em nós e que veio de muito longe. Por favor, oremos ao Pai para que a possamos ajudar.

"Deve ser um caso muito difícil", pensei de imediato, e estive tentado a perguntar pelo diagnóstico, mas contive-me. Rezei e, a meio da minha oração, um senhor muito preocupado entrou no recinto acompanhado da esposa.

— Deita-te, minha doce e carinhosa menina.

A mulher deitou-se e destapámos-lhe o ventre. Estava tremendamente inchado. Peguei-lhe na mão e comecei a acariciar-lhe a testa enquanto o Armando colocava algodões secos para delimitar um campo operatório.

— Oremos — voltou a pedir-nos o Irmão.

Depois de auscultar o ventre, o Irmão pediu uma tesoura com a qual cortou o flanco da doente. Depois introduziu a faca e rodou-a, alargando a incisão. Durante alguns segundos deixou-a imóvel e, em

seguida, pediu luz. Acendeu-se uma lanterna de mão e vi uma terrível abertura, de onde jorrava muito sangue.

— Preciso de fechar essa veia — disse o Irmão —, mantenham a luz acesa.

Num instante, manobrou com a faca e o sangue deixou de brotar. Da mesa à sua direita, pegou num tecido e pediu ao Armando que vertesse um líquido na ferida. De repente, algo se desprendeu do interior do corpo da paciente e, com voz de triunfo, o Irmão anunciou que conseguira extrair a parte podre do fígado. Logo a seguir, pediu-me que pressionasse ligeiramente o ventre e colocou duas grandes massas de tecido sobre a ferida. Reconheci que eram pedaços de fígado. Com a ponta da faca, introduziu-os na cavidade aberta e, depois, pediu-me que saturasse. Fi-lo com toda a minha energia e, à luz da lanterna de mão, permitiu-me ver como a ferida se fechava sem deixar rasto, engolindo praticamente os tecidos.

— Agora vou pedir a todos que levantem com cuidado esta carinhosa menina e a coloquem de lado.

Com a ajuda do Armando, assim fizemos. A mão do Irmão tomou de novo a faca e introduziu-a na pele. Fez uma abertura de cerca de dez centímetros. Pediu à Dona Candelaria uma boneca.

— Dá-me uma boneca, depressa — disse.

No meio da surpresa, vi a Cande pegar num algodão seco e fazer um novelo com ele. Essa era a "boneca" que a mão do Irmão introduziu na ferida. A mulher queixava-se amargamente e eu pedi-lhe que rezasse em voz alta: "Pai-Nosso que estais nos céus, santificado seja o vosso nome…".

Durante os cinco minutos seguintes, a mulher recitou a oração mais exata e precisa que jamais ouvi. Eu abraçava-a, tentando acalmar a dor. A mão do Irmão colocou outro pedaço de tecido sobre a ferida. A cor era vermelho intenso e a forma elíptica. A pele estava aberta e o tecido sobre ela. Olhei para o rosto da mulher e, de seguida, para a incisão e, diante dos meus olhos (a luz da lanterna iluminava o campo operatório), o tecido desapareceu e, segundos depois, a ferida fechou-se. Apesar de ter visto tantas vezes um fenómeno semelhante, este foi tão claro e dramático que senti uma emoção tremenda. O Irmão pediu-me que saturasse, apesar de a ferida se ter fechado por si mesma, e eu obedeci. "Saturar" — disse para comigo — não é só fechar a ferida, é também enviar energia para o interior do corpo.

Enfaixámos a mulher e, depois de a levarem, perguntei ao Irmão se o terrível inchaço do seu ventre era uma gravidez.

— Não — disse —, é resultado de um cancro muito avançado.

— O que se segue é um "dano" — disse o Irmão, em voz grave.

Um senhor de idade, vindo da Cidade Netzahualcóyotl, entrou no recinto; pediram-lhe que se deitasse de barriga para cima e, tal como quando o Leo me pedira para não me distrair, assim o fiz com o novo ajudante.

— Não te distraias um só segundo — disse-lhe eu, sentindo-me seu protetor.

— O que se passa contigo, homem de Deus? — perguntou o Irmão. — Onde está esse animal que sentes que se move dentro do teu corpo?

— Aqui — disse o homem, apontando para a parte esquerda da perna, junto ao pénis.

— Isso é por andares com mulheres a mais — disse o Irmão ao paciente.

Rimo-nos e eu pedi algodões. Com a faca, a mão do Irmão abriu a carne e começou a cortar o interior. O homem queixava-se terrivelmente. Os seus gritos trespassaram-me, e pensei que a mulher é muito mais resistente à dor do que o homem. O Irmão pediu-me que introduzisse a mão na cavidade e, com a sua mão, fez-me tocar um tecido muito duro, incrustado no interior do corpo.

— Queres que o segure? — perguntei logo.

— Não, irmão Jacobo, isso picar-te-ia terrivelmente.

Os esforços para extrair o "dano" prosseguiam, enquanto o homem continuava a queixar-se horrivelmente. Por fim, o "dano" foi extraído e colocado sobre um papel preto, segurado pelo Armando.

— Armando — perguntei —, tu também viste como o tecido desapareceu na mulher?

— Essa mulher — respondeu-me — tinha um cancro muito avançado. A operação foi múltipla. Arranjaram-lhe o fígado e o pâncreas e enxertou-se-lhe uma vesícula nova. Deves lembrar-te — continuou — de que toda uma equipa de cirurgiões ajuda o Irmão. Quando o tecido foi colocado sobre a pele, eles introduziram-no por dentro, fecharam a ferida e começaram a ligar os minúsculos ductos internos.

O Armando calou-se um instante e, como se de repente se tivesse lembrado de algo, prosseguiu:

— O trabalho operatório não termina com a operação. Os seres continuam a trabalhar os enxertos, a ligar ductos, a dar energia e a restabelecer e fortalecer as células.

O Irmão sentou-se numa cadeira junto aos altares e, enquanto o rodeávamos, despediu-se rapidamente de todos nós com o seu gesto habitual de erguer marcialmente o braço direito. A sessão tinha terminado e eu aproximei-me da Dona Candelaria.

— Cande — disse-lhe —, a senhora vê mais do que nós, não é verdade?

— Eu vejo que à volta das suas mãos há outras mãos. A verdade é que só vejo o corpo do doente sem roupas e essas mãos. Quase não vejo as suas mãos, nem as da Pachita. Essas outras mãos brilham mais e assustam-me sempre. Por isso, já vê que não me aproximo.

— E como são essas mãos?

— Têm dedos compridos e brilham.

— Usam instrumentos?

— Sim, cortam, saturam, estancam o sangue… são muito rápidas. — A verdade é que as suas mãos são ocupadas por essas mãos brilhantes e eu sei que, quando o senhor mexe um dedo, são elas que o fazem, mas o senhor não se dá conta.

— E a Pachita?

— Ela também não, é rápido demais.

Por alguma razão, lembrei-me do lençol encharcado de sangue da cura da mulher com cancro e do súbito desaparecimento do tecido colocado sobre a incisão, e de como esta se fechara diante dos meus olhos. “Esses seres”, pensei, “é que operam, e é toda uma equipa que atingiu uma perfeição absoluta e total.”

A Dona Candelaria continuava:

— Um dia, há muitos anos, deu-me curiosidade de ver o Irmão. Pedi-lhe que me mostrasse o corpo e, durante uma operação, comecei a vê-lo. Foi como um relâmpago e assustei-me tanto que lhe pedi que deixasse de se mostrar. Só cheguei a ver-lhe as pernas. Pareciam dois troncos e eram brilhantes e prateadas. Zombou de mim e disse-me por que razão primeiro pedia e depois já não queria ver. O senhor não vai acreditar, mas um dia disse-nos o Irmão que precisava de uma liana para uma operação. Eu era

muito jovem então e fui com a minha irmã a Chapultepec procurar a liana. Mas nenhuma de nós sabia o que era uma liana. De repente, apareceu-me o Irmão, vestido como um senhor qualquer, e disse-me: "As lianas são como cordas que pendem das árvores, olha, como aquela."

— Sabe como somos nós, as mulheres: estava tão giro e tão forte que me esqueci da liana e, com a minha irmã, comecei a segui-lo por todo o Chapultepec, só por ser mulher e ele homem. De repente, estávamos a aproximar-nos quando, puf!, desapareceu. Sim, mesmo ali, no meio de Chapultepec. Levámos tal susto que corremos a procurar a liana. Quando voltámos, o Irmão ralhou connosco. Mas já não em corpo, e sim em espírito, através da Pachita. Disse-nos: "Vejam só estas mulheres que se esquecem dos mandatos!"

— O meu marido vinha ajudar-nos, mas era muito bebedor. Às vezes troçava de mim e dizia que eu só via visões. Eu trazia uma gravidez de seis meses. Um dia, o Irmão disse que, como sinal e para deixarmos de duvidar, me ia fazer desaparecer o meu menino. Contei ao meu marido e ele continuou a troçar. Dizia que eram só ideias e que eu estava mal da cabeça. Pois não vai acreditar, mas, estando uma noite neste mesmo quarto, sentia-me meio tonta e, passados instantes, dei-me conta de que já não tinha nada no ventre. Esfumou-mo e desapareceu. Desde esse dia, o meu companheiro não voltou a ajudar-nos.

Aproximei-me para me despedir da Pachita e ela disse-me que tinha ido pedir dinheiro ao G. e que ele lhe tinha negado.

— A sério? — perguntei, alarmado.

— Não, homem, embora os que têm devessem dar aos que não têm.

— E para que queres o dinheiro?

— Quero comprar um leão.

— O quê?

— Sim, vendem-mo por quinze mil pesos e quero tê-lo aqui em casa.

A Pachita olhou para o Z. e disse-lhe:

— Tu empresta-me o dinheiro, vá lá, não sejas mau.

— Para o leão não te empresto — respondeu o Z. —, imagina que lhe entra um "dano" e sai da jaula e come-nos a todos.

— Pois bem que o merecem — ripostou a Pachita. — Bem, pensando melhor, talvez não fosse muito bom comprar um leão. Já não quero comprar um leão!

Rimo-nos todos e eu despedi-me daquela mulher incrível. À saída, a mulher do apêndice pediu-me que a levasse a casa. Ela, dois acompanhantes e um ajudante da Pachita saímos para a rua. Havia lua cheia e a cidade deu-nos as boas-vindas.

— Esse Dr. M.! — disse-me de súbito o ajudante. — Acusou-me de ser ladrão e, além disso, julga-se dono da Pachita. Se não fosse porque os meus pais me ensinaram a respeitar as pessoas de mais idade, eu tinha-lhe batido.

Eu não queria ouvir mais nada acerca desse doutor. Levei-os a casa e depois fui para a minha, devagar, desfrutando do fresco da noite e saboreando as imagens que tinha visto durante o dia. No dia seguinte, todos iriam para Parral. A Pachita ia saudar os seus coras e levar-lhes presentes. Lembrei-me de que o ajudante da Santa me falara sobre a clínica de Parral.

— Quando lá vamos — disse-me, muito sério —, trabalhamos duro. O problema é que lá são muito fortes e, quando há escuridão, toca-nos a valer. À noite ouvimos passos e as coisas caem. O único que aguenta é o Enrique e ele ajuda muito a mãe.

O HOMEM

O ser humano gosta de exercer uma influência canalizadora sobre a organização energética indiferenciada que constitui o contínuo espaço-matéria. Por isso constrói cidades, ruas, linhas energéticas, transmissões direcionais e o seu próprio corpo. Paga a transformação do absoluto em relativo com uma luta para manter a estrutura energética que ele mesmo criou. Obtém satisfação no controlo e vê a sua limitada capacidade de criação com os olhos da fantasia mais desenfreada. Só quando entra em contacto com o que chama sobrenatural, divino ou simplesmente estranho, se apercebe da sua limitação quotidiana. Contudo, quem se tiver conservado suficientemente inocente, incisivo e astuto para se aperceber de que o quotidiano implica a criação da experiência, sentirá no contacto com o divino uma confirmação da sua própria natureza.

A Pachita anunciou que iria a Parral. Fui despedir-me dela numa noite. Na verdade, não sabia se a iria encontrar ou se já tinha saído para Parral. Sentia-me muito triste por um problema pessoal e, no fundo do meu ser, tinha a esperança de que ela me ajudasse a sair dele. Encontrei a casa cheia de luz e os seus habitantes a fazer malas. S. M., de Parral, tinha-lhes

enviado uma carrinha para a viagem e preparavam-se para a embarcar. Escolhi uma cadeira da cozinha e sentei-me a meditar. Passado pouco, apareceu a Pachita e cumprimentou-me. Notei que o seu rosto tinha envelhecido e que também parecia triste.

— Como estás, Jacobo?

— A meditar, Pachita, a tentar ligar-me a mim mesmo e a tirar-me a tristeza.

— A meditação e a não meditação são a mesma coisa — respondeu —. E que te acontece?

— A minha vida é muito cheia, estudo o cérebro e o seu contacto com Deus, mas no amor sou um fracasso.

— Ai, Jacabo, é assim: tem-se de passar por muitas coisas e aquilo que se julga que está bem acaba por ter uma falha.

Lembrei-me de um provérbio salomónico e estive quase a recitá-lo, mas não consegui: "Do homem são as disposições do coração; mas do Senhor é a resposta da língua. Todos os caminhos do homem são limpos aos seus olhos, mas o Senhor pesa os espíritos."

— Às vezes, vê-se com a ilusão da juventude e da beleza física. Por isso existem os ciúmes — disse-me a Pachita. — Os meus olhos já não têm lágrimas de tanto chorar, e hoje agarrou-me um constipado.

— Constipado? Tu? — perguntei, alarmado.

— O constipado — disse — é um choro não contido.

— Pois eu não sei — respondeu —, distraí-me e, por isso, apanhei-o.

"Chorou tanto", pensei comigo, "deve ter destruído tantas estruturas para conseguir conectar-se; purificaram-na tanto e tudo a leva ao centro."

— Eu acho — disse em voz alta — que é preciso purificar-se, e é um trabalho que implica dor. Parece que, para chegar ao centro, é necessário transitar pela periferia.

— Uf, não sabes o que a minha vida sofreu por essa purificação. Senti ficar sem nada e, ainda assim, encontrei sempre outra coisa, mais profunda, mais próxima.

— É que é assim, e isso é duplamente difícil para nós, Sagitário. Temos um caminho que nos liga a Deus e outro aos nossos desejos, e vivemos a flutuar, sustentados entre ambos.

— E por que tu? — perguntei-lhe sobre o seu contacto com o Irmão.

— Essa pergunta fiz-ma milhares de vezes — respondeu, sorrindo — , a eterna pergunta: "Porquê eu?"

— Pois não sei — continuou —, vem desde muito pequena…

Nada mais havia a dizer. Eu sentia-me um pouco absurdo e reparei que a Pachita já não queria falar. Despedi-me e combinámos ver-nos em Parral.

— Que Deus te dê muita paciência — disse-me a Pachita, ao despedir-se.

PADRÕES

Rumo a Chihuahua, voando entre as nuvens que cobrem a joia da Cidade do México. Jamais, desde que o homem é homem, tantos seres da minha própria espécie se reuniram em tão pouco espaço. O que suceder nela — a maior cidade do planeta — é absolutamente imprevisível. Talvez por isso, por vezes, me sinta tão estranho. No meu grupo de meditação, é clara a formação de uma consciência nova e original, resultante das nossas interações. O que nasce da Cidade do México?

Decidira ir eu também a Parral e, no aeroporto, esperava subir ao avião que me levaria a Chihuahua como quem espera o Messias. O meu pobre cérebro, hipersensibilizado pela meditação, exigia descanso, sobretudo porque, além de detetar consciências grupais, responde a eventos de um passado remoto. Assim, já no avião, recordei e alegrei-me de ter abandonado (pelo menos por um tempo) a Cidade do México. Creio que, a grande velocidade e por cima das nuvens, se cria um espaço de alta sintergia; num avião, sinto-me sempre muito inspirado. E o que vejo nesses momentos é o óbvio. Assim, admiro-me com tudo. As pessoas usam roupa, oferecem bebidas no avião e as luzes da cidade fazem-na parecer uma joia.

No momento de me sentar no meu lugar, senti que o avião trazia vibrações péssimas e incómodas. Devo confessar que, por alguma razão, isso me fez recordar o medo que a Pachita tem destes aparelhos. Surpreendeu-me ouvi-la dizer que nunca voa por temor.

Existindo o Irmão, era estranha a falta de fé. Creio que tudo depende do ponto de referência a partir do qual se olha a realidade. Um avião é uma envolvente frágil, mais frágil do que a túnica de Cuauhtémoc que a Pachita veste sempre nas ocasiões solenes e ao receitar e operar. Sobretudo, operar.

— Todos os sacerdotes de todas as épocas usavam algo semelhante — disse-me o Armando, quando lhe comentei que me esquecera de escrever sobre a túnica durante as operações.

— Era de Cuauhtémoc?

— Não sei; a única coisa em que penso neste momento é que não consigo escrever tudo o que aprendo e que, por vezes, gostaria de ter à minha frente um ecrã no qual aparecessem, claros e brilhantes, os traços que, como desenhos preciosos, os seres deixamos no nosso caminho. Já tinha pensado que isso poderia perceber-se durante uma expansão considerável na duração do presente. Imaginem! Poderíamos ver os padrões e as nossas interações com eles. O meu primeiro contacto com a Pachita seria a confluência (num ponto do ecrã) de muitas linhas; a minha viagem a Chihuahua, outra linha; e a minha deteção das más vibrações no avião, uma… quem sabe?

Mas quero dizer algo mais quando falo de Padrões. Por exemplo, a destruição do Templo de Jerusalém, com a subsequente diáspora, é um ponto a partir do qual se expandem linhas em todas as direções. Uma pequena luzinha seria eu, saltando de vida em vida até este momento. Se eu pudesse ver os padrões, compreenderia a Sincronicidade!

Como esta: cinco minutos depois, em *O Quetzalcóatl* de López Portillo, lia: "— Que vos espanta? — repetiu Quetzalcóatl. — Já disse que tudo é ritmo e música. O mundo é como esta tela que agora fabrico. Cada um de nós vai e vem; assim se constrói a tela da criação com que se adorna o Senhor para a sua glória."

— Sim — disse Quetzalcóatl. — É uma bela tela feita de boas e más ações, que só o Senhor consegue ver completa e na qual os sóis do dia e da noite são como as suas pedras preciosas… Os padrões são como flores.

A estas últimas não lhes tinha prestado atenção alguma — até há pouco tempo. Acontece que perdi uma delas e, de repente, dei-me conta de que existiam. As flores, as crianças e os padrões comunicam entre si, para deleite daqueles que, como eu, nos dedicamos a observar. Assim me tem sucedido sempre que procurei — e Parral não podia ser exceção.

PARRAL

Encravada entre as montanhas e no meio de desertos gigantescos, saturados de colmeias, de montes. Sempre que vejo o Planeta das alturas, parece-me estar diante da superfície neocortical. Para explicar a experiência, eu tinha recorrido ao conceito de Campo Neuronal, como envolvente energética tridimensional resultante das interações entre todos os elementos neuronais. Imaginei-o como uma chama hipercomplexa ou como a superfície do planeta Terra. Do aviãozinho que me levava de Chihuahua a Parral, voltei a ver a minha casa planetária como um Campo Neuronal gigantesco. Pode ver-se de todos os pontos do espaço, pelo que também é um campo energético: interage com o espaço a partir de todos os pontos que o contêm como semente de visão e, tal como a interação entre o Campo Neuronal e o espaço, o Campo Planetário deve criar e ser experiência. Quase não se move e raramente há um terreno capaz de alterar a sua estrutura. É como as tarântulas que chegaram à imobilidade do ser. Tem rios como veias, mares como reservatórios de sangue e cidades, aldeias, vilas como…

Creio que saí da Cidade do México porque o seu tamanho colossal começa a alterar o ser do planeta. Talvez, tentando ocultá-la da vista e, assim, diminuir o seu efeito no Campo Planetário, a cubram de nevoeiro e *smog*…

No aeroporto de Parral, deparei com a visão magnífica de um helicóptero Bell em manobra. O piloto e o seu mecânico tinham recolhido um rapaz e deixavam-no boquiaberto com o voo. Faziam mapas da República e convidaram-me a passear na sua nave. Subitamente, e no meio de uma conversa sobre mapas, revelaram-me ter visto uma nave estranha a flutuar sobre a povoação de San Pablo, em Nuevo León.

— Não seria um avião, helicóptero, balão…?

— Não, homem — respondeu-me o capitão B. — Levo quarenta anos de piloto e sei reconhecer.

— Então, vocês têm sorte: segundo o canalizador que me vendeu um frigorífico — e era perito nessas naves —, quem as vê pela primeira vez fica assinalado e adquire um novo poder de perceção.

Hospedei-me no Hotel Adriana, lembrando-me da minha flor perdida, e dispus-me a procurar a Pachita. Não sabia a sua morada — e isso agradava-me… Agora, tudo tinha de adquirir significado, ou eu não a

encontraria. Quando conheci a Pachita e o Irmão, eu acreditava que a minha missão era reunir Quetzalcóatl com Cuauhtémoc. Em Tepoztlán, tinha visto os sinais do novo regresso de Quetzalcóatl inscritos numa gruta cheia de memórias. Trouxera o livro de López Portillo. Não tinha pressa nem tampouco calma; antes, aguardava um sinal. Ao ver a consciência planetária, perguntara-me acerca da sua relação com a unidade e vi-me a lutar por encontrar uma ponte de união entre o relativo e o absoluto. Abri o livro e li que o primogénito de Quetzalcóatl fora levado para a terra do Mayab. "Os Coras da Pachita vivem no Mayab", disse para comigo, e, assombrado, iniciei a busca. Havia um significado nas amarrações das pontas soltas, no encontro consciente das relações, na transformação dos vazios em planuras de contacto.

Na rua, apanhei um táxi e o motorista — um Sagitário, nascido a 14 de dezembro de 1910 — levou-me diretamente a uma casa branca num monte, toda rodeada de minas de minérios. Em dez minutos, tinha chegado à casa da Pachita. Cinquenta metros atrás de mim, surgiu um automóvel prateado com a Pachita, a filha e uma acompanhante.

— Estou passada com este calor dos diabos — veio dizendo a Pachita.

Com um vestido cor-de-rosa e pernas de quinze-aninhos, a Pachita queixava-se da falta de chuva. Sentámo-nos no alpendre da casa a ver nuvens.

— Olha — disse-me a Pachita —, ninguém regou estas roseiras e vê como estão: floridas e com folhas frescas. Caramba com este calor dos infernos: que chova! que as nuvens se juntem! e que os rios se encham. Olha — apontou-me um cerro próximo —, aquela mina não tem água e andam a roubar as bombas que ligaram.

Virei-me para ver a fábrica e percebi que uma nuvem voraz se aproximava. Dois minutos depois, um círculo de duzentos metros em redor da casa encheu-se de pingos.

— Vê, Pachita — disse, emocionado —, começou a chover, fizeram-te caso.

— São só lágrimas — respondeu-me. — Ouve lá, Jacobo, o que são Matemáticas II?

— O quê?

— Sim, homem, o que são Matemáticas II?

— Pois não sei, Pachita.

A Pachita mostrou-me um papel onde alguém perguntava se devia estudar “Matemáticas II”.

— Pachita — perguntei-lhe —, deixas-me escrever a tua vida?

— Para quê? Que importância tem?

— Dá consciência, ajuda a compreender, permite encontrar significados.

— Está bem. E o que quer saber?

— O que tu me disseres, Pachita.

Ia trazer um gravador, mas não consegui; agora vou enlouquecer a tentar recordar todos os pormenores — pensei, alarmado.

— Deixa-me acabar este capítulo, fazemos chover e depois contas-me a tua vida.

— Está bem!

A casa de Parral está desenhada para realizar o trabalho da Pachita: um quarto para armazenar remédios, outro para consultas e operações, uma sala de espera… Algo me tinha acontecido depois de falar com a Pachita: sentia-me saturado por uma energia poderosíssima que me impedia de estar tranquilo. Decidi sair para o terreno contíguo à casa e meditar sentado numa cadeira. Tirei uma cadeira da sala de jantar e, quando ia começar, vieram buscá-la e ofereceram-me outra.

— Diz a Pachita que é melhor esta!

Sentei-me, fechei os olhos e, passados segundos, comecei a sentir uma dor terrível nas costas e uma névoa que me impedia de pensar com clareza. Decidi mergulhar na dor — e ela aumentou de intensidade até se tornar insuportável. Nesse momento, surgiram imagens da minha infância. Estava no meu quarto de menino e a minha mãe cantava uma canção. A dor diminuiu e percebi que as minhas costas guardavam memórias muito tristes. Abri os olhos e, à minha frente, uma pedra em forma de caracol gigantesco atraiu a minha atenção. Mudei de lugar e concentrei-me nas nuvens. Queria uni-las para fazer chover. Durante uma hora tentei — sem êxito. Por fim, vencido pela dor nas costas, regressei à casa e, mal comecei a escrever, desabou uma tempestade. A Dona Candelaria viu a expressão do meu rosto e disse-me que era necessário chegar à calma e que só assim se produziam os efeitos. Fui dar a nova à Pachita e ela desdenhou:

— Não é verdade que foste tu — disse —, de qualquer modo tinha de chover…

Senti-me muito triste e desejei a presença de I. “Que pena não ter podido vir”, disse para comigo. Lembrei-me de que, ao contar-lhe a história da nave de San Pablo, a Pachita me tinha dito que, ao lado da casa em que estávamos, às vezes apareciam essas naves. Parral ainda não sabia que a Pachita tinha chegado e não havia doentes para atender. Sentei-me a ler *Quetzalcóatl* (recordei que, ao mencioná-lo à Pachita, ela troçara do nome) e a esperar. Sentia-me ignorado e triste; comecei a sentir falta de outra presença e, suado, proibi-me de cair. Mas era difícil não cair: a Pachita tinha troçado de mim, de Quetzalcóatl, da possibilidade de fazer chover e da própria vida dela.

À tarde, começou a chegar gente: a Pachita disse-me que tinha irradiado uma mensagem para a Serra e todos esperávamos a enxurrada de doentes. Reli o que escrevi neste capítulo e dei-me conta de que quem desprezara primeiro tinha sido eu. “Tenho mesmo muitas coisas para resolver”, disse para comigo, alarmado.

Pachita a operar

O INÍCIO

As nuvens de Parral falam de presenças e ausências. Emolduradas por cores rosadas, brancas, cinzento-escuro; texturas aveludadas, algodonadas e, de repente, linhas — arestas de nuvens sobre um fundo azul, prateado, rosa e violeta —, a casa de S. M. recebeu o Irmão. Quinze pessoas fomos convidadas para a cerimónia. Cantaram-se louvores e orações e, enquanto a Dona Candelaria recitava docemente um canto de boas-vindas, a Pachita convulsionou-se. Tinha vestido a túnica de Cuauhtémoc; saudou com o braço direito erguido.

— Saúdo-vos, meus irmãos, e dou graças ao Pai por me permitir estar de novo convosco! Agradeço que me tenhais guardado no coração e peço que o meu rebanho se conserve unido, em harmonia.

Ao chegar ao recinto de operações de Parral — emoldurado por um grande quadro de Cuauhtémoc, flores e um esquema tridimensional do interior do corpo humano —, o S. M. fizera-nos uma introdução:

— Aqui, nesta casa — começou por nos dizer —, realizaram-se cerca de duas mil operações. Antes, o Irmão trabalhava em minha casa, mas as condições não eram adequadas. Saibam que, durante todo este tempo, nunca ninguém morreu. As operações resultam e os doentes curam, mas alguns recaem. Não basta a operação: é necessário que ocorra uma mudança de mentalidade. Os maus hábitos mentais devem ser eliminados para que a cura seja permanente.

— A mim, o Irmão operou-me de uma úlcera. Eu tomava remédio dez ou doze vezes por dia e sofria dores terríveis. Operou-me e fiquei bom, mas continuei a trabalhar como sempre, a preocupar-me como sempre, e um dia, seis meses depois da operação, tive um ataque de gastrite. O meu irmão falou com a Pachita e ela disse que o Irmão se encarregaria de me curar. Nessa noite dormi bem e, no dia seguinte, estava completamente curado — e até hoje, quatro anos depois, continuo bem.

Um menino aproximou-se do Irmão e este recebeu-o com doçura:

— Meu doce menino, repara bem, que eu te vou ensinar muitas coisas.

Mandaram-nos sair do recinto e eu fiquei à espera, cá fora. Senti que não me deixariam ajudar e entristeci-me. As nuvens do entardecer mudam de cores como a vida. E a minha vida espera um novo milagre. Sentado no meio de uns toros de madeira, ao lado da casa branca, doíam-

me as costas. Não sou puro e, por isso, já não vou poder ajudar a Pachita; cometi muitos pecados, fiz sofrer e, por isso, não sou digno. É terrível sentir culpa: dá dor nas costas e dor de cabeça. Ao longe, vi um relâmpago a reptar entre as nuvens e lembrei-me do Don Lucio; levantei-me do meio dos troncos e aproximei-me da casa. "Quero ver a operação ao coração; algo vai acontecer ali e devo ajudar. Quero ver a operação ao coração", disse para comigo, com firmeza. Tinha visto a lista de operações e uma delas era ao coração. Era quarta-feira e, pela primeira vez nesta estadia em Parral, iam operar. Seguramente, das duas mil operações, muitas tinham sido ao coração, mas esta seria a primeira para mim.

Aproximei-me da porta com todos os pensamentos que descrevi — e deixaram-me entrar. Permaneci alguns minutos na sala de recobro e espreitei o recinto de operações, aproveitando que abriram a porta. Chegou-me um cheiro a sangue, calor, suor humano e falta de oxigénio. Senti náuseas, reagi e entrei. O S. M. pediu-me que me colocasse ao lado da cama de operações; aproximei-me do Irmão e saudei-o:

— Em nome de meu Pai, eu te saúdo, Irmão.

— Olá, bom homem. Como estás?

Tinham acabado de concluir uma operação de transplante de pulmão e chamaram agora o paciente seguinte. Um homem magro ocupou a cama. Tirou a camisa e ficou a descoberto uma terrível cicatriz à altura do coração.

— Como te chamas, meu carinhoso menino? — perguntou o Irmão.

A pergunta repetiu-se várias vezes antes de obter resposta.

— José — disse finalmente o homem.

— Já te operaram, não é verdade?

Novo longo silêncio e, por fim, uma resposta afirmativa.

— Irmãos — disse-nos o Irmão —, por favor, oremos por este homem.

Todos os meus pensamentos lúgubres desapareceram e segurei a mão do José enquanto o Irmão abria o peito com a tesoura e depois introduzia a faca. Abriu uns quinze centímetros e pediu ajuda ao Memo. Fê-lo segurar uma veia que tinha cortado e começou a penetrar no coração. Fez outro corte e anunciou que estava prestes a abrir a aorta. Protegi-me com um algodão humedecido em álcool. Pensei que o sangue jorraria impetuoso — e o meu prognóstico não se confirmou. Apenas um pequeno

esguicho resultou de cortar a aorta. O cheiro que vinha da ferida era fétido e repugnante. O Irmão pediu o transplante e colocou-o por cima da ferida. Era um coração vermelho. Continuou a manobrar, a ligar ductos, enquanto ainda segurava uma veia. O coração sobre a ferida começou a bater; introduziu-o e, depois, voltou a cortar lá dentro com a faca de mato.

— Vejam as porcarias que os médicos fazem — disse-nos, depois de extrair algo que não consegui ver com clareza.

Voltou a cortar e vi como extraiu uma massa de tecido ainda palpitante de uns seis ou sete centímetros de comprimento por quatro ou cinco de largura. Pediu ao Memo que fosse soltando a veia e, ao fazê-lo, vi-a penetrar. A massa de tecido externa tinha sido introduzida e, com essas manobras, ficou concluída a operação mais longa que eu alguma vez vira. Saturei a ferida, que se fechou de imediato, e comecei a enfaixar.

— Com cuidado — disse o Irmão —, não incomodem o doente.

Tudo parecia correr bem quando, de repente, o Irmão nos pediu que orássemos. Eu apalpei o peito com a mão e senti um pulsar tremendo.

— Assim fazíamos antes — disse-me o Irmão —, eram os nossos sacrifícios. Tu sabes, não é verdade, Jacobo?

Ia dizer que sim quando S. M. comentou que toda a história tinha sido escrita pelos vencedores. O coração continuava a bater, embora um pouco mais calmo do que antes. De súbito, o Irmão gritou algo que, ao princípio, não entendi, mas depois captei com clareza:

— Preciso de duas transfusões, depressa, que ele está a ir-se!

S. M., do lado esquerdo, e o Memo, do direito, entrelaçaram os braços com os do doente. De joelhos, juntaram os antebraços nessa "transfusão" instantânea. O coração continuava a bater, ainda com mais força. A cena terrível — dois seres de joelhos, entrelaçando os braços com os do doente; eu a palpar o coração; e as pessoas à volta com as palmas das mãos voltadas para nós — era arrepiante. Como se não bastasse, nesse instante começaram a ver-se relâmpagos e a ouvir-se trovões. De repente, a "Pachita" desmaiou e caiu sobre o corpo de S. M., esmagando a "transfusão". Foi um momento de máxima tensão. O coração continuava a bater, mas a Pachita parecia morta. Passaram dois minutos e uma voz cadavérica começou a sair da boca do corpo jacent e da Pachita.

— Boas noites!

Era uma voz lenta e quase trocista. S. M. ergueu a cabeça e perguntou-lhe:

— Quem és tu?

O Memo fê-lo calar imediatamente. Depois, o corpo da Pachita recuperou a posição original e saudou-nos:

— Já está tudo bem; cuidem bem deste homem.

Acabei de o enfaixar e levaram-no.

— O que aconteceu, Irmão? — perguntei, ansioso.

— Pois, ele ia-se — respondeu o Irmão.

— E o que fizeste?

— Fui pedir ao meu pai — disse-me — e ele deu-me licença para lhe conceder mais vida.

Ao finalizar a sessão, perguntei à Dona Candelaria. Olhou para mim com os seus enormes olhos e respondeu:

— Ele ia morrer e o Irmão teve de deixar o corpo da Pachita para ir pedir ao Senhor pela vida do doente. Nesse momento, a "morte" veio — e o seu cumprimento foi esse "Boas noites". Depois o Irmão regressou e tudo correu bem. Quando operámos a minha mãe, também veio a "morte", e mais vale não responder ao cumprimento. Por isso o Memo fez o S. M. calar.

Trouxeram uma mulher jovem, magra e extremamente calma. Deitou-se na cama e o Irmão pediu a serra. Era um caso de tumor cerebral. Enquanto a serra cortava o crânio, a mulher ria. Foi uma operação estranha e sem dor alguma. No final, perguntei-lhe pela sua valentia.

— É pelo meu marido e pelos meus filhos — respondeu —, por eles tenho de estar bem.

Lembrei-me da minha mãe: por causa de um cancro cerebral, tinha sido operada e extraíram-lhe meio cérebro. Durante três anos, os meus irmãos, o meu pai e eu vivemos um tormento indescritível. Se tivéssemos sabido da Pachita, se ela a tivesse operado em vez de um neurocirurgião… Amei aquela mulher valente e compreendi as suas razões melhor do que ela própria.

Depois trouxeram uma rapariguinha. Teria uns quinze anos e queixava-se de dores abdominais. O Irmão auscultou-a e detetou um tumor no estômago.

— És donzela?

— Sim, Irmão!

— Vamos lá, vamos lá… — as mãos da "Pachita" tocaram-lhe o ventre.

— Não é verdade, não és donzela.

— Sou, sim!

— Vá, vá… sim, sim, és, minha menina preciosa; só queria certificar-me. As donzelas têm de ser muito bem cuidadas nestas operações.

De seguida, sem mais preâmbulos, o Irmão introduziu a faca no ventre e abriu uma grande ferida. Em trinta segundos, assinalou o tumor a S. M., fazendo-o meter os dedos na ferida. Vi a expressão de espanto de S. M. e o imediato retirar da mão. Limpava o sangue no lençol enquanto o Irmão prosseguia a operar. Por fim, extraiu um tumor, pediu-me que saturasse e enfaixámos a ferida.

Depois trouxeram um velhote. Tinha uma dor trigeminal terrível que seria curada mediante o transplante total de um nervo trigémio. Este último era segurado pelo filho do doente, enquanto o Irmão perfurava a parte inferior da região temporal direita do homem. Enquanto operava, a boca da Pachita pronunciava frases:

— Agora tenho de afastar um pouco o nervo ótico… agora tenho de ligar… agora vou cortar aqui…

O velhinho queixava-se amargamente e, nesse momento, desatou uma tormenta tremenda. Os trovões e relâmpagos quase faziam tremer a casa, e o recinto iluminava-se de um violeta elétrico intensíssimo. A chuva começou e o Irmão deu graças enquanto continuava a operar.

— Já não te dói o teu olhinho, meu carinhoso rapazinho?

— Já não, senhor, já não.

Saturei no meio da trovoada, enquanto os braços da Pachita permaneciam com as palmas viradas para cima, em sinal de receber a chuva.

— Agora, todos os bichinhos vão viver — dizia, com as mãos estendidas —. As cobras, os escorpiões, todos os seres têm direito à água, que abençoa a sua vida.

Amei os escorpiões e as cobras e os trovões e a chuva. Alguém enfaixou a cabeça do ancião e o filho disse que o ouvido dele também estava mal.

— Não ouve nada com ele!

O Irmão pegou na faca e introduziu-a pelo conduto auditivo. O ancião chorava e dizia que preferia a surdez àquela dor.

— Já chega, senhor; deixa-me surdo, deixa-me surdo, mas chega.

— Vá, Jacobo, fala-lhe.

Aproximei-me do ouvido dele, falei-lhe — e respondeu-me. Com isso, terminou a sessão. O Irmão rejubilava dentro do corpo da Pachita e chamou a Candelaria. A Cande começou a cantar louvores, acompanhada pelo Irmão.

— Deus nosso — cantavam —, louvado seja o teu nome e a luz que nos dás. Dá-nos vida e coração, torna-nos bons, agradecemos a tua misericórdia.

Não recordo as palavras exatas. Sei apenas que era algo belíssimo — e a tormenta, os relâmpagos, os trovões pareciam acompanhar aqueles seres cheios de fé e amor. Antes de se despedir, o Irmão perguntou-nos se queríamos algo. Uma rapariga aproximou-se — era bonita e jovem. Tinha ajudado com os algodões e queixava-se de uma indigestão. O Memo pegou-lhe no braço, claramente emocionado, fê-la deitar-se na cama e, lenta e sensualmente, descobriu-lhe as costas. Começou a fazer-lhe uma massagem, mas a jovem protestou e pediu pelo Irmão. Eu aproximei-me depois. Tinha vergonha de confessar a minha dor nas costas. Fizeram-me deitar e o Irmão não me recomendou banhos de água quente.

— O que tens é muito cansaço.

Levantei-me, o Memo fez-me cruzar as mãos e, num movimento rapidíssimo, "puxou" as costas até fazer estalar as vértebras. O alívio foi imediato. Depois disso, o Irmão despediu-se, anunciando que pediria muita chuva para a zona de Parral.

— Vai chover muito — disse, com certeza.

Colocámo-nos em redor do corpo da Pachita e, com as mãos, protegemo-la. Convulsionou-se e voltou a si, mas com outra entidade. Virou-se para S. M. e disse-lhe coisas incongruentes. Depois convulsionou-se de novo e, por fim, apareceu a Pachita. A mudança no tom de voz, na intensidade e qualidade dos movimentos e na dicção era claríssima — nunca antes me parecera tão óbvia como desta vez. Saudou-nos a todos e perguntou-me onde estava hospedado.

— No Hotel Adriana — respondi.

— Ora, é o melhor hotel de Parral, pequenino…

AS VISITAS

Chovia copiosamente — e não parou de chover toda a noite e metade do dia seguinte. O povo de Parral olhava o céu e não o conseguia crer tão nublado. Uma seca terrível desapareceu e, em vez de terra árida, nos leitos dos rios, correntes espumosas vivificaram a terra. Dos campos subia um vaporzinho fragrante e perfumado e, por todo o lado, soava a água. Sabia que a Pachita tinha trazido aquela chuva; por isso, com ar entendido, escutava as conversas sobre a súbita mudança do tempo e alegrava-me com o afastamento do calor e a chegada do frescor. Todo o Parral tinha sido devastado e convertido em deserto — e agora aquela chuva procurava raízes e sementes para nelas gerar vida nova. Imaginava cobras a rastejar, felizes com a humidade; passaritos a refrescar as asas; escorpiões inchados de orvalho.

A Pachita trabalhava nos arredores de Parral, numa casa pintada de branco. Nessa noite, uma mulher, a filha e o filho levaram-me da casa branca para Parral. L., dulcíssima jovem de Sagitário, de 10 de dezembro, sentou-se em frente de mim. A mãe virou-se para mim e falou da filha:

— A L. nasceu com os rins doentes e com a bexiga enferma. Era magrinha, baixinha e estava sempre amarela.

— Não conseguias urinar, pois não, minha filha?

— Ela sabia que tinha de ir à casa de banho, mas não sentia o que uma pessoa sente — acrescentou, num tom maternal. — Quando soubemos da Pachita, fomos ter com ela e disse-nos que precisava de fazer um triplo transplante: dois rins e uma bexiga. O Enrique comprou-os na Cidade do México e mandou-nos em camião.

— Tinham vários dias? — perguntei.

— Creio que sim — respondeu a L., olhando-me com uns olhos brilhantes, semelhantes aos que já tinha visto noutros operados.

— Fui ao camião e entregaram-mos. Ainda tinham sangue fresco, embora também coágulos — continuou a dizer a jovem de catorze anos.

— O Enrique conseguiu-os num anfiteatro e nós temíamos que não chegassem, mas chegaram — acrescentou a mãe. — Há dois anos a Pachita operou-a e, vê-la!, começou a crescer e a engordar, a cor amarela transformou-se em rosado e conseguiu urinar. Antes, todos os meses tinha infeções renais e depois nada. Nem sequer lhe deu febre após a operação.

— Uma hora depois do enxerto, eu vi-lhe a cara e estava vermelha. Pensei que era febre — e não era. Eram só os rins, que, pela primeira vez na vida, funcionavam bem.

— E o que sentiste? — perguntei à jovem.

— Quando me deitaram estava um pouco nervosa e depois senti dor, mas não muita. Puseram-me de barriga para baixo e, quando a mão da Pachita meteu a faca, comecei a ver imagens.

— Imagens?

— Sim, diante dos meus olhos passavam depressa, como transparências num projetor. Via o meu sangue, a minha bexiga, algodões, a faca e imensas mãos.

— Imensas mãos?

— Essas senti-as muito claramente dentro do meu corpo. Eram dez, ou vinte, ou quarenta mãos que, rapidamente, me tocavam os rins e a bexiga. Algumas tinham unhas e arranhavam-me, mas todas operavam e não se atrapalhavam.

— Usavam instrumentos?

— Vi tesouras e não sei que mais, mas, principalmente, dedos e mãos, muitas mãos.

Lembrei-me da descrição da Dona Candelaria e entendi por que os doentes falavam de ter visto Deus durante as operações.

— E depois, o que aconteceu?

— Fecharam-me a ferida e só me ficou um arranhão, mas, ao deixar a cama e deitar-me na sala de recobro, sentia-me muito ensonada e não conseguia mexer o braço direito.

— Sim, é verdade — acrescentou a mãe —, o braço direito estava-lhe muito dormente e depois apercebemo-nos de que tinha uma marca de "agulha" sobre a veia: tinham-lhe feito uma transfusão.

— Nessa noite — prosseguiu L. —, sentia-me muito desesperada e com muita vontade de chorar. Acho que isso acontece a todos os operados: choram, choram e choram e sentem-se como desesperados.

— O senhor sabe — disse-me a mãe —, que depois de operados, os pacientes do Irmão ficam como anestesiados e que são vigiados.

— São vigiados?

— Claro — disse a L. —, todas as noites, no meu quarto, e com os olhos abertos, eu via que uma silhueta luminosa, como um fantasma, de

braços abertos, me vinha visitar. Ficava comigo uns dois minutos e, enquanto me examinava, saíam faíscas da colcha da minha cama.

— É verdade — confirmou a mãe —, eu via essas faíscas, mas não a silhueta luminosa. O Irmão cuida dos seus operados, visita-os e revê o seu estado e, mesmo agora, passados dois anos, às vezes vem ver a L.

— Ouves o que ele diz? — perguntei à jovem.

— Não, só o vejo — e vejo as faíscas na minha colcha — e sei que me examina e cuida de mim.

— A minha filha tornou-se clarividente — acrescentou a mãe —, não é verdade, filhinha?

— Pois eu "vejo" a aura da Pachita quando ela opera. É brilhante e amarela, e torna-se muito grande, uns setenta ou oitenta centímetros à volta do corpo. Também "vejo" as auras das pessoas, se me concentrar nelas.

O FILHO DE PACHITA

Uma tarde, perguntei ao Memo, um dos filhos da Pachita, como preparavam as ervas para os remédios que eram receitados.

— Algumas — disse-me — fervem-se em vasilhas de barro; há-as para curar rins, para pâncreas, para cérebro, e os que as sabem trabalhar chamam-se bruxos. Mas essa é uma palavra muito perigosa. Na verdade, o bruxo é o doutor — e a sua função é curar.

— E tu?

— Bem, tu sabes que Cuauhtémoc, além de ter sido o último rei asteca, era bruxo. Curava e operava, mas a Conquista não o deixou terminar o seu período.

— Por isso vem!

— Claro. Se Cuitláhuac tivesse sido o último rei, ele é que seria o Hermanito.

— Durante quanto tempo virá?

— Dez gerações. A minha mãe é a terceira e eu sou o seguinte.

— Tu?

— Sim. Originalmente, calharia ao meu irmão, o que morreu em 1968; e, como eu sou o homem que se lhe seguia em idade, calha-me a mim.

— É uma cadeia?

— Exatamente: é um homem, depois uma mulher, depois um homem, e assim até perfazer dez gerações. A uma das minhas duas filhas caberá depois de mim.

— Tu curas?

— Às vezes, receito — quando a minha mãe está a operar e se precisa.

— "Vês"?

— Começo a "ver". Vem um doente e uma voz diz-me o que ele tem e o que devo receitar. É como alguém fora de mim. Também vejo a aura e, consoante a cor, sei o que o doente tem. Quando aparece uma linha preta, sei que vai morrer.

— Já operaste?

— Só uma vez: a minha mãe. Sabes que lhe deu uma embolia cerebral e eu operei-a. Isso aconteceu quando mataram o meu irmão mais velho, em 1968, no massacre de Tlatelolco.

— O Irmão “entrou” em ti?

— Filho! Isso sente-se muito feio. É como quando uma pessoa vai adormecer e, de repente, sente que cai num vazio. Eu não gosto; e, sempre que sinto isso, devo cruzar as pernas e, assim, fecho a minha energia e evito que o Irmão “entre” em mim.

— E a tua mãe?

— Bem, já vês como ela se contorce quando o Irmão “vem”. É esse vazio que se sente.

— E a consciência?

— Tu sabes que existe o corpo, o espírito e a alma. A alma viaja, comunica-se com Deus, diz-lhe e pergunta-lhe. Entretanto, o espírito tagarela, conversa, viaja, diverte-se. Quando a minha mãe entra em transe, o espírito sai e o do Irmão penetra no corpo. A consciência da Pachita desaparece e, no seu lugar, aparece a do Irmão. Isso ensinou-lho o Charles, o negro que a criou.

— O que é que “vês” durante as operações?

— Pois é como um bloco operatório supermoderno. A única diferença é que a luz não vem de uma lâmpada, mas das pessoas que ajudamos — e cada qual tem a sua função.

— Função?

— Sim. Olha: a minha mãe é a cirurgiã principal; o Armando é o chefe do instrumental; a Dona Candelaria, a auxiliar de limpeza; e tu és o anestesiologista.

— Eu?

— Sim, homem: tiras a dor, anestesias e, ao saturar, aplicas anestesia local às feridas e zelas para que o operado não sofra.

— Ah!

— Há muitos médicos e muito instrumental.

— “Vês” cada vez melhor?

— Sim. Repara: um dia veio um senhor, eu olhei para ele e, de repente, “vi-o” sem roupa. Esfreguei os olhos e disse à minha tia Cande que aquele senhor estava nu. Ela olhou para mim, muito admirada, com os seus grandes olhos. Depois voltei a olhar para ele e “vi-lhe”, por dentro, os órgãos e os sistemas. Outra vez esfreguei os olhos e, ao vê-lo de novo, ainda lhe consegui “ver” o esqueleto. Não aguentei a impressão e desmaiei. Nessa noite, contei-o ao Irmão e ele respondeu que tinha chegado o tempo. O que mais gosto é penetrar e ampliar: por exemplo, “vês” um estômago,

fixas-te numa parte e começa a crescer; se continuas a fixar-te, cresce mais até poderes "ver" todos os detalhes.

Lembrei-me de Tepoztlán e de Ted Saladin. O pintor, por vocação, conseguia "ver" uma folha de árvore a cinquenta metros e ampliar a imagem como se tivesse um telescópio nos olhos.

— Eu admiro muito a força da minha mãe — continuou o Memo. — A ela não lhe importa a comodidade: só ajudar e curar. Eu tenho o mesmo carácter e, por isso, chocamos. Mas eu gosto de conforto e adoro mergulhar em mim próprio. Na Cidade do México, subo para um quarto e sento-me num canto a meditar durante horas. Às vezes vou dois ou três dias de excursão e faço o mesmo. Por vezes, consigo ver o futuro. Um dia, estava com os meus amigos numa esquina e, de repente, "soube" que um camião ia embater e esmagar-se ali. Disse aos meus amigos e olharam para mim como se eu fosse louco. Convenci-os a irmos para outra esquina e, passados poucos minutos, um camião foi embater exatamente na esquina onde estávamos.

— Gosto de indagar o desconhecido — prosseguiu o Memo —. Como os Astecas. Lembras-te quando o Irmão te disse que eles não faziam sacrifícios? Pois era para aprender. Não é verdade que o fizessem por crueldade: investigavam…

O EXORCISMO

O verdadeiro desenvolvimento só acontece quando, no silêncio, se reconhece a voz — e tudo o que ela diz e faz ver se aceita como real. Assim me sucedeu quando me propus a validação como sinónimo de perceção direta, e algo em mim se abriu e me fez ver — e compreendi…

Nessa tarde de sexta-feira, o povo de Parral começou a chegar ao largo em frente da casa branca. Diante dela, a impregnadora matizava, de um negro brilhante, travessas de caminho-de-ferro. De vez em quando, uma grande caldeira atingia o seu limite de pressão e um vapor esbranquiçado, com ligeiro cheiro a petróleo, lançava nuvens que se elevavam, dando à cena um ar fantasmagórico. Por alguma razão, eu decidira meditar horas a fio em dois lugares: um outeiro de pedras marmóreas, que me lembrou os arredores de Jerusalém, e em cima das travessas empilhadas em fiadas. Levei a minha flauta e acalmava a dor nas costas com o seu som.

As operações começariam às 18h30 e, meia hora antes, entrei na sala da casa para me encontrar ali com o S. M. Um belíssimo Cristo pendia da parede. A Pachita colocara, em volta da cabeça, ramos finos, cheios de folhinhas, que faziam a figura parecer rodeada de uma auréola.

Sentámo-nos à mesa e o S. M. perguntou-me pelo livro que eu escrevia. Tinha desconfiança dos escritores e temia que o livro não estivesse à altura da obra do Irmão. Discutimos o assunto e, poucos minutos depois, ambos nos apercebemos da semelhança dos nossos pontos de vista — e a desconfiança transformou-se em camaradagem franca e masculina. O S. M. sustentava que a fonte do desenvolvimento era a limpeza interna, o equilíbrio e a ausência de juízos. Falou da sua transformação quatro anos e meio antes, quando conheceu a Pachita e o Irmão.

— Eu vivia para sobreviver — confessou-me, com sinceridade —; cada obra que empreendia, imaginava que preencheria um vazio que sentia dentro de mim. Mas não era verdade: cada êxito económico deixava-me mais vazio. Um dia conheci o Irmão e, desde esse instante, a minha vida ganhou significado e o vazio desapareceu. Agora estou em paz com Deus. O Enrique avisou-nos que havia uma emergência no Hotel Camino Real e que ele e a mãe iriam atendê-la. Eu tinha-me mudado para esse mesmo hotel e compreendi parte dos meus sonhos do dia anterior. Uma hora mais tarde, a Pachita regressou com as mãos cheias de sangue e contou-nos que o Irmão tinha operado um caso de paralisia cerebral.

— "Qualquer coberta vira *jorongo* abrindo-lhe uma cava no meio" — disse-nos, orgulhosa da habilidade do Irmão para operar em qualquer lugar.

Já no recinto das operações e diante do quadro de Cuauhtémoc, a Pachita vestiu a túnica do imperador asteca e, depois das orações e bênçãos de boas-vindas, entrou em transe. Desta vez não houve os movimentos convulsivos de outras ocasiões. Erguendo o braço direito, o Irmão saudou-nos e perguntou pelos doentes. Dei-me conta de que já não confundia a Pachita com o Irmão e que os via como duas personalidades separadas.

— Há algumas consultas e depois dez operações, Irmão — disse o Memo.

— Muito bem; encontro-me de novo entre vós, sabendo que a obra continuará com a vossa ajuda. Saibam que nunca me esqueço de nenhum dos meus pequeninos e que sempre os trago no coração.

— Irmão — disse-lhe S. M. —, os meus filhos querem despedir-se de ti. Vão estudar e desejam a tua bênção.

— Vamos lá, meus pequenos, cheguem-se aqui. Saibam que, de agora em diante, deverão começar a corresponder a todos os sacrifícios que o vosso pai fez por vós. Quando tinha a vossa idade, mal pensava noutra coisa que não fosse criar o seu próprio futuro; mas, a partir do vosso nascimento, dirigiu todos os seus esforços à família. Quis construir uma casa e dar-vos educação, alimento e comodidades para que crescêsseis fortes e, agora que vos vê partir, o seu coração só pede forças para que os filhos não se afastem do caminho que ele vos mostrou e abriu. Eu sei que, à vossa idade, tudo é possível e não existem obstáculos. Tudo tem uma cor rosada e não se compreendem muitas coisas. Tende cuidado e sabei que eu estarei sempre convosco.

— Irmã — disse o Irmão, dirigindo-se à senhora E., dama de Parral —, tem cuidado com essa nova amizade que visita o teu lar. És demasiado ingénua e pode causar dano aos teus filhos.

F. pareceu compreender a admoestação e eu espantei-me com a transparência que todos tínhamos para a "mente" do Irmão.

— Alguém deseja mais alguma coisa? — perguntou-nos o Irmão.

Dos quinze presentes no recinto, alguns aproximaram-se do Irmão, cumprimentaram-no e ele aconselhou-os. Depois, todos saíram, exceto o Memo, o Enrique, a Cande e eu. Uns preparavam-se para receber os doentes e outros dirigiram-se à sala de recobro para atender os operados.

Uma senhora de origem americana, com um bebé ao colo, foi a primeira a consultar.

— O que tem a minha mulherzinha?

Traduzi que a bebé nascera com uma malformação cerebral e que os médicos a tinham desenganado, diagnosticando paralisia cerebral, ausência de crescimento neuronal e morte certa. O Irmão tomou a criancinha nos braços e, com ternura sublime, perguntou-lhe o que tinha e observou-a com os olhos fechados. Essa "perceção" da Pachita de olhos fechados sempre me maravilhava: parecia ver cada célula e todos os pensamentos dos seus doentes, recorrendo apenas a um contacto direto em que os órgãos sensoriais convencionais não participavam.

— Irmão Jacobo, diz à mãe desta criatura que a filha se pode salvar. As células que produzem líquido cefalorraquidiano estão desorganizadas, mas posso injetar-lhe líquido e, com a ajuda de meu pai,

voltar a organizar-lhe o cérebro. Pergunta-lhe se aceita e, se aceitar, pede-lhe que nos espere lá fora para operarmos a filha mais tarde.

À mãe saltaram-lhe as lágrimas quando lhe transmiti a mensagem, e aceitou a operação.

Um senhor de muletas, acompanhado de um amigo, foi o caso seguinte. Vinham do Texas, onde ao doente tinham enxertado um joelho de plástico e aço, que o corpo rejeitava constantemente: havia pus e dor, e a perna ficara inútil. O Memo apontava os casos e preenchia folhas com as receitas que, de vez em quando, o Irmão ditava. Reparei que o Memo escrevia por conta própria instantes antes do ditado — parecia saber, como o Irmão, os remédios de que precisavam. Chamou-me para o seu lado e, com o indicador, mostrou-me o joelho enfaixado.

— Vê, Jacobo? Debaixo dessa ligadura, vejo o enxerto rejeitado: está muito solto e há secreção purulenta em toda a volta.

O Irmão mandou-o calar. Tudo o que acontecia naquele recinto era ensino, e o sucessor do Irmão, o Memo, aprendia lições — como a do silêncio.

— Amanhã traz-mo — disse o Irmão ao acompanhante do doente. — Vamos dar-lhe *anticocos* e *polilha* e vou ensinar-te a lavar-lhe a ferida. Com isso há de curar.

Depois entrou uma senhora idosa, muito gorda, com expressão de dor no rosto.

— O que tem a minha pequenina?

— Dói-me o ventre e dizem que me devem operar de não sei quê.

— Quem é que diz?

— Os do Seguro, mas eu tenho medo.

— Vamos ver, minha rapariguinha.

O Irmão pousou a mão sobre o ventre e lançou uma exclamação de espanto; aproximou-se de mim e, num sussurro, disse-me que era cancro muito avançado. Virou-se para a mulher e perguntou:

— Como aguentaste tanto tempo, minha doce pequena? Vais esperar lá fora e eu vou operar-te hoje mesmo.

— Ai, Irmão, tenho medo.

— Não temas, minha pequena; espera lá fora.

"Cancro! Cancro!", pensei, "é um desastre essa doença", enquanto entrava a doente seguinte: uma senhora muito magra, morena, toda vestida de negro.

— O que tem a minha mulherzinha linda?

— Os médicos do Seguro operaram-me e tiraram-me a matriz e, desde então, sinto-me tonta, sem apetite e com muitas náuseas. Agora dizem que me devem dar radiações e eu tenho muito receio.

— Mas como se atreveram, minha pequena! A ti não te deviam ter tirado a matriz e também não precisas de radiações. Tu não tens cancro, minha pequena. Vamos dar-te uns remédios e com isso ficarás completamente curada. Vamos lá, Memo, precisamos de…

Antes de entrar em consulta, eu tinha falado com a A., uma jovem de muito carácter que ajudava na obra. Dois anos antes, a A. tivera um problema renal muito intenso: começou a engordar, a ficar amarela, com grandes dores e dificuldades. Os médicos tinham considerado que o caso não tinha remédio. O Irmão enxertou-lhe dois rins e, com essa operação, o problema resolveu-se por completo. A. era delgada, mas forte, de cabelo negro azeviche, pele suave e rosada e, desde a operação, não tivera mais problema algum. Na verdade, o Irmão teve de a operar duas vezes: depois do primeiro enxerto, a A. não descansou os quarenta dias que lhe tinham indicado e um rim deslocou-se; após a segunda operação, foi mais cuidadosa e os rins novos funcionavam na perfeição. Também tinha os olhos brilhantes e luminosos dos operados pelo Irmão.

A penúltima consulta foi a de uma rapariga de catorze anos, acompanhada do irmão.

— Como está a minha linda pequenina?

— Venho porque a minha menstruação é muito frequente e tenho dores.

— Vamos lá, minha linda, chegue-se.

O Irmão palpou-a e ditou uns remédios ao Memo.

— Com isso vai curar-se. Vamos lá, minha pombinha. Que pequenina!

A última consulta foi uma paralisia facial: uma jovem, acompanhada da mãe, sofria dela.

— Isso é muito fácil, minha pequena; vais tomar…

Concluída a consulta, preparámo-nos para as operações. O Memo pediu-me a minha lanterna de mão, o Enrique colocou-se à cabeceira, o S. M. ao lado do Irmão e eu e o F. em frente dele.

Primeiro, passou a criancinha com problemas cerebrais. O seu corpinho delicado mal sobressaía de entre as mãos do Enrique e as minhas,

que a seguravam de barriga para baixo, enquanto o Irmão introduzia os dedos na base da coluna. Eu já observara muitas operações como aquela. Chamavam-lhes "líquidos" e nunca tinha entendido como é que o Irmão injetava líquido cefalorraquidiano usando apenas os dedos. A bebé chorava e desmaiou duas vezes. Eu consolava-a e apertava-lhe a mãozinha, tentando aliviar-lhe a dor. Por fim, acalmou-se. O Irmão aproximou-a do peito e, depois de a acariciar, entregou-a à mãe, que a recebeu feliz e comovida.

— A tua filha já está sã — disse-lhe, dando-lhe confiança.

— Jacobo — disse-me S. M. —, fecha a porta da sala de recobro assim que os doentes saírem; isso ajuda a harmonia.

Obedeci e preparei-me para o caso seguinte. Uma senhora extremamente nervosa ocupou a cama de operações.

— Não fique tensa, minha carinhosa menina; acalme-se, que com esses nervos não a poderemos operar.

Descobrimos-lhe o ventre e peguei-lhe na mão, enquanto o Enrique lhe protegia a cabeça. O Irmão cortou, com uma tesoura, uma pequena incisão, que alargou com a faca. Introduziu a mão na abertura e arranjou a vesícula. Saturei e o Enrique enfaixou. A senhora mal se queixara e levaram-na ao colo para a sala de recobro.

— Jacobo — voltou a dizer-me S. M. —, fecha essa porta à chave; ajuda a harmonia.

Notei o S. M. como em êxtase, num espécie de transe. A mesma indicação repetiu-ma depois de cada operação. O caso seguinte também foi de vesícula, inteiramente semelhante ao anterior. Reparei que todos faziam perguntas ao operado, sobretudo no momento em que o Irmão introduzia a faca. A A. era perita nisso, e percebi que ajudava a distrair o doente da dor.

— O próximo é muito forte — disse-nos o Irmão, antes de entrar um homem rijo, de espáduas largas, transportado numa cadeira de rodas pela esposa.

— Então, meu rapazinho, como vão essas perninhas?

O homem, operado várias vezes pelo Irmão, confessou que melhor, mas ainda não muito bem. O Enrique ajudou-o com um braço e eu com o outro a pôr-se de pé. Parecia de aço — e o seu peso tremendo, apoiado no meu ombro esquerdo, vergou-me as costas, fazendo regressar com toda a intensidade a dor que as meditações tinham aliviado. Por milagre, não soltei um grito e fiquei de pé, a suster aquele homem, pedindo

a Deus para não cair de cara com a dor. Deitámo-lo de barriga para baixo e o Enrique dirigiu-se às pernas: puxou-as e vi que uma era cinco ou seis centímetros mais curta do que a outra. O Irmão pediu ao Enrique que as igualasse, e este tentou fazê-lo enquanto a faca penetrava nas costas, ao lado da coluna. O homem tinha sido operado nos Estados Unidos: cortaram-lhe o ciático e modificaram alguns ossos para lhe permitir estar sentado.

— Estes doutores! — queixou-se o Irmão —, fizeram uma desorganização tremenda dos nervos e deixaram-nos todos enredados. Agora tenho de virar aqui e puxar ali… Vamos lá, pequeno: Enrique, puxa mais a perna enquanto eu desenredo este nervo.

A ponta da faca girava enquanto Enrique puxava e o afastamento de cinco ou seis centímetros diminuiu até ficar em três ou quatro centímetros.

—Já não dá para puxar mais —disse Enrique.

—Pronto, ficamos por aqui. Irmão Jacobo, satura essas costas e mantém a mão sobre o algodão enquanto eu viro o carinhoso. Com um movimento forte, o Irmão deitou o homem de lado e preparou-se para intervir no meio das nádegas. Havia uma terrível chaga infetada que começou a raspar com a faca enquanto o homem gemia de dor e a minha coluna parecia partir-se. Por fim, o Irmão terminou e Enrique enfaixou o homem. Pediram-me que ajudasse a carregá-lo para o quarto de recuperação e não consegui fazê-lo.

—O próximo também é muito rijo —anunciou de seguida o Irmão. Entrou um homem muito corpulento acompanhado do irmão. Tinha dores muito intensas no ventre. O Memo sussurrou que o irmão do homem não aguentaria ver a operação, mas ninguém lhe deu ouvidos. Deitámos o homem e o Irmão começou a operá-lo. Ao terminar, ouvimos um baque seco e percebemos que o irmão se tinha desmaiado. O Memo lembrou a sua precognição e o Irmão disse-lhe que o terceiro olho se estava a abrir. Tínhamos dois doentes a atender. Ao irmão tratou-o o Memo; ao operado, o Enrique fez o penso e levaram-no para a recuperação.

Depois passaram duas jovens. Uma delas, a Gina, tinha diabetes e no músculo da coxa esquerda havia uma alteração muito forte na circulação sanguínea. Os olhos da Gina eram felinos e ela parecia muito zangada com os homens.

—Ora vamos lá, minha menina preciosa —começou o Irmão—, eu sei que não acredita, mas essa diabetes vai corrigir-se se beber água de cravos oxidados.

—E o que tem na perna, minha carinhosa?

—Tenho a circulação muito má e as veias estão a rebentar. Descobrimos-lhe as pernas e o Irmão começou a operá-la com a faca. Fez várias incisões e deixou-as à vista para todos vermos o que tinha feito. Por fim, o Enrique saturou e eu enfaixei a perna.

—Eu nunca me vou casar —disse de súbito a Gina—, todos os homens são maus.

—Vamos lá, vamos lá —respondeu S.M.—, o Irmão também é homem. —Sim, eu também sou homem! —Eu já ouvi falar de si, senhor S.M.

—Bem ou mal? —perguntou o Irmão. —Coisas muito boas ouvi. —Vês? E eu também sou homem —retorquiu S.M. —Mas vocês são exceções —disse a Gina—, todos os outros são maus...

Uma senhora de meia-idade, corpulenta e ligeiramente obesa foi recebida pelo Irmão. Deitou-se de costas e, ao auscultar-lhe o ventre, o Irmão soltou uma exclamação de surpresa.

—Uma, duas, três, quatro operações, minha carinhosa. Como é que vou fazer se já nem tenho espaço? Olha, minha pequenina, tens de deixar tudo, percebes? Tens de viver sozinha porque, se não o fizeres, por mais que eu te opere, vão voltar a fazer-te mal. Entendes? Virei-me para ver a cara da senhora e reparei que não tinha percebido. Confesso que eu também não, e mais tarde soube porquê. Peguei-lhe na mão enquanto o Irmão abria o ventre. Pediu ao Armando uma agulha e, pela primeira vez, vi-o saturar.

Com toda a rapidez e segurança, as mãos da sua matéria introduziam a agulha no interior do ventre e voltavam a tirá-la, uma e outra vez, e no final, com um puxão, rompeu a linha. Alguém devia estar a segurar a linha a partir do interior do corpo; era a única forma de entender como se rompeu sem, com o tremendo puxão, trazer atrás de si os órgãos que tinham sido ligados com ela. O Enrique saturou e enfaixou, enquanto eu me aproximei do ouvido da mulher e lhe perguntei se tinha entendido as indicações do Irmão.

—É para eu deixar o meu marido? —perguntou-me, ansiosa. —Pois eu acho que sim, mas melhor pergunta ao Irmão.

—Irmão —disse eu, interrompendo a conversa com o S.M.—, esta mulher quer perguntar-te uma coisa.

—Devo deixar o meu marido? Tenho duas filhas e vão sofrer muito.

—Não, minha filha, como é que pensas? Deves deixar as más amizades e os hábitos que te afastam de Deus. Deves mudar a tua maneira de pensar. —Mas é que ele bebe muito —protestou a mulher.

—Aguenta-o e, da próxima vez que beber, põe-lhe* no copo e depois verás. Tu própria convida-o a beber e ele não o fará. *Não me recordo do que disse.

Enquanto levavam a mulher, o Irmão comentava com S.M. aquela má interpretação.

—Imagina! Eu a aconselhar destruir uma família... Dei-me conta de que eu tinha interpretado a meu juízo aquilo do "deves deixar tudo!". Soube que essa tinha sido a minha conduta em várias ocasiões e "solução" para a vida: deixar tudo quando havia um problema muito grande. A dor nas minhas costas aumentou consideravelmente e pedi alívio. Em seguida fizeram entrar uma senhora muito gorda. O Irmão tinha-a consultado no início da sessão e, ao detetar câncer, pedira-lhe que esperasse.

—Vamos operar-te para tirar o que tens no estômago —disse o Irmão com firmeza. —Mas eu só vim à consulta e tenho muito medo.

—Não, minha carinhosa, não tenhas medo; preferes continuar a sofrer? Um cheiro terrível saturou o recinto enquanto o Irmão abria o ventre e extraía o câncer.

A mulher tremia e pedia misericórdia. Por fim, eu saturei, o Enrique enfaixou e descansámos um instante. Passaram vários segundos e comecei a sentir algo muito estranho. Parecia-me que tudo estava demasiado calmo e, no entanto, flutuava uma tensão esquisita no ambiente. O Irmão olhou para nós e disse que o seguinte era um "dano", que tivéssemos muito cuidado. Percebi a minha sensação estranha e fizeram entrar uma mulher alta e obesa.

—Deita-te, minha linda menina, deita-te! Notei um vazio no olhar daquela mulher e lembrei-me das palavras do Leo, para estarmos muito atentos. O Irmão pediu uma corrente de proteção e todos, exceto o Enrique, demos as mãos. Senti uma energia poderosíssima atravessar-me. O Irmão abriu o ventre e começou a lutar com o "dano". A mulher tinha

dito que um bruxo lhe tinha extraído uma tarântula do peito, mas que algo estranho ficara lá dentro.

O Irmão continuava a operar e, de repente, ouviram-se uns barulhos lá fora. Crianças a chorar, gente a gritar, gemidos. Por fim, o Irmão tirou o "dano" e entregou-o à Cande, que o cobriu com um papel preto. Nesse momento, os ruídos, os gemidos e os choros lá fora aumentaram e algo apoderou-se do Irmão. Caiu desmaiado e, segundos depois, começou a dizer:

—Vai-te, deixa-me em paz, vai-te, eu ordeno-te! Em seguida, recuperou-se e, ao levantar-se, alguém entrou a correr no recinto.

—Uma carrinha veio para cima da casa e atropelou um menino!

—Eu avisei —disse o Irmão—, as crianças devem ser trancadas num quarto quando alguém traz um "dano". A esses espíritos não lhes importa matar uma criança. Procuram vingança e nos indefesos encontram presa fácil.

Depois confirmaram-nos que algo muito estranho tinha acontecido. Uma carrinha estacionada em frente à casa tinha vindo, súbita e inexplicavelmente, em marcha-atrás e deixado debaixo de si um menino que brincava nessa direção. Um adulto correu para salvar o pequeno e conseguiu um segundo antes de uma roda lhe esmagar o corpo. O Irmão respirou aliviado e pediu-me que mandasse trancar todas as crianças num quarto vigiado e protegido. Saí e assim fiz. Ao voltar a entrar, vi que o Irmão se levantara do lugar e, depois de arrancar uma fita amarela de um arranjo de flores, estendia-a horizontalmente à volta do recinto.

Depois, passou com a fita para o quarto contíguo e amarrou-a ao puxador de uma porta. Pediu ao Enrique que fizesse o mesmo com a outra extremidade, que a amarrasse ao puxador da porta de entrada do recinto. A fita não chegava e tivemos de procurar outra. Encontrámos um pedaço cor-de-laranja. Depois de receber a aprovação do Irmão, atámos uma à outra e ao puxador.

O Irmão voltou a sentar-se e, mais tranquilo, disse-nos que podíamos continuar. Só então reparei que eu estava completamente banhado em sangue. Ao abrir o ventre da mulher com o "dano", um jorro quente me tinha caído na cara e na roupa. Lembrei-me também de ter sido salpicado do teto. Perguntei à A. se ela tinha sentido pingos e disse-me que, enquanto fazíamos a corrente, a Dona Candelaria tinha estado a lançar bálsamo como proteção.

Durante três dias seguidos antes dessa sessão eu tinha visto um senhor já de idade, muito elegante e com um chapéu à inglesa, passear-se na explanada em frente à casa. Chamou-me muito a atenção porque, durante horas, assobiava a mesma melodia. Parecia um pássaro e, apesar das repetições monótonas, o tom e as mudanças de ritmo que executava eram primorosos. O doente seguinte foi esse senhor. Deitámo-lo de costas e soube que tinha algo muito mau na garganta e no cérebro. O Irmão pegou na faca e abriu a garganta. Não consegui ver o que fazia e terminou muito depressa.

Depois pediu a serra. No início da sessão eu tinha visto essa serra e tinha-me atemorizado. Era a lâmina de ferro de um desses instrumentos usados para cortar metais, longa e fina. Com a faca, o Irmão abriu o couro cabeludo e, com a serra, perfurou o osso. Eu segurava a mão daquele homem e, ao terminar, o Enrique enfaixou-o. Essa foi a segunda vez em que o Irmão saturou com agulha. Neste caso, foi a garganta daquele gigantesco rouxinol. Depois de retirarem o operado, voltei a sentir o ambiente carregado de tensão. O Irmão olhou para nós e perguntou se as crianças estavam bem e trancadas no seu quarto.

—Oremos, irmãos, porque o que vem a seguir é outro "dano".

Referia-se ao Daniel, um menino de quatro anos que estava possuído por um tal Fernando Breñas. Quando o Enrique ouviu que se ia operar outro "dano", protestou.

—Irmão —disse, com voz firme—, melhor deixamos para quarta-feira.

—Não, meu pequeno Enrique, de uma vez! Íamos presenciar um exorcismo e todos sentimos a necessidade de acumular energias. O Irmão pediu uma corrente de proteção e silêncio. O Enrique e eu colocámo-nos dentro da corrente e os restantes deram as mãos em nosso redor. Entraram a mãe e o filho, Daniel. Via-se muito assustado e recusou-se a deitar-se na cama. Chorava enquanto o Enrique e eu o forçámos a deitar-se. Para a idade, tinha a força de um homem adulto. Segurei-lhe as pernas e o Enrique a cabeça enquanto o Irmão nos pedia que rezássemos.

Perdendo todo o temor, peguei-lhe na mão e comecei a acariciá-la enquanto lhe segurava as pernas. Todos sabíamos que à nossa frente estava uma criança e, ao mesmo tempo, um sinistro espírito. Alegrei-me por ter conseguido vencer a repugnância pelo segundo e ver naquele

corpinho apenas uma criatura inocente. O Irmão começou a falar como nunca o tinha ouvido.

—Vais sair do corpo deste inocente! —dizia—. Eu ordeno-te que saias! O menino, ou o espírito, chorava desesperadamente e tentava libertar-se de mim e do Enrique. O Irmão repetiu mais uma vez a ordem e depois introduziu a faca no peito rasgado do Daniel.

—Morre, maldito, morre! —dizia com tal intensidade que me eriçaram os cabelos.

—Com faca, não! Com faca, não! —gritava aquele "baixo astral". Soube que não era o menino quem falava, porque não era possível que tivesse visto a faca.

Era o outro, o Fernando Breñas. O Irmão tirou a faca e voltou a introduzi-la com força.

—Morre, maldito, morre! Uma voz cadavérica, grave, exangue, saiu do corpo da criança. —Já não aguento mais! Nesse momento, o Irmão tirou do corpo do menino algo inconcebível. Passou-o ao Enrique e ele mostrou-nos.

—Vejam, vejam bem isto! Era uma espécie de lâmina de punhal, com a consistência do carvão negro, plana, de dez centímetros de comprimento por quatro de largura, terminada em ponta. Era incrível e assombroso ver aquela forma horripilante extraída do peito da criatura.

A Cande adiantou-se e essa forma negra foi retirada e guardada no mesmo papel preto do outro "dano". Entretanto, uma mudança total ocorreu naquele menino de quatro anos. Em vez de gritar e bufar, ficou quieto e queixava-se docemente. A sua vozinha era de criança e o seu corpinho, sem energias, foi abraçado pelo Irmão. Tomou-o nos braços, aproximou-o do peito e, no meio de carícias e beijos, embalou-o com tal ternura e amor que todos ficámos a ver a cena em absoluto silêncio. Julguei ver lágrimas no rosto da "Pachita" enquanto consolava a criatura.

—Meu menino, meu pequenino, meu amoroso, já saiu, já és tu, já não vais sofrer!

—Eu te baptizo, meu pequeno, eu te protegerei, eu amo-te! Ao sair carregado nos braços do Memo, o corpo da Pachita caiu sem vida sobre os ombros do S.M. Dois ou três segundos depois, ergueu-se e começou a gritar: —Daniel, Daniel! Era aquele espírito perdido no corpo da Pachita, à procura do seu refúgio habitual. Houve uma mobilização total. O facão foi escondido e afastado das mãos da "Pachita", assim como as tesouras. O

Memo correu para a cabeça da santa e abraçou-a, enquanto o Enrique os protegia, estendendo as palmas das mãos na sua direção. O S.M. tirou o aporte em forma de cruz que trazia ao peito e colocou-o na nuca da Pachita. Ficámos à espera e o Irmão voltou.

—Meu Deus, meu Deus! —ouvi-me dizer. O S.M. pediu uma explicação ao Irmão.

—Vê, pequenino —começou ele—: uma família tem três filhos, o pai sai à rua e passa por uma esquina onde, momentos antes, assassinaram alguém. O espírito do morto entra-lhe no corpo. Chega a casa zangado e discute com a esposa à frente dos filhos. No meio do desespero dos pequenos, o espírito apodera-se de um deles. É assim que acontece, e o que os pais deveriam compreender é que nunca devem discutir à frente dos filhos, jamais. A criança amedronta-se, desorganiza-se e, pouco a pouco, absorve toda a agressividade dos mais velhos. Num caso extremo, chega a suceder o que aconteceu com o Daniel.

—Meus irmãos —disse-nos de seguida o Irmão—, despeço-me de vocês.

—Alguém deseja algo? Adiantei-me. A dor nas minhas costas era insuportável e pedi ajuda ao Irmão.

—Se continuas assim, vamos ter de te operar —disse ele, em tom de brincadeira—. Deita-te e veremos o que podemos fazer. Deitei-me de barriga para baixo e as mãos da Pachita tocaram-me as costas. Senti um alívio instantâneo. Depois o Enrique levantou-me no ar e rapidamente dobrou-me sobre o estômago. Soltei um gemido e, a seguir, ri com gosto. Ainda doía, mas quase nada. O Irmão tornou a despedir-se de nós. Rodeámos a Pachita e o Memo colocou-se à sua frente, com os músculos tensos. Num minuto, a Pachita ocupou o seu corpo e esfregou os olhos.

Ainda com a luz apagada, o Enrique mostrou à F. uma tarântula de borracha que segurava na mão. A F. começou a gritar, tal como as outras mulheres, enquanto nós, homens, nos ríamos, encantados com a partida. Nesse ambiente acenderam a luz. A Pachita olhou para mim e a sangue na minha cara e roupa impressionou-a.

—Jesus, o que te aconteceu, Jacobo? À saída, convidaram-nos para uma festa. Todos aceitámos e eu fui com o S.M. até ao meu hotel. Pelo caminho continuámos a falar de Deus, da obra e da consciência.

Ganhei afeto pelo S.M. pela sua sinceridade e devoção. Contou-me que o Dr. M. tinha tido dificuldades com ele. Um dia veio dizer à

Pachita que os americanos queriam pagar-lhe avultadas mensalidades em troca de entrevistas e estudos sobre o Irmão.

—Fiquei zangado com esse homem —disse o S.M., com firmeza—. Como se atrevia a dizer aquilo! A Pachita —lembro-me de lhe ter dito— é um pássaro que precisa de liberdade e ninguém a pode encarcerar jamais.

—O equilíbrio —continuou o S.M.—, o equilíbrio que encontrei queria que todos o desfrutassem!

MONTE BRANCO

Na verdade, tudo chega quando deve. Durante muitos anos quis sair do meu corpo e fazer viagens fora do corpo, e só aqui, em Parral, começo a entender a técnica. Há qualquer coisa em Parral que faz as pessoas interessarem-se pelo espírito. Mesmo nas festas se fala disso, e a R. vem buscar-me no seu corpo etéreo todas as noites, à meia-noite, e ajuda o meu espírito. Viaja e vem em astral e eu sinto-a. Serão as minas? O ar? Aqui nasceu a Pachita, filha ilegítima, e foi abandonada ao nascer. Desejoso de saber mais sobre a vida da Pachita, fui vê-la no domingo de manhã. Sentada numa cadeira, na cozinha da casa branca, com o seu casaco gasto e o vestido de sempre, dava conselhos à filha. Pouco depois levantou-se e foi embalar a netinha, deitada num carrinho. Sentei-me ao seu lado e comecei a perguntar.

—Nasceste aqui, Pachita?

—Sim, em Parral, mas era pecado, porque os meus pais não se tinham casado e abandonaram-me.

—Ai, Jacobo, às vezes, aqui, vivo muito intensamente. Lembro-me da minha infância e dos primeiros anos.

—Com o Charles?

—Nem me perguntes, porque choro.

Os meus olhos já não veem. O direito já está opaco e o esquerdo mal distingue as coisas. Mas vejo com outros olhos. Quando olho um corpo, vejo as partes apodrecidas; faço-o desde pequena.

—E como? —Não sei, é como um mapa em que as partes do corpo sobressaem e eu sei. Mas o meu problema agora é juntar dinheiro para o meu infantário.

—Infantário?

—Sim, homem; lá nos bairros pobres da Cidade do México, a gente só vê porcaria. Imagina: como é que vais endireitar um cabrão quando ele já é grande? É preciso começar quando são pequeninos e, por isso, quero fazer um infantário e ensinar coisas boas aos miúdos desde cedo. Eu pensava que ia juntar dinheiro suficiente para pagar ao pedreiro, mas nem aparece gente. Por isso, já me vou na sexta-feira.

—Tenho muitas coisas para fazer, quero oferecer brinquedos às crianças pobres; no Natal faço-lhes sempre uma festa e, a 6 de janeiro, pozole e tostadas, e todo o bairro vai a minha casa na Cidade do México; ponho música e, também, porque não?, bebidas para alegrar os grandes.

—Achas —perguntei-lhe— que se pode aprender a curar?

—Não sei. —E o que vês no meu corpo?

—Muito cansaço e sucesso com o teu livro, porque o estás a viver na pele; ninguém te conta o que vês, e esse é o segredo de um bom escritor.

—A juventude aqui é muito espiritual —disse-lhe—, os rapazes viajam fora do corpo.

—Treta!

—Não, Pachita, é verdade.

—E tu, Pachita, sais do teu corpo?

—Só dou um empurrão e já estou fora.

—E para onde vais?

—Depende. Quando alguém precisa de mim, vou vê-lo. Às vezes faço-o para visitar lugares. Se visses que bonita é a Sibéria. Quando vou para lá, gosto de regressar pelo Monte Branco. Vê-se muito bonito, mas faz muito frio.

—Vês como aqui?

—Claro, vejo tudo, sinto e cheiro.

—Metes-te noutros corpos?

—É preciso ser muito cuidadoso com isso, sobretudo não se cruzar.

—Cruzar?

—Sim, homem, cruzar-se!

—E vês outras entidades?

—Sim, mas estão melhor do que nós, são mais puras.

—Vais a outros planetas?

—Sim, a Marte, à Lua e a Júpiter.

—Há vida em Júpiter?

—Não!

—E ao Sol?

—Isso não, ali é demasiado poderoso; gosto muito de visitar as crateras da Lua, são muito bonitas, mas tenho de regressar a tempo.

—A tempo?

—Sim, há tempo para tudo e deve ser respeitado.

—Alguém te diz quando regressar?

—Sim, o Orión.

A Pachita não conseguia ficar quieta mais do que uns minutos. Segui-a até à cozinha e, com o Enrique, falámos das operações. Eu contava o que tinha visto e a mais admirada era a própria Pachita.

—Ouçam —perguntou-nos de repente—, como está aquela velhinha de oitenta e cinco anos que tinha um tumor no estômago? Todos a tinham desenganado. —Está bem, mamã —respondeu o Enrique.

—E o livro, como vai? —perguntou-me a Pachita.

—Vai bem, exceto pelas receitas e os nomes dos medicamentos. Por mais que faça, não consigo lembrar-me desses nomes. As operações, pelo contrário, lembro-me muito bem.

—A propósito, o que é que se deve acrescentar às bebidas alcoólicas para que alguém deixe de beber? Não me consigo lembrar e tive de deixar uma frase em branco no livro.

Nem a Pachita nem o Enrique mo disseram.

—Vais visitar o doente do hotel? —perguntou logo a Pachita. —Não, mas tenciono fazê-lo.

—E não te dá pena que te ponham na rua?

—Depende —respondi—; se eu chego como espelho, não me põem. —Como espelho? —Sim; se a minha mente é um espelho, tudo corre bem. Como na prisão. Vou lá ensinar a meditar a um amigo e, quando chego como espelho, não tenho problemas. O Enrique ia dar uma dentada no taco e lembrou-se do sucedido com a carrinha.

—Essa carrinha —disse de repente— quase matou o Daniel.

—Então era o Daniel! —exclamei, espantado—. Esse espírito queria matá-lo antes de o tirarem do corpo. A Pachita levantou-se de novo em direção à sala. Sentou-se a embalar o neto e eu fui, outra vez, atrás dela.

—Amanhã haverá consulta? —perguntei. —Sim, mas eu não estou em êxtase. —

Como? —Sim, não trabalho com o Grande Chefe; trabalho com outros médicos.

—Porquê?

—Ora, Jacobo, não achas que há muitos seres que devem terminar a sua missão? Aqui não tenho a certeza de que me abra toda. Aqui há mais clareza e aqui entram outras entidades. Na Cidade do México estou muito protegida e aqui não há tanto silêncio. Na Cidade do México, um ruído pode fazer morrer uma "Faculdade".

—O quê?

—Sim, posso ficar morta; a verdade é que não entendo porque ainda não aconteceu.

—Como escolhem quem entra?

—Um conjunto de vibrações espirituais reúne-se à minha volta para diagnosticar.

—E as mãos?

—Isto é um bloco operatório e fazem falta videntes, mas não fantasistas.

Fizeram um carnaval: vem um parapsicólogo, reúne gente e cobra-lhes cinco mil pesos, e todos ficam em silêncio e respeitam-no. Em contrapartida, porque sou humilde, vêm como num carnaval e trazem gente degenerada, que não é vidente, e estragam todos os tubos e instrumentos do bloco. Houve um escritor, L. C., que me atacou muito sem me conhecer. Assim atacam o bloco e não têm respeito. Eu queria deixar as minhas memórias, fazer compreender do que Deus é capaz... —continuou a dizer a Pachita, com a voz cada vez mais grave.

—Lembro-me desde que tinha sete anos. Começa-se a vida sem a compreender, mas sentindo o aguilhão do sofrimento.

Por isso quero muito os órfãos. Nesse momento passaram dois netos da Pachita e ela pediu-lhes uma manta. Iam a brincar e não lhe ligaram.

—Filhos da mãe, caramba, pede-se-lhes um favor e nem ouvem. Bolas, já me passaram muitas coisas, mas não o mau falar. Tenho uma espingarda do Villa, é a minha única herança. Aos quinze anos o Charles foi-se embora. Estava doente e foi, como os elefantes, morrer à sua terra. Nessa idade andei com o Villa, lá por 1914.

—Eras a sua amante? —Eu era um regalo, mas ele não me agradava.

—O que me encantava era a sua hombridade; esse sim, tinha tomates. A Pachita voltou a levantar-se e trouxe-me um brinquedo de um dos netos. Era um disco voador que fazia um ruído muito peculiar. —Olha, Jacobo, assim fazem essas naves: param por cima da tua cabeça e fazem assim... Voltei a pé para Parral e lembrei-me de que a Cande me tinha falado, ao sair da casa branca, do tempo e da sensação de paz que se sentia em Parral ao olhar o céu e as nuvens. Impressionavam-me umas palavras que a Pachita me dissera: "Tens-me incondicionalmente, Jacobo, mas se eu vir alguma coisa suja na tua consciência, cairás do meu carinho para o meu mais absoluto desprezo".

AS CONSULTAS

Fui visitar o operado do hotel. Numa cama cheia de almofadas repousava um senhor quase careca, de nariz aquilino, tipo espanhol. O filho e a esposa cuidavam dele. Apresentei-me e vi-o. Antes da operação não podia falar e sobrevivia graças a um aporte de oxigénio. Agora virou-se para mim e começou a contar-me a sua operação. Ainda estava paralisado do lado direito do corpo, mas a cor da pele era rosada, já não precisava de oxigénio e falava — não com muita clareza, mas falava. O Irmão tinha-lhe extraído um tumor cerebral e o filho, depois de ver a operação, recuperara a fé.

No dia seguinte fui visitar a Pachita e encontrei-a a dar consultas. Não estava em transe e só quando ditava as medicinas e os remédios ao Enrique é que a voz lhe mudava. Auscultava os doentes com as mãos e, enquanto entortava os olhos, parecia observar o interior dos corpos e os detalhes das doenças. O S.M. estava no recinto e o quadro de Cuauhtémoc enquadrava a cabeça ruiva da "santa". Ela tinha-me proibido chamá-la assim e aborrecia-se quando algum doente chegava com a ideia de que bastava tocá-la para se curar instantaneamente.

—Eu não sou santa —disse-me—, olha para mim, mais lixada do que tu e eu juntos.

—Eu já me vou de Parral —dizia ela ao S.M.—. Não consigo juntar o dinheiro para o meu infantário. Além disso, já nem têm dó. Ontem

veio o padre I. e obrigou-me a ir à missa. Isso não me agrada, S.M. fizeram-me comungar e eu não sou dessa onda. Eu compro uma alegria na rua e com isso comungo onde me dá na gana — que missa nem oito quartos. O filho do S.M. pediu consulta. Em vez de acertar numa bola de futebol, deu um pontapé num lancil e o pé doía-lhe muito. A Pachita encaixou-lhe um osso como quem apertava uma porca, deixando-o pronto para andar sem dor.

—Tu também comunga, S.M. —disse de súbito a Pachita—. Porque é que só eu? Só me veem a cara de tola e eu não sou dessas ondas; Deus está em todo o lado e ninguém comunga mais do que eu. Dizia-o a sério; no fim da sessão, chorando amargamente, contou-me as injustiças que via. Falou-me das diferenças tão grandes entre ricos e pobres, dos sofrimentos destes e da cegueira dos primeiros: porque é que não repartem todo o seu dinheiro? O S.M. tem um empregado com dez filhos e está doente e o ordenado não lhe chega. O Enrique lia um livro de bolso enquanto apontava as receitas; também queria ir-se embora de Parral. "Tenho saudades da minha equipa de futebol", disse-me, pousando o livro. "Aqui desespero-me muito."

Entretanto, uma família com dois filhos entrou no recinto. A mãe, uma senhora grande e obesa, adiantou-se, cumprimentou a Pachita e descobriu o peito.

—Tenho aqui uns caroços e estou muito assustada. A Pachita auscultou-a e perguntou-lhe se tinha caído.

—Não —respondeu a mulher—, tinha-os dos dois lados. Apareceram depois de me esfregar com um creme redutor. Ainda amamento o meu filho e dói-me muito.

—Salsaparrilha, raiz branca, três vezes ao dia, e batatas —ditou a Pachita ao Enrique—. Pomada vermelha depois da batata e que o rapaz mame ao contrário.

O que tem é água, não é cancro —diagnosticou a Pachita. Agora foi a vez do marido. Tinha a pele muito maltratada e cheia de chagas.

—Vaselina sólida, chá de oliveira como água de uso! Depois de receitar, a Pachita perguntou-lhe se costumava banhar-se em barragens ou lagos.

—Não, só em banhos públicos. —Salsaparrilha, gotas verdes, papaia nas feridas e caruncho! Conhece o caruncho? Veja: arranja uma

madeira muito carunchosa, tira a madeira comida pelos bichos, mistura com pedacinhos de papaia e água de malva e unta a pele.

Entrou depois uma mulher. A Pachita pegou-lhe na mão e, de olhos fechados, pressionou diferentes zonas da mesma.

—Fica sem ar? Sua por insuficiência do pâncreas! Camomila, salsa e bexiga de vaca: põe no costado e, no dia seguinte, tira. Passaram uma mulher e a filha. Depois de apalpar a primeira, receitou-lhe linhaça e beldroegas para a obstipação. A menina tinha um osso da anca fora do sítio e a Pachita marcou-a para operação na quarta-feira.

—Vai doer um bocadinho —disse-lhe com doçura—, mas é preciso arrumar a anca para o sangue voltar a passar para a tua perna e poderes andar bem.

—A minha filha sofre —disse a mãe—, gozam com ela e chamam-lhe torta.

—Assim é a humanidade, minha preciosa —disse a Pachita à rapariga—; até os da tua idade te querem "deitar abaixo", mas deves perdoá-los.

Entraram dois rapazes, um deles em cadeira de rodas. —Dispararam-me e a bala cortou-me a medula; os médicos quiseram tirá-la, mas disseram que ficou um pedaço lá dentro.

—Três garrafas de xerez, extrato de noz-de-cola, óleo de noz, camomila, absinto, seiva e arruda.

—Vamos ver se ainda tens a bala! A Pachita tocou-lhe as costas com os olhos fechados. Virava a cara e parecia esforçar-se por manter a concentração.

—Não há bala, mas os nervos estão colados à coluna. O sangue não desce e não sentes nem quando urinas nem quando defecas. Na quarta-feira, se o meu Pai nos der licença, vamos ligar o teu nervo para sentires a urina. Para as chagas, tiras a madeira carunchosa, juntas com casca de papaia e malva e que o teu irmão aplique a mistura nas feridas.

Depois entrou uma senhora, olhou-nos muito envergonhada e sentou-se à frente da Pachita.

—Doem-me as pernas, as costas e o cérebro!

—Bebedeiras?

—Sim! —Chá de oliveira para o resto da vida, como água de uso! Isso vai ajudar a circulação, que está muito deteriorada. A mulher saiu e, no lugar dela, uma moça jovem e cega foi ajudada a sentar-se por uma

amiga que a acompanhava. Com uma lanterna de mão, a Pachita iluminou-lhe os olhos depois de lhe tirar uns óculos escuros que trazia. —Está quente!

—O que viu?

—Um clarão!

—Está a melhorar —disse a Pachita—, só que não quer abrir os olhos. A acompanhante disse que, desde a operação, a amiga lhe tinha dito que via como raios de luz e estrelinhas, como pontos luminosos.

A mulher seguinte queixou-se de que não conseguia dormir.

—Põe uma bacia de água debaixo da cama para te sugar os maus pensamentos e te deixar dormir; assim o teu espírito sente-se livre para melhorar. Deixa-o viajar para onde deva, para arrumar os teus assuntos! O doente seguinte impressionou-me. Tratava-se do operado do coração. O irmão disse que comia bem, o coração trabalhava certinho.

—Primeiro Deus, e sempre para cima, bom homem! —Quando vir água num ribeiro, corte uma flor vermelha e veja como a água a leva! Essa é boa medicina —disse muito séria a Pachita. O pai do operado, um velhinho que não ouvia de um lado e que também fora operado, adiantou-se.

—Dói-me o olho e ainda não ouço. —Se quiser, compomos isso —disse a Pachita—, mas o senhor disse que preferia continuar surdo e já não sofrer dor com a faca.

Eu estivera a tomar notas e, cansado, parei um momento. A Pachita virou-se para mim e acusou-me:

—Vê lá se trabalhas, preguiçoso! Ri-me e peguei na caneta para anotar que uma velhinha, com o pescoço inchado, ralhava com a Pachita. —Operaste-me e olha, estou na mesma.

—Mas já não dói, pois não, mãezinha? —Mas está inchado na mesma, e agora o que fazemos?

—Pois vamos cortar-lhe o pescoço.

—O que me vai fazer?

—Cortar-lhe o pescoço!

—Bom, ó Pachita —disse a mulher—, venha a Canotilla, em Durango, à herdade do Villa. A mulher morava lá, e a morada foi resposta a uma pergunta da Pachita.

—Já reconstruíram a casa do meu velho? Ah, que bom, para ficar como museu.

A um senhor que entrou depois, a Pachita detetou-lhe uma úlcera.

—O senhor está anémico e tem uma úlcera —disse—. Venha na quarta-feira e tiramo-la.

—E quanto me vai custar?

—Oitenta mil pesos!

—Ai! —queixou-se o homem—, não tenho dinheiro.

—Não, homem, não me pague nada. Paga quando se curar. Da próxima vez que eu vier a Parral, aí sim, persigo-o para cobrar. Entrou depois o americano da perna com joelho postiço.

—É necessário tirar-lhe a osteomielite —disse a Pachita ao acompanhante e tradutor—. Diz-lhe que venha na quarta-feira e operamos. Depois, um senhor com os olhos em mau estado.

—Precisa de lavar os olhos com camomila. Venha na quarta para lhe tirar a catarata que traz no olho.

Mais tarde entrou um senhor muito cansado e com um curativo no pescoço. Trazia uma carta.

—Lê, Enrique —disse a Pachita ao filho—, lê porque eu não sei ler.

—Tem um pulmão doente.

—Cancro —disse a Pachita—, cancro no pulmão. A Pachita apalpou-lhe as costas e pediu-lhe que falasse.

—Ervas para a tosse em leite, alúmen em água! —Vamos operar esse pulmão; venha o senhor na quarta-feira.

—Beringela e gotas verdes! Tinha comprado uma gravadora para a Pachita ouvir música e gravar as suas memórias. Tinha-lhe amealhado algum dinheiro para o infantário e entreguei-lhos quando ficámos a sós, depois das consultas. Olhou para mim e começou a chorar. Eu também chorei e, nesse estado, despedi-me da Pachita.

A INDIVIDUALIDADE

Quando empurras uma parte da membrana do teu ser, vês cores. Quando empurras outra parte, aparece uma paisagem e, noutra, um móvel e uma cidade e caras... O arco-íris resulta de um processo de interação; uma imagem holográfica também resulta de um processo de interação — tal como a experiência, a consciência, a luz...

A escuridão associada à ativação de um fenómeno eletromagnético de baixa frequência não é a mesma escuridão associada a um fenómeno eletromagnético de altíssima frequência. Tudo tem vida própria e o aqui, o ali e o além são o mesmo... Existe um lugar neste planeta que guarda tal energia que quem lá vive reconhece uma fonte inesgotável de criatividade a fluir através de si. Quem viveu em Tepoztlán sabe do que falo. A sua situação geográfica e a sua gente atuam como amplificadores da consciência. Quem tiver dentro de si algo por resolver e visitar Tepoztlán sentirá uma tensão suprema.

Quem for puro viverá o êxtase. Lembro-me de que, depois de passar um ano em Nova Iorque a fazer investigações cerebrais — e completamente dececionado com a impossibilidade de penetrar na consciência usando a tecnologia psicofisiológica contemporânea — decidi procurar um lugar adequado para percorrer-me a mim mesmo… e fui parar a Tepoztlán. Encontrei lá a Rita, mulher extraordinária que me ensinou a inexistência da dicotomia exterior–interior, e o John, que me introduziu na consciência da Unidade. Passados dois anos, resolvi regressar à Cidade do México. Vivi outros anos na cidade e o constante lidar com estruturas rígidas afastou-me do verdadeiro Ser. Tinha deixado de visitar Tepoztlán por medo e, quando conheci a Pachita, sofri uma verdadeira crise — e um novo despertar.

Enfrentava a realidade da existência de entidades espirituais e a capacidade ilimitada da consciência e a minha própria (confesso) não estava totalmente preparada para a revelação. Depois de dois meses de trabalho com a Pachita, sentia que despertava (outra vez) para a vivência de um verdadeiro desenvolvimento e para a visão do ser humano como possuidor de uma essência extraordinária. Ao regressar de Parral, ansiava voltar à casa da Pachita e continuar a obra do Irmão. Na sexta-feira senti que algo extraordinário ia acontecer no meu reencontro com a Pachita e vivi todo o dia num estado de excitação e consciência límpida. De manhã,

dei-me conta de que a mulher a quem tinha amado durante três anos não era para mim e isso, junto com a sensação de que algo extraordinário me acontecia, fez-me compreender a razão das terríveis tempestades que nesse dia açoitaram a Cidade do México.

Às sete cheguei à casa da Pachita a experimentar um estado de êxtase absoluto. Várias pessoas esperavam a sua vez para serem operadas e, ao aproximar-me da porta do recinto, ouvi o meu nome pronunciado duas vezes. Virei-me na direção do som e encontrei a Rita. "É isto!", disse para comigo, imensamente emocionado. "Volto a estar em contacto com os seres a quem verdadeiramente sinto como irmãos, e este encontro com a Rita é apenas o começo." Abraçámo-nos, incrédulos por estarmos ali, e depois entrei no recinto. A cama das operações estava encostada à parede de tal forma que não pude colocar-me no meu lugar habitual. Fiquei de pé ao lado da Pachita e dei-me conta de que o Irmão estava a criar um ambiente de extrema serenidade e calma.

Cumprimentámo-nos e, com uma voz muito profunda, explicou-me que a zona perto da parede se tinha purificado e por isso a cama das operações fora mudada de posição.

—A minha carne —continuou o Irmão— estava muito triste porque achava que já não virias mais.

—Como podes pensar isso? —consegui dizer, pensando comigo mesmo que nunca abandonaria a Pachita. Ia dizer que adorava aquela mulher, mas não me atrevi.

—És um choramingas —disse a seguir o Irmão—, um verdadeiro chorão. Referia-se à despedida de Parral e, envergonhado, tentei explicar que ver a Pachita chorar me produzia tal dor que tinha de a acompanhar no pranto. Mas também não o disse, embora esteja certo de que captou os meus pensamentos.

—Que tristeza tão grande, não é, Jacobo?

—Vivemos muita dor em Parral —respondi—, e muita hipocrisia. O Irmão brincou, dizendo que eu desejava regressar a Parral e que só esperava a mais mínima oportunidade para voltar para lá. Todos rimos e preparámo-nos para as operações. A Candelaria ocupava a posição de "afanadora" e encarregava-se de cortar algodões e ensopá-los em álcool quando chegou o primeiro doente.

Se me lembro dos meus primeiros dias ao lado do Irmão e os comparo com a visão que agora tenho, assombro-me com as minhas

mudanças. No início, custava-me horrores aceitar que o Irmão existia como uma entidade independente que conservava a sua individualidade. A minha conceção do nível espiritual era a de um estado indiferenciado e omnipresente, no qual o individual desaparecia para dar lugar à unidade. Apesar de ter visto o Don Lucio falar com espíritos e de ter desenvolvido toda uma técnica para recuperar a memória de vidas passadas (batizei-a como técnica de Análise Reencarnatória), eu não conseguia aceitar a existência do individual para além do plano orgânico. Depois de quase dois meses, essa ideia já não existia.

Tinha visto tantos casos de "feitiços" e ouvido tanto o Irmão que, por fim, aceitei que depois da morte conservamos uma individualidade e que o nosso desenvolvimento continua. Cuauhtémoc, por exemplo, fora brutalmente impedido de prosseguir a sua aprendizagem na Terra e, para passar ao nível seguinte, devia culminá-la através do corpo da Pachita e de todos os que constituiriam a cadeia xamânica da obra. Não conseguia imaginar a vida no plano das entidades espirituais; no entanto, começava a ter acesso a certos elementos que, pouco a pouco, me ajudariam a entender. Um deles aconteceu no fim da sessão de operações que descreverei mais adiante.

O corpo da Pachita sentou-se num banco junto ao altar e despediu-se rapidamente dos que estávamos no recinto. Levantou o braço direito e anunciou-nos que tinha de ir, pois havia uma missão muito urgente a cumprir. Missão urgente? Eu sentira durante duas semanas uma tensão insuportável que, por vezes, aumentava de intensidade e, por vezes, diminuía.

Tenho idade e experiência suficientes para distinguir o que provém da minha história pessoal daquilo que resulta de uma mudança global de consciência, e a tensão que experimentava tinha origem no segundo e não no primeiro. Sentia que uma luta formidável se desenrolava diante dos meus sentidos psíquicos e que nela se jogava a alternativa entre a luz e a escuridão. Disse-o ao Irmão ao iniciar a sessão e, no fim, a "missão urgente" conectou-me com essa luta. "Assim é", disse o Irmão com entusiasmo: as entidades realizam comunicações, têm planos, lutam, comunicam-se e vivem numa obra permanente e sempre defendida!

Definitivamente existia um nível de consciência que, embora ocorresse em simultâneo com o meu, me passava completamente despercebido nos seus detalhes e, no entanto, era claro para mim em

emoções generalizadas e sensações indiferenciadas. Nunca tive tanta clareza dessa existência como nesses dias depois de regressar de Parral. Desejava estabelecer contacto com esse nível de realidade e ser capaz de ver mais fundo, e o Irmão ajudava-me. Talvez por isso uma das razões para eu querer ir a Tepoztlán.

Uma das doentes que o Irmão operara às costas repousava em casa da Rita e eu ajudava-a a preparar a medicina que a Pachita lhe receitara para fortalecer a zona: um emplastro de batatas a ferver que devia colocar nas costas durante toda a noite. Obviamente, além de uma capacidade curativa desconhecida para mim, esse remédio tinha a virtude de dirigir a atenção da doente para a zona delicada e de lhe despertar consciência do funcionamento e da anatomia.

Porque a dor (como qualquer experiência) é a resultante final de um processo neuronal: a dor é a transformação, em experiência consciente, do que previamente é um processamento lógico neuronal através de circuitos hipercomplexos. As batatas serviam para orientar a atenção para o processo que precede a resultante, o que seguramente canalizaria energias na direção adequada e fortaleceria a área a operar. O acesso da consciência ao seu próprio processamento, além de permitir um grau supremo de conhecimento da própria individualidade, é uma nova e grandiosa aventura do pensamento. De algum modo, esse acesso abre as portas que permitem perceber a realidade como criação pessoal e facilita a consciência de Unidade.

Quero dizer que quem for capaz de entender os seus processos internos descobrirá que entre eles e o que chamamos “o mundo” existe uma continuidade, e que uma simetria adamantina configura o “interno” como micromodelo do “externo”. A simetria transfere-se depois para um plano de sinonímia e, nesse instante, reconhece-se que o interno e o externo formam um contínuo inseparável. É claro que uma das fronteiras da consciência de Unidade é o manejo direto do mundo através do pensamento e a abertura ao contacto com as entidades espirituais.

Em Tepoztlán, lembrei-me de que, tal como o espaço bicónico de Minkowski, a consciência corporizada é um cone convergente que unifica elementos localizados na sua base até chegar ao centro — o ponto de inclusão total — que, numa integração esplêndida, liga a consciência à sua própria individualidade. O centro é o fim e o ponto de partida: é a sensação de ser, para lá de qualquer definição, e a lógica cerebral adequada para

chegar a esse centro é a lógica convergente. Assim, no cérebro, o processo é um cone que termina num ponto. O nível seguinte volta a ser cónico, mas em vez de convergir… diverge. A partir do ponto, a consciência expande-se e abre-se o espaço. É aí que se estabelece o contacto com a outra realidade.

A Pachita tivera de viver inúmeras experiências para deixar para trás outras tantas ilusões e estabelecer um contacto total e permanente com o seu centro de consciência. Depois — recordou o Irmão — entendi em Tepoztlán que, a partir de certa etapa da vida, as ilusões se reconhecem e descartam como falsas. Assim sucede com o sexo, o ego, as dependências emocionais e o material. Aprende-se a aceitar unicamente aquilo que é permanente no meio de todas as mudanças, aquilo que ordena o aparentemente disperso; e o único motivo de vida passa a ser manter essa essência redescoberta e conservá-la contra estruturas, tentações e ilusões de prazer e gozo.

A primeira paciente era um bebé de poucos meses. O seu corpinho delicado foi abraçado pelo Irmão e, a seguir, colocado na cama de operações. A sua carne era frágil; sofria de fraqueza geral e de um atraso motor intenso. O Irmão comentou a fragilidade das criaturas e, fazendo-me segurar aquela cabecinha diminuta entre as mãos, introduziu o facão na nuca da criança. Girou várias vezes a faca e, convencido de ter reorganizado algo dentro da massa cerebral, retirou-a e fechou a ferida. Enfaixámos a criança e entreguei-a à mãe, que agradeceu a intervenção. Depois passaram os pais da menina já crescida e a própria, na sua cadeira de rodas. O Irmão tocou no braço da rapariga e pediu-lhe que se levantasse da cadeira.

Vi o assombro e a esperança no rosto dos pais e preparei-me para ajudar a belíssima inválida. Ela compreendera a ordem do Irmão e, com um esforço titânico e emocionado, ergueu-se da cadeira e ficou de pé durante um instante. O seu rosto refletia o esforço e os seus olhos mudos, um conhecimento recém-adquirido. A rapariga começara a mostrar sinais animadores de coordenação motora e, enquanto a Pachita permaneceu em Parral, tinha caído da cadeira numa das tentativas de andar sozinha. O Irmão disse que a queda fora uma bênção, porque ajudara a ligar duas partes do cérebro necessárias para o nível seguinte de recuperação.

Deitámo-la de barriga para baixo e eu segurei-lhe as pernas, enquanto o pai fazia o mesmo com a cabeça. Eu tinha visto pelo menos três

operações ao cérebro feitas nela e nenhuma infeção que, noutras condições, um facão sem esterilizar — em contacto com ventres, peitos, pénis e vaginas infetadas — deveria necessariamente provocar.

Notei uma rigidez extrema nas pernas da menina, e o Irmão comentou, satisfeito, que ela também se zangava e que era disso que vinha a tensão do corpo. A faca penetrou o couro cabeludo e parte do crânio, e eu prestei muita atenção ao sangue que brotava da ferida. Era muito estranho, e eu já o tinha notado várias vezes em muitos doentes. A coloração era vermelha, como a do sangue normal, e o cheiro também. Mas a consistência era estranhíssima.

A única forma que me ocorre para a descrever é como uma pasta constituída por esferas gelatinosas de cerca de cinco milímetros de diâmetro, revestidas por uma membrana elástica. Foi isso que jorrou da cabeça da menina e, enquanto o Irmão trabalhava com a faca, falava da necessidade de ligar e religar nervos e estruturas cerebrais. Por fim, terminou, fechou a ferida e comentou que em breve haveria uma recuperação colossal. Quando contei este caso à Rita, de repente lembrei-me de ter visto o Irmão enxertar pedaços de cérebro na massa encefálica de pacientes, em substituição de outros danificados, e um arrepio tremendo percorreu-me o corpo.

Colocar pedaços de cérebro como enxerto era, em parte, transferir a consciência de várias pessoas para outra, pelo que a recuperação desta última teria, necessariamente, de ser diferente da esperada sem as partes alheias. O que acontece à consciência assim enxertada? Quem é que desperta? Imaginei a menina completamente recuperada, a falar, a pensar e a rir; pensei que a sua consciência seria algo absolutamente distinto da consciência que os pais tinham conhecido, e perguntei à Rita se, na sua opinião, o centro não mudaria; respondeu-me, otimista, que não. A recuperação deveria ser gradual, e não brusca, entre outras coisas para permitir a unificação da menina.

Lembrei-me de Patanjali e dos seus aforismos sobre o Yoga, quando menciona que a finalidade é fazer com que o lago da mente não tenha ondas, para que assim a mente possa ver-se cristalina a si própria. Rezei pela recuperação da menina num nível de transparência e paz, e assustei-me ao ver a doente seguinte. Era uma senhora horrivelmente inchada. O Irmão tinha-a operado ao fígado e aos rins semanas antes, e eu

tinha-o ajudado nessa ocasião. Lembrei-me das rezas da mulher e perguntei-me por que razão tinha voltado.

O Irmão explicou que o enxerto que tinha feito não pegara e que isso significava que havia uma razão poderosa — e não aleatória — para a contingência. Enquanto eu segurava a mão da doente, abriu-lhe o abdómen e o inchaço pareceu sair pela incisão sob a forma de um jorro quente de sangue que me encharcou a cara e a roupa. Envergonhado por causa do sangue e com a barba a pingar, pedi um algodão com álcool à Cande. Esfreguei-me e supus que também teria de haver uma razão para esse batismo em sangue, mas não soube dar resposta ao porquê.

Saturei a ferida e, depois de ver fechar-se a tremenda incisão sem reconhecer cicatriz nenhuma da primeira vez, enfaixei. Uma senhora americana, de meia-idade, ocupou a mesa. Doía-lhe a perna esquerda. O Irmão detetara que o fémur estava fora do lugar e preparou-se para abrir a perna e colocá-lo de novo. Explicou-me que eu devia puxar a perna para ajudar a ajustá-la, e eu dispus-me a fazê-lo. Peguei na mão da senhora e pedi-lhe que ma apertasse para acalmar a dor. Uma das condições para a operação era que as pernas da doente estivessem relaxadas e completamente direitas, mas a dor e o medo impediam que isso acontecesse.

A doente apertava-me o braço direito, enquanto o esquerdo se preparava para ajudar no puxão necessário para encaixar o fémur. O Irmão abriu a perna e manobrou diretamente sobre o fémur, enquanto a senhora gritava de dor. Senti que precisava das duas mãos para puxar e tentei soltar a direita, mas a mulher não me queria largar.

—Puxa, Jacobo, puxa! —Não posso, ela não me larga a mão! O Irmão riu-se da minha situação e, numa manobra acrobática, tive de subir para a cama para que o Enrique puxasse a perna.

—Não te quer largar, pois não, Jacobo? —perguntou-me o Irmão, a brincar, enquanto todos ouvíamos os estalos de um osso a encaixar noutro. Por fim, o fémur voltou ao lugar e a doente sentiu a dor diminuir e percebeu que recuperara completamente o movimento da perna. Pedimos-lhe que a mexesse em todas as direções, e ela fê-lo alegremente e sem dor. Depois contaram-me que os gritos da operada e os meus próprios, a ordenar-lhe que se relaxasse, tinham sido ouvidos por todo o quarteirão.

O último doente era um músico de Nova Iorque, completamente surdo do ouvido direito. A Rita trouxera-o e, curiosa, assistia à intervenção.

Cumprimentámo-nos dentro do recinto e o Irmão, depois de fazer um campo à volta do ouvido, introduziu quase toda a faca através dele. Ia (nos seus termos) abrir o caracol para devolver a função ao ouvido. A operação durou longos minutos e só foi concluída quando o Stan indicou que começava a ouvir, ainda que tenuemente. Enfaixei a cabeça e lembrei-me de que o Enrique já me tinha ralhado várias vezes — e com toda a razão — por deixar as ligaduras soltas. Em Tepoztlán vi o Stan em casa da Rita. O penso dava-lhe o ar de um Van Gogh em versão menor, preocupado com a recuperação.

Ao vê-lo, veio-me à mente a imagem do bebé operado à cabeça. Lembrei-me de que o Irmão lhe injetara líquido cefalorraquidiano e pedira uma sonda de plástico. Introduzira a sonda no cérebro e colocara a outra extremidade na boca, para sugar ou talvez injetar um líquido arroxeado que parecia sangue. Nunca tinha visto tal manobra e, no meu espanto, nunca soube se o sangue vinha do cérebro da criança ou da boca da Pachita. Não sei por que razão a visão do Stan me lembrou a sonda, mas foi assim. Conversei com o Stan e falei-lhe do meu livro, e ele emocionou-se enormemente.

—Quero fazer um filme sobre a Pachita —disse-me com intensidade— e quero saber se podemos usar o teu livro como guião. — Tenho de perguntar isso à Pachita e ao Irmão. Sem a autorização deles, não posso aceitar a tua proposta; mas, se eles estiverem de acordo, eu também estarei. Confesso que a ideia de fazer um filme me assustou, e esperei por quarta-feira para perguntar ao Irmão a sua opinião.

Em Tepoztlán encontrei vibrações maravilhosas e pessoas interessadas no desenvolvimento da consciência. A Pachita proibira terminantemente o Memo de viajar a Tepoztlán, e isso fez-me estar duplamente atento para detetar alguma vibração negativa, mas a única coisa que percebi foi um limite nas minhas meditações e tempestades cujos trovões eram respondidos por milhares de esporões de montanha.

O QUE VOCÊS, MORTAIS, CHAMAM EGO

A verdadeira realidade transcende toda a lógica, pensamento e verbalização. Para além do pensamento e da linguagem está aquilo que liga ao Ser e à vida plena de sentido. Cada um de nós é um sentimento, e existe um estado de consciência a partir do qual se dialoga com o mundo e tudo adquire significado. Na segunda-feira, na sessão de meditação com o meu grupo, todos vimos uma luz branca e dois de nós ligaram-se ao diálogo com o mundo. Um ruído respondia a um desejo e a uma pergunta. O trinar de um pássaro respondia a uma ilusão e o ladrar de um cão, a uma sensação corporal.

Nenhuma linguagem o consegue descrever — e qualquer linguagem pode resvalar para o completo sem sentido —, mas o sentimento de união com o mundo, jamais. Assim me preparei para a sessão de quarta-feira. Ia ajudar a operar três amigos (o Stan, a namorada dele, Mimi, e a ex-mulher, Simi), que eu tinha convidado a recuperar-se em minha casa, em Coyoacán, e ia perguntar ao Irmão acerca do filme que o Stan queria fazer. Na manhã de quarta-feira, voltei a introduzir-me no estado de sincronicidade e, de novo, soube que existe um estado de consciência em que se estabelece um diálogo com o mundo, no qual cada som, gesto, movimento, mudança de coloração e textura das nuvens tem um significado total.

Como sempre, tive de me aperceber das provas que o mundo me impõe, e cheguei à casa da Pachita com a sensação de as ter passado satisfatoriamente. Encontrei a Rita e os seus amigos e entrei no recinto. Cerca de cem pessoas esperavam no pátio e soube que, nessa tarde, haveria cinquenta consultas e mais de vinte operações. Um novo ajudante estava à porta, e a forma como controlava a entrada pareceu-me muito eficaz. O D. guardava a cortina do recinto e pediu-me que esperasse antes de entrar.

O Irmão recebia as pessoas com a sua ternura habitual e, de novo, apercebi-me da sua capacidade ilimitada de estar completa e absolutamente com cada doente. Faltavam mais de quarenta consultas antes de iniciar as operações; a cortina dos altares estava corrida e o corpo da Pachita, sentado numa cadeira junto às flores, às estátuas e às pinturas de Cuauhtémoc. Por alguma razão, eu não me atrevia a aproximar-me do Irmão e, quando o fiz, também não me atrevi a cumprimentá-lo. Dentro de

mim havia a maior timidez que alguma vez senti e, quando me perguntei porquê, não encontrei resposta.

Por fim, pedi ao Lic. V. bálsamo e, depois de untar a nuca, os braços e o cabelo, cumprimentei.

—Em nome do Pai, eu te saúdo!

—No mesmo nome, eu te respondo! —respondeu o Irmão. —Como tem andado o meu rapazinho?

—Já bem —respondi.

—Que coisas novas encontrou?

—A "luz" já está de novo connosco —respondi, sentindo-me um pouco superficial. Na verdade, o que eu tinha visto era o diálogo do mundo com a consciência, e a minha preocupação dos últimos dias era entender o nível de consciência em que se estimulava a sincronicidade. Mas não o disse: falei apenas da "luz". Tinha-a visto vir para todos, e não unicamente para mim.

O Irmão olhou-me fixamente e respondeu algo que me deixou triste e inseguro:

—Então a "luz" vai e vem? Estamos a brincar? Pensei que o Irmão não tinha entendido que eu me referia à vitória da Luz para todos, e não apenas para mim; mas também soube que a sua admoestação era justa e necessária. Os doentes vinham e iam, e cada um recebia a sua receita e o diagnóstico. Impressionou-me ver que todos traziam um ovo, que entregavam ao Irmão para fazer uma "limpeza". Esta última era semelhante, na execução, à que eu tinha visto o Don Lucio realizar: consistia numa série de movimentos do ovo à volta do couro cabeludo, que lembravam a configuração de certas estruturas cerebrais, como o hipocampo.

Depois de cada "limpeza", o ovo era deitado no caixote do lixo e o doente recebia uma fricção com bálsamo. Não posso descrever todos os casos; falarei só dos que mais me impressionaram. Um menino de oito anos entrou sozinho no recinto e aproximou-se do corpo da Pachita.

—Tenho vontade de morrer —disse com voz apagada. O Irmão olhou-o um instante pelos olhos cerrados da Pachita e com o seu peculiar movimento de cabeça. Por fim, puxou-o para junto de si e disse-lhe que devia querer a mãe e que o pai regressaria em breve. Disse-lhe que o pai tinha ido arranjar uns denários para o sustentar a ele e ao resto da família.

—Não te preocupes —continuou—, ele gosta muito de ti e voltará em breve. —Que mais te acontece? O menino falou de uma dificuldade em controlar os esfíncteres e o Irmão, ao reconhecer-lhe o baixo-ventre, considerou necessário operá-lo. Deve existir algum componente ou processo comum e partilhado, não só nos fenómenos da consciência, mas também na doença corporal. Nesse dia, pelo menos 40% das consultas eram de alterações emocionais.

Gente que vinha e ia a queixar-se de infidelidades, ciúmes e abandonos. Pensei que estavam a desperdiçar o Irmão e que ele devia usar o tempo em coisas mais importantes; obviamente, ele não partilhava a minha opinião. Tratava uma mulher que se queixava da infidelidade do homem com a mesma intensidade e atenção com que atendia um cancro tido por incurável. Quando lhe pediam ajuda para fazer regressar o marido irresponsável, pedia o nome do fulano num papel e prometia visitar os interessados para resolver o abandono.

Uma mulher cega e idosa entrou no recinto e o Irmão reconheceu-a imediatamente. Abraçou-a, passando os braços da Pachita pelos ombros da velhinha, e ouviu as queixas.

—Já não vejo —dizia, entre soluços—, o meu corpo está fraco e não me consigo habituar à falta de visões e encontros.

—Minha carinhosa menina —respondeu o Irmão—, o que acontece é que, na tua vida, viste muito e agora entraste numa nova etapa. Tem paciência; eu pedirei ao meu Pai bênçãos para a tua velhice. Acompanhei a anciã à saída e, ao regressar, o Irmão contou-me que aquela mulher tinha sido uma grande médium e tido muito dinheiro, mas agora ficara sem o primeiro e sem o segundo. Pensei que os talentos psíquicos exigiam um cuidado extremo e não me consegui imaginar a Pachita a perder a sua capacidade curativa. Era como uma "luz" enviada lá de cima e nenhuma alteração corporal a poderia apagar. Se se ia, era por erro, abandono ou irresponsabilidade.

As operações começaram com casos de olhos. Um rapaz jovem, completamente cego, entrou acompanhado da mulher. Sentou-se na mesma cadeira que antes ocupara o corpo da Pachita e foi intervencionado com a faca. Impressionava ver como a lâmina metálica, gasta pelo tempo, penetrava na delicada joia dos seus olhos. Nunca vi expressões de dor nas operações aos olhos, e o caso do jovem não foi exceção. Enquanto a faca entrava e girava no interior dos globos oculares, o rapaz manteve-se

tranquilo e quieto. Como sempre, depois da faca, testou-se o alcance e a finura visual com uma lanterna de mão, e o Irmão introduziu o polegar entre a parede interna da órbita e a externa lateral do olho. Apesar de tudo o que já tinha visto, fiquei atónito a tentar entender como aquele dedo gigantesco podia caber num espaço tão reduzido.

Depois de várias operações aos olhos, um jovem surdo-mudo ocupou a cama de operações. O Irmão não me permitira ficar no meu lugar habitual, junto à janela e em frente ao corpo da Pachita, e eu trabalhava ao seu lado, numa posição incómoda. O caso era complicado, porque não havia maneira de saber se a intervenção tinha sido, ou não, um sucesso. A faca foi introduzida no ouvido direito e penetrou uns cinco centímetros. O Irmão sussurrou que tinha de alcançar o caracol do ouvido interno para o abrir.

Decidi tocar nas sobrancelhas do rapaz para detetar algum movimento que indicasse resposta ao som. Não o consegui fazer a partir da posição em que estava e pedi ao Irmão permissão para ir para o lugar da janela. Anuiu, e começámos a falar com o surdo-mudo.

—O mundo dele é muito diferente do nosso —disse o Irmão—. Mesmo que eu consiga abrir o caracol, o som não será reconhecido como tal, mas como outra sensação. Passados alguns minutos, reparei que a sobrancelha se mexia no instante em que chamávamos o rapaz; aí concluiu a operação.

Enquanto traziam o doente seguinte, aproveitei para perguntar ao Irmão:

—Tens amigos?

—Claro —respondeu—, todos são meus amigos.

—Mas —insisti— tens amigos?

—Bem, o meu séquito acompanha-me. Cuitláhuac está ao meu lado e o resto dos meus companheiros de reinado ajuda-me. Nesse momento entrou o Memo. Tinha uma dor de cabeça terrível e sentia-se atordoado com tanta gente e tantos problemas.

—Irmão —disse, com voz forte—, já não aguento tanta gente. —Olha, meu pequenino, não te desesperes.

—O Memo não foi talhado para multidões —disse-nos o Irmão mais tarde, ao Armando e a mim—. Desorganiza-se e dá-lhe dor de cabeça. Eu também não me sentia muito tranquilo. Tinha prometido ao Stan perguntar sobre a possibilidade de filmar um filme sobre a Pachita usando

este livro como base, e não encontrava forma de colocar o pedido. Por fim, atrevi-me e disse ao Irmão que faria o que ele aconselhasse. Se considerasse adequada a película, eu colaboraria; se não, não o faria. —Vê, Jacobo —respondeu, sério—, a finalidade é comercial e não há inocência. Agradeci a clareza, aceitei a decisão e, a partir daí, senti-me tranquilo.

A paciente seguinte era uma mulher que se queixava de dores abdominais. O Armando disse-me que vinha acompanhada de uma vidente e que seria interessante perguntar-lhe algo. Não sei como o Armando soube que era vidente, mas notei que a sua atitude mudou. Seguramente sentiu-se observada, e isso levou-o a comportar-se com mais seriedade do que o habitual.

A mulher deitou-se na cama e o Irmão auscultou-lhe o ventre. —Já a operaram, não foi, mulherzinha? Tinham-lhe tirado o útero e uma cicatriz enorme era a prova do atentado.

—A medicina moderna é uma carniçaria —comentou o Irmão, muito sério—. Os médicos não hesitam em violar o mais sagrado do feminino e extraem o útero da mulher como se fosse um dente cariado. Jamais se deveria fazer tal barbaridade; é um atentado contra a vida e contra a possibilidade de a procriar.

—Mas eu tinha cancro —respondeu a mulher.

—Que cancro nem meio cancro. O cancro está na moda e, quando os médicos não sabem, dizem que é cancro e atrevem-se a estas barbaridades.

—Especializaram-se —continuou— e já não se lembram de que o corpo trabalha como uma unidade; por isso muitas vezes não sabem o que fazem. A mulher queixava-se enquanto a faca abria o ventre. Eu segurava-lhe a mão e afagava-lhe a testa, tentando diminuir a dor. O Armando, muito sério, passava algodões ao Irmão. Da ferida, a mão da Pachita extraiu um tumor; depois pediu-me que saturasse.

Como sempre, coloquei um algodão embebido em álcool sobre a ferida e as minhas mãos por cima. A abertura fechou quase instantaneamente e o Armando apressou-se a enfaixar a mulher. Curioso, perguntei à vidente o que tinha percebido e ela respondeu que uma luz dourada flutuara sobre o corpo da doente e nos envolvera — à Pachita, ao Armando e a mim.

Ao sairmos, o Irmão confessou que a descrição o dececionara. Uma verdadeira vidente —disse-nos, com intensidade— diz “em nome e

por graça de Deus vejo…" e descreve o que vê; não se limita a dizer "uma luz dourada". Novamente, o Memo entrou, agora mais irritado do que antes.

—Uma senhora —disse— quer que a atendas; não está inscrita e insiste demais —já me esgotou a paciência.

—Ai, meu pequeno querido! —respondeu o Irmão—, quando aprenderás a perdoar e a ter paciência? Lembra-te de Jesus.

Quando caminhava a carregar a cruz para a sua morte, um homem aproximou-se e, sem se importar com o seu sofrimento, pediu-lhe ajuda para acalmar o seu. Jesus olhou-o, por entre o próprio sangue e lágrimas, e disse: "curado sejas". Entenderam? Apesar do seu próprio sofrimento e no último instante da vida, Jesus era capaz de dar — e foi isso que fez.

A descrição do Irmão impressionou-me e julguei ver imagens de um passado remoto. Jesus era capaz de sair do próprio corpo e curar outro, mesmo nas piores condições pessoais. De onde lhe vinha a capacidade de concentração? Que poder imenso tinha sobre a energia e sobre entidades dedicadas a curar? O nível do Irmão e o do próprio Jesus era ilimitado, e a interface entre eles e a matéria era como uma membrana capaz de executar as mais inconcebíveis manobras.

O doente seguinte tinha um tumor cerebral que lhe provocava um tremor constante nos braços e nas mãos. Cirurgião de profissão, um homem de uns sessenta anos deitou-se na cama.

—Vê, Jacobo —disse-me o Irmão—, este homem é um magnífico médico e hoje vamos rogar para devolver o controlo às mãos. —Meu doce pequeno —disse o Irmão ao médico—, vamos ajudar-te para que possas voltar a operar. Onde está o teu mal?

—No lobo parietal direito —respondeu o médico. —Vais-nos dizer o que fazemos —pediu o Irmão. Peguei na mão do homem e ouvi a descrição mais extraordinária: —Acabas de trepanar o meu crânio! —Agora estás a afastar as minhas meninges!

—Agora penetras no meu cérebro!

—Agora fechas a trepanação e a ferida do couro cabeludo! O Armando enfaixou a cabeça do médico e este perguntou se já podia operar.

—Claro, meu pequeno, já podes —e haverá sempre um Irmão a acompanhar-te.

—Oxalá lhe passe o medo —disse-nos o Irmão mais tarde—. Organicamente, o problema está resolvido; falta o emocional. De repente, virou-se para mim e disse algo muito estranho:

—Jacobo, quando tiveres um estetoscópio de ouro maciço, saberás o que é Deus.

O paciente seguinte era um ancião com um problema de próstata. Ajudei-o a deitar-se de costas e um arrepio percorreu-me o corpo quando percebi o que a faca fazia. A mão esquerda da Pachita segurava o pénis do homem e, com a direita, introduzia a faca pelo orifício urinário. A lâmina tem cerca de quinze centímetros e eu via apenas três ou quatro fora do pénis; o resto penetrara nele de forma impossível. O homem não se queixava e parecia não sentir dor. Com a máxima atenção, observei os giros, movimentos e translações do objeto metálico dentro do pénis e, suando, roguei para nunca ter um problema de próstata. O Irmão pareceu ouvir os meus pensamentos e deu-me o remédio para manter uma próstata em perfeito estado de saúde.

O paciente seguinte foi Ch., um rapaz judeu do Canadá. Tinha poliomielite e paralisia total da cintura para baixo. Sofrera-a em tenra idade e os ombros, o peito e os braços tinham-se-lhe hipertrofiado pelo uso das canadianas. Deitámo-lo de barriga para baixo e levantei-lhe a camisa para lhe descobrir as costas. O Irmão fez-me apalpar a coluna vertebral e notei que estava desviada, junto a uma cicatriz.

—Jacobo, pergunta-lhe quando o operaram! Traduzi que fora em criança e que a finalidade tinha sido permitir-lhe sentar-se comodamente numa cadeira de rodas. O Irmão abriu-lhe as costas e, enquanto enxertava ossos na coluna, o Ch. apertava-me a mão direita.

Quase gritei mais do que ele, sentindo uma fratura iminente dos meus dedos. A força da mão do Ch., juntamente com o desespero, fazia-o apertar com tal vigor que, ainda agora, ao escrever, sinto dor. Depois, uma velhinha magra e muito baixa ocupou a cama. O cabelo totalmente prateado e a compleição diminuta arrancaram ao Irmão exclamações de ternura. Enquanto eu lhe segurava a mão e ele lhe abria o abdómen, ouvi-o pedir pela ausência de dor.

—Meu Pai —sussurrou o Irmão—, concede-me que não lhe doa, suplico-Te que não lhe doa. Pegou na minha mão e introduziu-a no abdómen.

—Sente, Jacobo, sente… Havia ali uma pequena bola palpitante. Parecia um minúsculo coração localizado num sítio impossível do corpo.

—Está a palpitar! —disse, sem me conter.

—Assim são os tumores malignos —respondeu o Irmão—. Estão vivos e palpitam. —Irmão —disse-lhe no fim da operação—, eu gostaria de ver tudo o que fazes e não sou capaz senão de perceber uma faca e a mão da tua matéria. Como posso ver mais?

—Se eu o pedisse ao meu Pai —respondeu—, verias. Mas não dormirias de noite. Vais muito bem, Jacobo; tem paciência. O teu livro é corrigido e a tua visão também o será, mas tens de ir pouco a pouco.

A paciente seguinte foi a Simi. Deitámo-la de costas e o Irmão abriu-lhe o baixo-ventre. A mulher guinchava de dor e quase uivou quando o Irmão tirou uma esfera escura que crescera junto do sexo.

—Isto é o preço a pagar pelo prazer desmedido —comentou o Irmão. Traduzi a observação à Simi e ela pareceu compreender o significado. No dia seguinte, a recuperar em minha casa, contou-me a vida e eu também entendi. Tinha vivido em Tepoztlán e, depois de alguns meses, começara a receber visões e mensagens estranhas. Via duendes e máquinas flutuantes, OVNIs e extraterrestres. Completamente confusa, procurou alguém que a pudesse ajudar e, na Califórnia, conheceu A.P. Ele convidou-a a viver no seu instituto, em Nova Iorque, e durante dois anos a Simi participou numa série de experiências psíquicas tendentes a estabelecer uma comunicação direta com seres extraterrestres.

A.P. sujeitou-a a centenas de tranes hipnóticos e convenceu-a de que a sua missão, nesta vida, era ajudá-lo a preparar a aterragem maciça de extraterrestres. Pouco a pouco, a Simi foi penetrando na mente de A.P., e este colocou-a num estado de dependência total. A mente da Simi deixou de lhe pertencer e passou a ser considerada propriedade exclusiva de A.P. Ao cabo de dois anos de experimentação, a Simi deixou de perceber a razão da sua aparente missão e passou a desconfiar de tudo o que acontecia. Até que, um dia, fugiu. Entregou-se ao prazer num esforço desesperado de se encontrar, e o tumor no baixo-ventre era o resultado.

Depois passaram a Mimi e o Stan. A Mimi tinha dores muito intensas nas costas e o Irmão enxertou-lhe vários ossinhos, tentando criar uma estrutura óssea que fortalecesse a coluna. O Stan, o namorado, tinha sido operado ao ouvido direito, mas a surdez mantinha-se. Assistia à operação, e o Irmão chamou-o para ver o enxerto ósseo. A Mimi suportou

valentemente a intervenção e o Stan ficou a saber que a surdez continuava por uma mistura de falta de fé e impaciência. Ao terminar com a Mimi, o Irmão convidou o Stan para nova intervenção, mas ele recusou, receoso. Quando ficámos a sós, o Irmão disse-me que me contaria a vida da Pachita.

—Um dia destes hei de fazê-lo e saberás o que os mortais, como vocês, chamam ego. Aqui na Terra, os mortais precisam de ar, água, alimentos, e devem ser providos… A doente seguinte interrompeu o monólogo.

A operação que se ia praticar nela deixou-me atónito e ainda conseguiu surpreender o Memo, que a presenciou ao lado do Armando. Uma mulher bondosa entrou no recinto acompanhada da filha. Os médicos tinham-lhe detetado um tumor maligno num peito e amputaram-lho. Agora, o Irmão viu que era preciso enxertar um pulmão e todos nos preparámos para a operação. Era a última, por ser a mais complexa e longa. Peguei na mão da mulher e afaguei-lhe a testa enquanto o facão abria uma incisão gigantesca no lado direito do peito.

Ouviu-se um som parecido com uma fuga de ar e, de seguida, a mão da Pachita extraiu um tecido membranoso e violáceo e pegou, na mesa ao lado da cadeira, num pacote de papel de alumínio. Outra vez, não soube quem trouxera o pacote nem como aparecera na mesa. Continha um pulmão enrolado sobre si mesmo. O Irmão colocou uma das extremidades na incisão e pediu-me que segurasse a extremidade livre. A consistência era macia e esponjosa. Segurei-o com dificuldade, com medo de que me escorregasse dos dedos, e aproximei-me da ferida.

O facão estava colocado nela, seguro pela mão da Pachita. Não havia outro instrumento e, apesar disso, algo começou a puxar o pulmão. Vi-o deslizar para o interior do corpo e a minha mão acompanhou o movimento. De repente, o tecido desapareceu no interior e a ferida fechou-se diante dos meus olhos, sem deixar rasto visível. Disse à mulher que tudo tinha terminado — mas enganei-me. A mão da Pachita pegou na faca e aproximou-a da garganta da mulher. Com um movimento seguro, introduziu-a uns cinco centímetros por baixo da garganta. Ouviu-se um estalo e o Irmão perguntou-me se o tinha ouvido.

—Claro que sim! —respondi.

—O que foi? —perguntou.

—O pulmão! O Irmão riu às gargalhadas.

—O pulmão não está à frente, Jacobo!

—A traqueia! —corrigi, envergonhado.

—Claro —disse—, foi a traqueia. Depois soube que a mulher tinha grandes dificuldades respiratórias e que aquela manobra na traqueia fora usada para as resolver. Já não me atrevi a dizer que tudo acabara e observei a manobra seguinte. Ou melhor: cheirei-a. De súbito, um fedor pútrido invadiu-me as narinas. Procurei a origem e, ao fazê-lo, ouvi um ruído estranho: como se se tivesse aberto uma torneira e o líquido a correr fosse despejado no chão do recinto. Espreitei por cima da cama e vi que, do braço direito da mulher, o sangue saía em borbotões. Mas não era sangue normal: estava muito mais diluído e leve, e o cheiro era pavoroso. Vi-o escorrer durante vários minutos.

Era incrível que alguém pudesse ter tanto líquido. Subitamente, entendi que a mulher estava a sofrer uma transfusão total. Eu vira a boca da Pachita segurar a extremidade de uma sonda enquanto a outra era colocada no interior do ventre, e como um líquido vermelho passava de uma extremidade à outra. Era demasiado incrível pensar que a boca da Pachita servisse como fonte de sangue, mas o meu aprendizado dizia-me que o mais provável é precisamente o mais improvável — e não excluo essa possibilidade.

Ainda assim, neste caso não havia sonda e, a menos que se substituísse todo o sangue derramado, a sobrevivência da mulher seria menos do que impossível. Mas ela sobreviveu, e, enquanto tudo aquilo acontecia, falava e gracejava e parecia não sentir dor, como se vivesse fora do corpo. Na verdade, não havia outra maneira de explicar a manutenção da sua consciência.

Fausto

O trânsito da cidade atrasou-me e, depois de várias aglomerações, percebi que algo não queria que eu estivesse presente nas consultas. Cheguei à casa da Pachita trinta segundos antes de começarem as operações aos olhos, cumprimentei o Irmão e ocupei o meu lugar enquanto via os pacientes a serem intervencionados. O primeiro doente a deitar-se na cama foi um rapaz com surdez total em ambos os ouvidos. Era também mudo e, como noutros casos, a dificuldade de reconhecer se a intervenção tinha êxito era enorme. Chamava-se Fausto e, ao terminar a operação, o Irmão lembrou o Fausto de Goethe e disse-nos que a história era verdadeira. Depois, perguntou-me pelo meu estado e contei-lhe que, no dia anterior, tinha falado com uns amigos sobre Cuauhtémoc.

—Disseram que éramos uns cavernícolas e que fazíamos sacrifícios, não foi?

—Não, Irmão —respondi, sério—.

Falámos do nível de consciência em que te encontras e eu concluí que não o entendia como gostaria. O Armando aproximara-se e escutava com muito interesse a nossa conversa; ao ouvir-me dizer que não entendia o nível do Irmão, sorriu, como quem diz que eu pedia demais.

—É muito belo e formoso, Jacobo —respondeu o Irmão.

—Mas o que é? Por exemplo: quando disseste que tinhas uma missão urgente, o que era?

—Um ciclone aproximava-se do território dos índios coras e fui pedir ao meu Pai proteção para eles.

—E conseguiste? —Sim, o ciclone foi desviado da trajetória.

—Também gostaria de ver mais do que acontece nas operações…

Quando era jovem e iniciava o sacerdócio, as mulheres tentavam-no por ser muito bonito, e ele decidiu castrar-se para não cair em tentações. Um homem alto, de traços agradáveis e olhar bondoso, aproximou-se do corpo da Pachita e saudou o Irmão com tal sinceridade e intensidade que todos olhámos.

—Como está o meu pequeno?

—Com as costas de burro e a queixar-me de dores. Acho que o que preciso é de uma grua.

—E como estão os seus índios?

—Agora luto por criar uma quinta onde convivam crianças e idosos, se ajudem e aprendam uns com os outros.

—Aproxime-se, meu pequenino; vamos ver o que tem nas costas. Com as palmas das mãos da Pachita afastadas uns centímetros da coluna do sacerdote, o Irmão fez um diagnóstico.

—Deite-se, meu rapaz, que vamos fortificar essa coluna. Já devia descansar: é muito o peso que carrega. Com as costas a descoberto, o Irmão localizou a zona dolorosa e começou a trabalhar. Fez uma incisão de pelo menos trinta centímetros e deixou a coluna vertebral a descoberto. Pediu ao Armando uns ossos e, com o cabo da faca, introduziu-os entre as vértebras. O doente queixava-se e rezava a Deus quando, por fim, saturei a ferida, que se fechou instantaneamente. À saída do recinto, o Irmão confiou-nos que se sentia muito triste, mas a razão da sua tristeza não a posso reproduzir aqui.

A última operação foi a de uma mulher com um "dano materializado" nas costas. Obesa e de tez acinzentada, entrou acompanhada por duas das filhas.

Ela queixava-se amargamente de dores nas costas e custou-nos muito trabalho deitá-la de barriga para baixo na cama. O Irmão apalpou as costas e pediu-nos que a puséssemos de lado. À nossa volta, todos os ajudantes deram-se as mãos, formando uma cadeia de proteção. Dona Candelaria pegou numa garrafa de bálsamo e começou a lançar gotas do mesmo sobre a minha cabeça, a da Pachita, a do Memo e a do Armando.

— Rezemos, irmãos — pediu Cuauhtémoc. Introduziu a faca nas costas da "danificada" e forcejou uns segundos a tentar extrair algo. Eu sustinha a mão da doente e sentia-me muito energizado e forte. O Irmão tomou-me a mão direita e colocou-a diretamente sobre o "dano". Apalpei um tecido mole, com excrescências, e comecei a puxá-lo. Sentia que devia ser muito forte e vi como esse tecido ocupava toda a minha mão.

Puxei com força, tirei-o e coloquei-o num papel preto que a Cande me ofereceu. Perguntei se era tudo e o Irmão fez-me voltar a introduzir a mão. Desta vez, apalpei uma espécie de osso muito irregular, do tamanho de um pêssego maduro. "Aquilo" deslizou para a minha mão e coloquei-o no papel preto.

— Falta outro — indicou o Irmão. Voltei a introduzir a mão e, desta vez, apalpei uma esfera do tamanho de um olho, que me pareceu possuir relevos como os da cabeça de um homem. Tirei-a e coloquei-a no papel preto. Sentia-me muito estranho e notei que todos os ajudantes me olhavam com uma espécie de novo respeito e admiração. Saturé e Armando vendaram. Levaram a mulher e a Pachita ocupou a cadeira junto ao altar.

O Memo ficou de pé à sua frente e lembrei-me de que o Armando impedira os visitantes de se aproximarem do altar durante as operações. O Irmão despediu-se de todos e o seu corpo convulsionou-se, mas a Pachita não regressou. Em seu lugar, uma voz infra-humana começou a balbuciar coisas ininteligíveis enquanto o corpo da Pachita continuava a convulsionar-se. Com um movimento rápido, as pernas da Pachita abriram-se e ela urinou. A Cande aproximou-se do rosto da Pachita e colocou as mãos diante dos olhos.

— Toma "luz", toma "luz" e vai-te! — repetiu várias vezes, até que, por fim, a Pachita se recuperou. Aproximei-me do Armando para lhe

perguntar algo e o Memo interveio, dizendo que ainda me faltava ver o melhor, quando as garrafas de álcool se partem e caem coisas do teto.

— A mim — disse o Armando —, um "dano" destruiu-me um testículo quando, uma vez, tentei dar-lhe "luz". É muito perigoso! As filhas da mulher do "dano" perguntaram por mim e contei-lhes o que tinha tirado do corpo da mãe. O Memo pediu-lhes que dormissem até depois da uma da manhã. Quando terminei de colocar os "feitiços" no papel preto, vi o Irmão pegar numa espécie de palma (não soube como, nem de onde apareceu na cama de operações) e envolver com ela o papel que continha os feitiços. Apertou o embrulho com força, como se quisesse estrangular os "feitiços", e depois ofereceu-o ao Memo.

— Antes de o galo cantar — disse ao Memo —, virão reclamá-lo e tu terás de fazer o trato. O Padre E. não tinha quem o levasse a casa e eu dispus-me a conduzi-lo. No caminho, falou-me da sua própria obra e pareceu-me extraordinária.

— A Pachita está muito acabada — disse-me de repente —, há seis anos via-se muito mais nova. — Devem ser as penas contínuas e a intensidade do seu trabalho. Um dia, depois das operações, um "dano" violento meteu-se-lhe no corpo e esteve à beira de matar a doente de quem o tinha extraído. Tinham-me operado e eu descansava num quarto da sua casa quando a vi vir com a faca na mão. Abracei-a com força enquanto o Enrique tentava tirar-lhe a faca, mas foi inútil. Por fim, a Cande lançou-nos água benta e, por acidente, misturei o sangue de uma ferida minha — que, pelo esforço, se abrira — com o que brotava de uma mão da Pachita, que se tinha magoado, e isso afastou o espírito.

Apesar de todo o seu cansaço — continuou o Padre —, continua a conservar uma magnífica dose de humor, e isso é extraordinário. Era verdade: nessa tarde, durante uma operação, ouvimos o som de uma sirene de patrulha. O Irmão olhou para mim e, com um sorriso, disse que seria interessante a polícia penetrar no recinto e encontrar-nos.

— Imaginam — disse —, apareceríamos na capa do *Alarma*... "Velha bruxa a executar cerimónias de sangue e a iniciar na magia negra jovens ingénuos..." Ao chegar a minha casa, nessa madrugada, e ao entrar no quarto, dei-me conta de que "algo" colocara um livro junto à cabeceira da cama... Era o *Fausto*, de Goethe... Comecei a lê-lo e soube que o Irmão tinha razão. A história era verídica.

A OBRA “É o criador de todas as coisas, possuidor de toda a sabedoria, não tendo outra origem senão Ele próprio, autor do tempo, criador das formas, dotado da sabedoria universal, Rei da natureza objetiva, senhor dos mundos, da causa, da geração, do estado livre e aprisionado. Está, na verdade, unido ao Ser, o imortal; residindo como senhor, Ele é o conhecedor, o que penetra todas as coisas, o protetor desta esfera, dirigindo sempre este mundo mutável; não se saberia encontrar outra causa para os movimentos do mundo e dos astros.

Naquele que, desde a antiguidade, dispõe o Ser e que, na verdade, penetra nele todas as ciências, nesse Deus que ilumina a consciência individual, causa de liberdade, quero buscar o meu refúgio. É o Ser indiviso, dominando a atividade, na paz perfeita, em quem não se encontra falta alguma, puro de toda a mancha, ponte suprema que conduz à imortalidade, semelhante ao fogo perpétuo dos tições rubros. Quando, como um tapete, os homens enrolarem o céu, então — e somente então — cessará a dor para os que conhecem a Deus. Conhecendo, pois, o Ser pela força da meditação e pelo favor de Deus, e realizando a forma superior de vida, é como se nos mostra a suprema verdade, em toda a sua plenitude.

Este segredo supremo, contido na ciência final da sabedoria, ensinado nos séculos passados, não deve ser transmitido àquele que não possua a paz perfeita, ou que menospreze o dever filial, ou que quebre a regra da disciplina. Para quem oferece a Deus a devoção suprema, e ao seu instrutor como a Deus, estas verdades, com toda a certeza, resplandecerão para essa grande alma; para essa grande alma resplandecerão.” Esta sexta parte do *Shuestahuataropanishad* veio-me à memória na manhã seguinte. Durante vários meses, quando conheci o Don Lucio e o ouvi falar, perguntei-me sobre o significado da consciência. O que liga a consciência individual ao Ser? O que ilumina o ser humano e o liga à paz? Descobri em mim a existência de uma sabedoria luminosa, envolta em camadas de estruturas, e, pela meditação, aprendi a perfurá-las para deixar aflorar o que sabe e É. “Vi” o mesmo processo em todos os que utilizavam a técnica e concluí que a meditação livre liga o Ser ao que ilumina.

O meu espírito, curioso e conhecedor de algumas regras do pensar científico, metera-se na difícil tarefa de averiguar como se realizava o portento do contacto com o que não pode ser nomeado: com a voz, com o Tao, com o Ser, com Deus. Descobri que o espaço está organizado e que uma das bases do contacto é reproduzir tal organização no sistema nervoso.

Requer-se (como diz o Upanishad citado no início) enrolar o céu como um tapete, isto é, incluir tudo numa generalização mais unificada e convergente. Esse incremento da capacidade de unificação era uma das regras, mas não bastava: era preciso aumentar a coerência para chegar à ordem perfeita e à calma.

O espaço e o cérebro deviam ser simétricos e refletir-se mutuamente num aumento de convergência e de redundância. A atividade cerebral devia ajudar o contacto, tornando-se um modelo perfeito do todo, para que este pudesse ver-se a si mesmo e refletir a existência em si mesma. A "luz" era o contacto e este não se assemelhava a uma comunicação de um ser com outro, a uma conversação ou a um contacto de humano para humano, mas sim ao embebimento do todo no seu próprio reflexo. Desesperava-me ver tanto anseio por concretizar e trasladar o incomensurável para uma dimensão humanoide. Nessa quarta-feira de manhã, resolvi não me deixar envolver jamais em discussões estéreis e preparei-me para ganhar forças para ajudar nas operações da tarde.

— Em nome do Pai, eu te saúdo — disse ao Irmão ao entrar no recinto.

— No mesmo nome eu te respondo. Coloquei-me a um lado do corpo da Pachita e comecei a ajudar nas consultas. Faltavam mais de vinte e cinco e cada doente tinha de ser observado, diagnosticado e receber uma folha com as receitas pertinentes anotadas. Depois de uma hora, o Irmão pediu que não aceitássemos mais doentes além dos expressamente inscritos na lista.

— O mundo — disse-me — está a atravessar uma crise terrível e tenho muitas missões urgentes. Fui perguntar quantas consultas faltavam e responderam-me que nove. Passaram à frente a menina sobreanestesiada. Aproximei-me, acariciei-lhe a carinha, deitámo-la na cama e o Irmão examinou-a. Ouviu as queixas dos pais e consolou-os, dizendo que vinha aí uma melhoria e que, em breve, tudo iria bem.

— Este anjinho foi-me enviado para o refazer e vejo que, em breve, começará a andar. Se estivéssemos no corpo dela, saberíamos da sua terrível desesperação. Reconhece os pais e o irmão e tenta comunicar-se, mas não consegue. — Vi o rosto da mãe da menina e reconheci a sua dor e a súbita compreensão do que o Irmão dizia. Começou a chorar e consolei-a, enquanto o pai colocava a filha na cadeira de rodas. Depois entrou uma velhinha. Reconheci-a imediatamente: o Irmão tinha-a operado havia umas

semanas; era baixinha, magra e com o cabelo todo prateado. Reconhecemo-nos e reparei que já não se queixava de dores. Viera cumprimentar o Irmão e pedir-lhe um reconhecimento. Ele achou-a sã e despediu-se com um abraço.

— Já não tens cancro — disse-lhe —, já estás sã.

As pessoas vinham com um ovo que o Irmão usava para as limpar. Um senhor de fato aproximou-se e ofereceu o ovo a Cuauhtémoc. Este, através do corpo da Pachita, pegou nele e, ao começar a roçar o homem, fez literalmente o ovo explodir. A clara ensopou o ombro do senhor e Cuauhtémoc, muito atrapalhado, apressou-se a limpar o casaco com a sua própria túnica.

— És de aço — disse, depois de o limpar —, tens uma cruz no peito e a tua rigidez e força, já vês, fizeram com que a casca não resistisse. Estás muito são, podes ir-te embora. A pessoa seguinte impressionou-me: vinha literalmente carregada nos braços. Era uma mulher madura, de olhar perdido e corpo cheio de tremores.

— O que tem a minha menina linda?

O acompanhante começou a responder em nome da doente e, depois, ela continuou. A voz era fraca e gaguejava ao dizer as palavras

— Casei-me há oito anos — começou por dizer — e tem sido um tormento terrível. Não vivo com o meu marido e, cada vez que me visita, fico terrivelmente doente. Da última vez, fiquei cega e paralítica. O Irmão "observava-a" com atenção e, de repente, disse-lhe que tinha um "dano" e que era necessário extraí-lo. Deu instruções para a próxima consulta e acrescentou que a cegueira não era interna, mas externa, e que a mulher devia ser forte para resistir, pois o que lhe acontecia não provinha dela própria. Quando a mulher se afastou, o Irmão perguntou-me se eu tinha sentido o mau cheiro daquela mulher.

— Claro — respondi —, cheirava terrivelmente mal.

— Estão a fazê-la viver no meio de cocó — disse-me Cuauhtémoc. A pessoa seguinte queixou-se de que os filhos se estavam a perder por culpa do pai.

— Estou separada dele e, cada vez que vem a casa, tudo se torna um inferno e os meus filhos transtornam-se terrivelmente.

— Minha pequena — disse-lhe o Irmão —, foste tu própria que lhes incutiste o amor e o respeito pelo pai e nunca lhes disseste a verdade sobre a conduta dele; agora ninguém lhes pode dizer a verdade, porque os

destruiria. É um caso muito difícil, mas eu pedirei ao meu Pai que leve "luz" aos teus.

— O meu filho é um bêbedo e não quer largar a bebida por nada deste mundo — disse uma mulher de certa idade.

— Ajuda-me por caridade!

— Olha, minha menina — disse-lhe Cuauhtémoc

—. É muito simples. Vais comprar uma garrafa de vinho e três rãs. Metes as rãs no vinho e deixas que apodreçam lá dentro. Sem que o teu filho se aperceba, dás-lhe a beber um bocadinho disso e verás que nunca mais volta a provar álcool. A pessoa seguinte entrou numa cadeira de rodas. Era uma anciã muito bela que, ao começar a falar, rompeu num pranto amargo.

— Não consigo andar, Irmaninho, dói-me a anca e as costas e estou muito fraca.

— De onde és, miúda preciosa? — perguntou o Irmão à anciã. Não cheguei a ouvir o que respondeu, mas Cuauhtémoc comentou que, nesse lugar, fora atendido das suas feridas pelo Padre Elías.

— Pois ele é precisamente o meu protetor — disse a anciã. — Então somos da mesma tribo — disse o Irmão —, o que lhe aconteceu para já não conseguir andar?

— Pois não sei, algo terei feito mal, mas não sei o quê.

— Ora vamos lá, minha linda, o poder do Senhor não tem limites e a senhora vai levantar-se da cadeira e vai caminhar. A anciã abanou a cabeça, mas o Irmão insistiu tanto que, num esforço tremendo, a mulher levantou-se e, com a ajuda do Armando e do Irmão, deu alguns passos. Depois voltou a sentar-se e o Irmão receitou-lhe uma pomada e umas ervas. Explicou-lhe como as preparar e usar.

No fim das consultas veio a L., uma mulher alta, de cabelo negro azeviche e fisionomia egípcia. Aproximou-se do Irmão e saudou-o:

— Porque estás triste, minha pequena?

— Não tem importância, Irmão — respondeu L.

— Há tanta dor que o meu é apenas um detalhe sem importância.

— Não, minha pequena, tudo tem importância e o teu também. Conta-me o que te sucede… Iam trazer o primeiro paciente para o operar quando o Irmão nos chamou a todos e pediu a nossa atenção.

— A minha carne — começou por dizer — julga que não tem limite. Se dela dependesse, poderia estar a trabalhar dia e noite sem parar,

mas isso acabaria com ela. Deveis cuidar dela e protegê-la de excessos. Trouxeram o primeiro paciente de olhos e a faca de mato penetrou-lhe os globos oculares.

O Padre E. tinha entrado no recinto e segurava a faca. O Irmão ia operá-lo de novo juntamente com outro sacerdote, que também sofria das costas. Depois trouxeram um rapaz surdo. Deitámo-lo e, depois de lhe fazer um campo operatório com algodão, o Irmão introduziu a faca de mato através do conduto auditivo do rapaz. Eu gritava-lhe ao ouvido, tentando detetar algum sinal de audição.

— Ouves? De repente, o rapaz respondeu que não ouvia.

— Como é isto? — perguntei eu —. Responde que não ouve e só pode responder se ouve. O Irmão virou-se para mim e desatou a rir às gargalhadas. Acompanhei-o e, a partir desse instante, tudo foi alegria no recinto. Nunca me tinha sentido tão próximo de Cuauhtémoc e, de verdade, gostei da sensação de camaradagem.

A L. colocou-se à minha esquerda e esperámos o doente seguinte. Passou um senhor de barba branca que ia ser intervencionado aos rins e à próstata. Peguei-lhe na mão e percebi que estava completamente relaxado. O Irmão abriu uma incisão gigantesca enquanto o homem não manifestava qualquer sinal de dor.

— Então não te dói? — perguntei, espantado.

— Deus opera através da Pachita e eu tenho fé absoluta, e isso faz com que não me doa — respondeu-me aquele homem incrível. Depois de saturar e de ver como as incisões se fechavam quase instantaneamente, virámos o homem de barriga para cima e o Irmão introduziu a ponta da faca de mato no pénis através do orifício urinário. O homem juntara as palmas das mãos e, pousando-as sobre o peito, rezava enquanto a faca o penetrava, sem que houvesse sinais de dor. Admirei aquela pessoa e pareceu-me incrível a sua capacidade de confiança.

No momento em que o transportavam para o deitar no chão do recinto, entrou o Armando. Vinha muito zangado por haver muita gente no recinto e começou a organizar a sessão, pedindo ordem. A doente seguinte foi uma americana. Tinha um tumor num dos seios. Tirámos-lhe a blusa e, deitada de barriga para cima, a faca penetrou num dos seios. A incisão que fez foi tremenda e o sangue brotava dela de modo impossível de conter. Ao terminar, o Irmão indicou-me que traduzisse que o seio ficaria um pouco rijo, mas livre de toda a doença. Disse-lho e a mulher agradeceu. O Memo

entrou no recinto e, num sussurro, comunicou algo ao Irmão. Este virou-se para ele e, em voz alta, disse que quem quisesse ensinar devia ser um espelho polido.

O que se queira ensinar deve ser reflexo de si mesmo. O paciente seguinte foi o padre E.; os seus ossos estavam frágeis e qualquer esforço fazia com que se quebrassem. Deitámo-lo de barriga para baixo e, depois de apalpar e observar as costas, o Irmão abriu uma incisão perto da coluna. Pediu ao Armando cartilagens, que introduziu na coluna, batendo-lhes com o cabo da faca. Saturei a ferida e esta fechou-se. O paciente seguinte foi o Padre H. Durante as consultas eu tinha visto várias freiras e vários sacerdotes nas operações.

A Igreja, nos seus membros, não rejeitava a obra de Cuauhtémoc. O Padre H. sofria da base da coluna e de uma perna. Cuauhtémoc abriu a coxa com a faca e começou a apalpar o fémur; de repente, levantou o braço direito e colocou a palma virada para cima. Pareceu tomar algo do espaço e introduzi-lo no fémur.

— Olha o que me enviaram — disse-me de seguida. Levou a minha mão à coxa e pude tocar o fémur; numa das extremidades havia um pequeno osso que claramente não era parte natural da ossada.

Cuauhtémoc tinha materializado esse ossinho e, ao tocá-lo, compreendi que não havia limites. Já o tinha visto e sentido e, agora, voltei de novo a ficar maravilhado.

— O movimento da tua mão foi para materializar? — perguntei logo a Cuauhtémoc.

— Claro! Depois de colocar aquela materialização, Cuauhtémoc pediu ao Armando que puxasse a perna; este assim fez e, depois de saturar, levaram o operado a descansar. A L. encarregava-se de pedir algodões secos e molhados e, perante uma indicação minha, respondeu que ela própria tinha sido operada em carne viva.

— Cuauhtémoc trocou-me um pulmão que tinha cancro — disse com voz grave e algo masculina. A doente seguinte foi uma mulher adulta. Também tinha as costas más e, enquanto Cuauhtémoc inseria cartilagens na coluna, a mulher pedia aos gritos que a deixassem de atormentar.

— Quem? — perguntei eu, curioso.

— Uns seres martirizavam-me e não encontro forma de os afastar do meu corpo.

— Espíritos?

— Sim!

— O que se passa — começou a dizer o Irmão — é que as pessoas morrem e, por vezes, não se dão conta de que morreram. Continuam com as suas invejas e ódios e precisam de receber a "luz" para se aperceberem e mudarem de nível. Assim era verdade que alguns homens não se davam conta e outros apercebiam-se da sua morte! — pensei, espantado. Depois daquela senhora, outra mulher ocupou a cama de operações. Ia ser operada à vesícula; segurei-lhe a mão enquanto Cuauhtémoc abria um flanco.

A mulher apertava-me a mão e as unhas enterraram-se-me na carne. Quase gritei de dor e, de repente, notei que sucedia algo muito estranho à mulher: não parecia doer-lhe, mas, em contrapartida, expressava sensações sumamente estranhas. Gritava de espanto e surpresa e não de dor. No final das operações, manifestei que me doía a perna esquerda. O Irmão fez-me deitar de barriga para baixo na cama e deu-me uma massagem nas costas que aliviou a dor instantaneamente. O Irmão tinha-me dito que eu receberia uma lição todos os dias e soube que era verdade…

OS GUERREIROS

A Pachita está completamente cega e só come de vez em quando. Nas operações trazem-lhe um copo de chá e, nele, o Irmão coloca um elixir que lhe dá energia para toda a semana. Num monólogo que durou várias horas, o Armando deu-me a sua visão particular da obra.

— É um caminho cheio de provas tremendas, vinte e quatro horas por dia, e o que tens de compreender é que, à volta da Pachita, convivem os extremos da condição humana: por um lado, o materialismo mais egoísta e, por outro, a santidade espiritual. Aqui vês tudo o que se pode ver, e esse é um presente magnífico. A esposa dele, M., preparava a comida enquanto a minha filha, Esther, e eu escutávamos o relato.

— Há dezanove anos que trabalho com ela e, se não fosse o meu orgulho, já estaria morto. É necessário ser um verdadeiro Guerreiro e não existe possibilidade de recuar uma vez iniciado.

— Há muitos anos íamos para o campo fazer "entregas". Se vinha um doente com um "dano" e o Irmão o operava no plano físico,

depois era necessário cortar a ligação “espiritual” com a entidade que o tinha evocado.

Marcavam-nos encontro numa montanha, num vale ou junto a um rio e então tínhamos de lutar. Quase sempre nos pediam uma donzela virgem em troca do “dano” e, claro, recusávamos. Um dia a Pachita foi atingida por uma seta que penetrou na cabeça. A massa encefálica saía-lhe pelo orifício craniano e, aqui, no meu antebraço direito, caiu morta. Mas o Irmão salvou-a, embora eu saiba que, a partir desse momento, tem permanecido morta. Já choveu desde então, foi há dezoito anos. Mas esses são os benefícios da verdadeira mediunidade. Quero dizer que o corpo se torna imune.

Em contrapartida, eu pedi para ser consciente e tenho de pagá-lo com o meu corpo.

— Como?

— Sim, homem! Quando a Pachita cai em transe, vive no astral, enquanto o corpo dela tem proteção absoluta. Se alguém o despedaça, o Irmão reconstrói-o. Eu, pelo contrário, devo cuidar-me sozinho e, embora tenha protetor, pedi para manter a consciência durante os meus trabalhos.

— Tu curas?

— Concederam-me dons e outros tive de os conquistar. Eu vivia com um “dano” terrível que uma mulher me fez. Durante oito anos não pude tocar numa mulher e ninguém me conseguia curar até que fui ver a Pachita. Ela extraiu-me um “dano” de trinta centímetros e, quando adquiriu forma, transformou-se num belíssimo corpo de mulher.

A partir desse momento começou a minha aprendizagem. À noite, alguém vinha visitar-me e preparava-me com forças para resistir à energia do Irmão. Imagina! Deitava-me na cama e, de repente, alguém pegava na minha perna e dobrava-a, fazendo-me uma massagem; depois o meu braço, as minhas costas e o meu pescoço. Durante um ano e meio, entre a meia-noite e as duas da manhã, vinham preparar-me fisicamente. Depois, algo aparecia no canto do meu quarto e lançava-me flechas. Eu apenas via como a corda de um arco começava a tensionar-se, uma flecha era colocada e depois disparada. Apontavam à direção da minha cabeça e as flechas penetravam entre o meu cérebro e o meu cerebelo.

— Para quê? — Ah!, isso era um procedimento para me ensinar a resistir aos ataques. Eu tinha de sobreviver e estavam a provar a minha força. Um dia, depois de dois anos a lançar-me flechas, alguém entregou-

me as minhas armas. Colocaram-me com os braços estendidos e carregaram os meus antebraços com machetes, flechas, arcos. Tive de vigiar as minhas armas durante vinte e quatro horas sem pestanejar. Quando ia ver o Irmão, ele sabia sempre o que me tinha acontecido. “Como estás, Armando?” — perguntava-me.

— “Cuidaste da tua guarnição?” Ele conhecia as minhas experiências e, sempre que eu avançava, recordava-me a minha missão. “O Pai quer que trabalhes!” Eu queixava-me e negava-me. Gosto de mulheres e sou comodista e irresponsável e não mereço os dons, e não posso, e não sei que outras coisas lhe dizia. Mas ele respondia sempre que, dos cem servidores, eu fora tocado com o pincel mais fino e que, precisamente por ser desgarrado, devia purificar-me. Às vezes, os “feitiços” metiam-se-me no corpo. Agora tenho uma bexiga de coiote e um testículo artificial e são muitas as cicatrizes no meu corpo. Mas, em contrapartida, vi o que nenhum ser humano vislumbrou.

Cheguei a conhecer o próprio Diabo e sei dos seus nomes e ações. Um dia fomos a uma “entrega” muito perigosa. Tínhamos de entrar numa casa resguardada por uma grade de ferro. Ninguém podia entrar através dela e não tínhamos forma de a abrir. A Pachita relaxou, saiu do carro e atravessou a gr

ade com o corpo como se as barras fossem luz. Então vivíamos na pobreza. A Pachita vendia bilhetes de lotaria na rua e eu aprendia com o Irmão e com ela. Uma noite disse-me que, junto a uma árvore no pátio de minha casa, me aconteceria algo assombroso. Cheguei a casa e, ao sair para o pátio, senti que alguém me observava do terraço. Deu-me um medo terrível e nem sequer me atrevia a olhar para cima. Durante mais de um mês saía ao pátio e sentia sempre a presença a observar-me. Um dia atrevi-me e vislumbrei um corpo gigantesco. “Quem és tu?” — perguntei, depois de ganhar coragem.

“Esperava-te” — respondeu aquilo — “esperava-te, pois sou o teu protetor.” Subi as escadas e, ao chegar ao terraço, vi-o. Tinha mais de três metros de altura e colocou-me a sua túnica. Desde esse dia conheci o meu protetor e ele cuida de mim. Tu também conhecerás o teu, embora não duvide que já o tenhas. Pouco a pouco fui adquirindo dons. Ao chegar a casa, bastava-me olhar para um sofá para saber quem se sentara nele, e comecei a ver os médicos que operam no recinto. Cuauhtémoc tem um

porte impressionante. Quando tinha treze anos, uma epidemia assolou o povo asteca. Uma voz instruiu-o a fazer uma vacina e ele apresentou-a ao conselho de anciãos do seu povo. Nessa época media 1,86 metros de altura. O conselho admirou-se da sabedoria do jovem e, a partir desse momento, passou a espioná-lo para saber a origem dela. Cuauhtémoc dizia-lhes que as mensagens lhe vinham do Deus Sol e eles acreditaram. Quando o tio morreu, fizeram-no rei.

QUETZALCÓATL

Emocionei-me e admirei a evidente valentia do Irmão. Exemplo na escuridão que o rodeou durante a conquista e o cerco de Tenochtitlán. Cuauhtemoctzin lhe chamavam, em sinal de respeito. Encontrei-me com muito pouca gente e com o D., a apontar os nomes; reconheci-o e cumprimentei os demais com um "boa tarde!". Ninguém me respondeu; estavam tão absortos no que ele dizia.

— A mim irrita-me essa gente que vem só para bisbilhotar, como se isto fosse um circo — dizia a Pachita. Um dia vieram esses… como se chamam… ah, sim, os do controlo…

— Faça-me o favor, esse cabrão queria-me só para me meter não sei onde e para eu lhes dizer o que havia lá. Puro deserto do diabo e eu ali no meio. Encontrei uma tartaruga e trouxe-a comigo.

— Bom, Pachita — interrompeu o Padre E. —, essa Zona do Silêncio é muito interessante, não entra nenhuma vibração e seria um lugar ideal para construir um hospital psiquiátrico. A Pachita olhou-o e sorriu. — E você, por que não deixa de ser sacerdote, homem?

— É que já quase não há e foi isso que comecei e isso devo terminar. Hoje, mais do que nunca, fazem-nos falta.

— Pois não sei — continuou a Pachita —, dizem que os relógios param e que não se ouve o rádio, mas para que serve isso? Só procuram por procurar, sem saber, e por mais que encontrem não ficam satisfeitos. Se eu contasse tudo o que me fizeram fazer… Um dia, um amigo disse-me que a ajudasse a procurar não sei que coisas num terreno. Fui lá e encontrei-o cheio de escavações; disseram-me que lhes relatasse o que eu sentia e eu fiquei tal e qual. Aqui, sim, trabalha-se, mas disso eu sei menos do que

ninguém. Eu só me vou e vem o Irmão e nem me dou por isso. Vá, tu, Jacobo, que és sábio, para onde é que eu vou?

— Pois não sei — respondi, envergonhado.

— Bom, e que diz o Irmão, como é ele?

— Pois, quando vem, muda a tua voz e tudo o que diz é verdade e converte-se em certeza e força — disse eu.

— Estão a ver? Ele sabe mais do que eu o que sucede e depois vêm convidar-me para dar conferências e eu, o que é que lhes vou dizer? Imaginam esta parva a falar numa conferência! Eu gosto é das boas obras, das que ajudam de verdade. Ah!, mas como é difícil: demorei cinquenta anos a fazer um jardim-de-infância, cinquenta anos de trabalho para chegar a isso. Eram seis da tarde e a Pachita levantou-se.

— Já me vou — disse-nos a todos, enquanto saía em direção ao recinto. Nunca tinha visto chegar o Irmão para uma sessão de curas no México e segui-a, interessada.

Tudo parecia tão natural e, no entanto, em mais uns minutos, um ser de outra dimensão viria realizar milagres. Entrámos no recinto iluminado e a Pachita aproximou-se do altar.

— Vamos acender uns incensos para expulsar os maus espíritos — disse-nos, enquanto acendia duas varetas hindus. Em breve, todo o recinto ficou saturado de um odor delicioso. A Pachita continuava a brincar com todos e só se pôs séria quando se sentou numa cadeira, depois de vestir a túnica de Cuauhtémoc. O tecido amarelo estava completamente impregnado de coágulos de sangue e grandes manchas vermelhas entre a pedraria e os desenhos índios que a cobriam. O Padre E. colocou-se à esquerda e eu, à direita, da Pachita; ela pegou num livro de capas negras que estava no altar e abriu-o. Grandes letras enchiam-no e ainda consegui ler uma oração. Era um livro religioso que me fez recordar uma Bíblia em hebraico que desejava oferecer ao Irmão.

O Padre E. aproximou-se e comentou a raridade da edição.

— Já não se fazem mais destes livros — disse, emocionado. A Pachita fechou o livro e os olhos e começou a rezar em voz alta. O Padre E. comentou que sentia um formigueiro na orelha esquerda e a Pachita confirmou que era sinal da iminente chegada do Irmão.

— Sinto — disse — cócegas em ambas as orelhas. A Candelaria colocou-se atrás da Pachita e, quando esta entrou em convulsões, a Cande começou a rezar em voz alta. A Pachita contorceu-se durante alguns

segundos e depois bocejou; o corpo parecia estar a ajustar-se ao manejo de um novo ser, a equilibrar-se e a encher-se com a sua presença. Voltou a contorcer-se por uns segundos, a bocejar, e a Candelaria continuou com a reza. Alguém apagou a luz, correu as cortinas e pediu silêncio.

De repente bateram à porta e a Cande voltou a insistir na necessidade de manter silêncio. Por fim, o braço levantou-se e, através da boca da Pachita, uma voz intensa e viva disse: — Saúdo-vos, queridos Irmãos.

— Em nome do Pai eu te saúdo

— disse-lhe, devotamente.

— No mesmo nome eu te respondo, meu… O Padre E. aproximou-se para perguntar se a indicação da Pachita para deixar o sacerdócio era um sinal.

— Não, bom homem — respondeu-lhe Cuauhtémoc —, tu já conheces a minha carne e as suas brincadeiras; não te preocupes e continua com a tua bela obra.

— O que temos, meus queridos?

— A D. aproximou-se e mencionou vinte e duas ou vinte e três consultas apontadas.

— Bom, vamos começar. Uma velhinha, com um ovo na mão direita, aproximou-se do Irmão e pediu-lhe ajuda.

Não me contive e acariciei o seu cabelo branco enquanto Cuauhtémoc a receitava para as suas dores. Deu-lhe umas ervas "para os meninos" — disse eu ao Irmão ao despedir a mulher —, e ele assentiu. Eu tinha-me habituado a ir até à cortina e acompanhar o doente seguinte e apresentá-lo ao Irmão, mas a Candelaria proibiu-me.

— Estás a alterar a energia — disse-me, muito séria —, os "cordões", e não deves fazê-lo. Permaneci o resto da sessão junto ao altar. Aproximou-se um rapaz muito forte e explicou que era impotente, apesar de ter tomado todos os medicamentos que lhe tinham receitado; continuava sem virilidade. O Irmão focou a atenção sobre o órgão genital do rapaz e pediu-lhe que esperasse lá fora, porque o tinha de operar. Ele saiu uns minutos depois.

— Isso é um "dano" — disse-me Cuauhtémoc.

Eu queria aprender a diferenciar os "feitiços" de outras doenças, e a pessoa seguinte deu-me a oportunidade de o fazer. A mesma mulher que já tinha vindo antes — aquela do olhar perdido e a deitar um cheiro

insuportável — foi trazida arrastada numa cadeira. Era impressionante o seu abandono e os seus queixumes. O Irmão ergueu-se e recebeu-a muito sério.

— Que se levante sozinha — ordenou aos acompanhantes —, que se defenda e saiba que o que tem vem de fora. A mulher revirou os olhos e a cabeça e não respondia.

— Tira-o, não é de dentro, é de fora; fá-lo pelos teus filhos. A mulher olhou para o Irmão e o girar louco dos seus olhos diminuiu por um instante; levantou-se da cadeira e começou a falar:

— Dói-me o cérebro e não consigo pensar, e faço nas calças; ajuda-me, por favor.

— Vejam — disse Cuauhtémoc aos acompanhantes —, esfreguem as palmas das mãos e deem-lhe luz, e ordenem à entidade que saia do corpo desta pobre mulher. Trar-m-la-ão na sexta-feira, às doze da noite, para a operar.

Começou a doer-me o pescoço e esfreguei-o várias vezes sem êxito; o Irmão viu-me e disse que isso acontecia por dar tanta atenção aos "feitiços".

— Não os olhes — disse, enquanto me massajava o pescoço. A diferenciação está no próprio corpo e nas suas sensações — pensei, lembrando-me do José e da sua técnica psicanalítica.

Entrou no recinto um casal de idosos. O marido informou que a esposa tinha os rins em mau estado e que os médicos não encontravam solução para o caso. Enquanto o Irmão atendia a mulher, o esposo fez-me sinal para me aproximar e sussurrou-me em voz baixa que era cancro, mas que não queriam dizer à esposa. Aproximei-me para informar disso o Irmão, mas ele fez-me sinal para não falar.

— Já sei — disse em voz alta, dirigindo-se à mulher —, andam a dizer-lhe que tem cancro, mas isso não é verdade. Vai cuidar-se e voltar outro dia para vermos como está e para lhe dar mais remédios. Não ligue aos médicos; deixaram-na debilitada com as lavagens e técnicas de… como se chama, Jacobo?

— Quimioterapia — disse eu.

— Isso mesmo! — disse o Irmão.

— Pensa que estás bem e isso será o remédio.

Uma mulher jovem, o marido e a filha bebé aproximaram-se de Cuauhtemoctzin; este olhou para a rapariga e encheu-a de elogios.

— Tens graça, bela mulher, e tens tido a paciência de cuidar da tua família.

— Deram-lhe ovos e o Irmão pegou num para "varrer" a mulher.

— Continua como estás e tudo te correrá bem — dizia, enquanto lhe friccionava o corpo com o ovo. A bebé queixou-se e o Irmão riu-se. — Esta pequenita não gosta de mim — disse. Pegou a menina ao colo e ela continuou a protestar; também a "varreu" com outro ovo e fez o mesmo ao marido.

— Dói-me o peito e temo ter o coração em mau estado — disse o homem, assustado.

— Está bem, embora um pouco lento; não morrerás disso, mas de outra coisa — e mais vale fazeres caso da tua mulherzinha, que ela sim sabe o que faz.

O paciente seguinte impressionou-me: uma mulher de meia-idade, óculos escuros, lábios arroxeados e mãos arroxeadas, pediu ajuda. — Estou muito mal de tudo, venho de Guadalajara, recomendada. Cuauhtémoc observou-a e receitou-lhe umas ervas.

— Já podes ir, mulher; isso há de curar-te.

— Dá-me a tua bênção nas costas, impõe-me as mãos.

— Toma os remédios e isso ajudar-te-á. A mulher pegou nas mãos da Pachita e colocou-lhas nos ombros.

— Dá-me a tua bênção!

— disse num tom imperativo. Cuauhtémoc fê-lo e, ao ir-se embora a mulher, voltou-se para mim: — Não gosto disto, não gosto mesmo de fazer isso.

Apresentou-se depois uma mulher vestida de forma muito elegante. Disse ter a hemoglobina muito baixa, eritrócitos baixos e dores abdominais.

— Tens gases? A mulher olhou para mim e corou; depois acenou afirmativamente com a cabeça. O Irmão mandou-a virar-se e "viu" as costas. Deu-me a impressão de que um aparelho de raios X se pusera a funcionar.

— Tens placas muito perigosas nos pulmões — disse Cuauhtémoc.

— Deves deixar de fumar e vir na sexta-feira para te operar.

— E os meus glóbulos vermelhos? O Irmão pegou numa das mãos dela e o dedo pareceu lançar algo sobre a palma.

— Estão um pouco baixos, mas não tanto — disse —; sexta-feira.

Uma rapariga jovem, de lábios finos e aristocráticos, expôs as suas maleitas. Pareceu não querer dizer o que tinha e, depois de sair, voltou a entrar acompanhada do Memo, que nos disse que ela tinha vergonha de falar à minha frente. Afastei-me e a rapariga falou de problemas com a menstruação. O Irmão deu-lhe um remédio e, ao sair, ao aproximar-me dele, brincou comigo:

— Vá lá — disse-me —, como se fosse coisa nova.

Uma mãe trouxe a sua menina. Disse que a criança não conseguia falar; o Irmão perguntou-lhe o nome e a menina balbuciou algo ininteligível. Ao nosso lado havia um convidado que, curioso, observava as consultas. Interrompeu-as e disse à mãe que conhecia uma escola especial que podia ajudar a filha. O Irmão virou-se para ele, surpreendido, e não o deixou continuar. Notei a confusão do homem, enquanto o Irmão receitava à menina "línguas de pássaro".

Tinham acabado as consultas e preparávamo-nos para as operações; aproveitei o intervalo para dizer a Cuauhtémoc que estava a ler a sua biografia em vários livros e exprimi-lhe a minha grande admiração pela sua valentia.

— Ninguém é veraz; obtêm dados de fontes duvidosas e não dizem a verdade. Tu dizes a verdade porque descreves o que experimentas, e isso está muito bem. Olha — continuou —, nunca fizemos sacrifícios; fazíamos o que tens visto. Por trás de cada símbolo tínhamos um deus.

Vocês não são assim, mas nós sim. Esse "vocês" não o entendi. A minha educação judaica ensinara-me a existência de um só Deus e não soube se se referia ao judaísmo ou à nossa época.

— Também não morri enforcado — prosseguiu —; o que fizeram os espanhóis não tem nome: pegavam em bebés, atiravam-nos ao ar e depois ensartavam-nos com as lanças. Lembrei-me da Segunda Guerra Mundial e das atrocidades nazis.

— Parece — disse em voz alta — que há épocas em que a escuridão cresce e se estabelece uma luta terrível em que se manifestam os mais baixos motivos da carne.

— Assim é — confirmou Cuauhtémoc —; para mim era inconcebível o que faziam os espanhóis, mas eles não foram os primeiros a

chegar à nossa terra. Muito antes, uns vikings vieram conduzidos por um frade — perdoe-me — disse ao Padre E.

— Um tal Jonas descobriu o nosso continente. Vinha numa jangada e apanhou peste bubónica; conseguiu regressar e comunicou a Colombo a sua descoberta; por isso ele tinha tanta segurança na travessia.

Ninguém sabe isto que te digo porque os escritos se perderam. Tive uma noiva, mas nunca me casei. Ela entusiasmou-se com os "barbudos" e traiu-nos. Contou-lhes tudo o que sabia, incluindo a localização dos nossos túneis secretos. Aquilo tocou-me fibras muito sensíveis. Eu também sentira a traição da mulher e sabia a dor que causa. Imaginei o que Cuauhtémoc deve ter sentido e doeu-me o pensamento de ver a sua mulher nas mãos dos conquistadores, oferecendo-se-lhes.

— Prenderam-me também por culpa dela — continuou Cuauhtémoc.

— Irmão — disse-lhe apenas —, um dia perguntei-te sobre Quetzalcóatl e respondeste-me que era um traidor.

— Assim é — confirmou Cuauhtémoc —; ele sabia que não devíamos misturar-nos com os brancos e, apesar disso, trouxe-os às nossas praias. Eu não aceitei receber os espanhóis como deuses, mas obrigaram-me por causa da sua profecia.

Nesse momento, o Memo entrou muito preocupado no recinto.

— Irmaninho, não encontramos o caderno e não sabemos quem tens de operar. O Armando escandalizou-se e disse que esse caderno era segredo de Estado e que não era possível tê-lo negligenciado. Cuauhtémoc disse que, se não encontrassem o caderno, não operaria. Observei o Memo e reparei numa série de movimentos desdenhosos… Parecia desfrutar a situação e troçar do Irmão. Pensei que talvez ressentisse que a mãe fosse ocupada por outro ser e não duvidei de que, se aquilo que eu pensava era certo, era inconsciente para o Memo.

Quando o Memo saiu, o Irmão continuou o relato.

— Tenho muitas missões a cumprir. O planeta está em crise e o homem faz guerras e, aqui mesmo, nesta cidade, morre lentamente no meio de tudo o que criou. O homem luta por riquezas sem saber que já as possui. No México existem montanhas cheias de ouro. Quando vivia na carne, o que vocês chamam Cerro de la Estrella reluzia pela grande quantidade de pedras preciosas, esmeraldas e ouro que continha.

Nesse momento, voltou a entrar o Memo, avisando que o caderno se perdera definitivamente. Com um tom de desafio, disse ao Irmão que se retirasse, como tinha dito. Fiquei muito admirado; quando o Memo saiu, senti a tristeza de Cuauhtémoc, pus-lhe a mão no ombro e não soube o que lhe dizer.

— Vou-me embora porque aqui não me querem; dedicar-me-ei a outras missões.

— Não, Irmão — disse-lhe —, nós queremos-te e o que fazes mais ninguém o pode fazer. O Memo voltou a entrar, como se tivesse entendido, e queixou-se de que a D. o humilhava diante das pessoas. Creio que, na realidade, veio justificar o desafio anterior e queria dizer que a D. o deixara muito nervoso. Cuauhtémoc pareceu compreender e, nesse momento, entrou a D. e recitou de memória a lista de operações.

— Comecemos então — disse o Irmão.

Uma jovem, de feições muito doces, ocupou a cama; o ouvido esquerdo não funcionava e, ao dizê-lo, o Irmão perguntou qual era o lado esquerdo. Eu já tinha notado que o Irmão não parecia distinguir a direita da esquerda, porque perguntava sempre as respetivas localizações. Tapei o ouvido direito com algodão embebido em álcool e preparei o campo operatório para o esquerdo.

O Irmão introduziu a faca de mato e, em menos de trinta segundos, a rapariga indicou-nos que ouvia perfeitamente. Cuauhtémoc sussurrou algo para comprovar se ela ouvia e entendia e, ao perguntar-lhe, a rapariga repetiu o que ele tinha sussurrado. Eu tinha visto como o Irmão avançava e desenvolvia a técnica dos ouvidos através das operações a que assistia e alegrei-me com o êxito desta. Custou-me muito trabalho entender que Cuauhtémoc continuava a aprender e percebi que, finalmente, eu o aceitava como um ser em constante desenvolvimento e expansão.

Depois passou uma mulher com problemas renais; como noutras ocasiões, a faca abriu duas grandes incisões nas partes laterais das costas e dois rins foram colocados sobre a pele para, depois, voltarem a penetrar nas cavidades. Saturei as feridas e, como sempre, estas fecharam-se imediatamente. A operação seguinte foi a de um rapaz com problemas pulmonares. O que sucedeu foi extraordinário e gostaria de o relatar em detalhe: o jovem tinha cancro no pulmão direito e já estava suficientemente fortalecido para esse momento. Deitámo-lo de barriga para baixo e,

enquanto me segurava a mão, a faca abriu-lhe as costas. O Irmão pediu a serra e cortou várias costelas.

Eu ouvia o som do roçar do metal no osso e admirei-me com a rapidez e a precisão do corte. Definitivamente, não era a serra que fazia o corte, pois quase não se movia; era outra coisa que cortava… Da mesinha colocada à sua esquerda, Cuauhtémoc pegou num tecido e levou-o à boca da Pachita. Vi como o ar penetrava nesse tecido e como o Irmão lhe falava, como se aquela massa avermelhada entendesse. Depois, o pulmão a ser enxertado foi colocado na incisão e introduzido através dela com a ajuda da faca. Num instante foi absorvido para o interior do corpo; perguntei ao rapaz como se sentia e respondeu-me que muito bem.

— Como respiras?

— Como novo. Não houvera dor e, enquanto levava o operado a repousar, interroguei o Irmão.

— Como pode conectar-se tão depressa? —

— Olha, Jacobo — respondeu-me —, para vocês o tecido que enxerto está morto; para mim, está vivo. O que faço é abrir a membrana do tecido a enxertar e colocá-lo em contacto com o tecido interno. Depois, as duas membranas conectam-se e colam-se entre si. Isso põe o novo pulmão a funcionar.

Introduziram no recinto um jovem em cadeira de rodas; no momento em que o viu, o Irmão disse-lhe que era inocente e que iria curar-se. Deitámo-lo de barriga para baixo e o Irmão "calibrou" a coluna e penetrou nela com a faca; pediu ao Armando que reparasse nas pernas do jovem e pediu a este que as movesse. Depois, fez uma rotação com a faca e introduziu algo na medula. Voltou a pedir movimentos e as pernas obedeceram à ordem.

— Curar-te-ás completamente, bom homem — disse novamente Cuauhtémoc ao doente.

A doente seguinte foi uma verdadeira prova. Era uma mulher muito obesa e de gestos rudes. Deitámo-la de barriga para cima e o Irmão disse que o seu mal era venéreo. Senti repulsa involuntária e roguei para que o Irmão não me fizesse tocar os genitais da mulher. Com a faca, abriu perto da zona genital e, como se tivesse escutado os meus pensamentos, pegou-me na mão e introduziu-a na ferida que fizera. Tive de superar o nojo e, de repente, senti carinho pela mulher e superei-me. Saturei a ferida e enfaixei-a, desejando que melhorasse. O rapaz do pulmão tinha-o deitado

ao lado dos altares e, ao terminar a operação da mulher, o Irmão perguntou-lhe como respirava.

— Muito bem, sinto-me muito bem — respondeu o jovem.

Depois trouxeram o rapaz do "dano" genital. O Armando disse que isso não podia considerar-se um "dano" em forma, mas antes uma travessura. O Irmão abriu perto dos testículos e fez-me tocar um tecido parecido com um pergaminho enrolado.

— Tiro-o? — perguntei, curioso.

— Não, homem; se o fizeres, deixá-lo-ás sem membro. O Armando colocou um papel preto aberto e o Irmão pôs nele o "dano".

— Cuidado — recomendou-lhe —, cuidado com ele porque não tardará a ganhar vida. Comecei a enfaixar o rapaz e o Irmão levantou-se da sua cadeira e sentou-se noutra, colocada perto do altar.

— Despeço-me de vocês — disse —, porque devo cumprir outras missões. Um furacão aproxima-se do México e os furacões trazem terramotos. Eu continuava a enfaixar e notei algo estranho. A Pachita não regressava e, de repente, o seu corpo ergueu-se da cadeira e começou a gritar:

— Vão todos p'ra puta que os pariu, que eu vou matá-los! Vi a mão da Pachita procurar a faca e aproximar-se do doente que eu ainda não acabara de enfaixar. Protegi-o com o meu corpo enquanto o Armando e o Padre E. abraçavam o corpo da Pachita e lhe davam "luz"; por fim, a Pachita regressou e eu envolvi o operado no lençol. A Z. começou a brincar com o Armando; contavam ocasiões anteriores em que um "dano" se introduzira no corpo da Pachita e lhes batera. A mim não me pareceu muito engraçado o que diziam, mas o espírito festivo deles aliviou a tensão que se criara.

Senti-me exausto. Sentei-me ao lado da Pachita para descansar; ela viu-me e disse ao Armando que eu tinha algo especial.

— Tem um "osso" muito especial e, da primeira vez que o vi, senti que já o conhecia há muito tempo.

— Claro — disse o Armando —, lembra-te de que os dois dissemos e depois o Irmão confirmou que tinha sido André. A Pachita coçou o queixo e disse que André tinha tido uma filha. — Quantos filhos tens, Jacobo?

— Uma filha — respondi eu. O Padre E. comentou que a filha de André se chamava Esther.

— Como se chama a tua filha? — perguntou a Pachita. — Esther! — respondi, espantado.

— André — disse o Armando — sofreu uma luta terrível entre o divino e o humano; queria estar com o primeiro e afastado do segundo.

— André — disse a Pachita — foi o apóstolo mais subordinado. Aquilo foi demais para mim: eu também sentia uma luta terrível entre a minha natureza humana e a ânsia de chegar ao divino; essa luta impedira-me de viver como qualquer outro homem e, nesse momento, pensei que as vidas se repetiam.

— André era um escriba de Jesus — comentou o Padre E. — Não continuem, por favor — pedia eu, afogado em sensações. Peguei na minha lanterna de mão e introduzi-a no bolso da bata; a Pachita pediu-me que a acendesse e, ao fazê-lo, brinquei:

— Vejam, assim até pareço um espírito de "luz".

— Ora! — comentou a Pachita —, já te está a pegar a veia brincalhona. Aqui aprende-se de tudo — disse, por fim —, o melhor e o pior.

PRIMEIRO DE SETEMBRO

Enquanto o presidente do México dirigia ao país uma mensagem simples e profunda, eu sentia-me triste. Tinham-me dito que Coyoacán fora residência de inquisidores e isso fez-me entender algumas das sensações que, de repente e sem razão aparente, me invadiam em minha casa, situada nessa colónia da Cidade do México. López Portillo estava entusiasmado com as descobertas de petróleo no subsolo da República e, na sessão da noite, o Irmão tinha-me confessado que intervira na sua descoberta. — Eu dei-lho, Jacobo; bem, mais precisamente — corrigiu Cuauhtémoc —, o meu Pai deu-lho.

Desesperado com as vibrações da minha casa, experimentei uma técnica budista de meditação que consiste em repetir em voz alta um mantra composto que diz: NAM MYOHO RENGE KYO. A tradução aproximada é: "Devoção de corpo e alma à lei mística da simultaneidade de causa e efeito através do uso de vibrações". Ensinara-ma uma das pacientes operadas pela Pachita e, ao experimentá-la, apercebi-me de que encerrava o segredo da permanência num estado de amor.

Encantado com a experiência, comuniquei o uso da técnica no seminário de investigação da tarde e todos os meus colaboradores decidiram testar o seu efeito. Cheguei a casa da Pachita e encontrei o Irmão a dar consultas. Uma velhinha queixava-se de insónias e nervos. Cuauhtémoc perguntou-lhe a razão da sua dificuldade e a mulher confessou a tremenda preocupação por um dos filhos.

— Vai à escola — disse, entre soluços —, e quase não o vejo, e parte-se-me o coração. O Irmão esperou que ela se acalmasse e aconselhou-a: — Olha, querida, estás ligada à terra por esse amor, mas deves recordar que só podes oferecer o teu carinho se te encontrares num estado satisfatório de saúde. Deves cuidar da tua carne porque, se a descuras, o amor que desejas para o teu filho não lho poderás oferecer.

O doente seguinte era um gigante de quase dois metros e mais de cem quilos. Aproximou-se do Irmão e não disse palavra. Cuauhtémoc "viu" o seu peito e soltou uma exclamação de assombro. — Meu pequeno — disse-lhe —, espera no pátio, que hoje te vamos operar disso que tens no peito. A primeira operação foi a de um tumor cerebral localizado no tálamo de uma bela jovem; o seu cabelo brilhante emoldurou-lhe o rosto e estendeu-se em leque quando a deitámos de barriga para cima na cama de operações.

O Irmão pediu-me que segurasse a cabeça da jovem enquanto penetrava no cérebro pela testa. A operação foi muito impressionante e justifiquei os gritos de dor da rapariga. A faca de mato abriu a testa e, depois de afastar o osso frontal, deixou a descoberto parte do lobo frontal. Era estranho que, apesar da dor, a cabeça da jovem permanecesse imóvel. A mesma imobilidade eu a observara em quase todas as operações: os doentes podiam gritar, tremer e suar de dor, mas não se moviam, apesar da óbvia estimulação de reflexos involuntários.

A Candelaria tinha-me dito que cada operado era colocado num "aparelho" especial e, ao ver a operação da rapariga, entendi que não havia outra possibilidade para explicar a ausência de movimentos intensos e involuntários; de facto, a descrição do aparelho para a cabeça coincidia com a de um estereotáxico para humanos, mas de "cristal" em vez de aço. A operação seguinte também foi à cabeça, agora de um tumor cerebeloso que o Irmão extraiu em menos de dois minutos.

Durante a operação seguinte, percebi que começava a "ver". Uma mulher de uns trinta anos foi trazida ao recinto; queixava-se de dores

terríveis nas costas. Os seus rins funcionavam pessimamente e Cuauhtémoc decidira enxertar-lhe um par desses órgãos. Descobri-lhe as costas e, com algodão embebido em álcool, limpei a superfície. O Irmão abriu o lado direito e depois o esquerdo; as feridas eram gigantescas e delas brotava sangue. Da mesa adjacente à sua cadeira, o Irmão pegou em duas massas avermelhadas que identifiquei como rins. Colocou um sobre a incisão da esquerda e o outro sobre a da direita.

Algo sugou os dois rins e, pouco a pouco, foram penetrando através das feridas. Eu, colocado a dez centímetros do rim direito, observei o seu movimento lento e constante, abandonando a superfície externa da pele e internando-se na cavidade corpórea. Um som sibilante acompanhava o movimento e o meu assombro completou-se ao ver como as feridas se fechavam por si sós; não me contive e comecei a dizer que aquilo era incrível, fantástico, extraordinário. Coloquei algodões sobre as marcas da ferida e, com a ajuda do Armando, enfaixei a mulher.

De repente, Cuauhtémoc disse-me algo ininteligível e pedi-lhe que repetisse; por fim, entendi que me dizia que o doente seguinte era um "dano".

Um homem forte ocupou a cama enquanto nos preparávamos para a operação. O Memo chegou a dizer que um doente que ia ser operado ao pescoço estava nervoso e, às escondidas, tomara um calmante. — Vai enfraquecer — disse o Irmão —; quero "ver" o que tomou, pois pode ser perigoso operá-lo com uma droga no corpo. O "dano" do homem estava localizado no abdómen. Cuauhtémoc abriu quinze centímetros do mesmo e começou a procurar com a ponta da faca. Depois de girar e forcejar com ela, pegou na minha mão e colocou-a sobre um pedaço de sólido áspero e de morfologia complexa.

— Vê, Jacobo, para escreveres no teu livro. Eu senti essa "coisa" e perguntei se devia tirá-la com a mão.

— Não! — respondeu o Irmão —, eu fá-lo-ei. O Armando trouxe um papel preto onde foi colocado o "dano". Enquanto isso ocorria, o homem rezava em voz alta e agradecia a Deus a sua salvação.

A doente seguinte foi operada à coluna. A intervenção foi semelhante às que já descrevi do mesmo tipo. Ossículos alongados foram incrustados entre as vértebras e pude apalpar um deles: era complexo e a sua forma lembrava a de um caracol cónico. Cuauhtémoc decidiu operar o doente do pescoço.

— É melhor não ter compromissos — disse-me, enquanto cravava a faca e extraía um tumor do pescoço do homem. O paciente parecia relaxado e era óbvio que a sua calma aparente era artificial.

No fim da sessão, Cuauhtémoc despediu-se de todos e, antes de a Pachita regressar, uma entidade distinta falou:

— Irmãos — disse-nos —, em breve todos deixarão os seus corpos, mas, enquanto isso não suceda, devem recordar que a vossa obrigação é ajudar e dar amor a todo aquele que dele necessite. Depois de dizer isto, despediu-se e a Pachita voltou a ocupar o seu corpo.

A Pachita tinha-me pedido que lhe lesse o livro que eu estava a escrever e eu prometera fazê-lo assim que a transcrição dactilografada estivesse pronta. Sentia-me muito satisfeito por estar a terminar o volume e, ao reler alguns capítulos, espantei-me com a dificuldade que me tinha custado escrevê-lo e com a sensação completamente contrária que tinha ao lê-lo.

"Parece que foi fácil" — disse para comigo, a brincar. A manhã de sexta-feira foi atroz e só pelas quatro da tarde comecei a sentir "luz" e otimismo. Não sabia a razão das minhas súbitas mudanças e apenas sentia que algo para lá da minha compreensão e controlo me afetava. Durante o seminário falámos do extraordinário dos sonhos e perguntámo-nos se acaso nós próprios não seríamos o sonho de alguém que, ao acordar, nos destruiria.

Cheguei a casa da Pachita às seis da tarde e encontrei o pátio repleto de doentes; praticamente "nadei" no meio de toda aquela gente e com dificuldade consegui chegar ao recinto. Apesar de já me sentir melhor, sem ainda entender o que me acontecera de manhã, ver a Pachita e ouvir o Irmão convenceram-me de que o meu estado de consciência não era o ótimo; quero dizer que amo aquela mulher e admiro o Cuauhtémoc, e vê-lo e sentir o que sinto por eles faz-me entender que ainda não consigo sentir o mesmo quando vejo qualquer ser humano — e isso não está certo.

O T. era um incrédulo e nunca participara nas consultas e operações; vivia com a Pachita, que o trouxera de Parral por uma situação desesperada. Espantei-me ao vê-lo no recinto e supus que, por fim, se convencia da existência de Deus. Trouxeram a lista das consultas — eram trinta e cinco — e eu preparei-me para permanecer todo esse tempo junto do Irmão. Não posso descrever os casos, embora deva dizer que a capacidade de envolvimento do Irmão com cada um dos seus pacientes não

parecia ter limites. Era toda uma lição ver a sua magnífica entrega de ternura, alento e "luz" a todos e a cada um dos seus doentes.

Uma rapariga que viajara desde o Norte da República entregou um ovo ao Irmão. Tinha um mal-estar num olho; ele "limpou-a" e depois colocou o ovo no altar, não o deitou fora (como sempre fazia) num caixote do lixo colocado *ex professo* para esse fim.

— Volta à tua choupana e, com os remédios que te dei, hás de curar-te — disse à rapariga, num tom doce. Perguntei-lhe por que colocara o ovo no altar e não o deitara fora, e a sua resposta foi um sorriso enigmático. "De certeza quer tirar uma 'vista'", pensei, lembrando o procedimento que o Don Lúcio utilizava para diagnosticar e que consistia em verter o conteúdo do ovo num copo de água para observar as formações e sinais da gema e da clara.

Um senhor de idade, sorriso inocente e andar doce, foi levado à presença do Irmão. Dois filhos do doente falaram por ele, enquanto este pedia uma cadeira para se sentar.

— Os médicos — começaram — dizem que tem água no cérebro e não nos dão esperanças. O nosso pai nasceu em Damasco e queremos que viva. Cuauhtémoc observou a cabeça do doente e depois tocou-lhe no vértex. — Não tem água, mas sim um tumor; se quiserem, tragam-no dentro de oito dias e nós tiramo-lo.

A pessoa seguinte era uma mulher morena, de porte orgulhoso e olhar profundo. Ao "vê-la", o Irmão soltou uma exclamação de surpresa e eu senti que reconhecia nela alguém do passado. Perguntei-lho e, por alguma razão, a sua resposta estimulou-me uma imagem em que julguei reconhecer a sua amada quando era rei.

Uma mulher acompanhava o marido, que não cessava de tremer nem por um instante.

— Tem Parkinson — disse a mulher. O Irmão sentou-se na sua cadeira e pôs-se a observar os movimentos involuntários do homem.

— O seu tendão de Aquiles está ligado às partes tremeluzentes. Se aquilo era uma metáfora, eu não a entendia. À saída do paciente, comentei que os núcleos lenticulares do seu cérebro deviam estar a descarregar de forma incontrolável e Cuauhtémoc anuiu com um gesto afirmativo.

A paciente seguinte era uma velha amiga minha de Tepoztlán. Os seus olhos despertos e brilhantes refletiam uma vida interna da máxima

intensidade. Queixou-se de tristeza e o Irmão falou-lhe da sua beleza e do esplendor do mundo.

— Cada dia é um milagre e é tudo o que é preciso para encontrar a felicidade; tu és a escolhida e deves saber que conténs a semente do despertar.

— Eu sei — dizia a mulher, enquanto as lágrimas assomavam nos seus magníficos olhos.

— Tive sinais, mas agora estou confusa. — Nada disso, minha pequena; lembra-te do que te digo e voltarás à senda. À saída, olhou para mim e senti o impacto das palavras que ouvira e um cumprimento.

Nesse momento, entrou o Enrique e saudou o Irmão; este ralhou-lhe duramente.

— Dei ordem — disse-lhe — para que a lista de pacientes fosse respeitada e tu permitiste a desordem.

Referia-se às primeiras consultas, as que não constavam das listas. O Enrique saiu cabisbaixo e voltou a entrar acompanhado do Memo. — Diz o grilo (assim apelidavam o Enrique) que a mãe já não o quer e que o Irmão só o ralha. Enquanto o Memo dizia isto, abraçava o irmão, como querendo protegê-lo.

— É verdade — disse o Enrique, com voz entrecortada —, eu só vim cumprimentar-te e tu ralhas-me.

— Olha, meu pequeno, a ordem é a ordem e tu deves dar o exemplo.

As consultas tinham terminado quando o P., um ajudante, se aproximou do Irmão.

— Um casal da Nicarágua veio à consulta; têm problemas muito graves e desejam ver-te.

— Diz-lhes que entrem, meu carinhoso.

Uma mulher loura, alta e muito bela, acompanhada do marido, aproximou-se do Irmão; o homem falou em nome dela:

— A minha mulher — disse — tem receio de que lhe tenham feito um "trabalho" quando visitou o Brasil. Temos problemas muito graves e já não suportamos o que acontece entre nós. Amamo-nos, mas, sempre que temos vida marital, ela sente-se muito mal e a mim dá-me vontade de a agredir. Íamos ter um filho, mas ela não suportou e batia-se no ventre até abortar.

— Mulher — chamou o Irmão —, sonhas com água ou que voas?

— Às vezes — respondeu ela. — Sentes como se algo se apoderasse de ti e te descontrolasse? — Sim, é assim que sinto.

Eu comecei a entender e lembrei-me de que, ao entrar no recinto, a cabeça da mulher batera num crucifixo que estava à entrada. Aquilo tinha-me espantado e agora comecei a compreender. Subitamente, Cuauhtémoc pediu a sua faca. Foi uma ordem rápida e cortante. Voltei-me para o ver e reparei que "olhava" na direção da entrada do recinto.

Fixei a minha atenção nessa direção e, de repente, vi como as cortinas se separavam; todos viram o mesmo e, num instante, colocámo-nos aos lados do Irmão, esperando a entrada de "algo" — esse mesmo algo que possuía a mulher. Em absoluto silêncio, com os músculos tensos, o olhar fixo na cortina e o Irmão a segurar a sua faca, permanecemos imóveis e expectantes. De súbito, o Irmão começou a assobiar uma melodia estranhíssima e depois disse que o espírito escuro não se atrevera a enfrentá-lo.

— Sabia que não podia comigo e foi-se. Tu, mulher! — disse, chamando a loura —, que sentiste?

— Um arrepio!

— Olha, fizeram-te um "trabalho" terrível e são muito poderosos. Vou indicar ao P. o que deve ser feito e isso salvar-vos-á a ti e ao teu companheiro.

O casal saiu e Cuauhtémoc chamou o P.: — Quero saber se te podes comprometer a realizar o trabalho. Tens de ir a uma montanha e fazer umas coisas que depois te direi. Precisamos de seis "limpezas" rigorosas. A entidade possui a mulher e matou o filho dela. Sei que a tua mulher está grávida e deves evitar que esta mulher se lhe aproxime. Assumes a responsabilidade?

— Sim! — Muito bem; agora leva-os a casa e tem muito cuidado no caminho. Cuauhtémoc chamou o Memo e também lhe deu instruções:

— Não permitas — disse — que a minha carne realize esse trabalho; ajuda o P. e que o Senhor vos guie. Entenderam? — Sim!

Iam começar as operações e o Irmão pediu para falar com a Gema, a filha da Pachita; pediu-nos que saíssemos e ainda ouvi um diálogo muito emotivo. Depois entrei eu e perguntei a Cuauhtémoc acerca das minhas sensações da manhã:

— Será que tenho algo mal no corpo, ou estou a cometer algum erro grave?

— O que te sucede — respondeu, depois de "varrer" o meu corpo com o olhar —, o que te sucede é que, cada dia, adquires mais sensibilidade e agora estás a detetar os sinais da próxima hecatombe.

Por um lado, senti-me tranquilo; por outro, inquieto. A próxima hecatombe? O Irmão já a mencionara e parecia convencido de que em breve aconteceria algo terrível.

A primeira operação foi a de uma rapariga cega do olho esquerdo. A lateralização era gerida de forma muito especial pelo Irmão: se o mal estava de um lado, trabalhava com o outro — e este caso não foi exceção. Lembrou-me as primeiras operações de focos epiléticos, em que os investigadores se surpreendiam com o aparecimento de focos em espelho, trasladados do hemisfério cerebral são para o doente. Segurei a cabeça da rapariga e, imediatamente, senti-me mergulhado numa sensação muito agradável. Seria dela ou da energia que o Irmão lhe enviava — e eu, no meio, a sentir uma felicidade muito especial? A jovem não se queixou enquanto a faca e o dedo polegar da mão da Pachita penetravam no seu olho são. O Armando acendeu uma lanterna de mão e a rapariga anunciou que via com clareza.

Entrou depois um casal. A mulher parecia japonesa e ocupou a cama. Tinha um problema de surdez num ouvido. O Irmão pediu a faca e a mulher começou a tremer e a respirar descontroladamente. Parecia prestes a desmaiar e o nervosismo era tal que Cuauhtémoc decidiu não a operar. O Padre E. tinha trazido um sacerdote com uma hérnia na virilha. Enquanto o preparávamos para a operação, o T. observava com tal atenção e surpresa que parecia que os olhos lhe iam saltar das órbitas a qualquer momento. Quando a faca penetrou na virilha, o Irmão pediu luz e o assombro de T. chegou ao clímax.

— És de outro mundo! — dizia ao Irmão —, como é que podes fazer isto?

— Pergunta ao Jacobo, ele é escritor e pode dizer-te.

— Eu não sei como o faz! Mais vale perguntares a Deus — respondi.

— Mas Deus não existe — disse o T., com voz trémula.

— Se Deus não existisse, isto não seria possível — interveio o Padre E.

— Mas eu não vejo nem sinto Deus — continuou o T. —, simplesmente não o consigo ver.

— Devias estudar a forma como Aristóteles chegou ao conhecimento de Deus; talvez isso te permitisse compreender — disse o Padre E.

— Mas Aristóteles era um ignorante

— respondeu o T. —, e a sua definição do homem como ave implume comprova-o.

O Irmão continuava a operar e, de vez em quando, sorria, certamente atento à conversa entre o T. e o Padre E. Por fim terminou e enfaixámos o sacerdote. Eu sentia-me tão energizado e seguro de mim que comecei a falar-lhes das minhas novas investigações:

— No laboratório — disse, confiante —, estamos a demonstrar que o cérebro humano pode criar uma força antigravitacional e isso sucede sempre quando ocorre um processo de unificação informacional que se poderia definir como uma expansão da consciência.

— Isso agrada-me muito — disse o Irmão.

— Também — continuei — vimos que existem níveis ascendentes de concentração informacional e que tanto o cérebro como o espaço estão organizados de forma convergente, de tal modo que se pode conceber a existência de pontos infinitesimais contendo a informação total do Universo.

VIBRAÇÕES

A esses pontos considerámo-los como pertencentes a um espaço de elevadíssima "sintergia", ocorrendo neles fenómenos muito interessantes. Cada vez me entusiasmava mais e não sabia se todos me entendiam, mas continuei.

— Num espaço de alta sintergia, tal é a unificação que se transcende o tempo e o próprio espaço. Aí existe uma redundância informacional máxima e um afastamento ou, talvez, inversão da força gravitacional. Quando um cérebro atinge estados de consciência elevada, também transcende o espaço e o tempo, e a gravitação afeta o espaço que o circunda, criando uma força antigravitacional. Pelo menos é isso que indicam os nossos resultados experimentais.

— Isso seria — interrompeu-me o Padre E. — a evidência de um contacto com Deus.

— Exatamente — disse eu. — Isso agrada-me muito — voltou a dizer o Irmão.

Não me lembro das operações seguintes; sei apenas que, no final, houve a extração de um "dano" e, quando o Irmão se despediu de nós, uma entidade penetrou no corpo da Pachita e agrediu o Armando, rasgando umas notas que este lhe havia entregue. Por fim, Pachita regressou e o T. quis averiguar se a "pessoa" que rasgara as notas e a Pachita tinham consciência uma da outra.

— Pachita! — chamou-a —, lembras-te do que fizeste?

— O que é que eu fiz?

— Pachita, por favor — continuou o T. —, rasgaste umas notas.

— Eu não rasguei nada, tu é que estás avariado!

ENTRE A JUSTIÇA E A RODA DA FORTUNA

Quando entendi a diferença entre o bem e o mal e me apercebi de que existiam "seres humanos" que vivem sem a reconhecer, soube que o mundo das consciências pode estar separado do Ser, apesar de este último ser o verdadeiro decisor. As minhas conceções teóricas levavam-me a considerar que, do mesmo modo que, num espaço de sintergia máxima, a redundância é ótima, assim (no último passo) o Ser perde a sua individualidade e é igual para todos. A consciência, pelo contrário, é individual. Entre a Roda da Fortuna (ou seja, o desconhecimento do bem e do mal) e a Justiça (ou seja, o conhecimento da diferença entre o bem e o mal) encontra-se a força. Da imaturidade ao conhecimento é necessária a energia. Quem desejar penetrar na realidade das certezas e na sincronicidade consciente deve adquirir força. De outra forma, sobrevêm a confusão, a tristeza e o esquecimento.

Dizem que o estado adulto implica a aceitação da divisão intrapsíquica e a coexistência de vários níveis de consciência. Penso que a coexistência e a divisão referidas fazem parte de um processo, mas não da verdadeira identidade. Esta é indivisível e não aceita fraquezas como partes essenciais da sua natureza real. Sei que Cuauhtémoc e Pachita são duas entidades separadas ao nível da consciência, mas unidas ao nível do Ser.

Que a verdadeira identidade é o Ser e, enquanto este não for alcançado, é necessário amar o processo. A aceitação da coexistência de

vários níveis de consciência ou, em termos budistas, dos dez mundos como essenciais, conduz à dispersão e ao esquecimento. A aceitação da sua realidade enquanto processo, sem esquecer a verdadeira identidade, leva ao desenvolvimento sem o perigo de se perder na dispersão. Contudo, isto não resolve o problema da individualidade, nem o enfrenta de forma tal que o seu desenvolvimento leve a esclarecer o momento em que ela surge.

Um exemplo da dificuldade de estabelecer o limiar da criação da vida própria é o nascimento de um bebé. Duas pessoas apaixonam-se e conjugam as suas energias. Em breve, na sua interação, começa a criar-se um terceiro elemento emergente. A certo nível da relação, a propriedade emergente criada começa a interagir com o par original e, se o processo continuar, materializa-se um novo ser. A individualidade terá certamente sido alcançada antes da materialização, mas quando?

Com estas interrogações cheguei a casa da Pachita. Desde o primeiro dia em que a vi, impressionou-me muito a jovem de traços belíssimos que, numa operação convencional, fora sobreanestesiada e descerebrada. Em cadeira de rodas, imóvel, surda, muda, cega e sem controlo motor, fora levada à Pachita depois de uma dúzia de neurologistas e outros tantos especialistas noutras áreas a terem desenganado. Cuauhtémoc decidiu reconstruir o cérebro da jovem e, numa série de dez operações — das quais eu estivera nas últimas quatro —, conseguira devolver-lhe o controlo esfincteriano, a visão, a audição, a capacidade de se erguer e, ultimamente, os primeiros sinais de linguagem verbal. Enxertava porções de córtex e de estruturas subcorticais no cérebro morto da jovem, para meu espanto e para a felicidade dos pais, que, dia após dia, a viam crescer, recuperar-se e voltar a ser ela mesma.

Isto último, contudo, preocupava-me sobremaneira e, desta vez, ao ver que os pais da jovem entravam com a filha no recinto, decidi perguntar ao Irmão.

— Irmão! — disse-lhe, curioso —, quando a menina recuperar, como será a sua consciência?

— A mesma de antes, meu carinhoso irmão — respondeu-me.

— Mas então? — insisti —, a consciência não emerge, antes se conecta?

— Claro — disse Cuauhtémoc —, o cérebro é apenas um meio para estabelecer a conexão.

Durante anos eu perguntara-me acerca das bases neurofisiológicas da experiência e concluíra que esta surge como resultante emergente da interação de dois campos energéticos: por um lado, o neuronal e, por outro, o associado à estrutura do espaço. Postular uma propriedade emergente satisfazia o salto dimensional que implica passar da atividade neuronal à experiência; no entanto, a conclusão deixara-me insatisfeito e sem recursos para explicar certos fenómenos.

Por fim, desesperado por uma solução e pouco antes de conhecer o trabalho de Cuauhtémoc, já considerara que a experiência e a consciência não eram produto emergente, mas causa e primeiro dado. O que o Irmão agora me dizia estava de acordo com esta última consideração. O sistema nervoso como antena da consciência, ou como lente através da qual se constrói a realidade, era a conclusão inescapável. Isto não invalidava o postulado da interação energética, mas indicava que o seu fluxo direcional não era da atividade neuronal para a experiência e a consciência, e sim desta última para a atividade cerebral. Assim, podia aceitar-se a existência de consciências fora de corpos orgânicos (por exemplo, Cuauhtémoc) e de cérebros capazes de estabelecer contacto com tais consciências (por exemplo, Pachita).

O assombroso e extraordinário era a derivação lógica para a consciência pessoal. Quero dizer que a minha consciência, como a de quem quer que leia isto, existe fora dos nossos corpos, independente e livre, e que os nossos cérebros estabelecem contacto com ela e nos dão a sensação de a possuir internamente. Tal é a conclusão, certa e assombrosa...

Durante uma das consultas, uma mulher queixara-se amargamente de permanecer num estado de inquietação constante e de incapacidade para alcançar a tranquilidade. O Irmão receitara-lhe orégãos e depois dissera-me que essa erva era magnífica para os nervos. Mas também dissera outra coisa que, no contexto da independência da consciência, era clara. “Precisas de impulsionar o teu desenvolvimento, precisas de aprender a desenvolver-te”, tinha dito à mulher.

Na Escola Xamânica Mexicana, tal consideração (o desenvolvimento) é aplicada de forma muito específica. Refere-se à aquisição da habilidade de sair do próprio corpo. Na realidade, toda a escola de impulso à espiritualidade possui técnicas para realizar precisamente o anterior. A ioga, a meditação, etc., falam do mesmo.

O desenvolvimento implica a aquisição de força e de luminosidade. Considera-se que existe "luz" e que uma pessoa no caminho espiritual deve impulsionar a sua "luz" e expandi-la. Um dos efeitos da aquisição de "luz" é a capacidade de se desprender do orgânico. Outro efeito é a comunicação direta com outros níveis de realidade e de consciência. Assim, enquanto descansávamos depois de uma operação, o Irmão virara-se para mim e dissera que, no tempo em que vivíamos, pululavam muitos espíritos de "luz", cujo desejo era encontrar seres humanos preparados para os ouvir.

— Desejam manifestar-se — disse-me muito seriamente — e procuram. Sei — continuou — que já tens "luz" suficiente para "ver". — Se o desenvolvimento implica a aprendizagem para sair do corpo, a "luz" o que implica?

— Claro que, como tudo, a "luz" é um sentimento. Reconheço com toda a clareza quando tenho "luz" e quando não a tenho. Sinto, além disso, o mesmo em relação às outras pessoas. Quero dizer que, quando alguém fala comigo ou simplesmente se aproxima de mim, sei se tem "luz" ou se está na escuridão. Ao princípio não conseguia diferenciar se era eu ou a outra pessoa, se era "luz" ou "escuridão" ou qualquer outra coisa. Mas agora sei-o com certeza. Sabê-lo e sentir a "luz", no entanto, nada diz acerca do que ela verdadeiramente é.

Ouçam agora esta outra consideração de Cuauhtémoc:

— Às vezes — disse-me, a meio de uma operação aos rins —, o espírito ainda está perto de um corpo que parece morto. Está ali e, se alguém é capaz de "ver", pode perguntar-lhe e, se ao perguntar-lhe ele responde que ainda deseja que o corpo viva, pode dar-se-lhe "luz" e ajuda — o sujeito restabelecer-se-á. Isto último disse-mo depois de ver a menina sobreanestesiada.

— Podem dizer o que quiserem — disse o Irmão —, mas, para mim, esta menina estava morta. Contudo — prosseguiu —, o espírito dela não queria ir-se e, por isso, irá recuperar.

Um menino, o Rubén, tinha os dois rins e um testículo em mau estado. O Irmão enxertou-lhe dois rins novos e curou-lhe o testículo. A meio da operação disse-lhe:

— Rubén, lembra-te de que "tu" me disseste que querias viver. Esse "tu" era o verdadeiro Rubén e a operação era "luz" para o corpo.

— Todos temos “luz” — dissera Cuauhtémoc a uma mulher; — a “luz” concentra-se nas palmas das mãos e, quando se esfrega uma palma na outra, a “luz” aparece e pode inclusive repartir-se. — O que é, pois, a “luz”?

— As palmas voltadas para baixo, colocadas à altura dos joelhos, significam um contacto com a terra, a “luz” e a água. Procura um lugar tranquilo — dizia-me Cuauhtémoc — e senta-te como te digo, e verás que “virão” dar-te conhecimento. Já tens “luz” suficiente para te conectares e, a certo momento, sentirás que a tua boca pronuncia palavras sobre-humanas.

Sentirás que existe um novo Ser dentro de ti. Sei que já tens “luz” suficiente para passar da Roda da Fortuna à Justiça. “Luz” suficiente para “ver”...

O ABSOLUTO E O RELATIVO

— A assepsia é boa para os mortos — disse-me uma mulher macabra encarregada de me afundar na “escuridão”. Tendo eu provado centenas de ilusões — e sabendo que o que as caracteriza é a sua temporalidade aliada a certo estímulo prazenteiro (de outro modo não seriam ilusões) —, respondi-lhe que quem vive no ruído só ouve ruído e é incapaz de perceber o silêncio. Não me entendeu e lembrei umas palavras do Irmão: “— ... é necessário dar luz”, mas àqueles que não sabem ouvir e que respondem com escuridão quando lhes é oferecida a “Luz”: a esses é preciso deixá-los seguir o seu caminho e evitar que interfiram com o nosso...”

Outra mulher confessou-me que odiava ter de lutar e tornar-se guerreira. Olhei para ela e perguntei-lhe se acaso podia decidir isso.

— Olha — disse-lhe —, cada qual possui um termómetro e o que tem mais sorte é aquele cujo termómetro é mais sensível. O sofrimento é sinal, e qualquer sentimento é o pináculo de uma pirâmide. Sempre que estás insatisfeita, o teu termómetro pôs-se a funcionar e deves agradecer o portento e fazer-lhe caso, pois ele levar-te-á a um nível...

Não me deixou continuar e disse que aquilo lhe soava muito teórico. O que quero dizer é que não existem metas e que todo desejo termina ao ver-se satisfeito. Por conseguinte, nem correr atrás de metas nem estimular desejos é a verdadeira vida. É necessário ter vivido para compreender que o único que interessa é o que permanece — e sucede que

o eterno não tem nem conteúdo nem manifestação. Pode, isso sim, estimular manifestações e ativar conteúdos, mas em si mesmo transcende qualquer consideração. O si mesmo é o permanente e o absoluto. Tudo o mais é relativo.

— Irmão!, tu és um ou divides-te?

— O quê? — Sim! Eu vi-te estar em vários lugares ao mesmo tempo, e a tua capacidade para estares com todos e cada um dos teus doentes parece não ter limite. Como podes fazer tantas coisas ao mesmo tempo? Cuauhtemoctzin riu-se e respondeu-me:

— Onde eu estou não existe nem tempo nem espaço! Estou em todos os lados ao mesmo tempo, pois não existem nem lugares nem tempo. Neste momento, falando contigo, posso também ir ver como está a jantar a tua filha — ou então um doente acamado. É muito belo e sem limites.

Na meditação da tarde, interno-me por novas veredas e, quando tento referir as minhas vivências às minhas recordações, deparo-me com a surpresa de que nem umas nem outras coincidem. Tal é o infinito, que não encontro passado que me possa explicar o presente — e sei que, ao tentar comparar, me mergulho no que me foi dado sem o meu consentimento. Por vezes quero partilhar as minhas veredas e os arbustos que vejo, e sou incapaz de os descrever; tal é a minha condição, que o humano me escapa por não o reconhecer. A "luz" é o sentimento de si mesmo e, apesar de conhecer o relativo como armadilha, ainda habito em corpo. Quem me dera, como tu, já ter transcendido tais remorsos! Deus, quero confessar-te que ainda me sinto...

A bondade é o único paradigma! No dia 15 de setembro vi, com a Pachita, um combate de Muhammad Ali. A Pachita acendeu-lhe uma vela e deu-lhe "luz".

— Não gosto que lhe batam — disse desde o primeiro assalto.

— Achas — perguntei-lhe, enquanto víamos o combate —, achas que, a certo nível, tu e o Irmão sois o mesmo ser?

— Eu não sei — respondeu —, o que queria saber é para onde vou enquanto ele vem. Sinto que desço como numa roda da fortuna à tarde e, quando dou por mim, já é noite. Enquanto isso, o meu corpo opera e faz mil maravilhas — e eu nem me apercebo!

— Para onde vou eu?

— Deve ser algo relacionado com o tempo — disse-lhe, inseguro.

— A nossa consciência julga viver no tempo, quando, na realidade, o presente é intemporal. Entre dois instantes de consciência o tempo não existe para ti. Obviamente, isso não explicava nada. Apeteceu-me contar-lhe as minhas ideias acerca da interação de campos energéticos e a sua ligação com o Irmão, mas percebi que também não podia explicar o que realmente sucedia. A consciência é uma entidade — pensei mais tarde —, e viaja e aparece e desaparece e conecta-se e desconecta-se e... quem sabe?... Em tudo está o absoluto, e a sua perceção depende apenas do nível de consciência de quem vê.

Qualquer objeto, por exemplo, é a resultante de um processo tão complexo que só pensar no que isso implica produz a maior admiração. Quando vemos uma pedra, o que realmente percebemos é a nossa própria atividade neuronal. O que observa essa atividade é o Ser. Deste modo, mesmo na perceção mais "concreta", está envolvido o Absoluto. Rio-me quando alguém se esquece do anterior e considera que estamos em queda pelo simples facto de vivermos entre preceitos.

O único que verdadeiramente funciona é o Ser; tudo o mais é temporal e, portanto, dependente do Observador. Claro que existem aqueles que conseguem manter uma ilusão tempo suficiente para envolver outros na sua manutenção: cuidado com tais entidades "escuras", encarnadas ou desencarnadas!... ao único que conduzem é à morte. O ser humano tende a utilizar unidades de análise e constrói a partir delas mundos conceptuais. Quando tem a péssima sorte de manejar como unidades elementares o que são, na realidade, resultantes finais, a perspetiva que o espera é o aborrecimento sufocante e total — a noite do tédio refletida noutra noite de tédio.

Digamos o que a Bíblia diz a esse respeito: "A sabedoria clama nas ruas, levanta a sua voz nas praças; clama nos principais lugares de reunião; nas entradas das portas da cidade diz as suas razões. Até quando, ó simples, amareis a simplicidade, e os escarnecedores desejarão o escárnio, e os tolos aborrecerão a ciência? Convertei-vos pela minha repreensão; eis que derramarei o meu espírito sobre vós e vos farei saber as minhas palavras.

Visto que chamei e vós recusastes; estendi a mão e não houve quem desse atenção; antes rejeitastes todo o meu conselho, e não quisestes a minha repreensão, também eu me rirei na vossa calamidade, zombarei quando vier o vosso temor; quando vier como assolação o vosso temor, e a

vossa calamidade chegar como um redemoinho; quando sobre vós vierem tribulação e angústia. Então me invocarão, mas eu não responderei; de madrugada me buscarão, mas não me hão de achar.

Porquanto aborreceram o conhecimento e não preferiram o temor do Senhor; não quiseram o meu conselho e desprezaram toda a minha repreensão. Portanto comerão do fruto do seu caminho e fartar-se-ão dos seus próprios conselhos.

Porque o desvio dos simples os matará, e a prosperidade dos tolos os destruirá. Mas o que me der ouvidos habitará em segurança e estará descansado do temor do mal." O temor do Senhor é ruído para quem conhece e habita no silêncio. O Senhor é o Ser, o Absoluto, o si mesmo — a consciência, afastada e transcendida de tudo o relativo, em si mesma. Se ao menos nos lembrássemos de que, por trás de qualquer decisão, está Quem pode ver todas as alternativas...

O CORAÇÃO

Cheguei tarde, exausto e faminto a casa da Pachita. De manhã, mudara de casa e sentia-me triste. À medida que se cresce, os lugares ganham importância e, talvez, na velhice, uma mudança de casa se torne perigosa — pensei, enquanto tocava a grade amarela da casa da Pachita. É certo que o verdadeiro desenvolvimento é a aprendizagem da exteriorização, sem que isso signifique abandono ou falta de acesso ao mundo interno.

A consciência entra em contacto com o mundo ampliando o seu raio de ação. Aqui, em qualquer processo de crescimento, a diferenciação é básica. Sem ela, o que acontece é a loucura; com ela, o discernimento. O problema é que não se encontram guias senão depois de se terem passado provas suficientes para fortalecer a própria identidade.

O que ia "ver" nesse dia ensinou-me que, além do anterior, o verdadeiro mundo transcende qualquer processo lógico convencional, e que aferrar-se ao entendimento "humanoide" impede viver no nível em que não existem limites. O Irmão dava consultas e, depois de o saudar, coloquei-me à sua esquerda. Observei que o meu cansaço era generalizado. Por alguma razão, todos os que rodeávamos Cuauhtemoctzin não tínhamos energias suficientes. Eu tinha mudado de casa e o meu desânimo era explicável.

Depois soube que o Armando ia ser operado de um dano e que o Memo tinha um problema emocional. Obviamente, estávamos ligados e, ainda que cada um por razões diferentes, em todos havia algo que impedia estar suficientemente fortes. A única exceção era o Irmão. Ele parecia não ter limites e, apesar de ter atendido sessenta e cinco pacientes, ao terminar as consultas estava fresco e inspirado.

— Muito em breve — disse-me, com voz suave —, todos os signos serão reunidos em Orion.

— Os signos?

— Sim! O que vocês chamam signos do zodíaco. Cada um — continuou — representa uma parte diferente do corpo, e os que assistirem ao acontecimento aprenderão o significado das relações entre as estrelas e o orgânico.

— Reunir-se-ão diferentes seres? — perguntei.

— Não!, não são seres, são Galáxias. Mas, a partir da cidade, não se poderá ver — há fumo em demasia. Seria magnífico que cem ou duzentos homens assistissem, mas sei que quase não há quem esteja em harmonia com a natureza. Só dois ou três são capazes de reconhecer os padrões e entender o movimento da natureza. Só em harmonia se poderá entender e viver o que acontecerá.

Em San José del Pacífico eu vivera essa harmonia. É o diálogo com o mundo — pensei nesse momento —, no seu nível mais direto é o conhecimento da razão dos movimentos das nuvens, das chuvas, dos ventos, do crescimento das plantas, das mudanças de iluminação do Sol e do canto dos pássaros. É a ligação entre todos os eventos da natureza e a própria consciência, em unidade de contacto com eles.

Preparávamo-nos para as operações e, depois de várias intervenções que não descrevo, passou uma mulher que viera de Nova Iorque, queixando-se de dores contínuas de cabeça.

— É um caso de irritação trigeminal — disse-me o Irmão ao ver a mulher —, terei de ligar o trigémio à zona neutra e assim desviar a excitação exagerada do nervo. Deitámos a mulher e eu segurei-lhe a cabeça enquanto a faca de mato penetrava a sua testa e, com um movimento lateral, abria uma incisão enorme que chegava até à parte posterior da orelha. Senti um líquido quente a cair-me na mão esquerda e, depois, um pedaço de carne que reconheci como parte do couro cabeludo separado do osso. Fiquei muito impressionado e vi a faca girar, tentando arranjar o

nervo. Por fim, a faca afastou-se e a ferida foi fechada. A mulher queixara-se durante a operação, embora a dor tivesse sido mínima comparada com o que poderia ter sentido numa cirurgia convencional, mas sem anestesia. Entre o Armando e eu enfaixámos a cabeça e o Irmão despediu a mulher.

Sentia-me muito cansado e temia que as minhas costas começassem a doer-me e me impedissem de continuar a ajudar. Inspirei profundamente e massajei-me. O Irmão virou-se para "me ver" e sussurrou algo que não entendi. Perguntei-lhe e, num murmúrio, disse-me: —

— Dar-te-ei oportunidade de ver algo extraordinário.

Nesse momento, passaram um jovem de cerca de vinte e cinco anos, magro e muito nervoso. O Irmão recebeu-o com grande carinho e disse-lhe que nada tinha a temer. Deitámo-lo de barriga para cima e, com algodão embebido em álcool, o Irmão limpou-lhe o peito. Perguntei acerca da maleita e o Rafael (assim se chamava o paciente) disse que lhe doíam muito o braço e o ombro esquerdos. Obviamente tratava-se do coração e a operação procuraria aliviar o órgão.

Segurei a mão do Rafael e sugeri-lhe que se relaxasse e respirasse profundamente. Assim fez, enquanto a faca
lhe penetrava o peito e a serra lhe cortava as costelas. Estava muito escuro e eu não conseguia ver com clareza quando o Irmão me pediu que acendesse a minha lanterna de mão. Iluminei o peito e fiquei sem fôlego. Sobre a pele do Rafael palpitava, livre e claramente, o coração. — Agora repara bem — disse-me o Irmão. Vi a faca de mato introduzir-se no coração e, literalmente, parti-lo em dois.

— Não é possível — repeti para comigo várias vezes. Iluminei o rosto do Rafael e o meu espanto não teve limites. Enquanto o seu coração era partido em dois, o rapaz sorria e mantinha os olhos abertos.

— Onde estás? — perguntei ao Rafael —, onde estás? Ele olhou para mim e riu-se como única resposta. Voltei a olhar para o peito e o coração continuava ali, trespassado por uma faca e a latejar. De súbito, aquela massa palpitante começou a penetrar no peito e, num instante, recolocou-se na sua posição original; a ferida fechou-se rápida, elegante e placidamente diante dos meus olhos esbugalhados. Tornei a perguntar ao Rafael:

— Onde estavas? Voltei a perguntar e ele nada mais disse. — Meu Deus!, meu Deus!, meu Deus! — repeti em voz alta, olhando para o Irmão, para o Rafael e depois para o Armando. O Irmão voltou-se na minha

direção e chamou o Armando; sussurrou-lhe algo ao ouvido e julguei que se referia à minha reação. Ainda ouvi que lhe dizia que eu não era como eles. No final da sessão perguntei ao Armando o que o Cuauhtémoc lhe dissera.

— Disse-me que ainda não deixas a tua investidura humana e que ainda estás a tentar entender o que sucede usando uma lógica limitada.

Era verdade: apesar de ter visto tantos milagres, eu ficara espantado e tentara entender aquela operação com noções convencionais. Não compreendia a sobrevivência do Rafael, e pareceu-me lógico que o Cuauhtémoc se admirasse da minha falta de fé. Contudo, apercebi-me de algo: transcendendo as minhas dúvidas, eu pensara que o Rafael estava fora do corpo durante a operação e supusera que todos os operados também saíam dos seus corpos durante as intervenções. Não era possível entender de outro modo a ausência de dor e a sobrevivência e manutenção da consciência.

Ao terminar a sessão, o Irmão mencionou algo muito estranho:
— Desobedeci ao meu Pai! — disse, muito sério.

— Como O desobedeceste? — perguntei, espantado.

— O meu Pai dá a ordem para que alguém desencarne, que abandone a vida, e esse alguém vem procurar-me e eu opero-o porque me dói "ver" o seu sofrimento. Foi isso que fiz, meu carinhoso, e assim desobedeci.

Antes de me despedir, o Armando disse-me que compreendia o meu espanto, mas que isso (a operação ao coração) era uma ninharia comparada com o que acontecia dantes, quando se trabalhava no campo. — Oxalá tivesses estado connosco — disse-me.

— A Pachita parecia um tigre: saltava, corria, agachava-se e, de repente, parecia voar como uma águia. Era um regalo vê-la, e sei que terias adorado ser testemunha disso...

O MÉDIUM "DANADO"

Fui visitar a Pachita no dia seguinte. Prometera ler-lhe o livro. Encontrei-a na cozinha de sua casa, acompanhada do Memo. Estavam a preparar remédios, e a Pachita mostrou-me um quarto contíguo repleto de garrafas, cadeiras, sacos cheios de ervas, frascos, provetas, papéis.

— Este é o meu laboratório! — disse-me a sorrir —, aqui faço as minhas medicinas. Agora estamos a preparar um líquido especial. Se alguém tomar um golo todas as manhãs, em jejum, não envelhece. Deu-mo a provar e eu tossi, dominado pelo álcool. — Isto é álcool puro!

— Não, homem! — riu-se —, são ervas e rum e... sim, um pouco de álcool, mas nada mais. Ofereceram-me uma garrafa e, depois de vários dias a tomar o meu "golinho", notei que os meus músculos endureciam visivelmente. A Pachita tomava esse mesmo remédio e parecia extraordinariamente jovem para os seus setenta e oito anos.

Comecei a ler-lhe o livro e nunca tive — nem tenho tido — audiência mais interessada e luminosa. Na sexta-feira sentia-me muito bem e, ao entrar no recinto das operações, encontrei-o iluminado e a Pachita à conversa. Era cedo e o Irmão ainda não tinha vindo. Embora já tivesse visto várias vezes a chegada de Cuauhtémoc, era sempre interessante observar o procedimento que a Pachita usava para o receber. O Armando disse-me, ao final dessa sessão, que as entidades utilizavam 10% do cérebro dos médiuns, porque usar mais destruiria a massa encefálica. Era como se uma organização energética se apoderasse dos axónios, dendrites e neurónios do cérebro, ativando padrões neuronais específicos e controlando Campos Energéticos Neuronais.

A Pachita pediu a túnica de Cuauhtémoc, vestiu-a e sentou-se numa cadeira em frente do altar; fechou os olhos e começou a recitar uma série de orações. Bocejou várias vezes e depois tremeu outras tantas. Por fim, levantou o braço direito e saudou-nos:

— Em nome de meu Pai, eu vos saúdo!

Por alguma razão, lembrei-me de que, quando vivia em Nova Iorque, por duas vezes eu penetrara num remoinho gigantesco e, ao sentir que o meu corpo começava a girar seguindo as suas curvas, sustivera o processo, assustado pelo mistério. Nesse momento, pareceu-me provável que a chegada de Cuauhtémoc implicasse sensações semelhantes para a Pachita. A meio das consultas comecei a sentir-me muito enjoado. Era

como se uma energia desorganizada e intensa estivesse a interagir com o meu cérebro, desequilibrando-o. Não quis dizer nada e só quando as minhas sensações ultrapassaram a minha capacidade de controlo é que comentei em voz alta:

— Irmão, sinto-me muito estranho e não sei se sou eu ou se é algo que estou a detetar!

— São os Incas, meu carinhoso — disse —, hoje teremos um confronto e já estão aqui. Além disso — continuou — estás a receber energia para poderes suportar a luta. Ao terminar o comentário, ouvi algo muito estranho: uma espécie de rosnado selvagem.

— Ouviste? — perguntou-me o Irmão.

— Sim! — afirmei, espantado. — Esses são os Incas a prepararem-se para atacar.

O Irmão referia-se a um acontecimento que tínhamos vivido duas semanas antes, quando o casal de sul-americanos se apresentara para consulta. A mulher, uma loura muito atraente, visitara o Brasil e tinham-lhe feito um trabalho de bruxaria. O companheiro estava muito alarmado e comentara que a mulher agia de forma muito estranha e parecia possuída por uma entidade "escura". O casal decidira vir naquele dia e os Incas eram as entidades que possuíam a mulher. Esperámos toda a sessão pelo casal, mas não chegaram. Entretanto, a desorganização energética persistiu durante várias horas, acompanhada de súbitos rosnados. Tive de comentar de novo as minhas sensações e, ao terminar as consultas, tornei a perguntar a Cuauhtémoc:

— Irmão, o que está a acontecer?

— Já te disse, meu menino, são os Incas.

— Tu sentes o mesmo que eu?

— Não, eu não sinto isso; a mim não me afetam como a ti.

— É que tu és de aço!

O Irmão admirava-se muito com alguns incidentes que tinham em comum uma absoluta ausência de consciência bondosa. Sempre que acontecia algo desse teor, comentava o facto, sublinhando que tal nível era insustentável. Parecia penetrar na natureza humana e todo o estereótipo com que trabalhava (uma faca de mato, operações, uma cama de cirurgia, uma luz tênue) estimulava, no ser humano que entrava no recinto, aquilo que não era possível controlar e ocultar. Eu aprendia ao seu lado e via

como ali, entre as suas mãos, emergiam os instintos, o não resolvido, a porção animal da consciência.

Assim, quando uma senhora obesa, acompanhada do filho, se deitou de barriga para baixo na cama para ser intervencionada à coluna vertebral e, num grito contínuo, se queixava e queixava, o Irmão comentou que uma mãe não devia assustar dessa forma o filho e, pelo menos, ter consciência das consequências da sua falta de controlo e ausência de fé. O prestígio da Pachita era muito amplo e, todos os dias, a visitavam doentes de regiões muito distantes. Nova Iorque enviava pacientes e a última operação da noite foi a de um rapaz chamado Carey que, acompanhado da namorada, uma jovem porto-riquenha, vinha de Nova Iorque especialmente para ver a Pachita.

Apercebi-me de que a energia que estivera a receber durante a sessão tivera como propósito preparar-me para esta: a operação mais difícil daquele dia. O Armando conversava com o Irmão quando anunciaram que o Carey e a namorada aguardavam a sua vez. Disseram-me que o Carey tinha artrite e eu acreditara. Quando perguntei ao Irmão se operaria o Carey da artrite, ele e a Z. riram-se, em jeito de resposta. Eu ainda não distinguia os "feitiços" das "verdadeiras" doenças, e o riso do Irmão fez-me perceber que o Carey estava "danificado".

Quando entrou no recinto com a namorada, notei que esta irradiava vibrações extremamente sensuais. O corpo era o de uma felina e uma bolsa preta, que trazia descuidadamente e mantinha pendurada à altura dos genitais, fazia-a parecer nua, uma sedutora incitante. Ambos vinham vestidos de branco e isso realçava ainda mais o efeito que descrevi. O Irmão fez o Carey sentar-se na beira da cama e "olhou-o" fixamente. Depois, friccionou as palmas das mãos e, com um movimento rápido em direção ao Carey, lançou "luz", dizendo:

— Ordeno-te que te apresentes, exijo que apareças e, se for vontade de meu Pai, que o tomes por completo; se não, que saias do seu corpo...

Entretanto, o Carey começou a oscilar a cabeça e, de repente, a gaguejar. Da sua boca saíam sons estranhos, semelhantes aos de algum dialecto índio. As palavras de Carey estimularam ainda mais o Irmão:

— Essa não é forma de tomar um corpo. Toma "luz" e deixa-o, ordeno-to; recebe a minha "luz" e muda, afasta-te dele e deixa-o em paz.

Nesse instante, senti que o Carey se ia desmaiar. Oscilava, cabeceava, gaguejava e as pernas começaram a tremer. A sua namorada, entretanto, respirava profundamente e queixava-se. O Irmão voltou a friccionar as palmas e a dar "luz": — ... sai desse corpo, ordeno-to pela última vez. Não foi suficiente, e a Candelaria começou a lançar bálsamo sobre as nossas cabeças e praticamente encharcou o Carey e a sua namorada. Por fim, o Irmão deu ordem para fazer uma cadeia de proteção e, todos — exceto o Armando —, demos as mãos. O "dano" estava localizado nos joelhos do Carey. Ele era mestre de karaté e queixara-se sempre de dores muito intensas nas pernas. O Irmão pegou na faca de mato e abriu o joelho direito enquanto o Carey gemia de dor e a namorada lançava exclamações nervosas. Senti que devia sair da cadeia e tomar as mãos do Carey, mas não consegui. Disse-lhe que agarrasse o meu braço e ele apertou-o com força. A operação prosseguia e os gemidos do rapaz indicavam uma dor intensíssima.

Candelaria lançava-nos bálsamo e a faca penetrou no joelho esquerdo. Eu sentia-me muito energizado e lembrei-me de que, depois das consultas, tinha perguntado ao Irmão:

— De que forma te ajudo? Cuauhtémoc perguntara-me se alguma vez eu tinha visto um mar encapelado. Ao responder-lhe afirmativamente, dissera-me que a energia que dava durante as operações era como uma onda gigantesca do mar. Decerto o Irmão detetou o meu nível energético, porque, subitamente, chamou-me e pediu-me que tirasse os "feitiços". Afastei-me da cadeia e pedi às pessoas que me seguravam as mãos que as apoiassem contra a parede, para que esta servisse de continuidade protetora.

Levei a mão direita ao joelho esquerdo do Carey e, junto à ponta da faca, senti uma espécie de ossículo alongado e terminado em ponta. Agarrei-o entre os dedos e tentei extraí-lo. Não consegui à primeira tentativa e zanguei-me. Comecei a gritar com aquele osso e, com um esforço tremendo, arranquei-o do joelho. O Armando aproximou-se com um papel preto e coloquei o "dano" no interior do mesmo. A seguir, aproximei-me do outro joelho e voltei a sentir um ossículo semelhante ao anterior e, no momento de o apalpar, afastou-se dos meus dedos. Parecia vivo; o Irmão voltou a introduzir a faca e eu tornei a sentir a ponta do osso. Outra vez me zanguei, gritei-lhe e, com um puxão tremendo, arranquei-o do lugar. O Carey respirou profundamente e cessaram os seus gemidos. O

Armando enfaixou os dois joelhos e eu acariciei a testa do Carey, tentando tranquilizá-lo.

Cuauhtémoc dirigiu-se à namorada do "danificado" e disse-lhe que, se quisesse, podia curá-la do pulmão. A rapariga recusou, dizendo que era santera e que se podia curar sozinha. Aquilo estranhou-me muito e senti que o "dano" do Carey tinha relação com a sua namorada.

Cuauhtémoc falou ao Carey:

— Tu és um bom homem e, além disso, és médium. Tens capacidade curativa e um médico de uma época anterior à de Cristo vai introduzir-se no teu corpo e vai curar utilizando a tua matéria. Deves aprender a comunicar-te com ele e deixá-lo passar através de ti.

— Como? Como faço isso? — perguntou o Carey.

— Deves aprender a meditar. A namorada interrompeu a conversa e disse que, no dia anterior, o espírito aparecera e, durante quatro horas, dialogara com ela. Cuauhtémoc não lhe deu atenção e continuou a falar com o Carey:

— Deves colocar — disse-lhe — uma flor branca na cabeceira da tua cama e deves purificar-te.

Enquanto o Armando continuava a enfaixar, o Irmão despediu-se de todos e sentou-se junto ao altar. Durante um curto período ninguém falou e, de repente, depois de várias convulsões, o corpo da Pachita foi ocupado por uma nova entidade.

— Má, má, má — dizia, em voz grave e entrecortada —, sai daqui, vai-te. Depois falou em mexicano puro e senti que troçava da namorada do Carey. Por fim, apareceu a Pachita e eu pedi à namorada que saísse do recinto. Tinha a certeza de que ela tinha algo a ver com o "dano" e perguntei ao Armando a sua opinião. Concordou comigo, assim como a Pachita, depois de lhe relatar o sucedido. Senti a obrigação de o dizer ao Carey e não sabia como. Aproximei-me dele e o Armando acompanhou-me.

— Diz-lhe — disse o Armando — que o caminho dele é de "luz" e o da namorada não condiz. Ela precisa de sexo, drogas e "escuridão". Ele, pelo contrário, será ocupado por uma entidade de "Luz", que utilizará 10% do seu cérebro e lhe ensinará a curar.

O Carey não queria acreditar e mostrou-me um colar que a namorada lhe oferecera especialmente para aquela ocasião. Peguei nele e por pouco perdi os sentidos. Passei-o ao Armando e ele sentiu o mesmo. —

Este colar está "trabalhado" — disse, com firmeza. De seguida, o Armando colocou o colar no chão e, com uma garrafa de álcool, derramou o conteúdo à volta do colar e ateou-lhe fogo. Depois fez várias cruzes com álcool e também lhes pegou fogo. Por fim, banhou o colar com bálsamo e deu-mo. As vibrações negativas tinham desaparecido.

— Diz-lhe — disse-me o Armando — que o devolva à namorada e que nada lhe diga do que comentámos acerca dela, sob pena de, se fizer o contrário, morrer. O Carey mostrou-me outro objeto e pediu a minha opinião sobre as suas vibrações.

— Está muito bem — disse-lhe com segurança.

— Esse deu-mo o meu mestre de karaté. Ele quer ensinar-me a meditar e é um magnífico ser espiritual. Como sentes a diferença de vibrações? — perguntou de seguida.

— Não sei — respondi —, simplesmente sinto-as.

Despedi-mo-nos do Carey e sugerimos que não se deitasse antes da meia-noite. Na manhã seguinte, o Carey telefonou-me para casa. — Sabes — disse —, estou a aperceber-me de que a minha namorada tem algo muito negativo, mas gosto tanto dela que a estou a convencer a ser operada pelo Irmão.

— Oxalá a consigas convencer — respondi —, isso resolveria o problema e assim não teriam de se separar.

— Obrigado por tudo — despediu-se —, e juro-te que, quando o médico vier e eu aprender a curar, farei algo por ti...

A MORTE DO PAPA

"Estar na criação da experiência é transcender toda a dicotomia." Foi isso que sonhei uma noite. Dizia-mo o John Cooke e eu ouvia-o com tal atenção que o meu sonho se trasladou a um plano de materialização. Dois dias depois sonhei que alguém me ia "oferecer" uma revelação extraordinária, quando um par de mãos agarrou o meu pescoço para me tentar enforcar. Acordei e vi o relógio. À mesma hora, o Papa (João Paulo I) morria envenenado. Digo envenenado, e não de ataque cardíaco, porque assim mo disse Cuauhtémoc.

Depois da operação do Carey, este decidiu separar-se da namorada e mandou-a para um hotel. A rapariga telefonou-me uma tarde

— angustiada, confusa e cheia de medo. Pediu asilo em minha casa e eu acedi. Contou-me dos santeros e das suas cerimónias cheias de sacrifícios de animais, tambores, dançantes e rituais exóticos. Convenci-a a ir operar-se com o Irmão de uma série de maleitas que eram claro testemunho de "feitiços". Durante os dias em que viveu em minha casa, senti um fogo que me queimava o peito e esperei, expectante, o dia da operação. Cuauhtémoc recusou intervir.

— Ela é grande sacerdotisa dos santeros e está entregue para toda a vida — disse-me, muito sério.

— Não posso intervir nesses assuntos — acrescentou com firmeza.

Comuniquei-o à rapariga e ela e o namorado decidiram regressar a Nova Iorque. Dois dias depois, morria o Papa e a mim ardia-me o peito. A Pachita também não se sentia bem; tinha ido a Toluca na companhia dos filhos e, no caminho, a pressão arterial subira-lhe até 240 mm de mercúrio.

— Que se passa no mundo para que tudo pareça conduzir-nos a uma crise? — perguntei a mim mesmo, na quarta-feira, ao entrar no recinto das operações.

A Pachita decidira descansar das consultas e tinham sido programadas poucas operações para a noite. Preparámo-nos para operar e a sessão decorreu sem maior percalço. A menina sobreanestesiada ocupou a cama de operações para ser novamente intervencionada no cérebro. Levantou-se sozinha da cadeira de rodas e eu espantei-me com o seu incrível desenvolvimento e crescimento. Em poucas semanas crescera dez centímetros e quase parecia um gigante para a sua pouca idade. A faca de mato penetrou-lhe no crânio...

O "DANO" DO ARMANDO

Quando completei treze anos, enviaram-me de Jerusalém uma Bíblia de capas de prata e belíssima caligrafia. Decidira oferecê-la ao Cuauhtémoc e à Pachita. Na sexta-feira seguinte cheguei cedo a casa da Pachita. As pessoas faziam fila e, depois, o Memo disse-me que, de setenta e seis consultas, o Irmão só aceitara vinte. O peito já não me ardia e aproximei-me do Irmão para o saudar.

— Em nome de meu Pai, eu te saúdo.

— Em o mesmo nome eu te respondo — disse-me o Irmão —, como estás, meu carinhoso?

— Muito preocupado com a morte do Papa.

— Mataram-no, Jacobo; morreu envenenado e é um sinal. Está dito que, antes do fim, os patriarcas das Igrejas perecerão.

Primeiro foi o da ortodoxa e agora o Papa. Eu não tinha ouvido que o chefe da Igreja Ortodoxa Russa morrera, mas era verdade. Com a separação de um mês, dois líderes religiosos tinham falecido e isso não era coincidência (como nada o é). Oxalá — pensei — que a "luz" vença a "escuridão".

— Trouxe-te um presente — disse, mostrando o livro. Cuauhtémoc abriu-o e ficou a olhar uma página por instantes. Perguntei a mim mesmo se o lia e entendia o hebraico e, como se me tivesse lido o pensamento, respondeu-me:

— Aqui falam como falamos tu e eu!

— Entendes hebraico? — perguntei em voz alta. Voltou-se para mim e sorriu e pediu ao T. que entregasse o presente à sua matéria.

— Obrigado, irmão Jacobo.

Coloquei-me junto do Irmão e acompanhei-o durante as consultas. Como sempre, era assombrosa a sua capacidade bondosa e o seu amor. A forma como o ser humano lhe era transparente e a sua capacidade de reconhecer doenças, problemas emocionais e ataduras deixavam-me sempre com uma sensação de perplexidade e, ao mesmo tempo, confirmavam-me que, apesar de estarmos confinados "dentro" de um corpo, os nossos pensamentos afetam o espaço e são detetáveis por quem adquiriu a capacidade de "ver".

No meu labor como psicofisiólogo, concluíra que o cérebro cria um campo energético que interage com a organização do espaço, pelo que todos vivemos imbuídos e somos parte de uma rede energética que nos comunica e entrelaça numa unidade concebível teoricamente para mim e vivencialmente para Cuauhtemoctzin. Agora "via" que não só o cérebro, mas todo o corpo cria e participa dessa rede — porém confesso que tais questões energéticas são apenas uma aproximação lógica restrita e, com essa mesma restrição, têm poder e capacidade de explicar. O que realmente ocorre transcende qualquer tentativa humana de explicação e o que ia ver mais adiante confirmá-lo-ia mais uma vez.

O Armando tinha um “dano” que se manifestava por dores muito intensas no baixo-ventre e na perna direita. Era o décimo sétimo desde que começara na obra do Irmão, e hoje seria a décima sétima operação a que seria submetido. Cuauhtémoc pedira-lhe que trouxesse uma águia-de-asa-redonda e, depois da nossa conversa sobre os líderes religiosos, o Irmão perguntou-lhe pelo animal.

— Está lá fora, dentro de uma caixa — respondeu o Armando. Cuauhtémoc, no corpo da Pachita, dirigiu-se à águia e tirou-a da caixa; as garras do animal cravaram-se-lhe no antebraço e feriram-no. Quando conseguimos separar a ave do corpo da Pachita, reparei em várias perfurações no braço desta.

— Olha — disse-me —, esta águia tem dentro o ser que incomoda o Armando, e a prova é que das feridas que fez à minha matéria não brota sangue. Era verdade: apesar de as garras do animal se terem cravado no antebraço, deixando marcas terríveis, não brotava sangue delas.

— Lembra-te, irmão Jacobo — disse-me Cuauhtémoc —, quando um animal fere e não brota sangue das feridas que produz, isso significa que o animal tem um ser dentro.

Recordei um dos procedimentos que o Don Lúcio usa para limpar casas. Faz uma mistura de ervas e acende-as para encher de fumo as divisões e, em casos graves, utiliza o que ele chama “seguros”. Estes são, geralmente, galos que se enterram nas entradas da casa e que “engolem” os “feitiços”. Lembrei-me também do que a namorada do Carey me descrevera das cerimónias dos santeros. Estes sacrificam animais depois de um ritual em que as bestas se apropriam dos espíritos que serão “trabalhados” na cerimónia.

— Então, irmão Jacobo — disse-me, picuinhas, Cuauhtémoc —, como explicas isto? Referia-se à ausência de sangue nas suas feridas.

— Eu acho — comecei, inseguro — que o animal tem dois campos energéticos interatuantes e que a resultante de ambos fecha os poros da pele da vítima e... bem — continuei —, a verdade é que a minha lógica não chega para explicar isto nem nada do que tenho visto aqui. O Irmão “olhou-me” com atenção e disse-me que eu tinha mudado muito.

Era verdade: nunca me sentira igual, e os meus processos de pensamento tinham transcendido todo o desejo de explicação concreta. Eu cria em Deus e tinha fé e, por fim, aceitara a sobrevivência da individualidade depois da morte corporal — e tudo o que isto último

implicava. Desejei dizer ao Irmão que o que mais me mudara era a sua bondade e a da Pachita e a aceitação da individualidade permanente. O aqui, o ali e o além são o mesmo — disse para comigo, recordando uma frase formidável do Don Lúcio. Quando ma disse, eu não a entendi; agora já fazia parte de mim. Se nos conservamos como indivíduos, é necessário fortalecer a nossa identidade. Se continuamos com a nossa obra, é necessário trabalhar no mais elevado. Se continuamos a ser, devemos encontrar dentro de nós a beleza e trabalhar na sua manutenção, continuidade e fortalecimento. Quis dizer tudo isto em voz alta, mas apenas consegui murmurar: sim, mudei!

O Irmão sabia o que eu tinha pensado e confirmou-mo com uma observação: "Agora tens a 'força' — disse-me —, não permitas que ninguém te faça duvidar do que viste e tu também não faças o mesmo ao teu próximo. Sê forte e mantém o teu próprio eu perante quem quer que seja." Assim o vinha fazendo ultimamente, com tal convicção que, dantes, era tão fácil que alguém me fizesse...

— Assim o farei! — respondi, firme.

Estávamos nas consultas, e o nosso diálogo salpicava os momentos em que alguém saía do recinto e o próximo doente entrava. Tornava-se cada vez mais fácil eu introduzir-me na vivência intemporal, e o recinto, as consultas e, sobretudo, as operações estimulavam-me esse estado em que o único que existe é um presente eterno.

Uma mulher que fora operada aos olhos aproximou-se de Cuauhtémoc. Ele pediu-me a lanterna e iluminou os olhos da senhora. Eram verdes e difusos. A mulher disse ter começado a ver depois da operação, mas ainda sem detalhes. O Irmão estendeu o braço direito e, com a palma da mão virada para cima, pareceu esperar uma materialização. Não notei nada de concreto, mas a mão moveu-se em direção aos olhos e pareceu injetar-lhes algo. A mulher referiu um aumento da luz e o Irmão disse-lhe que em breve poderia ver com detalhe.

Nesse momento, e por uma associação estranha, lembrei-me de que o Irmão era incapaz de distinguir o lado direito do esquerdo. Eu perguntara-me a razão disso e passara desde a consideração de uma comunicação inter-hemisférica absolutamente fluida no cérebro da Pachita — com a consequente mistura do espacial com o a-espacial, do fantástico com o lógico, do matemático com o puramente intuitivo — até à consideração de ausência de espaço no "habitar" do Irmão, com a

consequente ausência de referências direcionais. Não duvidava de que o cérebro da Pachita tivesse absoluta fluidez de transmissão de sinais calosos inter-hemisféricos e de que o Irmão vivesse numa dimensão que transcendia o espaço, mas ambos os pensamentos não eram suficientes para explicar a confusão direcional.

O doente seguinte interrompeu os meus pensamentos. Era um homem adulto, com expressão muito preocupada. O Irmão conheceu-o e, ao "vê-lo", emocionou-se e entristeceu-se.

— Querido irmão — disse-lhe —, por que estás nesse estado? Deves erguer o olhar e sair do buraco em que te meteram. Sei que é por causa de uma mulher e sei quanto te dói. A mim mesmo fê-lo a Malinche; lembra-te da sua traição e da minha dor. Mas, apesar disso, levantei-me e, com a alma partida, mas com vontade de ferro, enfrentei o invasor e defendi o meu povo. Estás triste e não vês futuro, mas eu digo-te que ele existe — e é muito belo —, e deves erguer-te e andar direito. Tu és muito "luminoso" e nada te deve fazer cair. Põe a tua vontade à frente e eleva-te, oferece o peito ao destino e não deixes que algo assim te derrube.

O doente seguinte fora abandonado pela mulher, que levara consigo os cinco filhos. Cuauhtémoc ofereceu-se para visitar a fêmea e fazê-la entrar em razão. — Irei em espírito e tu, entretanto, espera...

Antes do início das operações, perguntei a Cuauhtémoc acerca da traição da Malinche. — Emocionou-se com os barbados — disse-me —, assim são as mulheres quando lhes falta centro.

O D. veio informar o Irmão sobre a lista de operações e este pediu-lhe que as dividisse nas de olhos, líquidos e sangue.

— Assim deve ser a ordem, irmão D. Enrique, o filho de dona Pachita, eu observava todas essas manobras e, de repente, tive a mais bela sensação de familiaridade e de ritual de que me lembro. Acontecia sempre o mesmo: o D. vinha e, depois, o Irmão perguntava pela R., e ela vinha trazendo os órgãos para serem enxertados e outras coisas que não cheguei a saber para que servem. Senti-me em casa e a sensação de ordem, tradição e ritual envolveu-me como um perfume magnífico.

A primeira operação foi aos olhos. Uma rapariga jovem sentou-se na cadeira do Irmão. Coloquei-me atrás da cadeira e segurei a cabeça da rapariga entre as mãos. Senti-me instantaneamente luminoso e energizado. Olhei para o Irmão e disse-lhe que gostava muito dele. Não entendi o que me respondeu e, no resto da sessão, mantive uma sensação contínua de

alegria e paz. Depois de várias operações de líquidos em crianças, trouxeram uma rapariga jovem.

O Irmão "viu-a" e perguntou-lhe por que queria morrer. A rapariga sofrera um acidente de automóvel e ficara semiparalisada. Odiava aquela ocasião e amaldiçoava o condutor do automóvel acidentado.

— Não quero viver — disse ao Irmão —, não vejo nada de que goste nem nada me satisfaz. O Irmão confortou-a e depois, num tom sério, ralhou-lhe:

— Quem sofre uma doença deve ser paciente, porque, de outro modo, não se cura; deves dar graças a Deus por te conservar viva e deixar recriminações e maldições, porque voltam a quem as faz — e isso não é respeitar a vida. A rapariga tinha um rim doente e o Irmão enxertou um rim de cadáver em substituição do original. Eu já tinha visto tantas operações semelhantes que não me espantei e considerei-o natural.

O doente seguinte era um famoso músico norte-americano. O seu corpo flácido vivia numa cadeira de rodas, paralisado de todos os membros. Era a segunda vez que o via e, como da primeira, chegou acompanhado de uma comitiva muito ruidosa. Cuauhtémoc obrigou-o a levantar-se da cadeira e a dar alguns passos, ajudado pelo filho e por uma amiga. — Vamos tirar-lhe um tumor do pulmão — disse Cuauhtémoc, depois. Deitámos o Ch., e o Irmão fez uma incisão no seu costado posterior direito. O músico disse que já não sentia água no pulmão e pediu licença para fazer uma pergunta que eu traduzi.

— A Pachita viveu várias vidas?

— Claro — respondeu o Irmão —, tal como todos nós! À saída, disse ao Irmão que sempre sentira uma diferença entre os norte-americanos e os mexicanos.

— Assim é — confirmou —, os americanos são mais "sujos".

A operação do Armando tinha sido adiada duas semanas e estava programada para o final da sessão de hoje. Jamais imaginei o que veria, e preparei-me para a intervenção do Armando da mesma forma que me preparava para as demais. Obviamente, contudo, havia uma diferença de sentimentos: tinha pelo Armando um carinho muito especial e uma proximidade de irmãos. Apesar de o Irmão já o ter operado outras dezasseis vezes, senti um pouco de nervosismo no Armando. Deitámo-lo de costas e, em jeito de brincadeira, dei-lhe as mesmas instruções que a outros doentes: relaxa o corpo, respira profundamente e reza...

Cuauhtémoc pediu uma cadeia de proteção e a Cande, o corpo da Pachita e eu introduzimo-nos no seu centro. O Irmão pediu a Deus forças e depois abriu o ventre com a tesoura. Em seguida, fez uma incisão de quinze centímetros com a faca. O Armando não se queixava e controlava a dor através de respirações profundas. O Irmão começou a vasculhar o interior do corpo e, à medida que aprofundava no ventre, soltava exclamações de espanto. A certa altura, disse que ali dentro havia exatamente o que o Armando mais abominava.

Pediu a minha mão e fê-la tocar algo alongado e de consistência repulsiva.

— Tira-o, Jacobo! Comecei a puxar aquilo enquanto Cuauhtémoc assobiava. Era o mesmo assobio que eu ouvira uma vez quando o Irmão se enfrentou com uma entidade escura vinda do Brasil. Eu interpretara o assobio como um meio de afastar a escuridão, mas, depois da operação, o Armando explicou-me que era assim que Cuauhtémoc chamava o seu exército em casos de grande perigo. E aquilo não era para menos: à medida que eu puxava a "coisa" alongada, dava-me conta — e depois confirmei — de que era uma víbora.

— Hipnotiza essa víbora! — ordenou-me Cuauhtémoc. Algo apoderou-se de mim, senti uma força sobre-humana e comecei a falar ao animal:

— Viborita, vais sair, viborita! Puxei, puxei, e aquilo não acabava de sair. Por fim, tirei a extremidade da cabeça da víbora e entreguei-a à Candelaria, que a recebeu num papel preto. Olhei de esguelha para o animal e reparei nos seus movimentos: era repugnante e incrível ter tirado uma víbora viva do ventre de um ser humano, mas assim era. Inspirei profundamente enquanto a Candelaria enfaixava o Armando. A cadeia de proteção permanecia no lugar e, subitamente, o Irmão chamou a atenção da Candelaria:

— Cuidado, que se escapa! A víbora tinha saído do papel e dirigia-se ao Armando. Com um movimento rápido, a Candelaria apanhou-a e guardou-a no papel preto de proteção.

A sessão tinha terminado e, depois de a Pachita regressar ao seu corpo, lembrei ao T. o encargo de entregar a Bíblia à Pachita — e ele fê-lo. A Pachita olhou as capas, abriu o livro e estranhou os caracteres hebraicos.

— O que diz, Jacobo? Peguei no livro pela página onde a Pachita o abrira e li em hebraico antigo. O hebraico ressoava no recinto e apercebi-

me de que o que lia não era ao acaso: significava a conclusão do livro que eu começara a escrever pensando que era eu, mas depois compreendendo que a minha mão era apenas um instrumento para dar a conhecer o que via. Lia:

Foram, pois, acabados os céus e a terra e todo o seu exército; e Deus acabou, no sétimo dia, a obra que fizera e descansou, no sétimo dia, de toda a obra que fizera; e Deus abençoou o sétimo dia e santificou-o, porque nele descansou de toda a obra que fizera na criação.

MURMÚRIOS DO SILÊNCIO

O observador é independente; mas "aqui" vê através da lente da atividade neuronal. O único equilíbrio é a liberdade. A imortalidade não precisa de ser procurada, encontra-se dada desde sempre: por isso, a responsabilidade é alimentar o espírito com beleza. A busca é a harmonia, o encontro é com o Ser essencial, aquele que transcende qualquer impressão sensível. O maior mistério é a experiência. Não existe acaso, não se tomam decisões, tudo está entrelaçado numa rede hipercomplexa de relações. O mundo é uma matriz de interações entre consciências. Tudo é sinal e ensinamento para quem for capaz de despertar. Palavra alguma que alguém nos comunica é ao acaso. Tudo funciona no sentido da plenitude consciente e tudo é lição por aprender.

No ponto final somos um só Ser. A experiência religiosa é a plena aceitação da existência de uma ordem transcendente na qual não cabe o acaso. Se a quarta dimensão é o eterno presente, a quinta é a das relações humanas. A consciência é o todo em cada instante do presente. Quando a consciência é livre, quando a sensibilidade é ótima, somos o que o universo é. Em última instância, tudo é manifestação da estrutura cerebral, a qual, por sua vez, é um modelo de todo o universo. Quando vemos, vemo-nos a nós mesmos. Cada imagem, som, sensação tátil, sabor... contém todo o conhecimento. Sendo cada um de nós a representação do estado total do Universo num instante dado, só nos resta assegurar que a nossa essência é a perfeição.

O cérebro é o alambique cabalístico do Ser. O Observador é uma pessoinha que se escandaliza com as estupidezes que o corpo faz. O mundo real localiza-se para além do pensamento. De um ponto de vista lógico,

tudo pode ser levado ao sem-sentido. Por isso, a verdadeira vida transcende a razão.

No despertar, vão-se abandonando antigas ilusões até se encontrar o que é incambiável, o sem nome, o eterno. O encontro consigo mesmo é a eternidade. Prazer temporal algum é aceite como real quando o Ser se viu a si mesmo. Num nível de consciência fala-se com o homem, noutro com o mundo — e cada som adquire significado. Este é o verdadeiro sentido da sincronicidade. O diálogo total com o mundo transcende toda a lógica estruturada e é uma função do verdadeiro observador. A sincronicidade está sempre. Só é preciso despertar para se dar conta da sua existência. Nada que não provenha da experiência direta pode ser considerado verdadeiro conhecimento. A liberdade interna é essencial para reconhecer a sabedoria do Universo. Sem ela, tudo se introduziria numa estrutura limitante. Tudo é transformação e o pensamento aparece a partir da primeira interface do espaço com o cérebro. Ao entrarmos em contacto com um novo nível da realidade, tendemos a vislumbrá-lo através da lente da nossa história pessoal. O que é em si mesmo não pode ser conhecido enquanto não se transcendem a genética e a história pessoal.

Os símbolos, a linguagem, o pensamento e a experiência em si dependem — e estão dados — das morfologias energéticas de campos em interação. No silêncio está a resposta. O assombro da criação da experiência é o assombro por tudo. Bela energia é o pensamento na essência. Bela, porque conecta com o Ser. A consciência de unidade com o todo pode adquirir-se como se adquiriu a unidade corporal. O bebé lança uma ordem e o braço responde-lhe. O xamã lança uma ordem e as nuvens respondem-lhe. Unidade do corpo e unidade do todo. Mas também a unidade se adquire pelo pensamento. Qualquer objeto é um processo e um pensamento. Tudo se transforma através de nós e adquire forma. Por isso o amor é a criação mais absoluta. Sentir-se sendo é o melhor de todos os sentimentos. Ao caminhar, pisamo-nos a nós mesmos.

PACHITA

A Pachita foi uma das maiores xamãs do México. Este livro descreve as experiências que o autor teve a oportunidade de viver ao lado desta mulher extraordinária, cujo único motivo para viver era ajudar o próximo. A Pachita possuía um controlo extraordinário sobre a matéria e a energia. Era capaz de realizar operações cirúrgicas, tais como transplantes de órgãos, nas quais objetos e órgãos biológicos se materializavam a partir da "lattice" do espaço-tempo.

Não existe parte alguma deste livro que tenha sido resultado da fantasia ou da imaginação. O que o autor escreve aconteceu exatamente tal como este livro o descreve. É um livro verídico e real na sua totalidade e em todos os seus detalhes.

Por artes do destino encontrou no seu caminho a "Pachita" (Dona Bárbara Guerrero) e, perante a impressão que lhe causou presenciar a capacidade desta mulher peculiar e as suas operações milagrosas, dedicou a presente obra a deixar testemunho dos meses em que trabalhou a seu lado, como seu ajudante, propondo tendências moderníssimas (Teoria Sintergética) para explicar tal portento.

Tempo depois, o Dr. Grinberg dedicou-se ao encontro dos mais antigos xamãs mexicanos, realizando investigações de campo que, pela relevância do tema, foram apoiadas pela Secretaria de Educação Pública (SEP) e pelo CONACYT. O resultado desses estudos ficou plasmado na obra Os Xamãs do México, traduzida para inglês e francês. A complexidade dos seus interesses levou-o a incursionar em vários campos, o que também ficou expresso noutros géneros — ensaios, romances, contos, diários, poesia, etc. Perante o inexplicável desaparecimento do Dr. Grinberg em 1994, há grande interesse em ver reeditados os seus livros (em sua maioria esgotados), reconhecendo a procura e a vigência das ideias aí plasmadas, para além da justa homenagem a este homem, pensador, cientista e pai...

Estusha Grinberg Arditti

PACHITA
JACOBO GRINBERG-ZYLBERBAUM

Há 15 anos tive a sorte de conhecer Bárbara Guerrero (Pachita); receber os seus ensinamentos, partilhar o seu trabalho e acompanhá-la nas suas explorações. O conhecimento dessa mulher extraordinária modificou a minha perceção da realidade e pôs-me em contacto direto com um mundo cheio de magia e poder. Fui testemunha de uma série de acontecimentos assombrosos e obriguei-me a escrever acerca deles com a maior exatidão possível.

Este livro é o resultado desse trabalho. Nele descrevo o que vi tal e qual sucedeu, sem modificações e com toda a veracidade. A Pachita era capaz de realizar verdadeiros milagres, modificando o espaço-tempo e a matéria, ao ponto de poder materializar objetos, realizar operações de transplante de órgãos, diagnosticar doenças e curar os enfermos que, às centenas, acorriam a pedir-lhe ajuda. A sua atitude foi sempre terna e amorosa, sem um resquício de egoísmo e em total humildade. Talvez isto último seja o mais valioso e extraordinário — e a verdadeira lição para quem fosse capaz de a entender.